



Rosane Fernandes Lira de Oliveira

**Cheio ou vazio? Efeitos semânticos e sintáticos na
produção do objeto direto anafórico**

Tese de Doutorado

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Letras/Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da PUC-Rio.

Orientadora: Profa. Leticia Maria Sicuro Correa

Rio de Janeiro
Setembro 2021



Rosane Fernandes Lira de Oliveira

**Cheio ou vazio? Efeitos semânticos e sintáticos na
produção do objeto direto anafórico**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo:

Leticia Maria Sicuro Correa

Orientadora

Departamento de Letras – PUC-Rio

Marcus Antonio Rezende Maia

UFRJ

Marina Rosa Ana Augusto

UERJ

Erica dos Santos Rodrigues

Departamento de Letras – PUC-Rio

Sonia Maria Lazzarini Cyrino

UNICAMP

Rio de Janeiro, 24 de setembro 2021.

Rosane Fernandes Lira de Oliveira

Graduada em Letras – Português e Literaturas na Universidade Estadual do Rio de Janeiro, em 2006, graduada em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro em 2013 e mestre em Letras pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro, em 2009.

Ficha Catalográfica

Oliveira, Rosane Fernandes Lira de

Cheio ou vazio? : efeitos semânticos e sintáticos na codificação do objeto direto anafórico / Rosane Fernandes Lira de Oliveira ; orientadora: Letícia Maria Sicuro Corrêa. – 2021.

276 f. : il. color. ; 30 cm

Tese (doutorado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2021.

Inclui bibliografia

1. Letras – Teses. 2. Produção da linguagem. 3. Objeto direto anafórico. 4. Acessibilidade. 5. Objeto nulo. 6. Animacidade. I. Corrêa, Letícia Maria Sicuro. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Letras. III. Título.

CDD: 400

Para minha mãe, com gratidão.

Agradecimentos

A minha orientadora, a profa. Dra. Leticia Maria Sicuro Corrêa. Sou muito grata pelas longas horas as quais se dedicou a construir comigo um caminho para essa pesquisa, partindo das várias lacunas existentes na minha trajetória de quem veio de uma outra área. Isso significou abordar várias vezes o mesmo assunto, ler meus textos em finais de semana e feriados, responder minhas mensagens em horas pouco convencionais. Agradeço pelo profissionalismo e atenção com este trabalho, sem pôr de lado a empatia e carinho, nos momentos que foram difíceis para mim, ao longo desses anos. Agradeço também por entender meu senso de humor e rir comigo, por celebrar comigo as minhas alegrias, pelos vários conselhos e por manter a doçura nos momentos em que precisou ser mais firme. Além de orientar uma aluna e uma pesquisa, teve cuidado com o ser humano que eu sou e, por isso, sou grata.

Aos professores Sonia Cyrino, Marcus Maia, Marina Augusto, Érica Rodrigues, Mercedes Marcilese e Elisângela Teixeira, cujo trabalho tanto admiro, agradeço pela satisfação que me trouxeram ao aceitar participarem da banca de defesa desta tese. Às professoras Érica Rodrigues e Marina Augusto, agradeço ainda por todo o apoio e pelas sugestões valiosas em aulas, eventos e na qualificação.

A minha mãe, que se orgulhava de cada pequena conquista minha, que não teria cabido em si de alegria, se tivesse podido ler essas páginas e que infelizmente não resistiu à COVID-19. É bastante difícil lidar com esta nova realidade da sua ausência, já que há poucos meses, ela vibrava quando eu lhe contava sobre esta pesquisa. Sem o amor da minha mãe, traduzido em seus ensinamentos e suporte, em todas as situações, eu não teria a oportunidade de, entre várias coisas, chegar a escrever esta tese. Sou grata por tanto! E serei sempre.

Ao meu companheiro, Guido, pelo incentivo constante, sem o qual a minha motivação talvez tivesse se esgotado; pela ajuda no dia-a-dia, sem a qual eu certamente teria me exaurido, em meio a tantas responsabilidades; pelo consolo nos momentos em que tudo me parecia difícil. Ele sempre demonstrou acreditar que eu conseguiria lidar com os desafios, mesmo que nem sempre fosse, de fato, o caso. Mas isso me impulsionou a continuar, e significou bastante. Aos meus filhos, Sophie e Augusto, sou grata, pois reconheço a sorte de tê-los comigo. Sem a alegria que eles me trazem, eu talvez tivesse perdido a doçura. Sem as reflexões e ressignificações a que eles me levam, quase diariamente, eu talvez não fosse tão adaptável. Sem o amor imenso que sinto por eles, meu olhar sobre as coisas talvez fosse desesperançoso. Eles todos me permitem uma experiência singular e eu sou grata por serem tão incríveis.

A minha irmã, meus sobrinhos, tios, primos e toda a minha família estendida e “emprestada”: meus amigos, que também são minha família. Em especial, Marcello, Diane e meus amigos da Fundação Cecierj. Sou grata a todos pela compreensão com as minhas ausências, por ouvirem e tentarem se interessar pelas minhas conversas sobre linguística, mesmo que nem sempre gostassem ou entendessem, por participarem dos experimentos e organizarem mutirões de

outros participantes, pelo alto astral constante e por me darem aquele conforto extra que a gente só encontra junto à família.

A toda a Palmas do Arvoredo, que acalmou meu coração, com abrigo e tranquilidade.

À Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro, que permitiu que eu realizasse a pesquisa em suas escolas.

A todos os adultos, adolescentes e crianças que colaboraram, de alguma forma, virtual ou presencial, com os experimentos.

À Fiocruz, ao Instituto Butantã e todas as demais instituições e profissionais envolvidos na pesquisa de vacinas para combater a COVID-19, proporcionando alívio e esperança a todos nós.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Resumo

Oliveira, Rosane Fernandes Lira de. Corrêa, Letícia Maria Sicuro (Orientadora). **Cheio ou vazio? Efeitos semânticos e sintáticos na codificação do objeto direto anafórico**. Rio de Janeiro, 2021. 276p. Tese de Doutorado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Esta tese investiga os fatores semânticos e sintáticos que afetam a codificação do objeto direto anafórico (ODA) no português brasileiro (PB). O ODA pode ser um DP pleno [+ definido], um clítico acusativo, um pronome tônico ou um elemento nulo (cuja natureza é controversa na teoria linguística). Busca-se: (i) avaliar como fatores semânticos (animacidade, especificidade e gênero conceitual), sintáticos (função sintática) e pertinentes à interface sintaxe/semântica (papel temático) afetam a codificação da retomada, em diferentes contextos sintáticos (sentenças simples e ilha sintática) e/ou discursivos (respostas a perguntas QU e complementação de narrativas curtas ou conversas informais); (ii) verificar a influência da escolarização nas estratégias de codificação do ODA; e (iii) discutir a natureza das formas nulas produzidas. O aporte teórico parte da concepção de língua veiculada no Programa Minimalista (CHOMSKY, 1995, 2005) e da perspectiva de produção trazida do modelo de computação gramatical em tempo real (CORRÊA, 2006; 2008; CORRÊA; AUGUSTO, 2007; em diante) no tratamento das questões ligadas à acessibilidade relativa do antecedente a ser retomado (ARIEL, 2001; ARNOLD, 2010; BOCK; WARREN, 1985; SANDERS; GERNSBACHER, 2004), quando da codificação gramatical do enunciado (LEVELT, 1989). Parte-se da hipótese de que a produção de ODAs é função das condições de processamento às quais o falante está submetido e que propriedades semânticas e sintáticas do antecedente afetam sua acessibilidade relativa, impondo restrições à codificação de sua retomada. Seis experimentos de produção eliciada são reportados. O contexto sintático influenciou a acessibilidade dos antecedentes, retomados predominantemente por DPs completos entre sentenças no discurso; e por formas mínimas (pronominais e elementos nulos), quando em sentenças complexas. Os efeitos de animacidade e de especificidade sugerem que o pronome tônico seja *default* para antecedentes acessíveis [+animado; +específico], enquanto o nulo o é para [-animados; ± específico], corroborando achados da literatura com produção espontânea. O gênero conceitual não foi decisivo para a retomada anafórica, mas pareceu aumentar a especificidade de antecedentes cujo gênero conceitual era conhecido. O papel temático, por si só, não é decisivo para a forma da retomada anafórica. Entretanto, a possibilidade de o elemento nulo recuperar um fato/evento descrito anteriormente o compatibiliza com uma alternativa ao clítico sentencial. O grau de escolaridade dos participantes elevou as taxas de clíticos acusativos, especialmente com antecedentes [+animado] (como alternativa aos pronomes tônicos), evidenciando a interferência da língua escrita sobre a língua falada, bem como a produtividade dessa forma para falantes com alto grau de escolaridade. A função sintática do antecedente não interferiu no ODA. A ocorrência do elemento nulo em contextos de ilha corrobora a visão de que este não seja uma variável no PB. À luz do modelo de computação em tempo

real, considera-se que as condições de acesso do antecedente determinam a natureza da forma nula: se a representação da estrutura sintática do antecedente se mantiver ativa na memória de trabalho, este pode ser recuperado como uma elipse, a ser restaurada na interface semântica; se apenas seus traços *phi* ou a representação semântica de seu antecedente são acessíveis, ODA é codificado como *pro*.

Palavras-chave

Produção da linguagem; objeto direto anafórico; acessibilidade; objeto nulo; animacidade; especificidade; gênero conceitual; paralelismo sintático; papel temático.

Abstract

Oliveira, Rosane Fernandes Lira de. Corrêa, Leticia Maria Sicuro (Advisor). **Full or empty? Semantic and syntactic effects in anaphoric direct object coding.** Rio de Janeiro, 2021. 276p. Tese de Doutorado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This thesis investigates the semantic and syntactic factors that affect the encoding of the anaphoric direct object (ADO) in Brazilian Portuguese (BP). The ADO can be a full DP [+definite], an accusative clitic, a stressed pronoun, or a null element (whose nature is controversial in linguistic theory). This research aims to: (i) investigate how the semantic properties (animacy, specificity and conceptual genre) of the antecedent, its syntactic function and factors pertaining to the syntax/semantic interface (thematic role) affect the encoding of the ADO in different syntactic contexts (simple sentences and syntactic island) and/or discourse (answers to WH-questions and continuations of short narratives or informal conversations); (ii) verify the influence of schooling in the strategies of ADO encoding; and (iii) discuss the nature of the null forms produced. The theoretical background incorporates the conception of language conveyed in the Minimalist Program (CHOMSKY, 1995; 2005) and an approach to issues regarding the relative accessibility of the antecedent to be resumed (ARIEL, 2001; ARNOLD, 2010; BOCK; WARREN, 1985; SANDERS; GERNSBACHER, 2004) in the grammatical encoding of a sentence (LEVELT, 1989), in the light of an on-line model of grammatical computation (CORRÊA, 2006; 2008; CORRÊA; AUGUSTO, 2007) The working hypothesis is that the production of the ODA is a function of particular processing conditions and that the semantic and syntactic properties of the antecedent affect its relative accessibility, imposing restrictions on its resumption. Six elicited production experiments are reported. The syntactic context influenced the accessibility of the antecedents, predominantly recovered by full DPs, when between-sentences in the discourse; and by minimal forms (pronominals and null elements) in complex sentences. The effects of animacy and of specificity corroborate spontaneous production data, suggesting that the full pronoun is the default option for [+animated; +specific], while the null form is the default option for [-animated; ± specific] antecedents. The conceptual genre of the antecedent was not decisive for a particular form of encoding, but it seemed to enhance the specificity of the antecedent whose conceptual gender was known. The thematic role, by itself, does not determine the form of anaphoric resumption. However, the possibility of the null resumption of an fact/event previously mentioned makes it compatible with an alternative to the sentential clitic. Schooling increased the rates of accusative clitics, especially with [+animated] antecedents (as an alternative to tonic pronouns), showing the interference of the written language on the spoken language, as well as the productivity of this form for educated speakers. The syntactic function of the antecedent did not affect ADO production. The occurrence of the null element in island contexts corroborates the view that the null element is not a variable in BP. It is argued, in

the light of the on-line model, that the accessibility of the antecedent determines the nature of null element: if the representation of the syntactic structure of the antecedent is still active in working memory, it can be retrieved as an ellipsis, to be restored at the semantic interface; if it is the phi features of the antecedent or the semantic representation of its referent that remain available, ADO is encoded as a pro.

Keywords

Language production; anaphoric direct object; accessibility; null object; animacy; specificity; conceptual genre; syntactic parallelism; thematic role.

Sumário

1	Introdução	25
2	Contextualização teórica.....	28
2.1	Concepção de linguagem assumida	28
2.2	A codificação do objeto direto anafórico	31
2.2.1	Acessibilidade	41
2.2.2	Fatores semânticos e intencionais	46
3	Formas lexicais e nulas: revisão da literatura	56
3.1	Dados da aquisição da linguagem	56
3.2	Dados de falantes adultos.....	57
3.3	Dados experimentais	69
3.4	Alternativas para codificação do ODA em PE e PB.....	72
3.5	Sumarizando.....	76
4	Natureza gramatical do objeto nulo	79
4.1	Restrição em ilhas	83
4.2	Expressão-R nula.....	89
4.3	Categoria mista	90
4.4	Pro.....	92
4.5	Elipse.....	99
4.5.1	Elipse de VP vs Elipse de DP	107
4.5.2	Elipse de DP	109
4.5.3	Elipse de DP sob identidade temática	116
4.6	Pro mínimo	123
4.7	Seguindo para a obtenção de dados experimentais	126
5	Animacidade e estrutura sintática no desenvolvimento.....	139

5.1	Experimento 1	139
5.1.1	Método	143
5.1.2	Resultados	147
5.1.2.1	Crianças e adolescentes.....	147
5.1.2.2	Adultos	150
5.1.2.3	Síntese dos resultados	152
5.1.3	Discussão.....	154
6	Especificidade.....	160
6.1	Experimento 2: especificidade e gênero conceitual	160
6.1.1	Método.....	165
6.1.2	Resultados	166
6.1.2.1	Análise 1 – variáveis: especificidade e gênero conceitual (somente gênero intrínseco).....	167
6.1.2.2	Análise 2 – Variáveis: especificidade e tipo de gênero do antecedente (somente sexo conhecido do antecedente).....	168
6.1.3	Discussão.....	168
6.2	Experimento 3: especificidade e gênero conceitual – Follow up ...	169
6.2.1	Método.....	172
6.2.2	Resultados	174
6.2.3	Discussão.....	176
6.3	Experimento 4: especificidade e animacidade	178
6.3.1	Método.....	180
6.3.2	Resultados	182
6.3.3	Discussão.....	184
7	Posição Sintática	185
7.1	Experimento 5.....	185
7.1.1	Método.....	187
7.1.2	Resultados e discussão.....	190
7.1.3	Discussão.....	191
8	Papel Temático.....	193
8.1	Experimento 6.....	193

8.1.1	Método.....	196
8.1.2	Resultados	198
8.1.3	Discussão.....	199
8.2	Follow up.....	200
8.2.1	Método.....	200
8.2.2	Resultados	203
8.2.3	Discussão.....	204
9	Discussão geral dos experimentos.....	205
10	Considerações finais.....	208
11	Referências.....	211
12	Anexo – Frases Experimentais do Experimento 1.....	250
12.1	Pré-teste	250
12.2	Condições e trials.....	250
12.2.1	C1: frases QU; antecedente [- animado].....	250
12.2.2	C2: frases QU; antecedente [+ animado]	250
12.2.3	C3: frases do tipo cloze; antecedente [- animado].....	250
12.2.4	C4: frases do tipo cloze; antecedente [+ animado].....	251
13	Anexo – Frases Experimentais do Experimento 2.....	252
13.1	Condições e trials.....	252
13.1.1	C1: [+específico]; gênero intrínseco [+semântico]	252
13.1.2	C2 (Análise 1): [+específico]; gênero intrínseco [-semântico].....	252
13.1.3	C3: [-específico]; gênero intrínseco [+semântico].....	253
13.1.4	C4 (Análise 1): [-específico]; gênero intrínseco [-semântico].....	253
13.1.5	C2 (Análise 2) [+específico]; gênero opcional.....	253
13.1.6	C4 (Análise 2): [-específico]; gênero opcional.....	254
14	Anexo – Frases Experimentais do Experimento 3.....	255
14.1	Pré-teste	255
14.2	Condições e trials.....	255

14.2.1 Grupo 1	255
14.2.1.1 C1: [+específico; +conhecido]	255
14.2.1.2 C2: [+específico; -conhecido]	256
14.2.2 Grupo 2.....	256
14.2.2.1 C3: [-específico; +conhecido]	256
14.2.2.2 C4: [-específico; -conhecido]	257
14.3 Distratoras.....	257
15 Anexo – Frases Experimentais do Experimento 4.....	259
15.1 Pré-teste	259
15.2 Condições e trials.....	259
15.2.1 Grupo 1	259
15.2.1.1 C1: [+específico; +animado]	259
15.2.1.2 C2: [+específico; -animado]	259
15.2.2 Grupo 2.....	260
15.2.2.1 C3: [-específico; +animado]	260
15.2.2.2 C4: [-específico; -animado]	261
15.3 Distratoras.....	261
16 Anexo – Frases Experimentais e Distratoras do Experimento 5	263
16.1 Pré-teste	263
16.2 Condições e trials.....	263
16.2.1 C1: Sujeito.....	263
16.2.2 C2: Objeto direto.....	264
16.2.3 C3: Tópico	265
16.3 Distratoras.....	266
17 Anexo – Frases Experimentais e Distratoras do Experimento 6	268
17.1 Pré-teste	268
17.2 Condições e trials.....	268
17.2.1 C1: Sujeito agente	268
17.2.2 C2: Sujeito tema.....	269
17.2.3 C3: Sujeito causativo	269
17.3 Follow up.....	270
17.3.1 Condições e <i>trials</i>	270

17.3.1.1 C1: Sujeito agente	270
17.3.1.2 C2: Sujeito tema	271
17.3.1.3 C3: Sujeito causativo	271
17.4 Distratoras.....	272
18 Anexo – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	274
19 Anexo – Declaração de Consentimento Livre e Esclarecido.....	276

Lista de figuras

Figura 1: modelo de produção de Levelt (levelt, 1989, p. 9).	32
Figura 2: representação dos eventos da codificação gramatical (BOCK; LEVELT, p. 977).	33
Figura 3: interação entre as funções gramaticais (after function assignment) e as relações gramaticais (after position assignment) (BOCK; LEVELT, 1994, p. 963).	34
Figura 4: fonte: CORRÊA; AUGUSTO, 2013, p. 39.	35
Figura 5: “geração top-down de categorias funcionais e geração bottom-up a partir de categorias lexicais” (CORRÊA; AUGUSTO, 2013, p. 43).	36
Figura 6: diferentes espaços derivacionais e bidirecionalidade da derivação (LIMA JÚNIOR, 2016, p. 187).	37
Figura 7: formulação de sentenças ativas (LIMA JÚNIOR, 2016, p. 228).	38
Figura 8: esquema de produção de uma frase ativa e uma frase passiva. “o processamento da passiva é custoso, dado que o dp sujeito teria de ser reativado em posição de objeto para seu papel temático ser atribuído mediante a informação veiculada pelo aux+part, enquanto o agente real fosse identificado a partir do processamento do pp, ainda que previsto em função da estrutura argumental do verbo [...]” (CORRÊA; AUGUSTO, 2012, p. 242, 243).	39

Figura 9: representação da codificação do dp pleno anafórico.....	130
Figura 10: representação da codificação do pronome tônico anafórico.	132
Figura 11: representação da codificação do pro pré-sintático.....	132
Figura 12: representação da codificação do pro pós-sintático.....	132
Figura 13: representação da codificação do clítico acusativo.....	133
Figura 14: representação da codificação da elipse de dp para um antecedente objeto direto.	135
Figura 15: representação da codificação da elipse de dp para um antecedente sujeito derivado.	138
Figura 16: conjunto pertencente ao pré-teste. As frases experimentais correspondentes às imagens foram: “aqui tem um leão e um macaco. E agora? O que está acontecendo?”. Tipo de resposta esperada: “o macaco está pulando o leão”.....	144
Figura 17: conjunto pertencente à condição [-animado] da tarefa 1 (sentença qu). A frases experimentais correspondentes às imagens foram: “aqui tem uma menina e um chinelo. E agora? O que a menina fez com o chinelo? (calçar/botar)”. Tipos de resposta esperados: “a menina está calçando ele/ø”.....	145
Figura 18: conjunto pertencente à condição [+animado] da tarefa 1 (sentença qu). A frases experimentais correspondentes às imagens foram: “aqui tem um macaco e um gato. E agora? O que o macaco está fazendo com o gato? (carregar)”. Tipos de resposta esperados: “o macaco está carregando ele/?ø”.....	145
Figura 19: conjunto pertencente à condição [-animado] da tarefa 2 . A frases experimentais correspondentes às imagens foram: “aqui tem um palhaço e um carrinho. Agora veja o que está	

Acontecendo! O palhaço está puxando o carrinho. Então, o carrinho vai andar, porque o palhaço... (puxar)”. Tipos de resposta esperados: “...puxou ele/∅”.....	145
Figura 20: conjunto pertencente à condição [+animado] da tarefa 2. A frases experimentais correspondentes às imagens foram: “aqui tem uma menina e um menino. Agora olha o que está acontecendo! A menina está pintando o menino. Então, o menino ficou chateado porque a menina... (pintar/sujar)”. Tipos de resposta esperados: “...sujou ele/?∅”.	145
Figura 21: conjunto pertencente à condição [-animado] da tarefa 1 (sentença qu), com uma resposta dada por um participante (em vermelho). A frases experimentais correspondentes às imagens apareciam no próprio slide.....	146
Figura 22: conjunto de imagens correspondentes a um estímulo da condição [+específico; +conhecido]: (1) “num castelo não muito longe daqui, houve uma grande festa e muitas damas foram convidadas. Depois da festa, algumas damas saíram para um passeio.” (2) “o príncipe encontrou uma dama que estava perdida.” (3) “aí, o príncipe...”	165
Figura 23: exemplo de slide utilizado no experimento 3.....	172
Figura 24: exemplo de slide utilizado no experimento 4.....	181
Figura 25: conjunto pertencente ao pré-teste.	188
Figura 26: conjunto pertencente à condição c1 (trial 1). Tipos de resposta esperados: “...medicou ela/ ∅ /a/aquela paciente ansiosa na sala de emergência”.....	189
Figura 27: conjunto pertencente à condição c2 (trial 4). Tipos de resposta esperados: “...multou ele/ ∅ /o/aquele motorista bêbado no posto de gasolina”.....	189

Figura 28: conjunto pertencente à condição c3 (trial 7). Tipos de resposta esperados: “...picou ele/ ø /o/aquele jardineiro inexperiente lá no sítio”	189
Figura 29: exemplo de frase do conjunto de distratoras. Esta foi usada no pré-teste.	197
Figura 30: conjunto pertencente à condição c1 (trial 1). Tipos de resposta esperados: “...elogiaram ele/ ø /o/meu primo durante todo o fim de semana”	197
Figura 31: conjunto pertencente à condição c2 (trial 5). Tipos de resposta esperados: “...efetivamos ela/ ø /a /a enfermeira estagiária na última reunião”	197
Figura 32: conjunto pertencente à condição c3 (trial 7). Tipos de resposta esperados: “...abraçou ela/ ø /a/a menina logo que acabou a entrevista”	198
Figura 33: exemplo de frase do conjunto de distratoras. Esta foi usada no pré-teste.	201
Figura 34: conjunto pertencente à condição c1 (trial 1). À esquerda, a sentença do experimento original, à direita, a sentença modificada, Para a qual os tipos de resposta esperados eram: “...animaram ele/ ø /o/meu primo durante todo o fim de semana”	201
Figura 35: conjunto pertencente à condição c2 (trial 5). À esquerda, a sentença do experimento original, à direita, a sentença modificada, para a qual os tipos de resposta esperados eram: “...contratamos ela/ ø /a /a enfermeira estagiária na última reunião”	202
Figura 36: conjunto pertencente à condição c3 (trial 7). À esquerda, a sentença do experimento original, à direita, a	

sentença modificada, para a qual os tipos de resposta esperados eram: “...abraçou ela/ ø /a/a menina logo que acabou a entrevista”202

Lista de tabelas

Tabela 1: distribuição percentual das formas anafóricas em função de especificidade e gênero semântico (CREUS; MENUZZI, 2005). *e = especificidade; gc = gênero conceitual.....	63
Tabela 2: distribuição percentual das formas anafóricas em função de especificidade e gênero semântico. *e = especificidade; gc = gênero conceitual.	64
Tabela 3: distribuição percentual das formas anafóricas em função de especificidade e gênero semântico, para cada uma das sentenças.....	66
Tabela 4.....	113
Tabela 5: distribuição (%) total das formas anafóricas na produção de crianças e adolescentes nas tarefas 1 e 2 (total = 1296)	147
Tabela 6: distribuição (%) das formas anafóricas na produção de crianças e adolescentes na tarefa 1, de acordo com a animacidade do antecedente	148
Tabela 7: distribuição (%) das formas anafóricas na produção de crianças e adolescentes na tarefa 2, de acordo com a animacidade do antecedente	149

Tabela 8: distribuição (%) das formas anafóricas na produção de adultos na tarefa 1, de acordo com a animacidade do antecedente	150
Tabela 9: distribuição (%) das formas anafóricas na produção de adultos na tarefa 2, de acordo com a animacidade do antecedente	151
Tabela 10: análise 1.....	164
Tabela 11: análise 2.....	164
Tabela 12: distribuição (%) das respostas válidas em função de especificidade e gênero conceitual (total = 229). Dentro dos colchetes, e = específico; c = conhecido (gênero conceitual).....	167
Tabela 13: distribuição (%) das respostas válidas em função de especificidade e do tipo de gênero gramatical (total = 236). *dentro dos colchetes, i = intrínseco; o = opcional.....	168
Tabela 14: sentenças do experimento 3 (esp x gc).....	171
Tabela 15: distribuição (%) das respostas válidas em função de especificidade e gênero conceitual (máximo score = 52 por condição; 13 participantes por grupo) no experimento 3.....	174
Tabela 16: distribuição (%) de formas anafóricas como complemento do segundo verbo em função do gênero conceitual do antecedente (máximo score = 104 por condição). Total de participantes: 26.....	176

Tabela 17: exemplos dos estímulos experimentais por condição e por grupo.....179

Tabela 18: distribuição (%) de formas anafóricas em função da especificidade e do gênero conceitual do antecedente (total = 56 por condição). Total de participantes em cada grupo: 14.182

Tabela 19: distribuição (%) de formas anafóricas em função da animacidade do antecedente (total = 112 por condição). Total de participantes: 28.183

Tabela 20: distribuição (%) de formas anafóricas em função da posição sintática do antecedente (total = 72 por condição). Total de participantes: 24.190

Tabela 21: distribuição (%) de formas anafóricas em função do papel temático do antecedente (total = 72 por condição). Total de participantes: 24.199

Tabela 22: distribuição (%) de formas anafóricas em função do papel temático do antecedente (total = 108 por condição). Total de participantes: 36.203

c h e i o
v a z i o
c h e i o

c h e i o
v a z i o
c h e i o

c h e i o

c h e i o

(Cheio vazio, Pedro Xisto, 1960)

1 Introdução

As relações anafóricas são fundamentais para que se estabeleça a coesão entre as orações em sentenças complexas e no discurso, otimizando o processamento linguístico. Uma *anáfora*¹ reintroduz um antecedente por meio de um DP [+definido] (DPs ramificados ou pronomes) ou, em algumas línguas, como o português, por uma forma nula² – um *vazio* a ser preenchido pelo ouvinte.

A forma assumida pela retomada anafórica se dá em função de determinadas condições de produção, obedecendo a restrições (universais), a propriedades específicas da língua em questão e a condições de acessibilidade relativa do antecedente na memória de trabalho do falante (para a qual podem contribuir fatores sintáticos, semânticos e discursivos). O estabelecimento da correferência no ODA também leva em conta as opções que a língua oferece, cuja realização pode ser afetada pelo contato com a escrita.

Esta pesquisa aborda a codificação do ODA de 3ª pessoa, posição sintática ainda pouco explorada de forma específica na literatura em processamento da linguagem, especialmente na produção. Visa a identificar as condições de produção que guiam o falante do Português Brasileiro (PB) no favorecimento da codificação de uma forma anafórica lexical (DP pleno; pronome tônico, na forma nominativa; clítico acusativo) ou nula, a partir da perspectiva que integra o processamento linguístico a uma concepção teórica de linguagem.

Para tanto, remete-se às etapas do processo de produção da fala explicitadas no modelo Levelt (1989; BOCK; LEVELT, 1994), numa tentativa de compatibilizá-lo com a concepção de língua(gem) e de derivação gramatical

¹ Neste trabalho, usa-se os termos *anáfora* e *objeto direto anafórico* (ODA) nas suas acepções mais tradicionais: isto é, para referir à forma que, em posição de objeto direto, recupera um antecedente na sentença ou no discurso, dissociando-se do uso atribuído ao termo pela teoria gramatical gerativista, para a qual *anáfora* refere-se aos elementos reflexivos e recíprocos. O ODA estaria mais próximo ao que a teoria gramatical convencionou chamar de *correferência*, que é a representação da relação entre um antecedente e sua retomada, por meio de uma expressão pronominal (SAFIR, 2005). O conceito de correferência, contudo, não será problematizado nesta tese.

² Tendo em vista que a natureza do elemento nulo anafórico em posição de objeto direto é altamente polêmica, para evitar dificuldades em relação a um comprometimento antecipado com uma interpretação do estatuto sintático desse elemento, serão utilizados termos neutros nesta tese, como *elemento nulo*, *forma nula* ou *lacuna*. O termo *objeto nulo* será usado sempre que se fizer referência a uma interpretação tomada da literatura.

expressas no Programa Minimalista (PM) (CHOMSKY, 1999), dada a relevância assumida pelas interfaces da língua (interna) com os sistemas de desempenho e as restrições impostas por eles, assim como a análises da correferência produzidas no contexto da linguística gerativista. Essa compatibilização é expressa por meio de um esboço de um modelo procedimental que, a partir da conceptualização de uma mensagem que requer uma retomada anafórica, inicia a busca no léxico (mental) por itens com determinados traços formais, em função de certas condições de processamento, resultando na codificação de um elemento que será realizado na fala, ou não (CORRÊA, 2002; CORRÊA; AUGUSTO, 2007, 2012, 2013).

Remete-se, ainda, ao conceito de acessibilidade, tal como assumido em teorias do processamento do discurso e à literatura psicolinguística relativa ao processamento da correferência, buscando caracterizar os diferentes modos como o ODA pode ser codificado na fala, nos termos do Modelo Integrado da Computação *online* (MINC; CORRÊA, 2005 em diante; CORRÊA; AUGUSTO, 2007; 2011-2013).

Para investigar os fatores que condicionam o acesso lexical e a realização do ODA na interface fonética, consideram-se os fatores que, de acordo com a literatura linguística (por meio de dados da fala espontânea de crianças e de *corpora*) favorecem as retomadas com pronomes tônicos e elementos nulos, a discussão em torno do estatuto sintático das formas nulas e os resultados psicolinguísticos de experimentos de compreensão que contrastam essas formas (cujos resultados trazem à consideração fatores não necessariamente apontados a partir de dados da produção).

Busca-se então, isolar, em condições experimentais, fatores que podem se sobrepor na produção da fala espontânea e criar contextos discursivos que permitam avaliar em que medida contrastes observados no âmbito de sentenças se mantêm. Tem-se como alvo o falante adulto educado de PB, de forma a avaliar a presença do clítico na fala, e considera-se o curso do desenvolvimento linguístico de forma vinculada à escolaridade.

Este estudo se inscreve no campo da Psicolinguística experimental, enquadrando-se nos estudos de processamento linguístico e de aquisição da linguagem e inserindo-se na linha de pesquisa do LAPAL (Laboratório de Psicolinguística e Aquisição da Linguagem da PUC-Rio), integrada ao Projeto

CNPQ *Localidade e acessibilidade no processamento e na aquisição de relações de dependência* (CORRÊA, 2017-2021) e os objetivos dessa tese são:

- (i) verificar se fatores de ordem semântica (animacidade, especificidade e gênero conceitual), sintática (função sintática do antecedente) e pertinentes à interface sintaxe/semântica (papel temático do antecedente) influenciam a codificação do ODA em diferentes contextos sintáticos (sentenças simples, orações adverbiais/ilha sintática) e/ou discursivos (perguntas QU e complementação de narrativas curtas e conversas informais);
- (ii) verificar se a escolarização exerce influência no tipo de retomada anafórica, com base na produção de crianças, adolescentes e adultos;
- (iii) apresentar uma visão integrada da literatura sobre o elemento nulo;
- (iv) discutir a natureza gramatical do elemento nulo quando o ODA é assim codificado em contextos específicos, à luz dos resultados obtidos e de reflexões a partir de dados da fala espontânea presentes na literatura;
- (v) contribuir para o enriquecimento do modelo integrado de computação em tempo real assumido, a partir de considerações específicas sobre a codificação de uma forma anafórica explícita ou nula e de quanta informação semântica é necessária nesse processo.

O trabalho se organiza da seguinte maneira: no segundo capítulo, tem-se uma contextualização teórica, em que são trazidos conceitos da pesquisa linguística e psicolinguística pertinentes ao tema, e apresenta-se o modo como são aqui articulados. No terceiro capítulo, apresenta-se uma revisão da literatura a respeito das condições que favorecem uma retomada explícita ou nula no PB; no quarto capítulo, diferentes hipóteses sobre a natureza do elemento nulo na literatura; nos capítulos de cinco a oito, a descrição, análise e discussão dos resultados de seis experimentos, um com crianças, adolescentes e adultos, e os demais com falantes adultos do PB; no capítulo nove, uma discussão global dos experimentos e de seus desdobramentos; e no capítulo dez, as considerações finais.

2 Contextualização teórica

Esta pesquisa propõe-se a abordar a codificação do ODA de 3ª pessoa, por parte do falante do PB, partindo de uma perspectiva que procura integrar a concepção de língua(gem) e de derivação gramatical, expressas no Programa Minimalista (CHOMSKY, 1999), à caracterização das condições de produção que determinariam o uso de uma dada opção para a correferência, dentre aquelas que a língua apresenta.

Nessa perspectiva de integração, são trazidos, neste capítulo: a concepção de língua(gem) da linguística gerativista, as etapas do processo de produção da fala do modelo Levelt (1989; BOCK; LEVELT, 1994), o conceito de acessibilidade assumido nas teorias do processamento discursivo e estudos da literatura psicolinguística relativa ao processamento da correferência. É apresentado ainda o modelo de produção esboçado como *Modelo integrado de computação on-line* (MINC) (CORRÊA, 2005 em diante; CORRÊA; AUGUSTO, 2007; 2011), que permitirá a integração entre a teoria linguística e o processamento, com foco naquilo que diz respeito aos traços recuperados do léxico durante a codificação gramatical de um elemento anafórico e sua expressão pós-sintática na interfaces semântica e fonética, o que viabilizará (ou não) a articulação efetiva da forma anafórica na fala.

2.1 Concepção de linguagem assumida

No PM, assume-se a existência de uma *faculdade da linguagem*, um componente da mente/cérebro que consiste em um conjunto de capacidades cognitivas que partem de um estado inicial, determinado biologicamente e que inclui um componente específico do domínio da linguagem – a Gramática Universal (GU) – e de um estado final, que é a gramática da língua, caracterizada como um sistema cognitivo composto por um léxico, que alimenta um sistema computacional universal (SCL) sujeito às imposições das interfaces entre esse sistema linguístico e os demais sistemas cognitivos/de desempenho.

No contexto das novas considerações trazidas no PM, Chomsky (2005) atribui a responsabilidade pelo *design* das línguas a três fatores: o fator *biológico*, específico do domínio da língua; o fator *experiência* (pois as línguas necessitam do aspecto social); e o *terceiro fator*, externo à faculdade de linguagem e definido como o conjunto de princípios de eficiência computacional que restringem a aquisição e afetam a operação das gramáticas das línguas naturais. As restrições aos sistemas de desempenho, nessa perspectiva, podem vir de diferentes fontes, não necessariamente específicas do domínio da língua; graças a fatores diversos que se relacionam com o modo de funcionamento da mente humana e acarretam restrições.

Atribuiu-se ao *terceiro fator* muito do que se entendia anteriormente por *princípios* da GU, que ficou restrita àquilo que haveria de específico da linguagem na configuração biológica da espécie: o *unbounded Merge* (CHOMSKY, 2012; BERWICK; CHOMSKY, 2019), a operação responsável por combinar recursivamente dois elementos sintáticos.

Do ponto de vista de um modelo formal do conhecimento linguístico, os elementos do léxico são constituídos de traços e a derivação gramatical acontece a partir de um *array* (*subarray*) de itens recuperados do léxico, cujo arranjo é constituído ao acaso. Como resultado da computação sintática, apenas as derivações que satisfizerem o *Princípio da Interpretabilidade Plena* (PIP) nas interfaces irão convergir para expressões linguísticas da língua, enquanto as demais irão abortar.

Assumindo que as gramáticas das línguas naturais atendem a imposições das interfaces entre o sistema computacional linguístico (SCL) e os sistemas de desempenho (HAUSER; CHOMSKY; FITCH, 2002), a proposta minimalista favoreceu a busca por uma articulação explícita entre teorias de gramática e de processamento¹.

¹ De acordo com Chomsky (1999, p. 57): “A resposta ao problema [de como um indivíduo adquiriu o conhecimento que tem a respeito da língua] encontra-se em grande parte na GU. A teoria correta do estado inicial tem de ser suficientemente rica para dar conta do fato de um indivíduo alcançar uma língua específica com base na evidência à sua disposição enquanto criança, mas essa teoria não pode ser tão rica que exclua línguas alcançáveis. Podemos seguidamente perguntar também como é que os fatores ambientais e os processos de maturação entram em interação com o estado inicial descrito pela GU. O problema [de como um indivíduo põe em uso o conhecimento que tem a respeito da língua] apela para o desenvolvimento de teorias da performance, entre elas, teorias da produção e da interpretação. [...] Uma hipótese empírica aceita é que uma das componentes da mente/cérebro é um processador, que atribui uma

A teoria gerativista apresenta uma caracterização formal das possibilidades de codificação referencial no domínio da sentença, definidas em função de relações sintáticas: ao encontrar dois elementos que estão numa relação anafórica, o SCL considera a posição que ocupam na sentença e orienta a interpretação nas interfaces de acordo com três princípios: *A*, *B* e *C*. Destes, importa para esta pesquisa o *Princípio B*², que afirma que um *pronome não pode ter um antecedente que o c-comande* (CHOMSKY, 1982), isto é: deve ser livre no seu *domínio mínimo* (o menor XP que contém o elemento e (i) um sujeito (distinto do elemento), ou (ii) um T/I finito (pois pode haver um antecedente que c-comande o elemento anafórico fora do domínio mínimo).

A relação entre o antecedente e a retomada pode ser motivada por questões de localidade (*Princípio A*), mas as restrições impostas ao ODA por meio do *Princípio B* definem apenas a correferência não possível (ou não preferencial). Desse modo, os fatores pertinentes à natureza e/ou acessibilidade relativa do antecedente no discurso serão cruciais na determinação do par *antecedente – forma anafórica* mais efetivos, sua codificação e interpretação, no âmbito da sentença e do discurso.

O PM proporcionou a redução ao máximo do aparato descritivo e o modo de operação das línguas humanas passou a ser visto como restringido pelas propriedades dos sistemas que atuam no desempenho linguístico: princípios externos à FL passaram a ser vistos como passíveis de afetar o modo como relações linguísticas se estabelecem, podendo compatibilizar, em certo sentido, relações de dependência no âmbito da sentença e do discurso. Diante dessa proposta de articulação, o conjunto de condições que especificam o grau de acessibilidade do antecedente na memória do falante, guiando a codificação da forma de retomada e a acessibilidade relativa de uma forma anafórica em sua mente são, aqui, explorados como os fatores que restringem e levam à escolha de um elemento, de natureza pronominal ou elíptica, que recupere esse antecedente na posição de objeto. Esses fatores podem ser interpretados como favorecendo a

representação perceptual a um sinal (abstraindo de outras circunstâncias relevantes para a interpretação)".

² Para a TL, pode-se dizer de dois elementos, α e β , que α c-comanda β se e somente se α não domina β e o primeiro nó ramificado que domina α também domina β , e α e β não mantêm uma relação de dominação entre si, caracterizando a relação de *c-comando* (REINHART, 1976).

expressão de um mecanismo de busca eficiente que se aplicaria à gramática e ao discurso (o *minimal search*³, instância do que Chomsky denomina *terceiro fator*).

Desse modo, a motivação ou os fatores que influenciam a codificação da forma anafórica seriam função do grau de ativação da representação do antecedente pretendido na memória de trabalho do falante (ou da relevância a este atribuída), em relação à forma que é mais favorável à sua codificação na retomada anafórica – e, possivelmente, a sua recuperação na compreensão.

Do ponto de vista da produção, a recuperação de itens do léxico mental compostos de traços, na codificação gramatical, faz-se em função de uma intenção de fala, da mensagem a ser codificada e do discurso em andamento (CORRÊA, 2008). Isto é, quando o falante busca elementos do léxico para codificar a sua fala, busca os traços que permitam o estabelecimento das relações anafóricas, orientado pelas condições de produção discursivas. Desse modo, quando se considera o ponto de vista do falante que está buscando codificar na fala os elementos que estabelecem as relações anafóricas em seu discurso, é necessário apoiar-se num modelo de produção que se integre ao modelo de língua assumido.

Na próxima seção, portanto, remete-se às etapas dos modelos de produção da fala de Levelt (1989) e Bock; Levelt (1994), com particular enfoque na etapa da codificação gramatical, em que são recuperados os traços lexicais, cuja expressão pós-sintática na interface viabiliza a articulação efetiva da forma anafórica. É apresentado, ainda, o Modelo Integrado da Computação *online* (MINC, CORRÊA, 2005 em diante; CORRÊA; AUGUSTO, 2007; 2011; 2012), a partir do qual busca-se caracterizar os diferentes modos como o ODA pode ser codificado na fala, bem como apresentam-se hipóteses a respeito da acessibilidade relativa dos antecedentes.

2.2 A codificação do objeto direto anafórico

O modelo de Levelt (1989) caracteriza a produção da linguagem como um processamento em níveis, a saber: a *conceptualização* da mensagem, a

³ Princípio de eficiência computacional; algoritmo que detecta um núcleo acessível; processo que identifica um “rótulo” que permite que um objeto sintático produto de *Merge* seja interpretável nas interfaces.

formulação (codificação gramatical e a codificação fonológica), a *articulação* e o *automonitoramento*.

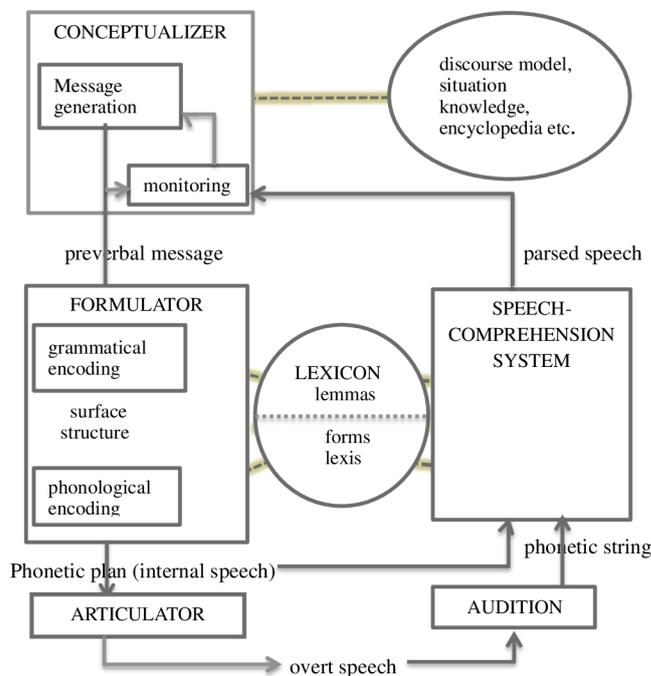


Figura 1: Modelo de produção de Levelt (LEVELT, 1989, p. 9).

Cada um desses níveis é altamente especializado e envolve diferentes processos. A *conceptualização* refere-se ao nível da ideia, com representações de natureza proposicional (semânticas; intencionais).

A *formulação* é a etapa no qual o formulador acessa o lema⁴ e organiza a proposição em estruturas linguísticas, sendo subdividida em *codificação gramatical* e *codificação fonológica*. A primeira etapa da codificação gramatical é quando são selecionados os *itens lexicais* que possibilitam a codificação da representação de natureza proposicional na língua, a partir da intenção de fala. Na segunda etapa, há o processamento funcional e os itens são linearizados. O acesso lexical, de acordo com Levelt; Roelofs; Meyer (1999) envolve etapas de processamento em dois sistemas: o de *seleção lexical*, que é a ativação de um

⁴ O lema é equivalente a um *pacote* que contém a representação da informação sintática de uma palavra, como a sua classe e estrutura argumental, em oposição ao *lexema*, que se refere aos traços fonológicos de uma palavra. Cada palavra possui seu próprio lema (LEVELT, 1989). O lema é equivalente na gramática aos traços semânticos e formais. E o lexema é equivalente aos traços fonológicos.

conceito e a busca por um *lema* correspondente a ele, e o de *codificação da forma lexical*, que é a recuperação das informações morfofonológicas, a silabificação e codificação fonética, cujo estado final é o *lexema*. A codificação gramatical, para Bock; Levelt (1994), teria início tão logo o significado da intenção do falante é apreendido e o lema é disponibilizado, dando início ao *processamento funcional* e ao *processamento posicional*, representados na figura a seguir.

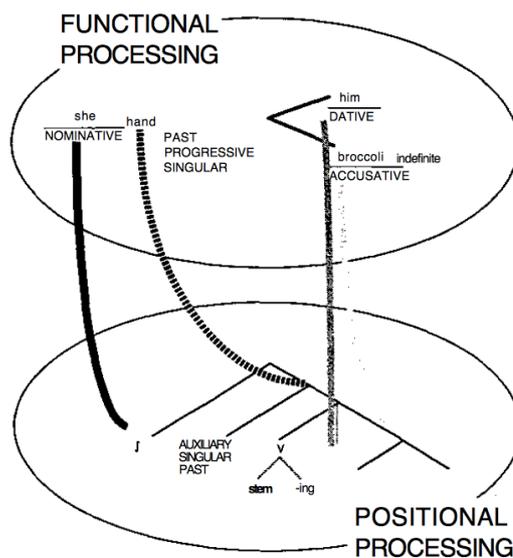


Figura 2: Representação dos eventos da codificação gramatical (BOCK; LEVELT, p. 977).

O processamento *funcional* é a atribuição da função sintática e caso (nominativo, acusativo, dativo e genitivo), papéis temáticos e discursivos à palavra, enquanto o processamento *posicional* diz respeito às relações gramaticais que estruturam a sentença e à ordem linear dos seus elementos, havendo uma relação entre o local em que os elementos aparecem e as funções gramaticais que receberam, como demonstra a figura a seguir (equivalente ao Axioma da Correspondência Linear (KAYNE, 1994), assumido no PM).

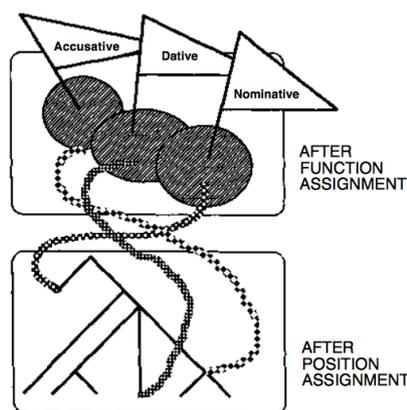


Figura 3: Interação entre as funções gramaticais (*after function assignment*) e as relações gramaticais (*after position assignment*) (BOCK; LEVELT, 1994, p. 963).

A *codificação fonológica* se segue à codificação gramatical, recuperando as formas fonéticas associadas aos itens lexicais e criando um planejamento fonético que servirá de *input* para a articulação. Desse modo, pode-se dizer que a produção da linguagem divide-se, principalmente, entre os processos que criam um esqueleto de um enunciado (codificação gramatical) e aqueles que lhe conferem substância (codificação fonológica).

Por fim, a *articulação* executa o plano linguístico e fonético gerado nas etapas de formulação e codificação fonológica, por meio de um sistema articulatorio, enquanto o *automonitoramento* se refere à checagem constante da própria fala, visando perceber se ela está de acordo com *o que* e *como* se pretendia dizer algo.

Cabe dizer, ainda, que o processamento é realizado de modo incremental ou semi-incremental (BOCK; LEVELT, 1994; FERREIRA; SWEETS, 2002), isto é, cada etapa do processamento recebe como *input* informação representada no nível imediatamente anterior e a informação é enviada ao nível seguinte mesmo que aquela etapa não esteja concluída, o que transcorre ao longo do tempo.

De acordo com Corrêa (2002), é possível estabelecer paralelos entre o modelo de Levelt e o Programa Minimalista: a seleção dos itens lexicais, durante o acesso lexical, na primeira etapa do processo de codificação da mensagem, resultando nos lemas, pode ser entendida como equivalente à operação *Select* que inicia a computação linguística da proposta minimalista. Quando o lema é recuperado (e mantido) na memória de trabalho, tem início a segunda etapa da codificação gramatical do enunciado, gerando uma representação hierárquica das

relações gramaticais, que equivale à atuação do sistema computacional linguístico sobre os traços formais dos itens lexicais. Por fim, a codificação fonológica se inicia, sendo equivalente ao *Spell-Out* em uma derivação linguística. Ainda de acordo com Corrêa, o conceito de lema aponta a necessidade de que se distingam traços semânticos e traços formais e os resultados de experimentos sobre acesso lexical apontam que o acesso a traços semânticos e formais e a traços fonológicos ocorrem em tempos distintos, tornando plausível um modelo de língua em que os processos fonológicos são pós sintáticos, como no *Spell-Out* da derivação minimalista.

O MINC (CORRÊA, 2005 em diante; CORRÊA; AUGUSTO, 2007; 2011; 2012; 2013) esboça um modelo de computação sintática em tempo real, passível de ser incorporado (com as devidas adequações) a um modelo de produção/compreensão de linguagem que adota a concepção minimalista de língua e de derivação, a partir de elementos recuperados do léxico, e levando em conta o caráter (semi) incremental da produção. A figura a seguir demonstra um esquema básico de produção de sentenças como proposto no MINC.

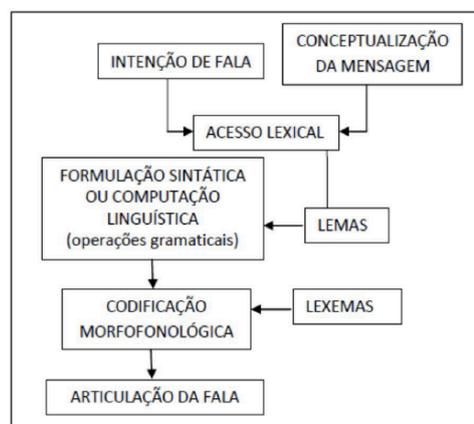


Figura 4: Fonte: CORRÊA; AUGUSTO, 2013, p. 39.

Assumindo-se que os elementos não são recuperados do léxico de forma aleatória na produção da fala, mas sim direcionados por uma intenção de fala e uma mensagem, tem-se que as propriedades semânticas e formais dos itens lexicais são codificadas, na etapa de formulação sintática, a partir da conceptualização da mensagem, em função dessa intenção de fala (e das condições de acesso ao antecedente, no caso de recuperações anafóricas). O MINC apresenta-se como uma tentativa de caracterizar a passagem de uma etapa

de conceptualização para a codificação gramatical, envolvendo, como nos modelos de Levelt e Bock; Levelt, um acesso ao léxico, a partir de uma mensagem que se deseja enunciar, e uma *computação sintática* na produção da linguagem, correspondente à *codificação gramatical*, na qual os itens lexicais são posicionados em estruturas sintáticas que servirão à codificação morfológica (CORRÊA; AUGUSTO, 2013).

Nesse modelo, o momento da codificação é o estágio crucial para o estabelecimento da interação entre os sistemas da língua e os sistemas cognitivos atuantes na produção/compreensão. Na codificação gramatical, os elementos funcionais codificam especialmente informação de natureza gramatical, cuja recuperação acarreta a criação (*top down*) de esqueletos funcionais como DP, TPs, CP, aos quais se acomplam constituintes nucleados por elementos de categorias lexicais gerados em espaços derivacionais paralelos (de forma *bottom up*).

Assim, admite-se que o ato de fala parte de uma intenção e que as categorias funcionais (CP, no domínio sentencial; TP, no domínio verbal; e DP, no domínio nominal) pressupõem entidades e eventos, sendo as responsáveis por codificar gramaticalmente os traços de natureza intencional – a força ilocucionária, a referência no tempo e a referência a entidades, num esqueleto formado *top-down*. Em suma, é assumido que os DPs, TPs e CPs pressupõem uma intenção de fala. Paralelamente, elementos das categorias lexicais que codificam a mensagem são gerados *bottom-up* e depois acoplados ao que foi gerado *top-down*, incrementalmente, por meio de um elemento ao mesmo tempo lexical e funcional, que seria o vP (CORRÊA; AUGUSTO, 2007; 2011; CORRÊA, 2020). A figura a seguir representa essa direcionalidade mista.

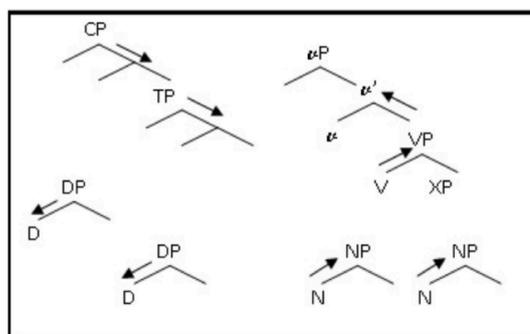


Figura 5: “Geração *top-down* de categorias funcionais e geração *bottom-up* a partir de categorias lexicais” (CORRÊA; AUGUSTO, 2013, p. 43).

O modelo de computação online idealizado pelas autoras distingue, portanto, do ponto de vista da produção, aspectos intencionais (relativos à intenção de fala, volição, vontade, intenção, situação de um enunciado na referência) e conceituais (relacionados à codificação da mensagem), argumentando a favor de uma derivação sintática em tempo real que opera a partir do acesso lexical, quando a informação codificada nos traços formais de elementos de categorias funcionais e mantém, em espaços derivacionais paralelos (URIAGEREKA, 1999) esqueletos gerados *top-down* (de elementos funcionais, determinados em função de uma intenção de fala, caracterizada em uma proposição) e nós gerados *bottom-up* (de núcleos lexicais predadores, com as propriedades gramaticais necessárias e compatíveis com a intenção de fala), que serão acoplados a esse esqueleto, caracterizando um processamento sintático autônomo. A figura a seguir representa a bidirecionalidade da derivação, bem como os múltiplos espaços derivacionais.

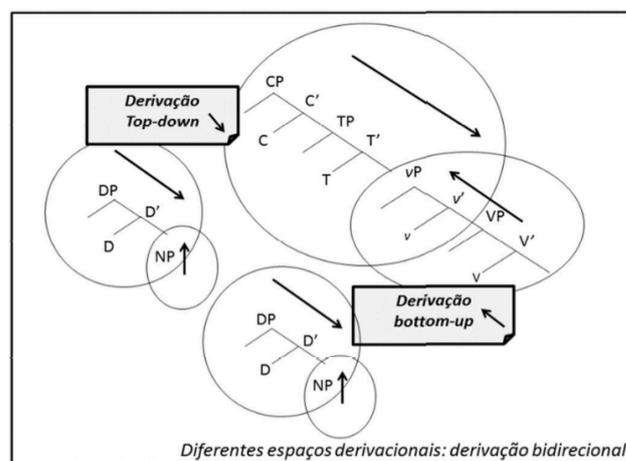


Figura 6: Diferentes espaços derivacionais e bidirecionalidade da derivação (LIMA JÚNIOR, 2016, p. 187).

Com base no que foi dito até então: na produção de um enunciado, o falante já tem a conceptualização e a intencionalidade. Isto é, já sabe qual é a força ilocucionária que usará (o que significa que irá codificar tal intenção em C (complementizador em projeção máxima), sabe a que vai se referir (então Ds em projeção máxima são gerados com seus traços formais especificados ou subespecificados) e sabe o tempo do evento, em relação à própria perspectiva (ou

seja, poderá codificar tais distinções numa língua como o português, em que aspecto, modo e tempo são categorias gramaticais, com projeções funcionais). A produção, neste sentido, é entendida como oriunda de relações de interface entre o léxico (de domínio da língua) e a cognição mais ampla. As condições discursivas, que condicionam o que está acessível na memória, orientam o acesso ao léxico, resultando no equivalente à numeração em uma derivação gramatical, e a computação gramatical é conduzida por meio de operações universais, dando origem às sentenças, uma a uma, as quais vão se concatenar a outras, no discurso. A seguir, a figura ilustra o passo a passo na formulação sintática de sentenças ativas.

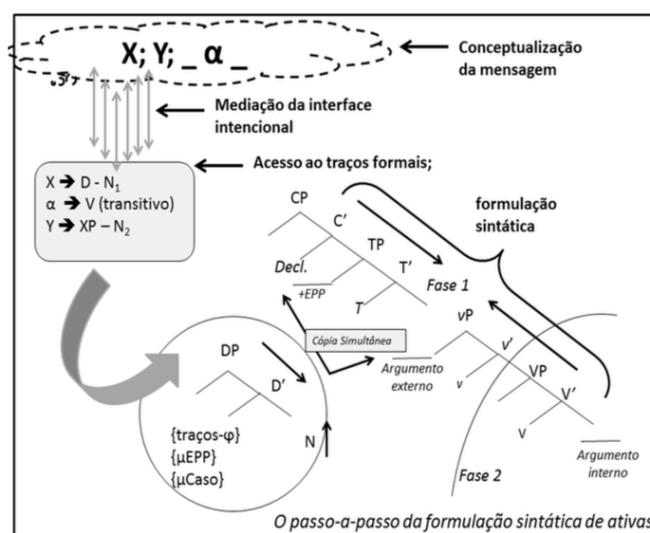


Figura 7: Formulação de sentenças ativas (LIMA JÚNIOR, 2016, p. 228).

Outro ponto relevante para esse modelo é relativo ao movimento com e sem custo computacional: as estruturas que pressupõem movimento relacionado ao posicionamento de constituintes em função de parâmetros relativos à ordem de palavras não possuiriam custo computacional, uma vez que tais parâmetros seriam fixados na infância, enquanto as estruturas ligadas a demandas discursivas específicas, que requerem movimento A ou A', fariam uso de cópias sequenciais, com implementação *on-line*, e possuiriam maior custo, por conta das demandas específicas que tal deslocamento de constituintes acarreta na memória de trabalho (por exemplo, interrogativas, relativas e passivas/sujeitos derivados), como representado na figura a seguir.

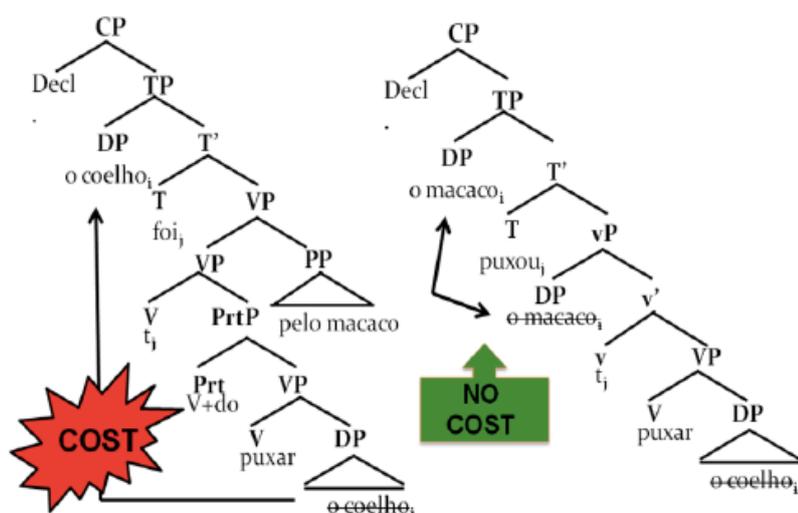


Figura 8: Esquema de produção de uma frase ativa e uma frase passiva. “O processamento da passiva é custoso, dado que o DP sujeito teria de ser reativado em posição de objeto para seu papel temático ser atribuído mediante a informação veiculada pelo AUX+Part, enquanto o agente real fosse identificado a partir do processamento do PP, ainda que previsto em função da estrutura argumental do verbo [...]” (CORRÊA; AUGUSTO, 2012, p. 242, 243).

Para conceber a codificação do objeto anafórico na produção, portanto, assume-se que é da intenção de fala que se inicia a busca por elementos funcionais, que definem os domínios nominal e verbal, e por elementos lexicais, que selecionam (por c-seleção e s-seleção) outros elementos, em uma estrutura argumental. Todos os traços que têm a ver com a referencialidade, representados particularmente nos elementos funcionais, são, em princípio, selecionados nesse primeiro momento, de acesso ao lema. A partir dessa seleção dos elementos, são tomadas as categorias funcionais determinantes que acomodarão a referência no esqueleto sintático. Desse modo, uma vez que não há no modelo MINC propostas específicas para o tratamento da codificação da correferência, espera-se contribuir com os resultados deste trabalho para o enriquecimento do modelo neste sentido. Uma vez assumindo-se, ainda, neste trabalho, que a referência encontra-se no nível intencional, deduz-se que o DP é um nó funcional fundamental para a referencialidade.

Do ponto de vista da produção, os traços dos itens lexicais devem estar especificados e, para isso, em princípio, todos os constituintes deveriam ser explícitos na interface fônica. Contudo, por razões de custo e economia, quando

um elemento está acessível ao falante (e, em princípio, também ao ouvinte), é possível omitir alguns ou todos os traços desse elemento na interface fônica – o contrário ocorrendo quando é necessário especificar todos os seus traços – isto é, quando o elemento já não está acessível na memória do falante. O falante, ao produzir seu discurso, considera⁵, portanto, o contexto, o interlocutor e aquilo que está na sua memória, recuperando e computando os elementos do léxico semi-incrementalmente, a partir da informação codificada como traços formais (CORRÊA, 2020).

Da perspectiva do falante, que inicia a produção do seu discurso a partir de uma intenção de fala, já sabendo de quem ou do quê deseja falar (diferentemente do ouvinte, que deverá buscar a referência dentre os possíveis antecedentes) e que precisa recuperar um dado antecedente em algum momento, sugere-se que a forma anafórica selecionada para essa codificação será função, dentre outros fatores, da disponibilidade dos traços tanto do antecedente, como da forma anafórica mais usada por ele (um falante altamente escolarizado pode ter o clítico como possibilidade ativa, enquanto uma criança, não, por exemplo). Isto é, a codificação de um elemento anafórico ocorreria em função das condições de acessibilidade, que influenciariam o que será recuperado do léxico e codificado na fala. Uma vez que a acessibilidade diz respeito à informação necessária à codificação de um elemento (se somente os traços *phi*, se toda a estrutura, nula, ou se toda a estrutura, plena), os fatores semânticos/intencionais, portanto, influenciam em como a conceptualização guia o acesso ao léxico mental, sendo a situação de fala que determina a possibilidade de um elemento pleno ou nulo. Desse modo, em princípio, quando é necessário recuperar na fala todo o elemento (ou se não há domínio completo do controle da produção discursiva, o que pode acontecer com a produção infantil), o falante buscará todos os traços desse antecedente novamente no seu léxico mental e os explicitará, usando um DP pleno. Seja porque precisa reintroduzir o antecedente no discurso, seja porque deseja marcar uma mudança de foco da sequência discursiva. Entretanto, nem sempre existe a necessidade de uma busca completa no léxico, a fim de recuperar

⁵ Processo que se realiza de forma inconsciente. Nesta tese, em alguns momentos diz-se que o falante “considera”, “opta”, “seleciona”, dentre outras expressões sinônimas. Contudo, isto não quer dizer que o falante tenha consciência dessa atuação, mas sim que faz escolhas inconscientes, de acordo com o conhecimento tácito, internalizado, da sua própria língua e do estado das representações mantidas ativas na sua memória de trabalho.

um antecedente e codificá-lo. Se o antecedente usado ainda está ativo na memória de trabalho do falante, então já tem informação semântica a seu respeito e só precisará de que os traços *phi* desse antecedente (gênero, número e pessoa) sejam recuperados, acarretando a codificação como um pacote (*bundle*) de traços *phi* (especificados ou parcialmente subespecificados). Isto é, o falante vai codificar sua forma anafórica como um pronome clítico, um pronome tônico, um elemento nulo (como um *pro*), ou, ainda, caso a estrutura sintática do DP esteja ativa, a possibilidade de uma elipse pode ser considerada. Cada uma dessas possibilidades será discutida em mais detalhe, à luz do modelo MINC, ao final do Capítulo 4.

Em suma, se o falante possui um elemento cujos traços ainda estão na sua memória de trabalho, esse falante codificará novamente ou não todos esses traços, em função de uma gradação definida discursivamente, em termos do que o falante ainda tem disponível para si (e para o seu interlocutor), isto é, em termos de *acessibilidade*. Neste ponto, portanto, faz-se necessária a apresentação mais detalhada de alguns pressupostos relativos à acessibilidade.

2.2.1 *Acessibilidade*

A coerência referencial no discurso é obtida por meio da referência a objetos, eventos e conceitos mediante o uso de indicadores linguísticos da correferência (os DPs completos, pronomes, elementos nulos).

No estabelecimento de relações de correferência, o acesso ao léxico, na codificação gramatical, é função das condições de acessibilidade do antecedente na memória de trabalho do falante, dentre outros fatores (como a própria estruturação do discurso).

A fim de explicar como se dá o acesso lexical que permitirá a codificação de um DP (completo, pronominal, ou elíptico), os estudos de orientação funcionalista ou voltados para o processamento do discurso se apoiam na *Hipótese do Objetivo Comunicativo da Referência*, que parte do pressuposto de que o objetivo maior do falante é evitar ambiguidades na identificação da referência pelo interlocutor (CHAFE, 1976, 1994; GIVÓN, 1983; ARIEL, 1990; 2001; GUNDEL *et al.*, 1993). Desenvolvida a partir desses estudos, a hipótese de Ariel (1990; 2001) correlaciona o uso de expressões anafóricas que representam entidades mentais a fatores de memória, com a novidade de unir o *status* cognitivo às formas

referenciais, argumentando, para tanto, que as condições de ligação na distribuição e interpretação das formas pronominais são versões gramaticalizadas dos processos cognitivos de atenção e de acessibilidade a conceitos (ARIEL, 2001).

De acordo com a autora, cada expressão anafórica codifica um grau de acessibilidade da entidade a que refere, o que transforma essas expressões anafóricas em *marcadores de acessibilidade*. A entidade representada por uma expressão anafórica estará menos ou mais acessível na memória do falante, variando numa escala entre mínima e máxima acessibilidade. Quanto mais acessível for o antecedente, menor será a probabilidade de ser retomado por uma expressão informativa – e vice-versa, isto é: expressões anafóricas reduzidas e menos informativas recuperam antecedentes mais acessíveis no discurso. A hierarquia desenvolvida por Ariel (1990; 2001) demarca os graus de acessibilidade do antecedente, do menos acessível para o mais acessível, como na adaptação que se segue:

[nome completo> expressão definida longa> expressão definida curta> último nome> primeiro nome> demonstrativo distal> demonstrativo proximal] = *DP ramificado*> *pronome tônico*> *pronome átono*> *pronome clítico*> *elemento nulo*.

Os elementos anafóricos assumiriam sua forma seguindo a direção oposta, nessa escala: uma retomada com um DP pleno, sendo esta a forma anafórica mais informativa, ocorre porque o antecedente tem acessibilidade mínima. Quando a representação mental do antecedente está mais acessível na mente do indivíduo, resulta em retomadas por expressões menos explícitas (a depender do que permite a língua em questão). A forma nula do PB, portanto, corresponderia à expressão máxima de acessibilidade de um antecedente, sendo possível somente a partir de altas taxas de coesão e saliência.

De acordo com Sanders; Gernsbacher (2004), as formas referenciais que possuem menos material linguístico, privilegiadas na mente do indivíduo, são também a escolha *default* de ativação referencial continuada, enquanto as formas linguísticas mais explícitas, usadas quando a referência está pouco acessível, são também as que ativam novos tópicos.

Mas o que torna uma entidade mais acessível do que outra?

O traço de animacidade é apontado como um dos fatores que influenciam na recuperabilidade de um elemento, de acordo com uma hierarquia que elenca, do mais acessível para o menos acessível: [+humanos] > [+animados] > [-animados] (BOCK; WARREN, 1985). Desse modo, se o antecedente é [+humano], em princípio, estará mais acessível, e a forma que o recupera terá menos traços explícitos, sendo a menor forma, a forma nula⁶.

Abordagens relevantes na consideração das condições discursivas, como a Teoria da Centralização (TC) (GORDON; HENDRICK, 1998) e seu contraponto, a Hipótese da Carga Informacional (HCI) (ALMOR, 1999, 2000), postulam, respectivamente, que os pronomes são as formas linguísticas mais naturais e preferenciais na retomada anafórica e a posição sintática preferencial do antecedente é a de sujeito (TC) e que, quanto mais carga informacional a ser processada e mantida na memória existir, mais custoso será o seu processamento (HCI). A HCI é motivada psicologicamente e baseada no custo operacional da memória de trabalho. A retomada por meio de formas mais informativas, como DPs completos, acarretaria um processamento mais custoso (ALMOR, 1996, 1999, 2000). Sugere-se ainda que, quanto maior for a distância entre antecedente e retomada, mais carga informacional deverá ser processada e mantida na memória, gerando mais custo no processamento (LEITÃO, 2005a).

Ariel (2001) aponta como fatores que influenciam a acessibilidade a informatividade, a distância, a unidade, a saliência, a coesão das formas anafóricas e a quantidade de possíveis antecedentes. A acessibilidade do antecedente é menor quanto mais informativa precisar ser uma forma anafórica, quanto maior for a distância entre a expressão anafórica e seu antecedente, quanto maior for a quantidade de possíveis antecedentes, quanto menores forem a saliência do antecedente e a coesão entre as unidades linguísticas.

Arnold (2010), considerando a *produção*, afirma que o processo de referir é amplamente impulsionado por processos psicológicos e também se apoia em achados da pesquisa experimental para examinar dois fatores que motivariam e restringiriam a forma de uma retomada pelo falante: (i) a saliência do antecedente no discurso, influenciada por fatores discursivos; e (ii) o custo do processamento

⁶ No entanto, o elemento nulo do PB parece contrariar essa previsão, dado que, à luz da literatura, é a opção privilegiada para a codificação de um antecedente [-animado] e/ou [-específico]. Um dos pontos a serem discutidos nessa tese diz respeito a essa aparente contradição.

exigido do falante para manter ativa uma representação mental mediadora dos fatores de acessibilidade.

Para ela, a noção de acessibilidade está associada ao *status* de um antecedente no discurso, cuja saliência é atribuída por quatro fatores principais: (i) conhecimento (*givenness*: expressões menos explícitas seriam usadas com antecedentes que já foram introduzidos no discurso, enquanto os novos seriam introduzidos por DPs plenos); (ii) recência (antecedentes mencionados mais recentemente tenderiam a ser mais reduzidos); (iii) proeminência temática (o uso de formas mais econômicas seria preferível com antecedentes que desempenham determinados papéis semânticos, com a ressalva de que a saliência temática dependeria fortemente de relações de coerência entre os enunciados, combinadas aos efeitos de proeminência sintática); e (iv) proeminência sintática (sujeitos gramaticais e tópicos, seguidos por elementos em função sintática paralela, tenderiam ser retomados com elementos menos explícitos).

Para Arnold (2010), o cálculo de acessibilidade envolveria um conjunto de três propriedades que podem interagir entre si: a *topicalidade*, a *previsibilidade* e a *atenção*. A topicalidade discursiva é a noção intuitiva que temos de que um enunciado é mais “sobre alguma coisa do que outras” (p. 192) e vincula-se a propriedades textuais que refletem a importância anterior (recência), a importância futura (persistência), e a possibilidade de ambiguidade de um elemento no discurso (GIVÓN, 1983). Na teoria da centralização, é o *centro de atenção* (*backward-looking center* ou *CB*), a expressão que se refere a algo da sentença anterior, ocupando a posição mais alta na escala *Sujeito > Objeto > Obliquo* e prevendo, ainda, que o discurso será incoerente se o CB for não pronominalizado e outra coisa o for. Uma vez que sujeitos gramaticais tendem a manter os tópicos discursivos (LIMA JÚNIOR; CORRÊA, 2015), a ideia de que a *topicalidade* aumenta a possibilidade de uso de formas nulas vai ao encontro da noção de *proeminência sintática*.

A previsibilidade se relaciona com a topicalidade, pois a *expectativa do discurso* se concentra naquilo que pode vir a ser um tópico discursivo, dependendo, ainda, de particularidades de cada participante do discurso: “na medida em que a expectativa é calculada a partir de informações de discurso públicas e compartilhadas, pode ser muito influenciada pelo próprio conhecimento dos falantes” (ARNOLD, 2010, p. 193). Por meio de análise de *corpora* escrito e

falado, Arnold (1998, 2003, 2010) sustenta que as entidades destacadas no discurso estão mais acessíveis, sendo mais propensas a serem retomadas no enunciado atual e mais passíveis de serem codificadas em formas menos explícitas. Arnold também relaciona a previsibilidade à proeminência sintática e temática, pois a preferência por retomar o antecedente sujeito gramatical e/ou os antecedentes sintaticamente paralelos, bem como a preferência por certos papéis temáticos, são padrões que aumentam a probabilidade de que um dado antecedente seja retomado e de que essa retomada seja feita por uma forma menos explícita.

Entretanto, uma vez que as restrições linguísticas muitas vezes não parecem explicar o porquê de os falantes escolherem formas menos explícitas, a autora considera que restrições não-linguísticas influenciam na representação mental da acessibilidade, acarretando consequências quanto às escolhas dentre as alternativas disponíveis, no momento da produção. Relacionada à topicalidade e à previsibilidade, *a atenção*, portanto, refere-se ao *foco discursivo*, às entidades para os quais os participantes da situação discursiva estão mais atentos. O foco discursivo comporta-se como um tópico, de modo que entidades com *status* discursivo proeminente chamam a atenção dos interlocutores, resultando em uma representação mental mais forte e acessível dessa entidade (ARNOLD, 2010).

Para além dos fatores que influenciam positivamente a acessibilidade, a autora aponta ainda que, assim como em outras tarefas cognitivas, a produção da correferência é impactada por custos de processamento, que: (i) tornaria os falantes menos consistentes, pois teriam menos recursos para calcular as condições discursivas; (ii) levaria os falantes a escolherem termos mais gerais, semanticamente, como pronomes, porque o processamento dificultaria a recuperação de itens lexicais mais específicos; (iii) aumentaria o uso de formas mais explícitas, isto é: os falantes escolheriam formas mais especificadas porque a diminuição dos recursos cognitivos, devido ao custo do processamento, diminui também a acessibilidade de todas as representações, a possibilidade preferível. A diminuição dos recursos cognitivos seria explicitada pelo *custo de planejamento*, pela *disfluência*, pela *competição* e pela *memória ou custo de atenção*.

O planejamento das declarações, mesmo em sentenças fluentes, envolve custo oriundo de recursos do processamento, de modo que, mesmo que algo na produção seja incremental, o planejamento da fala ocorre desde o início do

enunciado e o custo do processamento é proporcional ao tamanho do enunciado, acarretando no esvanecimento do antecedente na memória de trabalho e no uso de formas mais específicas. Desse modo, pode-se prever que pronomes e formas nulas ocorrem mais frequentemente em enunciados curtos, com menor custo de processamento, do que em enunciados longos. Uma indicação de que falante está enfrentando alto custo no processamento, normalmente associado ao planejamento da fala, é a *disfluência* (quando o falante começa a dizer: “hum...”, “ah...” ou a repetir palavras), tornando provável que haja referências mais específicas nessas situações do que em declarações fluentes, o que já foi verificado por meio de estudo de narrativas faladas por adolescentes típicos e autistas (ARNOLD *et al*, 2009).

O processamento também é dificultado quando existe competição entre as representações mentais de dois possíveis antecedentes⁷: a representação da segunda entidade consome recursos e diminui a acessibilidade da primeira, hipótese corroborada por um experimento de produção (os participantes contavam histórias baseados em tirinhas de dois quadros, nos quais havia ora um personagem, ora dois personagens, de gêneros diferentes. Foram usados consideravelmente mais pronomes nas histórias com apenas um personagem e mais DPs nas histórias com dois) (ARNOLD; GRIFFIN, 2007).

Assim, deduz-se que os falantes usarão mais formas reduzidas (pronomes e formas nulas) na retomada de antecedentes (como pronomes ou elementos nulos) se seus recursos de processamento não estiverem se esgotando no planejamento de enunciados, na representação do discurso ou em qualquer outra tarefa.

2.2.2 Fatores semânticos e intencionais

⁷ Almor *et al.* (1999) encontraram evidências de que o uso de pronomes aumenta para indivíduos portadores de Alzheimer, que possuem menor capacidade de memória, o que sugere um aparente contraste, que é, contudo, explicado por Almor em termos de indisponibilidade dos próprios itens lexicais na memória de trabalho desses indivíduos, resultando em pronomes para a maioria das representações, independentemente de acessibilidade. O mesmo estudo mostrou ainda que esses indivíduos processam mais facilmente as retomadas com DPs do que com pronomes, diferentemente do que ocorre com indivíduos que não possuem o distúrbio, o que a hipótese da carga informacional explica afirmando que o fato de aquela forma possuir mais traços lexicais e semânticos facilitaria a identificação de um antecedente, para esses indivíduos cuja capacidade de memória é reduzida.

Nesta seção, são apresentados os fatores semânticos e intencionais que podem afetar a acessibilidade relativa do antecedente e o elemento do léxico a ser recuperado pelo falante.

Em relação aos estudos de acessibilidade, a animacidade está organizada numa escala ou hierarquia na qual [+humanos] > [+animados] > [-animados] (YAMAMOTO, 1999), a qual parece ter impacto na acessibilidade em termos de memória, sugerindo que a presença do traço [+animado] torna as entidades mais presentes na memória, mais acessíveis no discurso (BOCK; WARREN, 1985). Estando acessíveis, como visto, os antecedentes exigiriam expressões morfossintáticas menos complexas e que fornecessem menos informações sobre o antecedente, como os elementos nulos, o contrário ocorrendo quando os antecedentes não estão acessíveis, sendo retomados por formas mais informativas.

Desse modo, considerando apenas a teoria canônica de acessibilidade (BOCK; WARREN, 1985; ARIEL, 1991, 2004), sugere-se que as formas nulas deveriam recuperar antecedentes [+humanos; +animados], já que estes estariam mais acessíveis na sentença. Entretanto, os principais resultados da literatura em aquisição afirmam que o elemento nulo e o pronome lexical, tornando-se as estratégias mais comuns utilizadas pelos falantes após as gradativas mudanças ocorridas no paradigma pronominal do PB, são orientados por traços como os de animacidade e especificidade, na direção oposta àquela prevista pelas teorias de acessibilidade. Desse modo, antecedentes [-animado] seriam preferencialmente retomados com o elemento nulo, enquanto antecedentes [+animado] (especialmente em interação com o traço [+específico]) tenderiam à retomada com o pronome pleno (DUARTE, 1986; 2000; LOPES, 2003, 2007; LOPES; QUADROS, 2005; LOPES; CYRINO, 2005a, 2005b; CYRINO, 2006, 2013). Schwenter; Silva (2003), inclusive, encontraram em seus dados de *corpora*, DPs plenos retomando antecedentes considerados altamente acessíveis, já que tinham traços [+animado; +específico].

Duas propostas que visam desfazer essa contradição aparente entre o que prediz a teoria da acessibilidade e os dados linguísticos encontrados na literatura a respeito da retomada anafórica são as proposta de Schwenter; Silva (2003), a respeito da animacidade, e de Soares; Miller; Hemforth (2020), a respeito da especificidade.

Schwenter; Silva propõem que a acessibilidade se adequaria aos padrões da língua. Em uma língua de objeto nulo (como o PB), o padrão de forma não marcada, *default*, para a codificação do ODA, seria a forma nula, preferível na retomada de antecedentes [-animado; ±específico] e também de antecedentes [+animado; -específico]; enquanto a retomada de antecedentes [+animado; +específico] seria preferencialmente explícita, por meio do pronome tônico. Desse modo, a atuação da acessibilidade se refletiria nos padrões internos assumidos pela língua: no caso do PB, quanto mais acessíveis, mais os antecedentes seriam retomados pela forma padrão correspondente aos seus traços. É assim que antecedentes com traços [+animados;+específicos] teriam mais retomadas com pronomes plenos e antecedentes [-animados;+/-específicos], com elementos nulos. Simultaneamente, fatores pragmáticos atuam junto aos fatores semânticos na determinação da acessibilidade da forma anafórica.

Para Schwenter; Silva (2003), uma vez que a especificidade é um fator observado a partir do contexto discursivo, o modo como se encontra o verbo na sentença pode influenciar na leitura específica ou não específica do antecedente. Por exemplo, na sentença *João queria se casar com uma mulher que era rica*, a leitura é específica: João não queria se casar com qualquer pessoa, queria se casar com *aquela mulher*, que por uma vicissitude *era rica*. Já em: *João queria se casar com uma mulher que fosse rica*, a leitura é inespecífica, pois João casaria com qualquer mulher, caso fosse rica⁸.

A especificidade, portanto, parece dizer respeito à *possibilidade de identificação do antecedente no discurso*, não estando necessariamente ligada à *definitude* da entrada lexical. Veja, por exemplo, que alguém poderia dizer que Sophie se formou em Belas Artes, indo visitar o próprio pai, orgulhoso, em seguida. Assim, continuando seu discurso com uma sentença como *Ele ouviu uma linda artista batendo à porta e foi correndo atendê-la*, *uma linda artista* é [+específico], pois é identificável discursivamente. Também uma sentença como *A criança tem direito à escola*, *a criança* é um DP [-específico], apesar de ter um D definido, pois essa criança da sentença é um item genérico para falar de *qualquer criança*. Ihsane & Puskás (2001) trazem o exemplo de Giusti (1997):

⁸ Nas frases dos Experimentos 3 e 4 desta tese, em que o antecedente era [+específico], o verbo da oração relativa esteve sempre no indicativo, para que o verbo no modo subjuntivo não levasse a uma leitura [-específica] do antecedente.

Aposto que você nunca encontrará o secretário de um deputado que esteja disposto a testemunhar contra ele, em que *o secretário de um deputado* é um DP definido, não genérico e, contudo inespecífico. Assim, definitude e especificidade são traços semânticos aproximados, mas diferentes entre si.

A definitude era considerada no passado como uma propriedade lexical do artigo definido (HAWKINS, 1978; LYONS, 1999). Foi a partir de trabalhos como os de Heim (1982) que a definitude começou a ser associada com elementos semânticos. Enç (1991), baseada em Kamp (1981) e Heim (1982), afirma que especificidade e definitude estão interligadas, mas o que as distingue é o fato de a especificidade ser orientada para uma relação de *inclusão* discursiva (enquanto a definitude tem a ver com a *identidade* discursiva), numa divisão entre *familiaridade* ou *novidade*: são *novos* os termos que não foram introduzidos no domínio do discurso e *familiares* os que já o foram. Para Enç, portanto, todo DP definido deve ser familiar e específico, isto é, deve ter seu antecedente previamente estabelecido no discurso. Para essa abordagem, os DPs ao mesmo tempo definidos e não-específicos não existem, uma vez que a inclusão no discurso pressupõe a identidade. Já os DPs indefinidos e específicos devem ser novos, ou seja, não ter antecedentes introduzidos previamente no discurso, enquanto os DPs indefinidos não-específicos tanto não devem ter antecedentes introduzidos previamente, como também não devem se relacionar com os antecedentes estabelecidos previamente.

Já para Givón (1990), os DPs definidos são aqueles cujo antecedente já foi estabelecido no discurso, ou porque este foi ativado deitivamente na situação comunicativa, ou porque foi ativado culturalmente pela memória permanente, ou porque foi ativado anaforicamente, pela memória episódica. Quanto aos DPs indefinidos, o autor retoma os conceitos de Quine (1953) de opacidade e transparência referencial, para esclarecer que, uma vez que refiram a um antecedente particular do discurso, um DP indefinido é transparente e, portanto, específico (como em “John casou com uma mulher rica”), enquanto ao referir a antecedentes não particulares e, portanto, opacos, um DP indefinido é inespecífico (como em “John quis casar com uma mulher rica, mas não encontrou nenhuma”). Para essa abordagem, novamente, não há DPs definidos e inespecíficos.

Também para Lambrecht (1994) e Lyons (1999), a identidade discursiva à qual remete a definitude está relacionada à inclusão e, portanto, além da marca

morfossintática (artigo, demonstrativo ou afixo verbal), o antecedente de um DP definido deve ser identificável no discurso.

Hertzenberg (2015) considera que a definitude permite que o ouvinte acesse, cognitivamente, e identifique o antecedente⁹. Para Partee (1984), a particularização de um elemento implica na sua inclusão tanto entre elementos da mesma natureza, como também sua individualização entre eles. Para esses autores, portanto, fatores como *identidade* e *inclusão* atuam como determinantes do antecedente e, portanto, como fatores que atuam na sua *especificidade*.

Parcialmente concordando (a especificidade é orientada para o discurso) e parcialmente discordando (DPs simultaneamente definidos e inespecíficos podem existir, pois definitude não se confunde com especificidade) com a discussão e com os autores anteriores, Ihsane & Puskás (2001) propõem que, em princípio, tanto DPs definidos quanto indefinidos podem ser específicos ou não-específicos. Em seus exemplos, traduzidos para o português, “John perdeu *o trem*”, “*Um estudante* veio ver o professor”, há amostras de um DP definido que pode ter leitura inespecífica e de um DP indefinido que pode ter leitura específica, respectivamente. As autoras observam que o tipo de leitura [+ ou – específica] também pode ser restringida pela posição sintática do item, no sentido de que objetos diretos e indiretos tenderiam a ter naturalmente leitura inespecífica, enquanto sujeitos tendem a uma leitura específica.

Partindo de observações do húngaro e do alemão, Ihsane e Puskás (2001) observam que, em posição de tópico, um DP definido tem leitura específica, enquanto em posição pós-verbal, o mesmo DP definido tem leitura inespecífica, independentemente da sua definitude. As autoras propõem, assim, que traço de definitude seja checado em DefP (*Definitive Phrase*), uma projeção funcional na periferia esquerda do DP, enquanto o traço de especificidade seja checado em uma posição paralela a TopP (*Topic Phrase*), associada à informações já estabelecidas no discurso e que fica acima de DefP. Quando o DP é [+específico], isso permite que o DP apareça como tópico, independentemente de sua definitude, o que provoca movimento interno do argumento para a posição Top⁰ (ou TopP, se houver demonstrativos envolvidos).

⁹ E, por essa mesma razão, pronominais (explícitos, como os tônicos, ou vazios, como os *pros*) precisam ser definidos.

Assim, assume-se nesta tese a diferenciação entre especificidade e definitude delineada pelas autoras, segundo a qual a definitude seleciona um objeto dentre a classe de objetos possíveis, enquanto a especificidade se relaciona a elementos pré-estabelecidos no discurso.

Assume-se também a abordagem de uma acessibilidade ajustada aos padrões internos da língua, para o tratamento da animacidade (cf. SCHWENTER; SILVA, 2003), estendendo-a ao tratamento da especificidade, a partir da proposta de Soares; Miller; Hemforth (2020) (que formulam sua hipótese para os sujeitos, mas sugere-se nesta tese a adaptação do mesmo raciocínio aos objetos). De acordo com os autores, a atuação de vários fatores, como (i) o gênero conceitual¹⁰ ([+gênero conceitual] = pronomes plenos; [-gênero conceitual] = elementos nulos); (ii) a hierarquia da referencialidade (quanto mais referencial, isto é, [+humano] e [+específico], maior a tendência de retomada com pronome pleno); e (iii) a acessibilidade (aquilo que está mais saliente no discurso deve ser retomado pela forma menos explícita), aponta para a existência de duas saliências: a *discursiva* (com a qual se relaciona a especificidade) e a *inerentemente semântica* (com a qual se relaciona a animacidade).

A saliência semântica obedece à ordem: [+humano] > [+animado] > [-animado]. A saliência discursiva obedece à ordem: contexto linguístico > contexto enciclopédico/físico (SOARES; MILLER; HEMFORTH, 2020, p.14). A especificidade seria um traço relevante na determinação daquilo que é mais saliente no discurso. Isto é: a saliência seria dada *intradiscursivamente* (cf. ARIEL, 1990), de acordo com o grau de especificidade do antecedente, de modo que, quanto mais inespecífico, mais intradiscursivo é o antecedente (já que ele existe apenas no discurso) e quanto mais intradiscursivo, mais saliente é esse antecedente. Sua retomada, portanto, será pela forma anafórica *menos explícita*, desfazendo a aparente contradição.

Soares; Miller; Hemforth (2020), interessados no porquê de o *sujeito* anafórico de terceira pessoa do PB ter altas taxas de nulos, enquanto as outras pessoas discursivas tenderem a se realizar com formas plenas, analisam duas hipóteses de explicação por meio de dados de *corpus* e experimentais. A primeira é a hipótese da hierarquia da referencialidade (HHR), para a qual as taxas mais

¹⁰ Gênero conceitual: conhecimento que o falante e o ouvinte possuem a respeito do sexo biológico de um antecedente. Esse conceito será visto em mais detalhe no próximo capítulo.

altas de nulos se explicariam pelo fato de as terceiras pessoas serem mais frequentemente inanimadas ou inespecíficas do que as demais pessoas discursivas, ocupando posições mais baixas na hierarquia. Já a hipótese do gênero conceitual (HGC) afirma que as terceiras pessoas plurais são mais frequentemente [-gênero conceitual].

Os resultados encontrados favoreciam aspectos de ambas as hipóteses, mas foi mais favorável à HHR, por esta fazer previsões a respeito tanto da animacidade quanto da especificidade: sujeitos nulos foram preferidos com antecedentes [-animado] ou [-específico]. Contudo, a interação entre animacidade e especificidade não foi a única a fazer parte dos dados encontrados pelos autores: o número (sing./pl.) também parece exercer um papel na resolução da retomada anafórica de sujeito. O que os leva a proporem uma versão da HGC que se baseia no expoente morfológico dos traços de gênero e número.

Isto é: a 3ª pessoa singular [-animada], por ser [-plural;-gênero conceitual], não seria afetada por especificidade, porque já teria sua correspondência nos sujeitos nulos, que são a opção não-marcada para [-plural;-gênero conceitual]. Os pronomes plenos singulares do PB, expoentes dos traços [-plural; +gênero conceitual], seriam os correspondentes ideais para os traços da 3ª pessoa do singular animada [-plural; +gênero conceitual]. Por sua vez, o pronome de 3ª pessoa plural, sendo expoente dos traços [+plural; ±gênero conceitual] no PB, seria correspondente tanto de sujeitos plenos ([+plural; ±gênero conceitual]) quanto de nulos ([+/-plural; ±gênero conceitual]). Assim, a especificidade entraria no cálculo da acessibilidade do antecedente nos casos em que tanto o sujeito nulo quanto o sujeito pronome pleno fossem possíveis, favorecendo nulos com antecedentes inespecíficos (isto é, *intradiscursivos*) e pronomes plenos com antecedentes específicos.

Soares; Miller; Hemforth partem de hipóteses aparentemente diversas: a do gênero conceitual (traços semânticos: +gênero conceitual = pronomes plenos; -gênero conceitual = elementos nulos), a da hierarquia da referencialidade (traços discursivos: quanto mais referencial, isto é, [+humano] e [+específico], maior a tendência de ser retomado por um pronome pleno) e a da acessibilidade (ARIEL, 1990, segundo a qual, aquilo que está mais saliente no discurso deve ser retomado pela forma menos explícita), e concluem que um antecedente [+humano; 1ª pessoa] deveria ser retomado por um sujeito nulo, pois os traços [+humano; 1ª

peessoa são os mais altos/mais salientes/mais referenciais, e portanto, mais acessíveis. Retomando Ariel (1990), eles pontuam a existência de duas saliências: uma discursiva e uma inerentemente semântica. Se a saliência é semântica, então obedece à ordem: humano > animado > inanimado. Se a saliência é discursiva, então obedece à ordem:

Mais acessível -----> Menos acessível

Contexto linguístico Contexto físico Contexto enciclopédico
(SOARES; MILLER; HEMFORT, 2020, p.14)

A especificidade como traço discursivo, deve entrar para o cálculo da saliência *discursiva*, isto é, a especificidade seria uma propriedade do discurso, oriunda do contexto sentencial. Se a determinação daquilo que é mais saliente no discurso pode ser dada intradiscursivamente (cf. ARIEL, 1990), então a inespecificidade de um antecedente, por torná-lo o mais intradiscursivo possível (afinal, o antecedente inespecífico não está presente no contexto empírico, existindo apenas no discurso), torna-o mais saliente intradiscursivamente, fazendo que seja retomado pela forma anafórica menos exigente possível: o elemento nulo, desfazendo a contradição inicial.

Desse modo, a proposta de Soares; Miller; Hemforth parte da hipótese do gênero semântico, sustentando que as alternativas pronominais plenas *ele* e *ela* estão associadas com seus respectivos gêneros conceituais como uma propriedade lexical, enquanto os sujeitos nulos são alternativas semanticamente não marcadas. Portanto, sujeitos pronominais plenos e nulos não estariam "competindo" nas mesmas condições quando o antecedente não tem um gênero semântico, uma vez que pronomes plenos parecem ser (ou estão em vias de ser) "especializados", da mesma forma que os pronomes ingleses *he* e *she*. Essa proposta explicaria o efeito de animacidade que é encontrado em todo o PB, pelo qual os pronomes plenos singulares são evitados quando o antecedente é [-gênero conceitual], com o qual uma opção padrão (um nulo) é usada. O papel da especificidade é restrito a modular a preferência por pronomes plenos quando os antecedentes são [+animado] e [+/-plural] e quando são [+ plural] e [+/-animados], mas não quando eles são [-plural] e [-animado]. Ou seja, a especificidade desempenha um papel

quando uma forma anafórica do PB, que é um expoente morfológico das características semânticas [+/-plural] ou [+/-gênero semântico], é compatível com o antecedente. Nesses contextos, há competição, porque ambas as opções são compatíveis: elementos nulos são preferidos para recuperar antecedentes não específicos e pronomes plenos são preferidos, em caso contrário.

Assim, o gênero semântico desempenharia um papel na retomada (estando associados ao sexo natural, como traço lexical e, de certo modo, eliminando a animacidade desse cálculo da preferência por uma forma de retomada anafórica, afinal, somente antecedentes animados possuem um gênero semântico) e diferenciam a forma de retomada de antecedentes singulares e plurais (pois diferenciam também os pronomes *ele/ela* dos pronomes *eles/elas*, graças à natureza lexical e gramatical, respectivamente, dos traços ligados a esses pronomes).

A retomada anafórica se daria da seguinte maneira:

- (i) com antecedentes singulares, onde há gênero conceitual (traço lexical; expresso com antecedentes animados), a retomada é feita preferencialmente com pronomes plenos; quando não há gênero conceitual (antecedentes inanimados), a retomada é preferencialmente feita com elementos nulos;
- (ii) com antecedentes plurais, sendo o número um traço gramatical, esses antecedentes tanto possuiriam correspondência com os pronomes plenos plurais, como também com os elementos nulos, ficando a cargo da especificidade a decisão: antecedentes específicos são retomados com pronomes plenos e antecedentes inespecíficos são retomados com elementos nulos.

O fato de existirem diferentes formas anafóricas com a mesma função é contrário ao princípio básico de economia cognitiva (embora, às vezes, as formas se sobreponham, gerando variabilidade do *input* e ocasionando mudanças na língua). Logo, é assumido que existem fatores que atuam restringindo ou favorecendo cada uma dessas formas, sinalizados por meio de alguma pista que deve ser visível nas interfaces. Os fatores envolvidos na acessibilidade decorrem do modo de como o processamento acontece, mas fatores específicos da língua

em questão podem influenciar no grau de acessibilidade de uma determinada forma, variando suas restrições. A opção mais natural para a codificação da forma anafórica, considerando a acessibilidade (o que está mais ativo na memória de trabalho), parece envolver proximidade, recência (o quão recentemente o material a ser recuperado foi processado), sua posição sintática em relação ao antecedente, bem como os traços semânticos do antecedente.

A próxima seção apresenta em detalhe o que os estudos psicolinguísticos e linguísticos têm a dizer a respeito das propriedades semânticas, sintáticas e discursivas do antecedente, relevantes para a forma assumida pelo elemento anafórico.

3 Formas lexicais e nulas: revisão da literatura

A forma do ODA é uma das várias diferenças apontadas entre o PB e o PE (português europeu). No PE, o ODA ocorre mais comumente como um clítico acusativo, ou, em alguns contextos, como um elemento nulo¹. No PB, o clítico é tomado como um produto da instrução formal prioritariamente escrita e dito artificial (OLIVEIRA, 2005; BAGNO, 2002; CYRINO, 1994, 2006; DUARTE, 2001; NUNES, 1996; PAGOTTO, 1996; TARALLO, 1983); sendo cada vez mais alternado com o pronome tônico e com o elemento nulo (CASAGRANDE; ROSSI, 2015; CYRINO, 1994, 2006). Existe ainda, a possibilidade do uso de um *DP pleno*, como ilustram os exemplos a seguir.

- | | |
|--|-------------------|
| (1) <i>O Carlos_i estava na feira ontem e a Ana viu ele_i.</i> | (pronome tônico) |
| (2) <i>O Carlos_i estava na feira ontem e a Ana o²_i viu.</i> | (pronome clítico) |
| (3) <i>Carlos queria um carro_i e ficou feliz quando eu comprei Ø_i.</i> | (elemento nulo) |
| (4) <i>O Carlos_i estava na feira ontem e a Ana viu o tratante_i.</i> | (DP pleno) |

A forma assumida na codificação do ODA no PB não parece ser aleatória, mas função das condições de processamento às quais o falante está submetido e de propriedades semânticas e sintáticas do antecedente que afetam sua acessibilidade relativa, impondo restrições à codificação de sua retomada.

Neste capítulo, serão trazidos dados da aquisição, de produção espontânea e experimentais que contemplam os fatores que pareceram definir condições favoráveis a uma forma lexical ou nula.

3.1 Dados da aquisição da linguagem

¹ No PE, o elemento nulo parece não ocorrer em ilhas sintáticas fortes (COSTA; GROLLA, 2017, dentre outros) e em PB, parece ser influenciado por fatores semânticos, como a animacidade do antecedente (cf. CYRINO, 1994 em diante).

² A próclise é a colocação pronominal preferida em PB, mas no PE, só é obrigatória em alguns contextos, com a presença de ativadores de próclise, como alguns advérbios (bem, mal, ainda, já, talvez, apenas, também, não, sempre, só etc. Ex.: *Sempre o vejo na rua*), conjunções subordinativas (Ex.: *Quando te vi, já era tarde*), conjunções alternativas (Ex.: *Ou levas o livro, ou o deixas*), a forma *ambos* (Ex.: *Ambos o viram*) ou em frases na ordem inversa (Ex.: *Isso te digo eu*).

De acordo com Lopes; Quadros (2005), o *input* que a criança recebe hoje no PB tem alta produção de elementos anafóricos nulos, forma cujo uso pelo falante, parece ser influenciada pelos traços semânticos de animacidade e especificidade do antecedente. A especificidade, de acordo com as autoras, é determinada pela telicidade verbal. Por exemplo, na frase *O policial insulta presos; antes de torturar* \emptyset_i (LOPES; QUADROS, 2005, p. 3), o verbo empregado está no presente, indicando que o fato é genérico, ao invés de episódico, levando a uma interpretação inespecífica do antecedente. O fato de *presos* ser um nome nu também auxilia na codificação de sua inespecificidade. A aquisição das formas anafóricas nulas e plenas dependeria da sensibilidade das crianças a esses traços.

A autora, em estudo da fala longitudinal de uma criança, concluiu que a parte mais significativa dos seus dados sustenta a hipótese de Lopes; Quadros (2005) relativa aos traços semânticos do antecedente.

Casagrande (2006) também menciona em sua análise os estudos de Creus e Menuzzi (a serem detalhados na próxima seção) de que a possibilidade de identificar o gênero conceitual (na proposta dos autores, o sexo natural atribuído ao antecedente) é o que determina a forma de realização do ODA. De acordo com Casagrande, os dados obtidos não necessariamente afirmam ou negam a proposta de Creus; Menuzzi. Com alguns antecedentes, como, por exemplo, *o bichinho* (para um animal), não seria possível saber se a criança está ou não atribuindo um gênero ao antecedente. Caso a criança não estivesse atribuindo gênero, então a retomada com pronome tônico (que acontece em sete, de dez vezes possíveis em seus dados), não se explicaria pelo gênero, mas sim pelos traços [+animado;+específico] do antecedente.

Em todo caso, nos dados da criança que analisou, Casagrande (2006) também encontrou retomadas de antecedentes [-animado] com pronome tônico, levando-a a sugerir que, ou alguma mudança teria ocorrido no estatuto desse pronome, ou esse uso seria devido à imaturidade da criança, que talvez não tenha ainda adquirido plenamente as variáveis envolvidas no uso dos pronomes.

3.2 Dados de falantes adultos

Os trabalhos linguísticos pioneiros na demonstração da importância dos traços de animacidade e especificidade para o ODA foram os de Duarte (1989) e Cyrino (1994; 2006).

Duarte (1989), por meio da coleta de dados da fala espontânea de 50 falantes nativos de PB paulistanos e da fala veiculada em programas televisivos de entrevistas e novelas, observou que: (a) os clíticos acusativos estavam em declínio; (b) os pronomes plenos em posição acusativa eram uma alternativa inovadora no PB; (c) o traço de animacidade do antecedente parecia ter influência sobre a escolha da forma de retomada; (d) os pronomes tônicos e os elementos nulos se opunham quanto ao traço de animacidade do antecedente: os pronomes tônicos ocorriam preferencialmente com antecedentes [+animado] e os elementos nulos, com [-animado].

Cyrino (1994; 2006), além de trazer uma proposta compatível com a análise de Duarte a respeito do traço de animacidade do antecedente, acrescentou dados que mostravam a influência também do traço de especificidade. Segundo sua análise diacrônica, o elemento nulo era usado primeiramente como substituto para um clítico neutro proposicional. Depois, foi se estendendo para outros contextos em que o antecedente tinha o traço [-animado]. Por fim, o traço [-específico] passou também a favorecê-lo.

De acordo com Cyrino (1994), os traços de animacidade e especificidade estão presentes desde a passagem do século XVIII ao século XIX, quando houve uma mudança no sistema pronominal, com o aumento significativo de elementos nulos retomando antecedentes [-animado; +específico]. Na passagem do século XIX ao século XX, uma nova organização do sistema pronominal foi observada, afetando todos os tipos de antecedentes em relação ao elemento nulo, com exceção daqueles com traços [+animado; +específico]. O elemento nulo passou a ser quase categórico com antecedentes [-animado; +/-específico] e a ocorrer também significativamente com antecedentes [+animado; -específico].

Cyrino (2001) observou, por meio de análise de *corpora* que buscava checar diferenças na realização do clítico acusativo no PB e PE, que a animacidade do antecedente contribui para as diferenças entre as variedades. No PB, dos 24 antecedentes inanimados observados na pesquisa, 19 se realizaram como elementos nulos. No PE, ao contrário, dos 21 inanimados, somente 1 se realizou

como objeto nulo e foi um caso de imperativo (entendido como um *exopro* e presente também em outras línguas).³

Schwenter; Silva (2003), por meio de estudo de *corpora* com 12 falantes e um total de 1250 objetos anafóricos de 3ª pessoa, extraídos do PEUL (de entrevistas em português falado no Rio de Janeiro, compiladas por pesquisadores da UFRJ nos anos 1980), observaram o desuso dos clíticos de terceira pessoa (singular/plural), substituídos pelos elementos nulos e pronomes tônicos, em função de características semânticas e intencionais que contribuem para a determinação de sua forma. O traço de humanidade também mostrou-se relevante: antecedentes animais, humanizados em função de vínculo afetivo, tendem a ser retomados com pronomes plenos, enquanto os demais animais tendem a ser retomados com elementos nulos.

Os autores observaram também que os clíticos de primeira e de segunda pessoa do plural foram sendo substituídos por *a gente* e *vocês*, respectivamente, enquanto os clíticos de primeira e segunda pessoa do singular se mantiveram. Para eles, é o fato de os clíticos de primeira e segunda pessoa (singular) terem o traço [+humano] (semântico) e [+específico] (intencional) o que motiva o seu preenchimento em PB e os “protege” das mudanças ocorridas no sistema pronominal, o que não ocorreu com os clíticos de terceira pessoa, que não são sempre dêiticos e podem retomar antecedentes [±animado].

Schwenter; Silva (2003) propõem que a acessibilidade se adequaria aos padrões da língua. Para os autores, o PB está se tornando uma língua de objeto nulo, isto é, uma língua cujo padrão de forma não marcada (*default*) para a codificação do ODA, seria a forma nula, preferível na retomada de antecedentes [-animado;±específico] e também de antecedentes [+animado;-específico]; enquanto a retomada de antecedentes [+animado;+específico] seria preferencialmente explícita, por meio do pronome tônico.

³ Por outro lado, um estudo experimental de Augusto e Jakubów (2015), por meio da análise longitudinal de dados da produção espontânea de três crianças bilíngues (PB e inglês), acompanhados durante as idades de 2,1 a 3,8; 2,6 a 3,1; e 3,2 a 3,8 (a fim de observar a aquisição de ODA por bilíngues simultâneos de inglês e PB) não corrobora esta hipótese. O estudo mostrou que todas as ocorrências de elemento nulo foram com antecedentes [-animado], contudo também o foram as ocorrências com pronomes. De acordo com as autoras, a preferência da retomada de antecedentes inanimados com elementos nulos pode ter sido favorecida pela presença de brinquedos ou objetos na seção experimental, ressaltando-se ainda o fato curioso de esses mesmo brinquedos possuírem “nomes próprios e características de seres humanos como olhos, ouvidos, boca e nariz” (AUGUSTO; JACUBÓW, 2015, p. 162, 163).

Os autores afirmam, ainda, que, para entender o fato, é necessário observar as diferenças de topicalidade entre as funções gramaticais, o que na literatura é apontado como *markdness reversal*. No PB, os traços do antecedente considerados relevantes para a realização de um ODA por meio de uma forma plena seriam [+animado; +específico], traços que, geralmente estão associados aos sujeitos, que seriam essencialmente *tópicos discursivos*. Assim, os traços *default* para a realização de um ODA por meio de um elemento nulo seriam [-animado; ±específico] ou [+animado; -específico], traços normalmente associados à elementos em posição de objeto direto, enquanto a ocorrência de pronomes tônicos em posição acusativa, em função de traços semânticos do antecedente, configurariam a forma marcada do ODA na língua.

Em função de condicionamentos sociais, como a marginalização do pronome tônico em posição acusativa, o elemento nulo poderia ainda retomar antecedentes [+animado;+específico], assim como antecedentes [+animado;-específico] podem ser retomados por formas mais explícitas (como DPs plenos), quando a distância textual entre a retomada e o antecedente for muito longa, de modo a lhe conferir um *status* de tópico discursivo (SCHWENTER; SILVA, 2003). Isso explicaria os resultados obtidos pelos autores em seu estudo, no qual se verificou uma quantidade significativa de DPs plenos retomando antecedentes [+animado;-específico]. Schwenter; Silva (2003) também concluíram que a especificidade e a definitude são noções separadas e que, apesar de ser mais comum encontrar artigos definidos coincidindo com antecedentes específicos do que com inespecíficos, a definitude por si só não parece impactar a codificação pronominal.

Um interessante estudo de Berlink (2016) se debruça sobre dados diacrônicos, a fim de verificar se há registros de elementos nulos cujos antecedentes não sejam estruturalmente paralelos a eles – o que não se verificou.

A autora sinaliza que, desde o século XIX, era possível notar uma configuração típica do objeto nulo do PB como a forma que retoma preferencialmente antecedentes inanimados, inespecíficos e sintaticamente paralelos. A restrição de paralelismo apontada por esses dados vai ao encontro dos estudos de Cyrino (1994-2020), Cyrino; Lopes (2012) e Lopes; Cyrino (2016) (além de apoiarem os resultados experimentais obtidos por Leitão, 2010, a serem apresentados na seção 3.3).

Diversos autores, portanto, como Cyrino (1994), Schwenter (2006), Schwenter; Silva (2002, 2003), Lopes; Cyrino (2005) e Sainzmaza-Lecanda; Schwenter (2017) atribuem aos traços de animacidade e especificidade do antecedente um papel determinante na escolha pela forma de realização do objeto direto anafórico.

Creus; Menuzzi (2004, 2005), no entanto, apontam que, se por um lado, antecedentes [+animado] podem ser retomados tanto por pronomes tônicos, quanto por elementos nulos, mas antecedentes [-animado] favorecem a retomada com elementos nulos independentemente de especificidade, então, em princípio, o principal fator a determinar a forma da retomada anafórica parece estar relacionado ao traço de animacidade do antecedente. Mas o que possibilitaria a retomada de antecedentes [+animado] com elementos nulos?

Uma diferença crucial entre seres animados e inanimados é a de que seres animados têm um sexo natural, enquanto os inanimados, não. Um antecedente é marcado como [+gênero conceitual] ([+gênero semântico]) quando é possível identificar seu sexo (menino, menina, a artista, o paciente, homem, mulher). Desse modo, se os antecedentes são [+animado; + gênero conceitual], a presença do gênero, independentemente de esses antecedentes serem ou não específicos, favoreceria o uso de pronomes tônicos, uma vez que os pronomes tônicos são formas anafóricas especificadas para gênero (ele/ela). Mas, quando o antecedente é [+animado; – gênero conceitual], ou quando o antecedente é [-animado] (e, portanto, sempre [- gênero conceitual], o uso de elementos nulos seria favorecido.

Considera-se ainda as diferenças ente o gênero gramatical e o gênero semântico. O gênero gramatical:

- (i) usualmente coincide com o gênero dos antecedentes, sendo marcado por meio de flexão do nome (menin-o/menin-a), pelo determinante do nome (o/a artista, o/a paciente), ou por uma entrada lexical específica que corresponde àquele sexo natural (homem, mulher, soprano);
- (ii) serve também às entidades inanimadas, na ausência de um gênero neutro no sistema pronominal do PB (a casa, o galho);
- (iii) pode ser o mesmo para antecedentes de ambos os sexos naturais (cônjuge, cobra) (cf. CREUS; MENUZZI, 2004, 2005).

Nos nomes de gênero inerente, existe a possibilidade de coincidência entre o gênero do antecedente e a palavra de gênero intrínseco que se refere a este, mas

graças à presença do gênero conceitual o pronome tônico será favorecido na retomada do antecedente. Nos casos em que o DP pode ser usado com ambos os sexos (cônjuge, cobra, pessoa), o gênero conceitual não pode ser identificado, da mesma forma que com antecedentes [-animado], de modo que o elemento nulo seria favorecido. Em síntese:

- (i) Antecedentes [+a, -e, +gs] , por exemplo, um menino, com interpretação genérica, serão retomados por pronomes tônicos;
 - (ii) Antecedentes [+a, -e, - gs], por exemplo, uma pessoa, com interpretação genérica, serão retomados por pronomes nulos .
- (adaptado de CREUS; MENUZZI, 2004. p. 8).

A fim de verificar o papel da especificidade e do gênero conceitual na forma das retomadas anafóricas, Creus; Menuzzi (2005) elaboraram um teste de julgamento de gramaticalidade, em frases que continham ODAs plenos (pronomes tônicos) e nulos. Participaram do teste 13 alunos da Pós-graduação em Linguística da PUCRS, do nível Mestrado, com idades entre 25 e 45 anos de idade. No teste, os falantes deviam marcar a opção considerada mais espontânea na língua, para a codificação de um ODA: o pronome tônico, ou o elemento nulo. As frases experimentais foram:

- (a) Quando eu vejo *alguma pessoa cega_i* querendo atravessar a rua, eu ajudo \emptyset /*ela_i*;
- (b) Sabe que ontem Maria encontrou *um menino_i* chorando e consolou \emptyset /*ele_i*;
- (c) Toda vez que o Márcio percebe que *sua filha_i* teima, ele repreende \emptyset /*ela_i*;
- (d) Olha aqui: se eu me deparasse com *uma menina bem bonita_i*, eu beijava \emptyset /*ela_i*;
- (e) Quando *aquele rapaz loiro_i* passou por aqui, a minha prima cumprimentou \emptyset /*ele_i*;
- (f) Se eu encontrar *um profissional capaz de fazer isso_i*, eu contrato \emptyset /*ele_i* na hora;
- (g) Quando viu *alguns turistas que estavam jogando lixo nas ruas_i*, o policial xingou \emptyset /*eles_i* (CREUS; MENUZZI, 2005, p. 9).

Os resultados obtidos pelos autores são apresentados na seguinte tabela:

Traços do antecedente	Pronomes tônicos	Elementos nulos
[-e;-gc]*	35.1%	64.9%
[-e;+gc]	71.0%	29.0%

[+e;-gc]	43.7%	56.3%
[+e;+gc]	74.2%	25.8%

Tabela 1: Distribuição percentual das formas anafóricas em função de especificidade e gênero semântico (CREUS; MENUZZI, 2005). *e = especificidade; gc = gênero conceitual.

Percebe-se que os antecedentes com traço [+gc] (as frases (c) e (e); [+e;+gc] e as frases (b) e (d); [-e; +gc]) compõem a grande maioria dos resultados com pronomes tônicos (71 e 74,2%), distribuição que está de acordo com a proposta de Creus; Menuzzi, uma vez que o gênero, nesses casos, está marcado. Entretanto, a retomada desses antecedentes com pronomes tônicos também vai ao encontro do que propõem Duarte (1989) e Cyrino (1994 em diante), afinal, todos eram [+animado] – e, de acordo com as autoras, seriam, por isso, preferencialmente retomados por pronomes tônicos. Nos casos de antecedentes com traço [-e;-gc] (frases (a) e (f)), a ausência de gênero semântico pareceu influenciar na maior ocorrência de elementos nulos (cerca de 65%) e o antecedente da frase (g), *alguns turistas*, com traços [-e; -gc], era o único no plural e ligado a uma oração relativa, fatores aos quais os autores atribuíram a quase ausência na diferença entre pronomes tônicos e elementos nulos, em seus resultados. Contudo, esses resultados não destoam das previsões de Cyrino, para quem o antecedente [+animado], quando inespecífico (caso das frases (a), (f) e (g)), também pode gerar retomadas nulas.

De acordo com Creus; Menuzzi, esses resultados apontam a preferência dos falantes por usar pronomes tônicos ou elemento nulos, respectivamente, em função do gênero semântico presente ([+animado]) ou não ([-animado]) no antecedente, independentemente de especificidade. Essa hipótese, suportada pelo teste descrito anteriormente (CREUS; MENUZZI, 2005), assume, portanto: (i) que o traço de animacidade do antecedente, por si só, não determina a forma da retomada anafórica, pois elementos nulos podem retomar antecedentes [+animado]; (ii) o traço de especificidade do antecedente não afeta a forma da retomada anafórica; (iii) a presença ou ausência de gênero semântico do antecedente é o fator que influencia a realização de um pronome tônico e/ou elemento nulo como retomada anafórica.

O teste, no entanto, além de não necessariamente confirmar a irrelevância da especificidade, apresenta algumas dificuldades: as estruturas sintáticas das sentenças não são as mesmas, nem foram contrabalançadas, como também não foram controlados uniformemente a distância linear, o número e o gênero dos antecedentes. Quanto à especificidade, o objetivo descrito pelos autores era o de testar apenas retomadas de antecedente [-específico], mas no teste há também retomadas de antecedente [+específico]. Assim, apresenta-se como pertencente a uma mesma categoria um agrupamento de estruturas diferentes.

Em todo caso, o teste de Creus; Menuzzi (2005) foi replicado para esta tese, com um grupo de 31 adultos, com idades entre 23 e 70 anos (idade média: 46,5), dos quais dois possuíam ensino médio, 12 possuíam graduação e 16 possuíam pós-graduação (mestrado ou doutorado). Os participantes receberam de uma experimentadora a mesma listagem de perguntas de Creus; Menuzzi (2005), também com a mesma descrição do que devia ser feito. Os participantes foram testados individualmente e levaram aproximadamente quatro minutos para concluir a tarefa. Na tabela a seguir, é apresentada a distribuição percentual das respostas com pronomes tônicos e elementos nulos.

Traços do antecedente	Pronomes tônicos	Elemento nulos
[-e;-gc]*	37,1%	54,8%
[-e;+gc]	64,5%	30,6%
[+e,-gc]	29%	64,5%
[+e;+gc]	49,2%	43,8%

Tabela 2: Distribuição percentual das formas anafóricas em função de especificidade e gênero semântico. *e = especificidade; gc = gênero conceitual.

Os dois primeiros tipos de antecedentes apresentaram resultados de acordo com o esperado por Creus; Menuzzi (2005), com antecedentes [+gc] sendo retomados mais com pronomes tônicos e antecedentes [-gc] sendo retomados mais com elementos nulos. Contudo, com antecedentes [+específico], os resultados foram diferentes: enquanto os [-gc] foram mais retomados com nulos, os [+gc] tiveram taxas semelhantes entre elementos nulos e pronomes tônicos.

Se a distribuição percentual das respostas para cada sentença do teste é considerada individualmente (pois as sentenças eram estruturalmente diversas entre si: em algumas, o antecedente era sujeito, em outras, objeto direto; em algumas, singular; em outra, plural etc.), os percentuais se mostram bastante diferentes, mesmo entre as sentenças cujos antecedentes teriam os mesmos traços, como é possível ver na próxima tabela (é retomado neste ponto, também, o conjunto das sentenças usadas no teste, para que fique mais clara a comparação).

- (a) Quando eu vejo *alguma pessoa cega querendo atravessar a rua*_i, eu ajudo \emptyset _i/ela;
- (b) Sabe que ontem Maria encontrou *um menino chorando*_i e consolou \emptyset _i/ele;
- (c) Toda vez que o Márcio percebe que *sua filha*_i teima, ele repreende \emptyset _i/ela;
- (d) Olha aqui: se eu me deparasse com *uma menina bem bonita*_i, eu beijava \emptyset _i/ela;
- (e) Quando *aquele rapaz loiro*_i passou por aqui, a minha prima cumprimentou \emptyset _i/ele;
- (f) Se eu encontrar *um profissional capaz de fazer isso*_i, eu contrato \emptyset _i/ele na hora;
- (g) Quando viu *alguns turistas que estavam jogando lixo nas ruas*_i, o policial xingou \emptyset _i/eles (CREUS; MENUZZI, 2005, p. 9).

(Frase experimental) [traços do antecedente]	Predição (CREUS; MENUZZI, 2005)	% Tônicos	% Elementos nulos
(a) [-e,-gs]	Nulo	22,6%	67,7%
(b) [-e,+gs]	Tônico	87,1%	9,7%
(c) [+e,+gs]	Tônico	70%	23,3%

(d) [-e,+gs]	Tônico	41,9%	51,6%
(e) [+e,+gs]	Tônico	29%	64,5%
(f) [-e,-gs]	Nulo	51,6%	41,9%
(g) [+e,-gs]	Nulo	29%	64,5%

Tabela 3: Distribuição percentual das formas anafóricas em função de especificidade e gênero semântico, para cada uma das sentenças.

Percebe-se que as frases (a) e (f), que possuem traços [-e,-gc], têm percentuais bastante diferentes de respostas com pronomes tônicos e elementos nulos. Apesar de serem tratadas pelos autores como uma mesma classe de antecedentes, a sentença (a) é retomada principalmente com elementos nulos, estando de acordo com a predição de Creus e Menuzzi, mas o mesmo não acontece com a frase (f). A mesma diferença ocorre entre as respostas dos pares de frases (b) e (d), e (c) e (e), provavelmente devido ao fato de que todas as sentenças são estruturalmente diferentes uma da outra. Novos testes, verificando as predições dos autores, da forma mais controlada possível, foram conduzidos e seus dados são descritos no Capítulo 6 desta tese, nos Experimentos 3 e 4. É importante destacar que os gêneros trabalhados nos experimentos desta tese estão de acordo com a diferenciação proposta por Chomsky (1995), segundo a qual os gêneros sintáticos podem se dividir entre intrínsecos e opcionais. O gênero intrínseco está marcado no item lexical, no argumento, que está na base da árvore sintática e é visível para operações formais. O gênero opcional está mais acima na árvore sintática, pois é marcado na categoria funcional. O gênero chamado de semântico por Creus; Menuzzi foi renomeado como *conceitual*, por parecer ter mais a ver com a conceptualização feita pelo falante a respeito do sexo de um referente, evitando a confusão com traços semânticos de gênero intrínsecos ou opcionais atribuídos aos itens lexicais.

Outros trabalhos que buscavam verificar a importância do gênero conceitual foram conduzidos, por exemplo, por Pereira; Magalhães (2007), que analisaram dados da fala longitudinal de duas crianças e concluíram que a ausência do gênero de um antecedente parecia ter influência na sua retomada com elementos nulos. Contudo, esses antecedentes [-gênero conceitual] eram também [-animado], não invalidando o que propõem as abordagens mais tradicionais, incluindo a de Cyrino (1994-2021), Lopes; Cyrino (2005), dentre outras.

Ayres (2016; 2018), Ayres; Othero (2016), Othero *et al* (2016), Othero; Schwanke (2017) e Pivetta (2015) também têm trabalhos sugerindo que o traço de gênero conceitual seria mais adequado para explicar a ocorrência de pronomes plenos ou nulos na correferência pronominal do que [animacidade + especificidade]. Pivetta, por meio de análise de *corpus* das obras *Rua Alegre, 12*, de Marques Rebêlo (1940); *O Pagador de Promessas*, de Dias Gomes (1959); *Um Grito Parado no Ar*, de Gianfrancesco Guarnieri (1973); e *No Coração do Brasil*, de Miguel Falabella (1992), também analisadas por Cyrino (1994), buscou observar como se comportavam as retomadas com antecedente [+animado;-específico] na presença e ausência de gênero conceitual, a fim de contrastar esses dados com a proposta de Creus; Menuzzi (2005). A conclusão da autora foi a de que a hipótese baseada em gênero conceitual como um traço que atua na seleção da retomada anafórica é tão boa empiricamente quando a hipótese que atribui relevância ao traço de animacidade, mas com uma vantagem: a de explicar facilmente o porquê de pronomes tônicos retomarem antecedentes [+gênero conceitual] e de elementos nulos retomarem antecedentes [-gênero conceitual], que seria pela simples concordância gramatical da forma anafórica com o seu antecedente, marcada nos traços *phi* (gênero, número e pessoa) do pronome tônico.

Para a autora, a hipótese da animacidade, por sua vez, deverá buscar outro fator, como a acessibilidade/saliência referencial para explicar a distribuição de pronomes tônicos e elementos nulos, mas incorrerá na contradição entre o que determina a hipótese da acessibilidade (quanto mais acessível, menos conteúdo fonético terá a retomada – e seres humanos costumam mostrar-se altamente acessíveis no discurso) e o que se mostra nos dados empíricos (elementos nulos ocorrem com antecedentes inanimados, que são, em princípio, menos acessíveis). Na ausência de outra explicação, Pivetta conclui que a escolha por uma forma

plena ou nula se relaciona com o fato de que somente antecedentes [+ animado] podem se associar a gênero conceitual.

Ayres (2018), por sua vez, reanalisa os resultados encontrados em Ayres; Othero (2016), pois, nesse primeiro estudo, não haviam diferenciado elementos nulos e elipses de VPs (CYRINO, 2007), caracterizadas pela repetição dos verbos da sentença matriz e da sentença complexa: “se no elemento apagado o verbo principal é o mesmo, trata-se de elipse de VP, porém, se o verbo principal é outro, então é um objeto nulo” (AYRES, 2018, p. 300).

Nessa reanálise, as respostas com elementos nulos foram em menor número do que inicialmente se imaginava: apenas 31% das ocorrências contabilizadas anteriormente como elementos nulos (mas que eram, na verdade, elipses de VPs). Ainda assim, Ayres aponta que o traço de gênero conceitual explicaria mais satisfatoriamente a variação entre pronomes tônicos e elementos nulos, do que [animacidade + especificidade], tanto nos casos de objeto nulo, quanto nos casos de elipse de VP.

Assim, enquanto alguns autores, como Cyrino (1994-2021) e Lopes (2007) apoiam a hipótese de que [animacidade + especificidade] influenciam a forma da retomada, outros, como Pivetta (2015), Ayres (2018) e Valverde-Hübner (2012) afirmam que, em PB, o gênero conceitual é o traço determinante no uso do pronome tônico ou elemento nulo nas retomadas anafóricas.

Creus; Menuzzi (2004, 2005) afirmam que seres [+animado; +específico] sempre possuem gênero conceitual, pois o sexo do referente é conhecido. Desse modo, antecedentes [+animado; +específico; – gênero conceitual] não foram testados pelos autores. Entretanto, consoante a Soares; Miller; Hemforth (2020), que também associam gênero conceitual e animacidade, mas observam que, nem sempre é possível identificar o gênero conceitual de um antecedente [+animado] (como, por exemplo, em *a criança*), observa-se, nesta tese, que, em algumas frases, a retomada com o elemento nulo parece boa com antecedente [+animado; +específico; – gênero conceitual], como em: *A mãe amamentou o bebê_i com toda ternura e depois colocou Ø_i pra dormir no berço*, e não necessariamente quem fala sabe sempre o sexo do referente. Da mesma forma, é impossível determinar o gênero de alguns antecedentes [+animado], como animais (*a girafa, a cobra, a minhoca*).

Noutras vezes, apesar de o gênero natural não ser mesmo possível de identificar, ainda assim parece que uma atribuição é feita: *Deus* exemplifica uma entidade [+animado, +específico, -gênero conceitual] à qual, em geral associa-se a noção de masculino (*Ele, Todo-poderoso, Pai* etc.).

Da mesma forma, nem sempre o uso do pronome tônico está associado com antecedentes [+animado], como demonstra o exemplo: *Sabe o computador que eu comprei na Kalunga_i, ontem? Esqueci ele_i dentro do carro.*

Nesta tese, considera-se que o gênero conceitual seja um fator de especificidade, isto é, um fator que possibilita a caracterização do antecedente como menos ou mais específico. Um antecedente [+gênero conceitual] ([+animado]) seria mais especificado e, portanto, retomado com uma forma plena, mais referencial. Um antecedente [-gênero conceitual] seria menos especificado e, portanto, *mais intradiscursivo* (SOARES; MILLER; HEMFORTH, 2020) e mais saliente discursivamente, sendo passível de retomada com uma forma nula. Acredita-se, nesta tese, que a abordagem a respeito da especificidade de Soares; Miller; Hemforth (2020) possibilita alinhar a literatura linguística a respeito do ODA (CYRINO, 1994-2021; LOPES; QUADROS, 2005; LOPES; CYRINO, 2005; CYRINO, LOPES, 2016 dentre outros), os estudos em acessibilidade (ARIEL, 1991, 2004) e também as propostas e dados recentes a respeito da importância do gênero conceitual (AYRES, 2018; CASAGRANDE, 2006; CREUS; MENUZZI, 2004, 2005; PIVETTA, 2015; SOARES; MILLER; HEMFORT, 2020, VALVERDE-HÜBNER, 2012).

3.3 Dados experimentais

Nesta tese, é assumido que a forma da retomada anafórica, em princípio, seria uma exigência das condições de produção, que incluem, dentre outros fatores, os traços semânticos e discursivos, e que determinam o grau de acessibilidade de um antecedente na memória do falante e a necessidade (ou não) de recuperação de todos os seus traços na produção.

Estudos experimentais, como os de compreensão, de Leitão; Simões (2011), apontam a relevância da distância na acessibilidade de pronomes e nomes repetidos para o processamento da correferência pelo ouvinte, já que sentenças

com distâncias menores entre o antecedente e o elemento anafórico parecem ser processadas mais rapidamente do que aquelas com média e longa distância.

Também Leitão (2005b), por meio de teste de compreensão, usando a técnica de leitura automonitorada, investigou a eficiência de pronomes lexicais e de DPs (nomes repetidos, hiperônimos e hipônimos) no processamento do ODA, bem como se havia influência de paralelismo sintático em posição de não proeminente (objeto direto), isto é: se o ODA no PB correferiria preferencialmente a um elemento também não-proeminente, alinhando-se com os achados Chambers; Smyth (1998) no inglês e de Streb; Rösler; Hennighausen (1999) no alemão. Os testes foram feitos individualmente com 22 participantes (21 do sexo feminino), falantes nativos do PB, com idade média de 20 anos, alunos de graduação. Foram consideradas respostas que retomavam ora pronomes, ora DPs e considerados os tempos de leitura para cada tipo de retomada. Os resultados iniciais pareciam corroborar a Teoria da Centralização (TC), havendo penalidade do nome repetido (com a novidade de contemplar a função sintática de objetos, numa contribuição para a teoria), embora também corroborassem a Hipótese da Carga Informacional (HCI), pois as retomadas anafóricas pronominais foram processadas mais rapidamente do que aquelas com DPs repetidos, já que carregavam menos traços semânticos a serem processados. Para verificar qual das duas hipóteses seria mais geral e abrangente, Leitão conduziu novo teste de leitura automonitorada, com retomadas feitas por DPs mais gerais (hiperônimos, ex.: mobília) e DPs mais específicos (hipônimos, ex.: mesa), a fim de verificar a relação entre a forma da anáfora e sua eficiência. Participaram do teste 26 voluntários (17 do sexo feminino e 9 do masculino), falantes nativos de PB e graduandos, com idade média de 19 anos. Os resultados mostraram que a codificação referencial era estabelecida com o antecedente disponível, independentemente de ser um DP superordenado ou hipônimo, mas os DPs hipônimos pareceram ser mais difíceis de se interpretar, tendo mais respostas erradas e tempos de leituras maiores, provavelmente por possuírem mais traços semânticos, apoiando, assim, a hipótese da carga informacional, já que a TC não prevê nenhuma explicação para o processamento mais rápido de DPs mais gerais (com menos traços). Desse modo, os dados de Leitão (2005b) apontam que a TC: (i) não prevê efeitos significativos no processamento de objetos (os estudos dessa teoria se debruçam apenas sobre as retomadas em posição de sujeito); (ii) não

contempla processamentos distintos para diferentes tipos DPs, que por si só, já “violam o princípio do uso preferencial de pronomes para o estabelecimento da correferência” (LEITÃO, 2005b, p. 254). Por isso, Leitão adota a Hipótese da Carga Informacional como a mais geral, já que esta se baseia na diferença de traços semânticos a serem processados.

Mais recentemente, em novo experimento de leitura automonitorada, Leitão (2010) testou estruturas coordenadas a fim de investigar a interação entre fatores estruturais (antecedentes ora sujeitos, ora objetos) e semânticos (animacidade do antecedente) no processamento do ODA em PB: se teriam efeitos significativos, se competiriam, ou convergiriam. O teste media os tempos de leitura dos constituintes das frases experimentais, tendo como variável dependente o tempo de leitura de alguns segmentos críticos, e a hipótese era de que os tempos de leitura de retomadas de antecedentes animados em posição de objeto seriam menores do que os tempos de leitura de quaisquer outras condições, pois naquela convergiriam as atuações da animacidade e do paralelismo estrutural. Por meio do teste, também seria possível investigar isoladamente os dois fatores, comparando os tempos de leitura das retomadas de cada condição. O teste previa ainda um efeito de transitividade do verbo: retomadas após verbos bitransitivos seriam lidas mais rapidamente do que as retomadas após verbos transitivos, pois com verbos bitransitivos a grade argumental do verbo não seria satisfeita apenas com o pronome lexical objeto. Desse modo, a busca por um sintagma preposicionado continuaria, tornando a leitura do próximo segmento mais rápida. Participaram do teste 40 graduandos da UFRJ (27 do sexo feminino), com idade média de 20 anos. Os resultados do teste não mostraram efeito significativo de tipo de antecedente e de animacidade. Já a transitividade do teve um efeito marginal de significância, além de ter havido um efeito significativo na interação entre transitividade e posição sintática. Para Leitão, o efeito de transitividade do verbo sugere que, em conjunto com a posição não paralela do antecedente, a transitividade torna a leitura do pronome mais lenta, apoiando a hipótese de que o paralelismo sintático atua no processamento. Leitão salienta ainda que o menor tempo de leitura ocorre na condição em o que o antecedente é animado e está em posição de objeto, dando suporte à previsão de que fatores sintáticos e semânticos convergem no processamento do ODA com pronome lexical. Esses resultados corroboram a diferenciação entre relações primárias (sujeito/predicado, ou

núcleo/complemento), que seriam processadas mais rapidamente, por serem requeridas pelos itens lexicais; e secundárias (adjuntos), que seriam processadas mais lentamente, por serem opcionais, sugeridas pelo modelo de processamento sentencial *construal* (FRAZIER; CLIFTON, 1996). Sustentando o efeito de paralelismo sintático para a posição de objeto direto, os resultados de Leitão contrariam a predição de proeminência sintática da TC (que prevê uma retomada pronominal anafórica preferencialmente correferencial ao sujeito), assim como corroboram a hipótese de que o ODA está sujeito a restrições tanto sintáticas quanto semânticas.

Em experimento de produção que examinava eventos de transferência em fragmentos de história, Arnold (2001, 2010) verificou que os participantes tinham preferência por retomar com expressões reduzidas (pronomes) antecedentes mais altos na árvore (*sujeitos*, em detrimento de *objetos*) e com determinados papéis temáticos (*objetivo*, em detrimento de *fonte*). Kenedy; Mota (2012); Maia (1997); Ventura *et al* (2018), por meio de experimentos de compreensão, constataram que, no PB, a posição de tópico pode contribuir para a acessibilidade do antecedente, que se mostra mais saliente nessa posição, sendo retomado preferencialmente por uma forma nula, ainda que esteja distante da expressão que a retoma.

As evidências trazidas por esses estudos apontam que existem restrições discursivas e de processamento atuando na forma como é codificado o ODA. Na próxima seção, são discutidas essas possibilidades para o português.

3.4 Alternativas para codificação do ODA em PE e PB

Relacionando tudo o que foi mencionado até aqui às formas anafóricas de objeto direto possíveis no português (PE e PB), é viável caracterizá-las assim:

- (i) *clítico acusativo*: presente no PE e menos frequente no PB, é um conjunto de traços formais de gênero, número e pessoa, com pouca substância fônica, que recupera o antecedente por meio desse conjunto mínimo de traços, configurando uma forma aparentemente econômica (em termos de traços), mas custosa para o processamento (se em próclise), de acordo com Jakubovicz (2006/2018);

- (ii) *pronome tônico*: em posição acusativa, é específico do PB e agramatical em PE. Como o clítico, também carrega um conjunto de traços formais de gênero, número e pessoa, mas parece ser uma alternativa mais informativa àquele (praticamente ausente no *input* do PB a que a criança teria acesso), no sentido de que, tendo a forma de um *nominativo*, aponta para uma entidade que poderia ocupar o papel discursivo de agente (e, portanto, um elemento animado, altamente acessível, sendo também menos custoso para a produção do que o clítico acusativo (JAKUBOVICZ, 2006/2018));
- (iii) *elemento nulo*: presente em ambas as variedades, mas, possivelmente, com estatutos gramaticais diferentes. Parece comportar-se como uma variável ligada em PE, não havendo consenso sobre seu *status* gramatical em PB. Seu antecedente precisa estar bastante acessível para ser correferido corretamente;
- (iv) *DP pleno ou ramificado*: é a forma menos natural e pouco frequente, utilizada quando existe a necessidade de recuperação de todos os traços do antecedente, por questões de acessibilidade, delimitação de sequências discursivas, ou por algum fator intencional, como efeito estilístico.

Dentre essas possibilidades, a forma nula suscita discussão. Estando presente tanto no PB quanto no PE, consideram-se estatutos sintáticos diferentes para esta forma nas duas variedades. Alguns estudos parecem supor compatibilidade entre o elemento nulo do PB e o comportamento de uma variável ligada ao tópico, como acontece no PE (MAIA, 1997; VENTURA *et al*, 2018); enquanto outros trabalhos apontam restrições ao elemento nulo em PE que não parecem existir no PB, como os contextos de ilha sintática⁴.

No PM, Chomsky (1999) tratou das ilhas sintáticas por meio da formulação da *Minimal Link Condition* (MLC ou *Condição do Elo Mínimo*), de acordo com a qual o movimento deve ser *local*, isto é, feito em pequenas distâncias, ocupando potenciais nós vazios mais próximos, antes de continuarem a movimentar-se. As ilhas podem ser divididas em: *fracas*, das quais alguns elementos podem ser extraídos e outros, não (como as ilhas QU- e as factivas); e *fortes*, nas quais

⁴ As ilhas sintáticas (ROSS, 1967) são estruturas que impedem que seus argumentos sejam extraídos de sua posição de origem e movidos para a posição mais à esquerda na sentença, pois esse movimento resultaria em sentenças agramaticais.

nenhum tipo de extração é permitida (como as de sujeito sentencial, relativas, completivas nominais e de adjunto) (SZABOLCSI; LOHNDAL, 2007)⁵. Consideradas como ilhas fortes, nas quais o elemento nulo estaria restringido, as ilhas adverbiais causais foram usadas em diversos experimentos do PE (COSTA; LOBO, 2005, 2006, 2009, 2010, 2016, dentre outros) a fim de observar o comportamento das crianças portuguesas. Verificou-se que estas omitem clíticos até por volta dos seis anos de idade, em taxas consideráveis, o que Costa; Lobo (2005, 2006, 2009, 2010, 2016) atribuem a uma *sobregeneralização* do uso do elemento nulo, devido à complexidade do sistema pronominal da língua, ainda não plenamente adquirido pelas crianças, somada à possibilidade de elementos nulos⁶. No PB, uma vez que as crianças não precisam lidar com a complexidade da derivação dos clíticos, teriam um padrão de retomada anafórica de objeto próximo ao da gramática-alvo (LOPES, 2017).

As formas nulas *pro*, variável (*vbl*), *t* e PRO, como estão descritas na Teoria da Ligação, seriam caracterizadas em termos do estabelecimento de paralelos com os DP lexicais, graças à distribuição semelhante das suas propriedades: pronome lexicais e *pro* seriam ([-reflexivo/recíproco; +pronominal]), expressões-R e *vbl* seriam ([-reflexivo/recíproco; -pronominal]) e anáforas e *t* (*vestigio*) seriam ([+reflexivo/recíproco; -pronominal]). PRO teria propriedades incompatíveis com DPs lexicais, devendo ser, ao mesmo tempo [+reflexivo/recíproco; +pronominal].

⁵ Szabolcsi; Lohndal (2007) apontam dois fatores relevantes para definir se uma ilha sintática é forte ou fraca: se o verbo está conjugado (o que fortalece uma ilha) e se é possível extrair um PP inteiro ou apenas um DP, dessa ilha (cf. CINQUE, 1990). No caso das ilhas QU, como elas, às vezes, permitem extração de um PP inteiro, são consideradas ilhas fracas, enquanto as ilhas de adjunto, como só permitem, na melhor das hipóteses, extração de um DP e, mesmo assim, apenas quando os verbos estão em formas nominais (no inglês), são consideradas ilhas fortes. No primeiro experimento desta tese, nas condições que envolvem ilhas sintáticas, os verbos estão conjugados (o que fortalece a ilha). Acrescenta-se ainda a observação de que, para Postal (1994), ilhas fortes são ilhas que não contém CPs vazios (o que é o caso das adverbiais), mesmo que permitam extração de DPs. Por fim, confiou-se nas intuições linguísticas de Costa; Lobo (2005, 2006, 2009, 2010, 2016, dentre outros), que realizaram vários experimentos com ilhas adverbiais, considerando-as ilhas fortes.

⁶ Os resultados consideráveis nas taxas de nulos em ilhas sintáticas encontrados por Costa; Lobo, com crianças de até seis anos, podem ser graças ao uso de ilhas adverbiais, que às vezes permitem a extração de DPs (ou objetos nulos), com verbos nominais, e não a uma sobregeneralização do nulo, devida a uma demora da criança em assimilar a complexidade do sistema pronominal do PE. Contudo, seria necessário conhecer e talvez reproduzir e verificar os contextos de ilhas utilizados nas seções experimentais, pelos autores. Observa-se ainda que Raposo (1986), para afirmar que o objeto nulo do PE, sendo tomado como uma variável ligada a um tópico do discurso, não pode ocorrer em ilhas, usa exemplos de ilhas relativas como: **O rapaz que trouxe __ mesmo agora da padaria era o teu afilhado* e ilhas de sujeito, como: **Que a IBM venda __ a particulares surpreende-me* (RAPOSO, 1986, p. 382). Talvez pelo uso dessas ilhas, consideradas como fracas,

O *pro* é descrito pela TL como uma categoria vazia, que pode ser associada ao ODA nulo do PB. É um elemento sem matriz fonológica licenciado com papel temático e Caso, como qualquer DP, cujos traços são [+pronominal; -reflexivo/recíproco] (MIOTO *et al.*, 2007). Por exemplo, em: [*pro* Cantei na festa, ontem], o argumento externo do verbo é um *pro*, licenciado com caso *nominativo* e papel temático de *agente*.

Para Kenedy (2012), a hipótese mais simples para o estatuto sintático do ODA nulo no PB seria a de que esta corresponde a um *pro* com traços *phi*, em princípio, subespecificados, requerido pelo verbo, mas não licenciado por sua morfologia (desinência verbal, como acontece com o *pro* em posição de sujeito), e sim, via discurso (isto é, tão somente pela existência de um antecedente nominal no discurso, do qual possa ser interpretado como um elemento anafórico). Havendo a possibilidade de um pronome nulo na língua e a requisição de um argumento pelo verbo, o SCL seria capaz de processar seus traços de gênero e Caso (subespecificados) e de categoria (*pronome*), da mesma forma que a um pronome pleno. Guindaste (1988), Kato (2001), dentre outros, também consideram o *pro* a alternativa que melhor caracteriza o elemento nulo do PB.

Além das formas descritas na tipologia da TL, Cyrino (1994 - 2021) propõe que o ODA nulo no PB seja uma forma de elipse (de DP), já que, dentre outros fatores, permite ambiguidade de leituras (estrita e imprecisa), que dificultaria à forma nula ser equivalente a um *pro*, já que este deve compartilhar com sua contrapartida plena a característica de possuir sempre referência estrita⁷. A elipse de DP exigiria ainda paralelismo estrutural e traço inanimado do antecedente.

Na posição de sujeito, a desinência verbal já evidencia a presença do pronome nulo. Em posição de objeto direto, numa frase como [*Maria comprou os biscoitos e eu comi pro*], a lacuna que funciona como o argumento interno do verbo, possuindo papel temático de *tema* e caso *acusativo*, é compatível com *pro*, entretanto, também cumpre os requisitos para ser interpretado como uma elipse (de DP), evidenciada pelo paralelismo sintático e pelo traço inanimado do antecedente (*os biscoitos*).

o autor tenha, mais tarde, considerado seu julgamento de agramaticalidade das mesmas, demasiado *radical* (RAPOSO, 2004).

De um ponto de vista sintático, parece haver duas possibilidades principais, para interpretar a natureza linguística do elemento nulo no PB:

1. que seja um *pro*: que possui traços arbitrários, que deixam de ser arbitrários ao encontrar um vinculador ou indexador (KENEDY, 2012; GUINDASTE, 1988); que é uma forma *default*, não marcada (SCHWENTER; SILVA, 2003); que se realiza na terceira pessoa⁸; que é livre para retomar qualquer antecedente fora do seu domínio local;
2. ou que seja uma elipse de DP nos termos de Cyrino (1994-2021): que é a forma de retomada preferencial de antecedentes [-animado; +/- específico] ou [+animado; -específico]; que exige identidade sintática; que permite ambiguidade de leituras estrita e imprecisa.

Uma discussão a respeito das diversas possibilidades quanto à natureza sintática desse elemento no PB será conduzida no Capítulo 4 desta tese.

3.5 Sumarizando

O ato de referir é uma das principais operações cognitivas conduzidas por meio na linguagem e, para retomar um antecedente no discurso, o falante precisa, em frações de segundos, recuperar do léxico os traços necessários para computar uma expressão mais, ou menos explícita. Vários fatores entram na consideração do elemento anafórico, cabendo à psicolinguística evidenciar quais acarretam a a recuperação e a codificação dos antecedentes.

⁷ Não é, contudo, um consenso que pronomes plenos (e sua contrapartida nula) tenham sempre leitura estrita (RUDA, 2021).

⁸ Com o exemplo *Se você não gosta Ø, você não compra Ø*, GUINDASTE (1988, p. 94) contesta a hipótese de que a categoria vazia de objeto no PB seja uma variável, isto é: uma categoria que resulta de movimento e que é ligada a um operador nulo. Para a autora, seria impossível que o argumento interno de *comprar* se movesse para a posição de argumento interno de *gostar*. Sendo assim, não haveria razão empírica para assumir um operador nulo. Exemplo semelhante, um caso curioso é o do elemento nulo que aparece na seguinte frase, estampada em algumas camisetas carnavalescas: *Quem pegou Ø, gostou Ø, quem não pegou Ø, me chama no WhatsApp*. Aí, o nulo tem traço de primeira pessoa e a situação discursiva permite interpretar que o próprio usuário da camiseta é o referente da lacuna, gerando uma situação que poderia ser traduzida na frase: *Eu, quem [me] pegou, [me] gostou, quem não [me] pegou, me chama no WhatsApp*. Contudo, mesmo nesse caso, a situação ainda poderia ser interpretada como *[Esse exemplar [que usa a camiseta]], quem [o/ele] pegou, [o/ele] gostou, quem não [o/ele] pegou, me chama no WhatsApp*, trazendo novamente o *pro* com traço de terceira pessoa ao debate: um exopro. Além disso, o verbo *pegar*, nesse contexto, parece configurar uma expressão metafórica, idiomática.

Em termos das condições que parecem afetar a acessibilidade de um elemento na memória de trabalho, levando em conta as hipóteses de Ariel (1990, 2001), de Arnold (2010), Schwenter; Silva (2003) e Soares; Miller; Hemforth (2020), bem como alguns aspectos pertinentes às condições de acessibilidade na produção (narrativas eliciadas) trazidas em Corrêa (2002) e ainda todos os estudos mencionados ao longo deste capítulo, pode-se partir da conjectura de que antecedentes [+animado; +específico] estão, em geral, mais acessíveis na memória do falante e requerem sua retomada com pronomes plenos, enquanto os antecedentes [-animado] requerem sua retomada com elementos nulos, independentemente de especificidade.

A animacidade e o papel temático relacionam-se entre si, sendo possível inferir que a animacidade é mais frequente nos sujeitos do que nos objetos, algo que já está impresso na grade temática da maioria dos verbos. Desse modo, o sujeito, geralmente [+animado], recebe o papel temático de agente ou de experienciador, enquanto objetos, em geral possuindo traço [-animado], costumam receber os papéis de tema ou paciente (CABRAL; LEITÃO; KENEDY, 2015).

Um outro fator que, aqui, é considerado como passível de contribuir para a acessibilidade de um antecedente é o seu gênero conceitual (CREUS; MENUZZI, 2005): conhecer o gênero conceitual do antecedente pode aumentar a especificidade do antecedente, deixando-o mais acessível na memória de trabalho e, portanto, mais propício a ser retomado por uma forma nula.

Assumindo-se que o falante que vai codificar a continuação do seu discurso a partir de um antecedente só fará essa codificação se for muito relevante mencioná-lo, pode-se apontar também para uma boa relação semântica entre o verbo e seus complementos como um fator que contribui para a acessibilidade de um item. O falante, ao conceber a mensagem, talvez marque e mencione apenas o que é relevante no seu discurso (SPERBER; WILSON, 2004), de maneira que o ato de codificar novamente (ou não) todos os traços do antecedente na forma linguística, parece se relacionar com as condições do falante no momento da enunciação do discurso. *Estar acessível* parece ser a condição discursiva que permite a um antecedente ser retomado por uma forma explícita ou uma lacuna.

O paralelismo estrutural e semântico pode ainda favorecer a acessibilidade de um antecedente na mente do falante, tornando a sua retomada menos custosa

para a produção. Quando são necessários os traços *phi* – em geral, mais relevantes para antecedentes animados, por conta do gênero –, então uma forma pronominal plena pode ser usada. Se mais informação for necessária, um DP pleno pode ser usado – note-se que essa forma acarreta um processamento mais custoso caso apareça num contexto em que não seria necessário explicitar todos os traços do antecedente (ALMOR, 1999; LEITÃO, 2005b). O que for altamente saliente no discurso poderá ser omitido. Nesses termos, o elemento nulo seria uma lacuna restringida por condições de produção (economia, saliência discursiva etc.).

Diante da relevância assumida pelo recurso do elemento nulo no PB, o capítulo seguinte detalhará a literatura linguística a seu respeito.

4 Natureza gramatical do objeto nulo

O estatuto gramatical do elemento nulo no PB não é algo consensual, suscitando uma extensa discussão na literatura linguística, a qual o presente capítulo pretende detalhar.

Considerando-se as possibilidades mais ou menos frequentes de codificação do ODA que o português apresenta, a literatura informa que o elemento nulo possui algumas particularidades específicas em cada uma das suas variedades. No PE, costuma-se descrever a forma nula como uma variável ligada a um tópico nulo, o que explicaria sua restrição em contextos de ilhas sintáticas, algo consensual a partir de Raposo (1986). No PB, existe controvérsia: o elemento nulo é considerado ora um *pro* (GALVES, 2001; KATO, 1993, 2001), ora uma variável ligada a um tópico nulo em posição A-barras (HUANG, 1984, tratando do chinês, mas estendendo a análise para todas as línguas, inclusive o PB; RAPOSO, 1986, a respeito do PE, mas estendendo sua análise ao PB; VENTURA *et al*, 2018), ora um epíteto nulo (HUANG, 1991, sobre o chinês, mas estendendo a análise para todas as línguas), ora uma categoria mista (RAPOSO, 2004, para o PB e o PE), ou ainda uma elipse de DP (CYRINO, 1994 em diante; CYRINO; LOPES, 2016; e, com algumas modificações, SILVA, 2009).

Do ponto de vista da literatura linguística gerativista, as relações de correferência sentencial são descritas na pela *Teoria da Ligação*, que trata da correferência em termos das restrições expressas pelas seguintes condições ou princípios:

- A. Uma anáfora tem de ser ligada num domínio¹ local.
- B. Um pronome tem de ser livre num domínio local.
- C. Uma expressão-R tem de ser livre (CHOMSKY, 1999, p. 153).

¹ De acordo com Chomsky (1999, p. 150): “o domínio de c-comando de um elemento é o constituinte mínimo que contém esse elemento”. Na representação arbórea, em que cada constituinte corresponde a um sintagma e é representado por um nó pertencente a uma categoria, um nó A c-comanda um nó B se: (i) A não domina B e B não domina A e se (ii) o primeiro nó ramificado que domina A domina igualmente B. Por exemplo, na frase [[A Sophie]_{SN} [dormiu]_{SV}]_F, o SN c-comanda o SV, pois esses dois sintagmas são irmãos e F os domina igualmente (REINHART, 1976).

O Princípio B restringiria² o comportamento dos pronominais plenos e nulos: um pronome (clítico, tônico ou *pro*) só pode retomar outro elemento diferente do sujeito da oração que o contém, localizado na sentença complexa ou no discurso. Contudo, uma explicação quanto ao que motiva o uso desse elemento pronominal não está no escopo da teoria linguística: enquanto o Princípio A trata de uma relação local entre um antecedente e um elemento, o Princípio B trata de um elemento anafórico recuperado a partir de fatores que não estão circunscritos à estrutura da sentença, mas que são de ordem semântica ou pertinentes ao discurso, e que facilita a codificação da correferência, pelo falante, e a recuperação do antecedente, pelo ouvinte.

Dentre os fatores motivadores da seleção de uma ou outra forma anafórica, estaria o condicionamento semântico, apontado como relevante tanto pela literatura psicolinguística, quanto linguística. Os estudos de Cyrino (1994-2020), Duarte (1989), Leitão (2005a, 2005b), Sainzmaza-Lecanda; Schwenter (2017), Schwenter (2006), Schwenter; Silva (2002, 2003), dentre outros, como visto, sugerem que os traços de *animacidade* (traço lexical semântico) e de *especificidade* (codificação linguística de uma informação de natureza intencional, um traço discursivo) são os traços que levam os objetos anafóricos a serem realizados como *nulos*, quando retomam antecedentes [-animados; ±específicos] e [+animados; -específicos], e a serem *explícitos*, por meio de pronome tônico, quando retomam antecedentes [+animados; +específicos]. O objeto direto anafórico nulo do PB é notadamente mais bem aceito retomando antecedentes com traço [-animado] (CYRINO, 1994-2019; SCHWENTER; SILVA, 2002; 2003), que talvez seja o traço que caracteriza a sua forma *default* nessa variedade, como apontam Schwenter; Silva (2002, 2003). Se o elemento nulo for tomado como a forma *default*, não-marcada, para antecedentes [-animado], então os pronomes tônicos, que possuem mais informação, com os traços *phi* explícitos, fixariam o valor marcado no PB, quando os antecedentes são [+animado]. Estudos como o de análise de *corpus* de Silva; Paim (2017) afirmam, entretanto, que o uso do elemento nulo em PB é irrestrito e independente de animacidade.

² Chomsky (1999, p. 150) afirma que um pronominal “não pode tomar como antecedente um elemento do seu domínio (de c-comando)”. Apenas os reflexivos ou recíprocos podem correferir ao sujeito (obedecendo ao Princípio A, de acordo com o qual “uma anáfora tem de ser ligada num domínio local”).

Além da animacidade, a especificidade, o gênero conceitual e o papel temático do antecedente também são apontados como fatores que afetam a codificação da referência por uma forma explícita ou nula.

Creus e Menuzzi (2004) propõem que o *gênero semântico* (aqui chamado de *conceitual*) do antecedente, isto é, a possibilidade de o sexo do antecedente ser ou não identificável pelo falante, também restringiria a seleção da forma anafórica: com antecedentes inanimados (que não possuem sexo) e com antecedentes animados cujo gênero conceitual não seja identificável, o preenchimento do objeto direto anafórico seria com a forma nula. Com antecedentes cujo sexo seja identificável, o pronome tônico seria a forma favorecida. Essa hipótese considera que o gênero conceitual (intrinsecamente ligado à animacidade, pois só existe nos antecedentes animados) é um aspecto mais relevante do que a especificidade, a ser considerado na seleção da forma anafórica.

Os papéis temáticos também se relacionariam com a animacidade (e com a função sintática), influenciando na codificação da referência. Antecedentes inanimados quase sempre ocupam a função sintática de objeto e recebem o papel temático de *tema*, enquanto antecedentes animados costumam ocupar a posição de sujeito e ter papel temático de *agente* (CABRAL; LEITÃO; KENEDY, 2015). De acordo com o estudo variacionista de Silva (2009), o paralelismo da posição sintática e do papel temático entre antecedente e retomada seriam os fatores decisivos para a codificação de uma forma nula: sempre que um antecedente possuísse o papel temático idêntico ao do objeto direto que o retoma, essa retomada seria nula. Em princípio, o paralelismo sintático parece requerer que o antecedente seja um objeto direto. Entretanto, na abordagem de Silva (2009), caso o antecedente mantenha seu papel temático, será possível assegurar o paralelismo temático. Desse modo, mesmo sujeitos poderiam ser retomados por elementos nulos, uma vez que sejam sujeitos derivados³, isto é, gerados como argumentos internos, com o papel temático de *tema*, e depois movidos para a posição de especificador. Não haveria, nessa abordagem, nenhum tipo de restrição de animacidade. Para Cyrino; Lopes (2016), a possibilidade de um sujeito derivado ser retomado por um elemento nulo, em termos de uma elipse de DP, existe, mas é

³Em termos simples, sujeitos gerados como argumentos internos do verbo que, na derivação, moveram-se para a posição de sujeito para checar Caso nominativo (SILVA, 2009).

restringida por animacidade: esse antecedente sujeito derivado precisaria ser [-animado].

A posição sintática do antecedente é outro possível fator a interferir na sua acessibilidade e a influenciar na forma da retomada, pois a posição sintática codifica a relevância de um elemento: quanto mais alto na árvore, ocupando a posição de tópico ou de sujeito, maior é a sua relevância, aumentando a probabilidade de que se mantenha acessível na memória do falante e de que seja retomado por uma forma menos especificada (ARNOLD, 2010)⁴. É o que demonstram, por exemplo, os dados experimentais de Maia (1997) e Ventura *et al* (2018), que apontam elementos nulos tendendo a recuperar tópicos sentenciais, e os de Perelmuter (2020), que apontam que o sujeito é o antecedente mais acessível para um pronominal objeto na sentença complexa.

A acessibilidade de um antecedente na mente do falante poderia ter a ver ainda com o paralelismo estrutural e semântico entre o antecedente e a forma da retomada: o paralelismo tornaria esse elemento antecedente mais acessível, possibilitando que a retomada anafórica seja foneticamente nula e, assim, menos custosa para a produção (LEITÃO, 2005b). O estudo de Leitão (2005b) não se compromete com um estatuto sintático para o elemento nulo, entretanto, a caracterização dessa forma anafórica como uma elipse, parece também exigir que haja paralelismo sintático (CYRINO, 1994-2021) e ausência de custo de processamento (FRAZIER; CLIFTON, 2005), apontando para um antecedente cuja estrutura está acessível. A partir de reflexões sobre o modelo de produção assumido, tem-se que a elipse ocorreria quando a estrutura do DP antecedente, ainda disponível na memória de trabalho do falante, fosse inteiramente recuperada na retomada, embora sem uma forma fonética, equivalendo ao processo de *reconstrução em FL* apontado pela teoria linguística (CYRINO, 1994-2021). Não contando com uma nova derivação no DP anafórico, a elipse não teria custo computacional adicional.

Caso apenas os traços semânticos do antecedente sejam recuperados, esse pronome (tônico, clítico acusativo, possivelmente a ser definido em função de

⁴ As questões de acessibilidade, como em Arnold (2010), ocupam-se de um ponto de vista mais geral ou a respeito do sujeito, havendo pouca literatura a respeito da produção tratando do objeto direto.

fatores pragmático-sociais, ou *pro*) corresponderia à codificação de um *bundle* de traços, mas sem a exigência de paralelismo sintático.

Desse modo, existem restrições e condições relativas a como o falante faz a codificação anafórica, em função das condições de acessibilidade de um elemento no sistema cognitivo, mas também das restrições próprias da gramática da sua língua, as quais serão o foco das próximas seções.

4.1 Restrição em ilhas

Huang, (1985, 1991) foi o primeiro a questionar o estatuto pronominal do argumento nulo, a partir de dados empíricos do chinês, observando que o elemento nulo não poderia ser uma categoria pronominal, porque não atenderia, simultaneamente, a dois princípios da GU: o *Disjoint Reference* (DJR, correspondente ao Princípio B da TL), que afirma que um pronome deve ser livre em seu domínio de vinculação; e o *Generalized Control Rule* (GCR), segundo o qual um elemento pronominal vazio (*pro* ou PRO) pode ser licenciado em qualquer posição, mas deve coindexado ao elemento nominal mais próximo. Caso o elemento nominal mais próximo fora do domínio local seja uma posição argumental⁵, o uso do elemento nulo acarretaria uma sentença agramatical, como: **Sophie_i disse que Augusto viu Ø_i*, mas o uso do pronome pleno, não: *Sophie_i disse que Augusto viu ela_i*.

Assim, para Huang, o objeto nulo jamais poderia ser um pronominal, pois, enquanto um pronominal, como o *pronome tônico*, pode ser coindexado tanto ao sujeito da sentença matriz, como recuperado discursivamente, o elemento nulo precisa tomar como antecedente um elemento que esteja fora do seu domínio de vinculação, no nível discursivo, para que a sentença seja gramatical – atendendo ao Princípio B da Teoria da Ligação, mas não ao GCR. Desse modo, um objeto nulo seria uma variável, resultado de movimento de um termo para uma posição não-argumental (de não-caso) durante a derivação e não ligada a nenhum elemento que a c-comande⁶, mas a um tópico A-barrado nulo.

⁵ Curiosamente, Grolla; Bertolino (2011, 2012) encontraram evidências de que, no dialeto mineiro, o pronome tônico, além da leitura livre, também pode ter leitura ligada localmente, não sendo restringida pelo princípio B da Teoria de Ligação, tornando, assim, possível uma coindexação como em: *O João_i tem vergonha dele_i*, que não fere o GCR.

⁶ “Uma expressão-R tem de ser livre” (CHOMSKY, 1999, p. 153).

Uma vez que a variável envolve movimento sintático, não poderia ocorrer em qualquer contexto, mas apenas naqueles em que não houvesse restrições ao movimento. Essa restrição parece acontecer no PE, no qual os elementos nulos ocorrem em sentenças simples, mas não são plenamente aceitos em contextos conhecidos como *ilhas sintáticas* (que são barreiras para o movimento de seus constituintes), como por exemplo, uma oração relativa ou completiva nominal. Graças a essa restrição, costuma-se descrever o elemento nulo do PE como uma variável ligada a um tópico nulo desde os estudos de Raposo (1986), embora outras hipóteses tenham sido formuladas, inclusive pelo próprio Raposo (2004), que passou a analisá-lo (e ao nulo do PB) como uma categoria mista. Existe a hipótese de que, ao menos nos anos iniciais da aquisição, esse elemento nulo seja a realização de um *pro* (COSTA; LOBO, 2008), bem como estudos de fala espontânea sugerindo que o contexto de ilhas sintáticas não seja tão categórico quanto se pensava na restrição ao elemento nulo (RINKE; FLORES; BARBOSA, 2017).

Os estudos de Galves (1989) e Farrell (1990) apontam que o elemento nulo no PB não é sensível a contextos de ilha, o que leva ambos a proporem o tratamento desse elemento nulo em termos de um *pro* (GALVES, 1989; CYRINO, 1994). Entretanto, trabalhos psicolinguísticos sugerem que algumas restrições existem, como o trabalho pioneiro na investigação da orientação dos elementos anafóricos nulos e explícitos para tópicos ou sujeitos, em PB, de Maia (1997). Por meio de experimento de *priming*, o autor observou-se que a leitura de um pronome disparava a busca por um antecedente dentro da sentença, o sujeito, enquanto as retomadas nulas procuravam seus antecedentes fora dela, em posição A-barra. Uma das interessantes considerações trazidas pelo trabalho de Maia é a constatação de que a posição do tópico frásico contribui para a sua acessibilidade: uma entidade se mostraria mais saliente ocupando essa posição, tendendo a ser retomada por uma a forma nula – ainda que o antecedente esteja distante da retomada.

Outro trabalho experimental de compreensão chegou a resultados semelhantes: Kenedy; Mota (2012) observaram a orientação das retomadas pronominais e nulas para o tópico ou sujeito. Seu experimento apresentava aos participantes sentenças anafóricas alternadamente pronominais e nulas, associadas a um antecedente ora sujeito, ora tópico; sempre [+humano] e 3ª pessoa do

singular; e para os quais os participantes deveriam emitir julgamentos de aceitabilidade. Os resultados evidenciaram que a retomada de tópicos com elementos anafóricos nulos teve alta aceitação, enquanto o percentual para a retomada de sujeitos com nulos foi baixo. Em contraste, pronomes plenos tiveram mais aceitação retomando sujeitos, do que tópicos.

Maia *et al* (2016), a fim de verificar o contraste entre um processamento que considera primeiramente informações sintáticas (Teoria do *Garden-Path*) e um processamento incremental (modelos de satisfação de condições), investigou efeitos de preenchimento de lacuna em contextos de ilhas e não-ilhas sintáticas, em contextos plausíveis e não-plausíveis, após as quais era feita uma pergunta interpretativa com resposta *sim vs. não*, em experimento de compreensão utilizando rastreamento ocular. Os autores concluíram que o processador sintático detecta rapidamente o contexto de ilhas, não incorrendo em *efeito da lacuna preenchida* (ELP)⁷ nessas situações, enquanto nas condições não-ilhas, os tempos médios de fixação e revisitações nas áreas críticas foram substancialmente maiores. Isto é: não eram esperadas lacunas (elementos nulos) em contextos de ilhas.

O trabalho experimental de compreensão de Ventura *et al* (2018) chegou a resultados complementares. Também usando rastreamento ocular, os autores testaram estruturas ilha e não-ilha, com as posições de objeto direto e A-barras ora preenchidas, ora nulas, após as quais era feita uma pergunta interpretativa com resposta *sim vs. não*. Os resultados obtidos mostraram que os participantes levaram mais tempo para ler inteiramente as frases ilhas, se as retomadas eram nulas, evidenciando o estranhamento da lacuna e sugerindo haver restrição aos elementos nulos em ilhas (mesmo as que retomavam tópicos, como em *O aluno_i, o diretor aceitou a acusação de que o professor reprovou Ø_i ontem*). Em contraste, nas retomadas com pronomes, a leitura inteira das frases ilhas foi facilitada, corroborando os achados de Maia *et al* (2016).

Ao observar apenas os tempos de leitura do SN tópico, os resultados apontaram que, independentemente do contexto sintático, as lacunas tiveram menos releituras para o tópico do que os pronomes. Ou seja: os participantes

⁷ ELP: quando aparece um elemento QU na frase, espera-se que haja uma lacuna (ex.: *Que livro você acha que o professor comprou ___ e leu antes da prova?*). Quando a expectativa da lacuna

voltaram mais ao antecedente tópico quando a retomada era feita por um pronome, evidenciando que o *parser* se surpreende ao encontrar um pronome retomando um tópico, pois a tendência no processamento de estruturas topicalizadas seria a de que as partes mais proeminentes da sentença fossem retomadas por elementos nulos, uma vez que estão mais acessíveis. Para os autores, portanto, a retomada de um tópico por um elemento nulo seria derivada de movimento sintático do elemento topicalizado, ressaltando ainda que, mesmo que o tópico favoreça as retomadas com o elemento nulo, na condição de ilha, esse elemento nulo gerou estranhamento. Assim, é tomado como um “vestígio de movimento A’”, graças a alta sensibilidade ao contexto de ilha (VENTURA *et al*, 2018, p. 125), divergindo do estatuto de uma categoria vazia ou de um pronome nulo.

Os dados obtidos nesses experimentos compatibilizam o elemento nulo com a retomada de um antecedente em posição não argumental, que sofre restrições em ilhas. Assumindo-se que essa lacuna retoma o tópico, pode-se dizer que seja uma *variável ligada*, sob a determinação de que a interpretação do valor da lacuna (cópia de um constituinte criada pelo movimento desse constituinte da sua posição de base para uma posição A’) está vinculado ao valor do tópico – uma vez que se trata de uma cópia (HEIM; KRATZER, 1998). Em termos sintáticos, a interpretação veiculada pelos autores parece sugerir a interpretação dessa lacuna como o equivalente a um *deslocamento à esquerda* (DE/LD): gerada pelo movimento de um elemento da posição de s-seleção interna a VP para a periferia à esquerda da sentença, deixando uma cópia à qual correferre, no seu lugar de base. “Forma-se assim uma cadeia por movimento-A’, análoga ao que se assume para estruturas com foco, que garante a interpretação temática do elemento na periferia esquerda” (VENTURA *et al*, 2018, p. 112, 113).

As lacunas nas sentenças testadas nos experimentos de Ventura *et al* (2018), Kenedy; Mota (2012) e de Maia (1997) não parecem ter as características observadas por Cyrino (1994-2021) para o ODA nulo típico do PB, pois, de acordo com Cyrino, o ON do PB seria restringido por animacidade e as lacunas do experimentos citados retomavam antecedentes tópicos [+animado], além de [+específico], sugerindo que se tratavam de DEs (*Deslocamento à*

vazia é frustrada e o local da lacuna está preenchido, sendo necessário seguir na frase até a próxima possível lacuna, tem-se o *efeito da lacuna preenchida*.

Esquerda/LD/Left dislocation). É relevante dizer que, tanto Maia (1997), quanto Ventura *et al* (2018) afirmam não fazerem diferenciação entre tópicos e DEs nas sentenças usadas.

De acordo com Cyrino (2018; 2019), nas DEs, um elemento é movido para a periferia à esquerda da sentença, deixando uma cópia em seu lugar⁸. A lacunas que retomam antecedentes [\pm animado] são permitidas de acordo com o tipo de tópico antecedente, que se relaciona com seu papel discursivo. Dois tipos de tópicos importariam para o PB: os *familiar topics* e os *shifting* ou *aboutness topics*⁹.

Um *familiar topic* é um tópico do discurso continuado na conversa. Trata-se de um falso objeto nulo: uma cópia inaudível do VP inteiro que se moveu para a periferia esquerda (movimento remanescente de elipse de VP – e a elipse de VP não sofre restrições de animacidade).

- (5) A: Hoje eu levei a Maria no médico. // B: A Maria, ela sempre reclama quando eu levo Ø/ela no médico. (CYRINO, 2019, p. 3494).
- (6) A: O Ivo trouxe o livro para a escola. // B: O livro, o Ivo sempre deixa Ø/ele no armário. (CYRINO, 2019, p. 3494).

Já os *shifting topics* referem-se aos tópicos discursivos recentes (recém-introduzidos, recém-alterados ou recém-retomados), indicando uma mudança na conversa. Estes seriam sempre combinados (*merged*) diretamente na periferia esquerda, no especificador do *shifting topic phrase* (ShiftP), podendo ser resumidos por pronomes (CLLD/LD) ou elididos pelo verbo em *InnAspect*, se o antecedente for [-animado], pois nesse caso, o argumento interno permanece *in*

⁸ Os *familiar topics*, conforme a sua retomada por uma lacuna (falso objeto nulo) ou por um pronome pleno seriam produtos: (i) do movimento do DP para o especificador do Sintagma Tópico Familiar (FamP). Isto é, seria possível ter uma lacuna que se parece com um objeto nulo retomando um antecedente [+animado], mas que é, na verdade, uma cópia inaudível do VP inteiro que se moveu para a periferia esquerda, um movimento remanescente de elipse de VP (cf. KATO, 2001); (ii) da combinação (*merge*) do tópico diretamente no Sintagma Tópico Familiar (FamP), acrescida de pronome resumptivo (*left dislocation*; LD), na posição de objeto.

⁹ De acordo com a autora: “Tópicos familiares são tópicos que se referem a certos constituintes ligados ao discurso, geralmente usados como tópico de continuidade em uma conversa. Tópicos *aboutness* se referem a tópicos novos ou recentemente mudados ou retomados no discurso. Esse tipo de tópico assinala uma mudança na conversa (Frascarelli e Hinterhölz 2007) e são também chamados *shift topics*, ‘tópicos de mudança’. [...] Cyrino [...] propõe que, no caso de tópicos *aboutness*, o objeto nulo (elipse de DP) é possível, pois, o tópico inanimado tem traços não especificados para [pessoa]. Assim, o DP permanece *in situ*, e a elipse é licenciada pelo verbo que se moveu para *InnAsp*. Porém, o tópico animado somente pode ser retomado por um pronome de 3ª pessoa, que, tendo traços especificados para pessoa (isto é, tem o traço [-pessoa] [...]), se move para fora de VP” (CYRINO, 2020, p. 400, 403).

*situ*¹⁰ (sendo um objeto nulo genuíno). Se o antecedente for [+animado], o objeto nulo é restringido:

- (7) A: Hoje eu trouxe o material completo na escola. // B: O *tablet*, a professora sempre reclama quando eu levo \emptyset /*ele* na escola.
 (8) A: Hoje eu trouxe as garotas na festa. // B: *A Lia*, o Ivo sempre reclama quando eu levo \emptyset /*ela* na festa. (CYRINO, 2019, p. 3496).

O PB, assim, permitiria uma lacuna, que não seria um objeto nulo genuíno (logo, sem restrições de animacidade), em tópicos familiares e permitiria também elementos nulos legítimos (portanto, apenas com antecedentes inanimados) em *shifting topics*.

Ainda sobre este ponto, pode ser interessante dizer que tópicos e elementos nulos guardam certas similaridades no PE, no qual ambos são considerados variáveis A': as estruturas que permitem ou excluem elementos nulos, também permitem ou excluem tópicos e vice-versa, como os contextos de ilha (DUARTE, 1987, 2003; SILVA, 2012). No PE, o tópico pode ocorrer tanto com antecedentes específicos quanto com inespecíficos (*Revistas, leio \emptyset frequentemente/ Essas revistas, leio \emptyset frequentemente*). Já as estruturas com DEC não possuem movimento sintático e só ocorrem com antecedentes específicos (**Revistas, leio-as frequentemente/Essas revistas, leio-as frequentemente*). As sentenças testadas por Maia (1997), Kenedy; Mota (2012) e Ventura *et al* (2018) continham apenas antecedentes específicos e definidos, como *A moradora_i¹¹ disse agora mesmo na entrevista à televisão que os bombeiros já estão ajudando ela/ \emptyset _i; Aquela secretária de vermelho_i disse que o diretor demitiu \emptyset _i e O amigo do João_i, Pedro*

¹⁰ Se o antecedente do objeto é [+animado], então o argumento precisa se mover para fora do VP e a forma nula é restringida na sua retomada, enquanto se o antecedente do objeto é [-animado], o argumento permanece *in situ* e é licenciado como elipse pelo verbo. De acordo com Cyrino (2018, 2019), a animacidade é um traço que se reflete na sintaxe: as formas anafóricas de DPs plenos animados e inanimados seriam licenciadas em posições diferentes. DPs plenos inanimados permanecem *in situ*, onde foram gerados, pois não carregam traço F (3ª pessoa inanimados são *personless*) e são *phi*-incompletos, podendo receber Caso acusativo do verbo transitivo (pois verbos transitivos diretos também são *phi*-incompletos, e verbos transitivos diretos, *phi*-incompletos, só podem atribuir caso a argumentos internos que sejam igualmente incompletos). Permanecendo *in situ*, são c-comandados pelo verbo e licenciados por ele como elipses (os objetos nulos genuínos) em *AspInn*, para onde o verbo se move para receber aspecto. Os argumentos que retomam DPs plenos animados carregam traço F [+/-pessoa] e são *phi*-completos (definitude, gênero e pessoa = [+pessoa]: 1ª, 2ª e [-pessoa]: 3ª animados) movendo-se para fora do VP para receberem caso na categoria funcional F [pessoa], abaixo de VP e acima de *AspInn*. Assim, não são c-comandados pelo verbo e não podem ser licenciados como elipses desse verbo. Desse modo, o objeto nulo genuíno seria restringido como forma de retomada anafórica de antecedentes animados (CYRINO, 2018, 2019).

sabe que a professora protege \emptyset_i (VENTURA *et al*, 2018, p. 115), o que talvez corrobore que se tratem de DEs – no entanto, restaria saber se as mesmas restrições de especificidade que ocorrem no PE (cf. SILVA, 2012) se aplicariam ao PB.

Nesta tese, considera-se importante salientar que a posição de tópico do antecedente, sendo uma posição altamente acessível, talvez seja o que determina a possibilidade de retomada por uma forma mais econômica, pois afinal, já é o “assunto principal” na situação de fala. A posição A-barra, assim, seria preferencial na busca pelo antecedente de uma forma nula, como um reflexo das condições discursivas de acessibilidade, por ser a posição estrutural mais proeminente. Ventura *et al* afirmam que o *parser* busca o antecedente na sentença e, quando não o encontra, busca-o em uma posição não argumental, sendo a posição gramatical mais proeminente a melhor candidata, o que talvez aponte uma motivação discursiva para o elemento nulo.

4.2 Expressão-R nula

Huang (1991) propôs que o objeto nulo no chinês (e também em todas as línguas) fosse um tipo de expressão-R nula: um epíteto nulo, que seria livre, obedecendo ao *Princípio C* da TL.

Ele partiu da proposta de Lasnik (1991 apud HUANG, 1991), que atribuiu três propriedades aos epítetos: (i) não devem estar ligados a um elemento em posição A; (ii) *podem* estar ligados a um elemento em posição A-barra; (iii) mas não *precisam* estar ligados a um elemento em posição A-barra e, uma vez que variáveis apresentam a primeira e a segunda propriedades, mas não a terceira, pois elas *precisam estar ligadas em uma posição A-barra*. Uma vez que os elementos nulos em chinês apresentam as três propriedades descritas por Lasnik para os epítetos, Huang passou a considerar que o objeto nulo seria um uma expressão-R (epíteto nulo).

No PB, Kato (1991) adotou o epíteto nulo como proposta interpretativa para o objeto nulo dêitico (ou *exopro*), isto é, aquele que pode ser recuperado da situação pragmática. Esse objeto nulo dêitico seria mais restrito do que o pronome

11 Observa-se ainda que, nesse exemplo, não necessariamente é possível afirmar que os

pleno dêitico, ocorrendo sempre em sentenças matrizes e mais frequentemente com verbos imperativos, referenciaria a 3ª pessoa [-animado] e corresponderia ao *it* ou *this* do inglês (como em *Pega Ø pra mim?*). Por tudo isso, seria diferente também do objeto nulo que tem antecedente discursivo.

Cyrino (1994), entretanto, aponta que, embora o objeto nulo do português se assemelhe ao do chinês, os objetos nulos do PB e os epítetos não compartilham das mesmas propriedades referenciais: enquanto o epíteto só permite leitura estrita, o objeto nulo do PB permite leitura estrita e imprecisa (*João usa [seu computador]_i todos os dias, e Pedro usa Ø_{ij} uma vez por semana*. CYRINO, 1994, p. 65), não podendo ser interpretado como uma expressão-R.

4.3 Categoria mista

Raposo (2004) reviu sua proposta do objeto nulo como variável, afirmando que seu julgamento quanto à agramaticalidade de elementos nulos em ilhas fora excessivamente radical. A possibilidade de o elemento nulo ocorrer em ilhas e a possibilidade de CLLD ou topicalização como variantes, para ele, reforçaram um caráter pronominal do elemento nulo, levando-o a propor fosse uma categoria mista no português (PB e PE), ao mesmo tempo *pro* e *variável*.

Raposo partiu da proposta de Kato (1996), de que a queda do clítico de 3ª pessoa levou ao preenchimento do objeto com pronome tônico, no PB e que essas construções resultariam de uma estrutura invisível de duplicação clítica sem preposição, na qual, uma vez que o clítico é nulo, ouve-se o pronome pleno: “Pode-se dizer que, no caso dessa duplicação clítica, o D seleciona um DP, cuja realização é *ele*. Outra possibilidade é gerar *ele* como o especificador de D” (RAPOSO; KATO, 2001, p. 674). O objeto nulo seria, assim, um determinante definido nulo, que poderia ou não ser duplicado por um pronome tônico; um DP com o D nulo e cujo complemento é um *pro*, que sofreria movimento para *F*¹² para ter seus traços identificados por um antecedente (pois o D, sendo nulo, não poderia identificar *pro* e atribuir-lhe traços, forçando esse elemento a se mover para a categoria *F*, responsável pela relação entre o *pro* e o seu antecedente

participantes estão retomando o antecedente *a moradora*.

¹² F (Force) seria uma categoria resultante do desdobramento de C e que diria respeito à *força ilocucionária* (KATO; RAPOSO, 2001, p.11).

linguístico ou discursivo) (RAPOSO; KATO, 2001).

Para explicar sua proposta, o autor partiu de três premissas principais: (i) clíticos e artigos definidos nulos (que nomes nus e genéricos possuiriam) são a mesma categoria, alternada entre expressa e nula; (ii) o objeto nulo do português seria um clítico nulo analisado como um artigo definido, do qual o complemento N é nulo; e (iii) DEC e topicalização seriam um único fenômeno, em que o clítico resumptivo pode ser fonológico (gerando *Deslocamento à Esquerda/DE*) e ou nulo (gerando topicalização) (RAPOSO; KATO, 2001).

Mais tarde, Kato (2011), apesar de concordar com Raposo (2004; RAPOSO; KATO, 2001; KATO; RAPOSO, 2005) a respeito de que nomes nus genéricos têm um artigo definido nulo e que o clítico e o artigo definido são a mesma categoria, com N nulo ou pleno, diverge dele quanto à uniformidade do PE e do PB coloquial.

Um ponto de divergência é que o elemento nulo pode retomar um antecedente A' nas duas variedades, mas apenas o PB aceita a coindexação de um elemento nulo de uma sentença subordinada complemento com o antecedente sujeito da sentença matriz (e mesmo assim, apenas com traço [-humano]) (KATO, 2011):

- (9) a. *O José_i sabe que a Maria gostaria de conhecer Ø_i. melhor
 b. Esse prato_i exige que o cozinheiro acabe de preparar Ø_i na mesa. (KATO, 2011, p. 16)

Outra diferença entre as duas variedades do português, para a autora, é quanto ao pronome em posição de objeto direto: no PE, usa-se o clítico, que exige movimento (no caso do nulo, uma *variável*, o que explicaria a variação de intuições a respeito do nulo em contexto de ilha), enquanto em PB, usa-se também o pronome tônico, que é gerado na base (no caso do nulo, um *pro* licenciado por um clítico nulo). O pronome tônico em posição de argumento interno é uma inovação do PB. Quando aparece no PE, o pronome tônico é sempre um argumento [+humano] externo, duplicado pelo clítico, expresso ou não. No PB, é um pronome neutro em relação à referencialidade. Para Kato (2011), essas características estão relacionadas: enquanto o sujeito referencial deixou de ser nulo, o objeto referencial deixou de ser um clítico e passou a ser um pronome

tônico ou um objeto nulo. A opção por uma forma ou outra teria a ver com a hierarquia da referencialidade (CYRINO; DUARTE; KATO, 2000).

Assim, essa hipótese não encontraria respaldo empírico do PB, como Kato observa, a partir dos fatos do objeto nulo do PB enumerados a seguir, que ressaltam sua não uniformidade em relação ao PE: o objeto nulo não é sensível a ilhas sintáticas; os pronomes tônicos ocorrem em posição de objeto direto (*Eu não vi [ele]_i*) e com possessivos (*[Esse carro]_i, o pneu [dele/Ø]_i furou;*); é possível ter argumentos nus singulares (*A Maria detesta cenoura*); tópicos podem funcionar como argumentos do nome (*Esse aluno_i, o pai dele/Ø_i perdeu o emprego*); o artigo definido envolve uma quantificação universal (*os = todos os/as = todas as*), de modo que, no PB pode-se fazer uma retomada resumptiva que não exigirá concordância de número, nem de gênero (como em: *Os livros do Saramago, Maria leu tudo; Os livros do Saramago, Maria leu-os/todos/eles/Ø*), bem como uma retomada resumptiva nula (*Esse aluno_i, o pai Ø_i perdeu o emprego = o pai dele; Esse carro_i furou o pneu Ø_i = o pneu dele*) (KATO, 2011, p.16-21).

4.4 Pro

Um dos primeiros trabalhos caracterizando o elemento nulo como um *pro* é o de Galves (1989), que, partindo de observações à proposta de Huang (1984) de que a articulação do *Princípio B* da TL à GCR¹³ sempre bloquearia um pronome nulo, aponta que Huang não contou com a possibilidade de parametrização das línguas, por meio da qual a natureza sintática do elemento nulo se configuraria de forma diferente nas duas variedades do português (GALVES, 1989, 2001).

Em nenhuma das duas variedades (PB e PE), o objeto direto anafórico nulo pode vincular-se a um antecedente sujeito animado, como em: **O José_i sabe que a Maria gostaria de conhecer Ø_i* (GALVES, 2011, p. 17; KATO, 2011, p. 16).

Em PE, essa característica é explicada em função da restrição que o ODA nulo sofre em ilhas sintáticas, favorecendo a interpretação de que o elemento nulo

¹³ Huang (1984) afirmava que o ON não poderia ser *pro* por não atender, simultaneamente, a dois princípios da Gramática Universal: o *Disjoint Reference (DJR)*, que afirmava que um *pronome* deve ser livre em seu domínio de vinculação, e o *Generalized Control Rule (GCR)*, segundo o qual um *pronome* é licenciado em qualquer posição, mas deve ser coindexado ao elemento nominal mais próximo. Isto é, se um pronominal nulo deve estar livre em seu domínio, não pode estar ligado a uma posição argumental.

seja uma variável, uma vez que uma variável não deve estar ligada a uma posição A e necessariamente deve estar ligada a uma posição A-barrado (HUANG, 1984; RAPOSO, 1986), mesmo se fosse considerada produto de uma categoria mista (RAPOSO, 2004; RAPOSO; KATO, 2001; KATO; RAPOSO, 2005).

No PB, o fato de a correferência com um antecedente [+animado] ser possível com o pronome pleno (*O José_i sabe que a Maria gostaria de conhecer ele_i*; GALVES, 2001, p. 173) mas não ser possível com o objeto nulo, embora o objeto nulo não seja restringido em ilhas sintáticas, é um dos principais problemas apontados na sua caracterização como um *pro*: como explicar a possibilidade de que haja comportamentos diferentes entre pronominais plenos e nulos, já que supostamente deveriam ser a contrapartida um do outro, compartilhando das mesmas propriedades referenciais?

Apoiando-se nos estudos de Farrell (1987)¹⁴, Galves afirma que o elemento nulo é um *pro* passível de interpretação extra-sentencial¹⁵. Isto é, uma vez que é o contexto semântico-discursivo que torna a correferência do pronome pleno possível, o mesmo aconteceria com os *pronomes nulos*, não havendo de fato uma restrição gramatical. O elemento nulo do PB seria um *pro* que não está em variação livre com o pronome tônico, pois enquanto este pronome é referencial, o pronominal nulo poderia ter seu antecedente tanto na sentença quanto no discurso.

Para Galves, a explicação para o elemento nulo do PB como um pronominal baseia-se na proposta de Williams (1987, apud GALVES, 1989) e dá conta da co-indexação da categoria vazia ao sujeito, se o sujeito satisfaz o papel temático da categoria vazia. Esta co-indexação seria possível como produto de uma teoria temática mais ampla, que distingue a *atribuição* e a *satisfação* de papéis temáticos.

A noção relevante na proposta de Galves é a de *condição de atribuição de papel temático*, que propõe que “nenhum sintagma pode intervir entre o elemento atribuidor e o elemento receptor” (GALVES, 1989, p.79). Em outros termos: uma categoria vazia pronominal em posição de objeto pode *receber* papel temático,

¹⁴ Para Farrell (1987), uma sentença cujo contexto discursivo é adequado, como: *A Maria nega que quer conhecer o José_i, mas ele_i sabe que a Maria gostaria de conhecer Ø_i* (GALVES, 2001, p. 173) é perfeita, motivo pelo qual o elemento nulo, correferindo ao antecedente sujeito *o José*, tem o mesmo comportamento que o pronome tônico *ele*, não havendo razão para atribuir ao elemento nulo e ao pronome tônico outro estatuto que não o pronominal, apontando ainda que esse elemento não poderia ser uma variável ligada a um tópico nulo, porque isso violaria a condição de cruzamento forte.

mas talvez não possa *satisfazer* um papel temático; que, portanto, deve ser *reatribuído*. O papel temático da categoria vazia só pode ser reatribuído ao VP que o domina (isto é, só pode ser vinculado verticalmente), e o VP só pode reatribuir o papel temático ao NP que não se separa dele por nenhuma projeção máxima.

A autora propõe uma estrutura para o PB, na qual o IP é simultaneamente a projeção de INFL (contendo *Tense*) e de V. Com essa estrutura, o sujeito externo (especificador de IP) pode satisfazer o papel temático e receber o mesmo índice do argumento interno do verbo (GALVES, 1989). A análise nesses termos permitiria definir uma categoria vazia que é, ao mesmo tempo, livre, no que diz respeito à TL (e, portanto, um *pro*) e dependente no que diz respeito à teoria temática, para a qual trata-se de um vestígio de NP¹⁶. Assim, o objeto pronominal só seria licenciado nas línguas em que o domínio de aplicação da TL e o domínio de aplicação da GCR não coincidem (posteriormente, Huang suprimiu a noção de proximidade da GCR, permitindo articular os fatos do PB à análise de Williams). Em outras palavras, o elemento nulo pronominal só seria licenciado nas línguas em que as dependências relativas à teoria temática estão num escopo mais amplo do que as dependências da TL. Quando o critério temático é violado, a frase é agramatical (GALVES, 1989).

Desse modo, a lacuna em **O José_i sabe que a Maria gostaria de conhecer Ø_i* é vinculada a *José*, mas essa cadeia possui dois papéis temáticos atribuídos a um mesmo antecedente, *José*, que é ao mesmo tempo o sujeito de *sabe* (agente) e o objeto de *conhecer* (paciente), o que viola o critério θ e torna a sentença agramatical. Já em *O José_i sabe que a Maria gostaria de conhecer Ø_k*, a coindexação é feita com índices diferentes e não há violação da cadeia temática, assim como em *O José_i sabe que a Maria gostaria de conhecer ele_i*, já que o pronome satisfaz o papel temático que lhe é atribuído pelo verbo e também é possível interpretar a coindexação entre *José* e *ele*. Para Galves (2001), portanto, o elemento nulo é um *pro* que não está em variação livre com o pronome tônico, por razões ligadas à cadeia temática.

¹⁵ Consoante também a Guindaste (1988).

¹⁶ De acordo com a autora, *vestígio*, nessa perspectiva, significa “categoria vazia regida por um atribuidor de papel temático, cujo antecedente não está em posição A-barras” (GALVES, 1989, p.78).

Para Kato (2001; 2011), a questão reside na animacidade do antecedente: a restrição ao elemento nulo se limitaria aos antecedentes animados. O elemento nulo do PB seria um *pro*, identificado e licenciado por um clítico nulo (neutro), com traço [-animado], pronominal que não existe no PE e que pode retomar uma posição argumental da sentença matriz como antecedente. No PB, só seria possível co-indexar a lacuna ao sujeito da sentença matriz, sem gerar agramaticalidade, quando o antecedente sujeito é [-animado], como em: *Esse prato_i exige que o cozinheiro acabe de preparar Ø_i na mesa* (KATO, 2011, p. 16) e *Esse prato_i permite que você cozinhe Ø_i em fogo alto* (KATO, 2001, p. 138). Quando o antecedente é [+animado], esse *pro* não é licenciado, mas apenas o pronome pleno. Em condições especiais, o elemento nulo poderia ainda ser uma expressão-R (um epíteto nulo) ou *exopro* (um dêitico, que possui interpretação pragmática, como em: *Eu pego Ø pra você*).

Silva (2009) aponta que essa hipótese tem a dificuldade de parecer sugerir um licenciamento diferente para elementos da mesma categoria, quando explícitos ou nulos, mas, por outro lado, traz também a atenção para que traços semânticos, como o de animacidade sejam considerados desde o início, na derivação.

Cyrino (1994, p. 41), por outro lado, afirma não haver razão para que se postule a existência de um clítico neutro que permitiria uma sentença como *Que Maria guarde seu anel na gaveta é compreensível, mas que Joana guarde_ no açucareiro, realmente surpreende-me*, no PB, mas não permitiria uma sentença como **Que a IBM venda_ a particulares, surpreende-me*, no PE. Para a autora, desde Huang (1991), observa-se que a elipse de VP¹⁷ é um fenômeno confundido com o objeto nulo, e o primeiro exemplo anterior representaria um caso dessa confusão, evidenciada pela repetição dos verbos.

¹⁷ Enquanto Cyrino (1994 em diante) aponta que a elipse de VP (quando todo o VP é elidido) não é um objeto nulo genuíno, que ocorreria quando apenas o DP é elidido, ao invés de todo o VP, isto é, quando a lacuna refere-se a uma entidade e não ao evento. Kato (2001, 2003), de fato, não diferencia o objeto nulo do remanescente de movimento de uma elipse de VP – o movimento de todo o VP para uma posição A', que não sofreria restrições de animacidade, como em: *[_{VP} t_i t_v O noivo t_{IO}], a Maria já apresentou [_{FP} para os pais [_{VP} Ø]]* (KATO, 2001, p. 147). O remanescente de movimento de uma elipse de VP, mais tarde, é tomado como base para a proposta de Cyrino (2019) para explicar os *familiar topics*: a possibilidade de tópicos [+animado] serem retomados por uma lacuna, que não é, mas se confunde com o objeto nulo genuíno do PB. Além da elipse de VP, o deslocamento da elipse de VP nos *familiar topics* (CYRINO, 2019) também pode se confundir com o objeto nulo equivalente a uma elipse de DP, em cuja proposta apenas os nomes nus e genéricos ([+animado,-específico]) poderiam ser retomados por um objeto nulo genuíno (CYRINO, 1994).

De modo semelhante, enquanto Galves (2001) e Farrell (1987) consideram a lacuna em *A Maria nega que quer conhecer o José_i, mas ele_i sabe que a Maria gostaria de conhecer Ø_i* (GALVES, 2001, p. 173) um *pro*, para Cyrino, a lacuna seria uma *elipse de VP*, evidenciada pela repetição dos verbos que licenciam o antecedente e a lacuna. Veja que, se o verbo *conhecer* da segunda sentença for trocado por *beijar*, a frase causaria estranhamento: *?A Maria_i nega que quer conhecer o José, mas ele sabe que a Maria gostaria de beijar Ø_i*.

Cyrino (1994) aponta também dificuldades com o argumento de Farrell (1987) de que o objeto nulo no PB é um *pro* que não pode correferir ao sujeito em sentenças completivas (**Ele_i insiste que ninguém beijou Ø_i*), a menos que ocorram em contextos adequados (*Todo mundo diz que a Maria beijou o Pedro depois do baile, mas ele_i insiste que ninguém beijou Ø_i*), mas pode correferir ao sujeito em sentenças adjunto (*A Júlia sempre chora quando ponho Ø_i no berço*) (CYRINO; MATOS, 2014, p. 300). Para a autora, essa explicação não é boa, por duas razões: primeiro, porque há completivas em que o elemento nulo parece remeter ao sujeito da oração matriz, sem problemas, como em *João_i acha que Pedro ajudou Ø_i a fazer o exercício* (CYRINO, 1994, p. 39), na qual, graças ao verbo *ajudar*, que atribui um papel- θ *benefactivo*¹⁸, o objeto implícito sempre correferre ao sujeito da oração anterior. Depois, porque a sentença *A Júlia sempre chora quando ponho Ø_i no berço* é considerada agramatical pela autora. Para Cyrino, com antecedentes [+animado; +específico] a retomada ocorre preferencialmente com um pronome tônico (ou clítico, na linguagem formal/escrita), o que é corroborado pelos dados diacrônicos coletados por ela, nos quais não ocorrem antecedentes [+animado; +específico] retomados por elementos nulos.

Assim, Cyrino (1994) atribui a impossibilidade de o elemento nulo correferir ao sujeito da sentença matriz, no exemplo anterior, ao traço [+animado; +específico] desse antecedente, que bloquearia a retomada com um objeto nulo. A dessemelhança entre o comportamento do objeto nulo e do pronome tônico nesse tipo de sentença demonstraria que a natureza de ambos é diferente.

Silva (2009), por outro lado, mesmo assumindo que o elemento nulo do PB seja uma *elipse de DP*, propõe que a possibilidade de coindexação entre o

¹⁸ De acordo com Cyrino (1994, p. 40), o papel papel- θ *benefactivo* é atribuído a um objeto implícito cuja referência é o sujeito da oração anterior (*me*, como no exemplo do inglês *you didn't help me*).

elemento nulo de uma sentença complexa e um sujeito na oração matriz seja possível, quando condicionada pela identidade sintática e temática entre elemento nulo e antecedente. Contudo, esta hipótese, que será melhor explicitada mais à frente, neste mesmo capítulo, também parece apresentar algumas dificuldades.

Para Guindaste (1988), o elemento nulo do PB é um *pro*, não sendo necessário acrescentar princípios gramaticais específicos para tratar dos elementos nulos: as categorias vazias e plenas deveriam ser tratadas como uma mesma categoria pronominal, quando se considera, dentre outros aspectos, a cadeia temática dos verbos e o papel do léxico na determinação do objeto direto (a subcategorização de um elemento pleno ou nulo por um verbo é uma propriedade intrínseca deste e, portanto, que haja um objeto direto é uma propriedade da representação sintática). Uma vez que os verbos transitivos diretos exigem um objeto na sua estrutura argumental e na sua grade temática (ao qual atribuem papel temático), quando o objeto é nulo, é (inicialmente) arbitrário quanto aos traços de concordância de gênero e número, mas não é arbitrário quanto ao Caso. Os traços de concordância deixam de ser arbitrários quando o *pro* encontra um vinculador/indexador no discurso, recebendo esse índice-R pelo princípio *Elsewhere* (qualquer SN que ainda não tenha recebido um índice-R pode receber um)¹⁹. O *pro* assumido por Guindaste (1988, p. 106, 107) é identificado pelas seguintes propriedades: (i) obedece ao *Princípio B*, sendo livre no seu domínio local; (ii) tem liberdade referencial; (iii) possui Caso acusativo e papel temático; (iv) pode ter seu conteúdo recuperado; (v) pode se lexicalizar; (vi) pode vincular-se a um antecedente com qualquer função gramatical, fora da sentença; (vii) pode vincular-se a uma posição A ou A'; (viii) é regido pelo verbo e faz parte de sua grade temática.

Ainda de acordo com a autora, o elemento nulo do PB, sendo um *pro*: (i) viola a subjacência (*Vamos limpar o carro_i antes de falar com o cara que queria comprar Ø_i*; p. 97); (ii) ocorre livremente em sentenças adjuntas, em contextos em que poderia haver um pronome realizado (*Os pintores pintaram as paredes_i sem que lixassem Ø/elas_i*; p. 98); (iii) pode ter antecedente em uma posição argumental

¹⁹ Guindaste (1988) assume que a presença do elemento nulo é garantida pelo princípio de projeção e pelo critério- θ . O tipo de elemento nulo é determinado pelo contexto sintático do nulo. O elemento nulo tem por conteúdo os traços-F (gênero, número, pessoa e caso) e o índice-R. (índice referencial linguístico). Esses traços-F e o índice-R permitiriam a recuperabilidade e a lexicalização de um nulo.

(*Todo mundo diz que Maria beijou o Pedro_i depois do baile. Mas ele insiste que ninguém beijou Ø_i*²⁰; p. 99); (iv) é insuficiente para desfazer ambiguidades na sentença (*Pedro_i contratou Paulo_j antes que eu conhecesse Ø_{ij/k}*²¹; p. 98).

Todas essas propriedades estabeleceriam um único princípio para a recuperabilidade dos traços de *pro*, a saber, o *Princípio de indexação livre* = *indexe pro livremente fora de S*. Após a recuperação dos traços, o *pro* continuaria sendo um *pro*, mas não mais arbitrário. Um dos pontos interessantes trazidos pela autora está em postular que a compreensão da natureza do elementos nulos só é possível *para além dos limites da sentença*, pois o papel da sintaxe na indexação do pronome (que seria totalmente livre) é limitado²². A autora admite que o falante é capaz de intuir inclusive a existência da categoria vazia, pois ao conhecer um verbo, o falante sabe das suas propriedades lexicais e de seus traços de subcategorização. Desse modo, se a análise de traços arbitrários fosse considerada, uma frase isolada como *Eu comi Ø* seria tomada como aceitável, pois no discurso, essa arbitrariedade de *pro* seria desfeita: *A: Onde está o chocolate? / B: Eu comi Ø* (GUINDASTE, 1988, p. 116).

Contudo, respostas curtas como as do exemplo acima, em outras análises (KATO, 1990; CYRINO, 2020), não se confundem com um objeto nulo genuíno, pois são tratadas como um processo de elipse no qual a resposta à pergunta fornece a informação e elide os elementos que são redundantes, pois já estão presentes na pergunta²³.

Assim, os argumentos mais recorrentes na crítica ao elemento nulo como *pro* referem-se às diferenças encontradas entre as propriedades atribuídas a esse pronominal nulo e sua contrapartida plena. Uma dessas diferenças é que a interpretação do pronome pleno é estrita, enquanto o elemento nulo do PB

²⁰ Para Cyrino (1994 em diante), contudo, esse seria um exemplo de elipse de VP.

²¹ Para Cyrino (1994 em diante), a ambiguidade de leituras deve-se ao fato de que o objeto nulo em PB é uma elipse (do DP). O uso do pronome tônico *ele* nesse exemplos também gera ambiguidade porque há dois antecedentes possíveis e o pronome é naturalmente ambíguo – contudo, a leitura mais provável parece ser a estrita.

²² De acordo com Müller (2000), baseando-se em Reinhart (1983) e Heim; Kratzer (1998), a sintaxe determina apenas a possibilidade de uma anáfora ligada, enquanto a (co)referência é resolvida pelo contexto.

²³ De acordo com Cyrino, em exemplos como *A: Onde está o chocolate?/B: Eu comi Ø*. (GUINDASTE, 1988, p. 116), embora o que esteja ausente pareça ser apenas o objeto direto *o chocolate*, uma estrutura maior estaria elíptica. O material fonético presente é o remanescente da elipse de TP, depois que o verbo se movimentou para a periferia esquerda para checar traços de foco/polaridade (CYRINO, 2020, p. 389). A resposta *Eu comi Ø* teria a estrutura [Σ P [Σ ' *comi* [TP

permite, muitas vezes, também uma leitura imprecisa (embora na concepção de Guindaste, a ambiguidade de leituras não fosse necessariamente um problema, já que ela assumia como propriedade de *pro* a arbitrariedade de traços e a insuficiência para desfazer ambiguidades). Outro ponto é que o *pro*, sendo um pronominal, deveria poder retomar antecedentes [+/-animados; +específicos], como os pronomes plenos, mas os objetos nulos parecem correferir apenas a antecedentes [-animados, +/-específicos] (CYRINO, 1994-2019; DUARTE, 1986; GALVES, 1989, 2001; KATO, 2001). O antecedente de um *pronome tônico* pode, ainda, ser coindexado tanto ao sujeito da sentença matriz, como ser recuperado discursivamente (*João_i disse que a Maria beijou ele_i*), mas um elemento nulo de uma sentença complexa não pode correferir ao sujeito da sentença matriz (*João_i disse que a Maria beijou Ø_i*)²⁴. Esses comportamentos diversos entre as formas explícita e nula levam à hipótese que o elemento nulo não seja um pronominal.

Mesmo quando se atribui uma natureza pronominal ao elemento nulo, admite-se que haja certas restrições a sua ocorrência com antecedentes animados. No tratamento dessa questão, Schwenter; Silva (2003) não descartam a possibilidade de que o nulo seja uma forma *default* para a posição de primeiro argumento interno no PB, função sintática que já é geralmente ocupada por inanimados. Nesse caso, a forma marcada (pronome tônico) ocorreria quando o antecedente não correspondesse às características *default* ([-animado; ±específico]; [+animado; -específico]).

Antes de proceder à explicação da proposta do elemento nulo como uma elipse de DP, serão apresentadas algumas considerações breves a respeito das características da elipse, de acordo com a literatura linguística e psicolinguística.

4.5 Elipse

Phillips; Parker (2013) definem as elipses como diversos fenômenos linguísticos, anafóricos por natureza, nos quais um material, em princípio

eu <comi> o chocolate]]] (CYRINO, 2020, p. 389), na qual o sintagma ΣP representa a polaridade.

²⁴ Cyrino afirma que a forma nula poderia facilmente retomar *João* se houver acesso ao contexto, caracterizando, nesse caso, uma elipse de VP (observe que o verbo é o mesmo nas duas sentenças: *beijar*, evidenciando um processo de reconstrução), como em *A: A Maria me disse que não beijou João. / B: O João_i disse que a Maria beijou Ø_i* (CYRINO, 2006, P. 58).

obrigatório, está ausente foneticamente e, contudo, pode ser claramente recuperado do seu lugar sintático ou contexto semântico, em função de um antecedente. A pesquisa psicolinguística a respeito das elipses questiona como é a sua representação mental e como a interpretação do material elidido é recuperada e, graças às restrições às quais as elipses se submetem, a pesquisa experimental é possível. Isto é, busca-se saber se: (i) as restrições entre os antecedentes e as elipses aplicam-se à representação sintática ou semântica; (ii) a elipse possui uma estrutura interna que é uma cópia nula da estrutura antecedente ou se possui um pronome/*pointer*²⁵ sem estrutura interna.

Segundo Phillips; Parker (2013) e Frazier; Clifton (2005), para verificar a que domínio pertencem as restrições entre a elipse e seu antecedente, há três possibilidades de investigação: (i) a abordagem sintática, que prevê a recuperação do sintagma elidido a partir de alguma identidade estrutural; (ii) a abordagem discursiva, que afirma que a recuperação do conteúdo elidido se dá por meio de identidade semântica; (iii) a abordagem híbrida, que aposta na necessidade de uma estrutura sintática semelhante, porém influenciada pelas relações discursivas, que minimizariam qualquer estranhamento gerado pela não-correspondência estrutural total entre antecedente e lacuna.

No contexto da teoria linguística, de acordo com Hornstein; Nunes (2002), a abordagem sintática assume a *hipótese da redução fonológica* (o componente FF deleta fonologicamente a informação redundante) (SOUSA, 2020) e o *Requerimento de Paralelismo*²⁶ (CHOMSKY, 1995). Os autores apontam a observação de fatos empíricos (FRAZIER; CLIFTON, 2001²⁷; MERCHANT, 2001²⁸) e de experimentos de compreensão (FRAZIER; CLIFTON, 2005²⁹) que

²⁵ Um ponto de partida para o *minimal search*, materializando o antecedente a partir da codificação de traços.

²⁶ O *Requerimento de Paralelismo* é apontado como o licenciador do apagamento das elipses em FF e postula que o elemento vazio deve ter a mesma interpretação de seu equivalente na sentença realizada. É uma condição imposta pela interface conceptual-intencional (HORNSTEIN; NUNES, 2002).

²⁷ Em sentenças como: **Max bought some presents and Fred did to Mary // Max bought some presents and Fred did for Mary*, a agramaticalidade resulta de *buy* exigir a preposição *for* – a despeito de *buy* exigir um objetivo e *to* também marcar um objetivo, demonstrando presença da estrutura sintática, pois não haveria explicação para a agramaticalidade se apenas uma relação inferencial ou semântica existisse (FRAZIER; CLIFTON, 2005, p. 127).

²⁸ Se uma língua permite uma preposição encaçada na pergunta: *Who_i did John go fishing with t_i?*, então ela também vai permitir a preposição encaçada na *sluicing*: *John went fishing with someone but I don't know who [John went fishing with vbl]?*, o que só se explica pela presença da elipse (FRAZIER; CLIFTON, 2005, p. 127).

evidenciam a existência de estrutura sintática na elipse, por meio de cópia do material do antecedente, que, independentemente do tamanho do constituinte, não gera custo para o processamento. Já fora dos limites da sentença, o material elíptico e o material enunciado se relacionariam usando a estrutura informacional, para a qual a noção de *informação principal* seria crucial. A hipótese da presença de estrutura sintática na elipse é forte, embora não necessariamente envolva identidade morfológica *total* entre o antecedente e o constituinte elidido (NUNES; ZOCCA, 2009; PHILLIPS; PARKER, 2014)³⁰.

Phillips; Parker (2013) apontam que, para as abordagens que afirmam haver estrutura sintática interna à elipse (*null copy accounts*), assume-se ora que a estrutura que será foneticamente nula está presente ao longo da derivação – sendo marcada para não ser pronunciada no nível fonológico, ora que está presente desde o início da derivação, mas é deletada em algum ponto (a abordagem que assume que houve apagamento em FF), ou que a elipse, inicialmente, não possui uma estrutura interna, mas a cópia do antecedente por meio de uma operação em LF. Isto é, existiria um elemento lexical nulo que seria substituído ou identificado em algum nível de representação não relevante para a pronúncia, como FL ou algum componente sintático ou semântico (como por exemplo, na proposta de FIENGO; MAY, 1994, em que se baseia a hipótese de objeto nulo sob a condição de *reconstrução*, de CYRINO, 1994). Nessa abordagem, o licenciamento da elipse se daria em um nó de espaço vazio com traços *E (elipse)* na estrutura. A elipse

²⁹ Os resultados de um experimento que testava a proeminência sintática ou discursiva apontaram que, ao longo de uma mesma sentença, o material elidido era conectado a outros que ocupavam posições baixas na árvore, favorecendo a representação sintática, enquanto, com mais de uma sentença, o material elidido era conectado a posições mais altas, favorecendo a representação discursiva. Resultados similares foram obtidos em um segundo teste, de leitura automonitorada, medindo os tempos de leitura de sentenças cujas elipses estavam coordenadas à sentença matriz por uma conjunção aditiva, ou em uma nova sentença. Um terceiro teste, variando a acessibilidade da informação principal, mostrou que, nos casos em que há uma informação principal, o antecedente da elipse de VP se encontra na estrutura discursiva, na qual a ordem não importa. Mas quando a sentença não possui uma informação principal, então a elipse de VP tende a encontrar seu antecedente na representação sintática, na qual a ordem importa (FRAZIER; CLIFTON, 2005).

³⁰ Se a elipse envolvesse identidade total, então o verbo principal do segundo conjunto deveria ser sempre idêntico ao verbo do primeiro conjunto, gerando frases agramaticais como: **Eu já comi mas a Maria ainda vai [comi]* (NUNES; ZOCCA, 2009, p. 184). Do mesmo modo que acontece com os verbos, no PB, muitas vezes não há identidade de gênero e número entre o DP da lacuna e o antecedente (NUNES; ZOCCA, 2009). Para Phillips; Parker (2013), assumir identidade estrutural total seria excessivamente restritivo, pois há casos de correspondência entre as vozes ativa e passiva, em que normalmente é assumido que a estrutura sintática é diferente, como demonstra o exemplo: “This problem was to have been looked into, but obviously nobody did ~~look into this problem~~” (PHILLIPS; PARKER, 2013, p.4). Para os autores, os sucessos da

atuaria como um elemento anafórico nulo e esse nó seria substituído em FL por uma estrutura completa (em abordagens de cópia em LF) ou preenchido/interpretado de outra forma.

Nesta tese, de acordo com o modelo de processamento adotado, é assumido que a elipse seria um elemento cuja estrutura é inteiramente copiada do antecedente e que, possuindo certos requisitos de paralelismo, parece sugerir a necessidade de que essa estrutura do antecedente esteja ativa na memória de trabalho do falante, o que é possivelmente compatível com uma *reconstrução em LF* (FIENGO; MAY, 1994; CYRINO, 1994).

Uma característica tomada como distintiva entre as elipses e os pronominais nulos (com implicações para uma proposta de interpretação do elemento nulo do PB³¹) é a possibilidade de leituras estrita/imprecisa do conteúdo das elipses. No entanto, a atribuição da possibilidade de leituras precisa/imprecisa ao conjunto das características que evidenciam uma elipse não é consensual na literatura.

Para considerar o tipo de leitura estrita ou imprecisa, é necessário observar como é tomada a identidade referencial do elemento nulo, isto é, como se dá a recuperação do conteúdo nesses elementos que não têm material fonético. Chomsky (1982, 1999) caracteriza a recuperação da referência pelo *requerimento de identificação* das categorias vazias. Se no discurso a identidade referencial, por toda a situação discursiva, é facilmente identificável, quando há apenas a sentença, a identidade referencial precisa ser verificada. Numa frase como: *Antes o Marcello castigava a Sophie_i, agora ele só repreende Ø_i*, a identidade referencial entre o antecedente e a lacuna parece ser a mesma, logo a lacuna possuiria leitura estrita.

Mas a identidade do antecedente é uma informação que pertence ao escopo da sintaxe ou do discurso? Tradicionalmente, argumenta-se que o *pro*, sendo um elemento referencial, teria uma leitura sempre estrita³². Contudo, há trabalhos que

correspondência na interpretação entre estruturas sintáticas ativa/passiva é um argumento forte a favor da abordagem discursiva.

³¹ Cyrino (1994-2019) afirma que o objeto nulo característico do PB exibe a possibilidade de leitura tanto estrita, quanto imprecisa, sendo compatível com a sua interpretação como uma elipse, contrastando com *pro*, cuja interpretação levaria a uma leitura sempre estrita.

³² Cyrino (1994) toma vários exemplos, dentre eles, o caso dos pronomes *paycheck* para explicar a ocorrência da leitura imprecisa (*sloppy*) permitida com os *pronoun of laziness*, o *it* no inglês (cf. GEACH, 1966). Essa possibilidade de leitura imprecisa (antecedente e retomada possuem antecedente s diferentes) seria resultado da reconstrução em FL, que não pode ser estendida para os pronomes *his* ou *her*, pois estes têm sempre apenas uma leitura estrita (antecedente e retomada possuem antecedentes idênticos). De modo semelhante, no PB, o antecedente que tem traços

afirmam que a ambiguidade de leituras não é uma característica a ser considerada no estudo de elipses, pois a identidade do antecedente pertenceria ao domínio discursivo. Uma linha de interpretação assume que a ambiguidade de leituras que eventualmente exista no uso das lacunas não deve ser considerada no domínio da sintaxe, mas do discurso (TANCREDI, 1992; MARTINHO, 1999; MERCHANT, 2016; RUDA, 2021).

Tancredi (1992) afirma que a distribuição da ambiguidade de leituras precisa/imprecisa não devia ser uma preocupação das teorias da elipse, mas uma ocupação das teorias do discurso. Para ele, tratar da ambiguidade de leituras estritas e imprecisas exige distinguir sintaticamente dois tratamentos possíveis do pronome, algo como a interpretação *referencial* e a *gramatical*. A *referência* é uma noção não sintática, uma vez que o antecedente de uma expressão linguística é uma entidade do mundo real, que não pertence a uma teoria sintática. Ainda que duas expressões linguísticas apontem para o mesmo antecedente, “*os indivíduos do mundo real não podem desempenhar nenhum papel direto na determinação sintática da gramaticalidade de uma frase*” (TANCREDI, 1992, p. 98, tradução livre)³³. Tancredi assume que a correferencialidade é tomada como uma consequência da análise, não devendo influenciá-la. Desse modo, a interpretação atribuída aos pronomes referenciais deve ser exclusivamente determinável pela representação sintática³⁴, posição com a qual Merchant (2016) parece concordar.

equivalentes aos do neutro *it* (isto é, antecedentes [-animado] ou [+animado; -específico]) permitiriam leituras imprecisas. De acordo com essa hipótese, a possibilidade da leitura imprecisa não se estende aos pronomes plenos (CYRINO, 1994, p. 87).

³³ “Reference, however, is a non-syntactic notion. The referent associated with a referring expression is a real-world individual, not an abstract mental representation. Real-world individuals, however, have no place in a theory of syntax whose objects are necessarily abstract. In particular, whether two expressions end up denoting the same real world individual or different real world individuals can play no direct role in the syntactic determination of the grammaticality of a sentence. At most, a syntactic representation can determine coreference with respect to a given theory of interpretation which relates abstract syntactic representations with real world objects” (TANCREDI, 1992, p. 98).

³⁴ Para mostrar as dificuldades da proposta de ambiguidade de leituras na elipse de Fiengo; May (1991), Tancredi traz o primeiro exemplo a seguir, no qual a interpretação nos parênteses sugere que a relação entre o antecedente e o pronome, na oração antecedente e na oração com elipse são diferentes. Isso evidenciaria um contraexemplo para a análise de Fiengo; May, pois assim, a única forma de atribuir uma leitura *imprecisa* ao pronome seria atribuir valores diferentes aos índices do pronome explícito e do pronome elidido, como no segundo exemplo, em que se associa a interpretação do primeiro exemplo a sua representação em LF: (i) Sam wants Mary to advertise his daughter before Bill does (Sam wants Mary to advertise Sam's daughter before Bill advertises Bill's daughter); (ii) Sam₁ wants Mary to advertise his₁^β daughter before Bill advertises his₂^β daughter. (TANCREDI, 1992, p. 142)³⁴. Com essa atribuição de valores aos índices, as relações de dependência entre *his* e *Sam*, e *his* e *Bill* são diferentes, implicando que o VP elidido não é idêntico ao VP antecedente. No entanto, segundo o autor, as interpretações nos parênteses só

Martinho (1999, s.p.) aponta que a elipse, ainda que esteja ligada a casos de ambiguidade, “*exige identidade por reconstrução, mas não identidade por referência*”. De acordo com o autor (1999), na proposta de Tancredi (1992):

[...] a oração pré-elíptica (plena) seria processada como um conjunto de “unidades prosódicas”, em que a determinada unidade redundante seria associada em PF à instrução *elipsar*. [...] a posição vazia resultante mantém as suas propriedades intactas [...], pelo que a nível da FL a derivação conserva a sua integridade e pode convergir [...]. Parece pois razoável distinguir entre *deleção simples* e *elipse de constituintes*, sendo o segundo caso uma operação estritamente aplicada pós-*Spell-Out*, motivada por um filtro de eliminação de redundância (MARTINHO, 1999, s.p.).

Ruda (2021) afirma que pronominais explícitos (clíticos) também podem ter leitura imprecisa e, em alguns casos, sequer têm leitura estrita, de maneira que a elipse não seria a única forma a carrear a leitura imprecisa (*sloppiness*³⁵). A autora também aponta que o efeito de leitura ambígua estrita/imprecisa recebeu muita atenção no tratamento dos elementos nulos, com os quais a possibilidade da leitura imprecisa é tomada como indicativa da elipse de uma estrutura maior (*Full NP/DP ellipsis*). Para ela, o efeito de ambiguidade de leituras estrita/imprecisa tem funcionado como um diagnóstico da elipse de VP, sendo usado como argumento tanto a favor da análise dos elementos nulos como elipse de VP nas diferentes línguas (cf. SENER; TAKAHASHI, 2010; OTANI; WHITMAN, 1991; CYRINO; LOPES, 2016)³⁶ quanto contra (cf. HOJI, 1998; BAYLIN, 2011). Contudo, para a autora, a força do argumento de que a leitura ambígua precisa/imprecisa como diagnóstico da elipse poderia ser enfraquecida pela evidência de que a leitura imprecisa está disponível também em contextos fora do domínio da elipse (cf. TANCREDI, 1992; MERCHANT, 2016) – o que, por sua

poderiam ser representadas em LF sob condição de identidade: isto é, com o VP elidido permanecendo idêntico ao VP antecedente. Tancredi aponta que sua análise, contudo, não é capaz de explicar contextos em que o antecedente do pronome explícito seja *Bill* e o antecedente do pronome elidido, *John*, como em *Sam wants Bill to advertise his daughter before Mary does* (com a interpretação: *Sam wants Bill to advertise Bill's daughter before Mary advertises John's daughter*). Mas o autor também duvida que exista essa interpretação para a sentença e afirma que “*construir uma circunstância intrinsecamente inventada que favoreceria tal interpretação não ajuda a trazer tal interpretação*”³⁴, deixando quaisquer esforços de análise nesse sentido à espera de que seja “*devidamente motivada*” (TANCREDI, 1992, p. 143, 144, tradução livre).

³⁵ Uma leitura interessante a respeito da leitura imprecisa (*sloppy*) e sua configuração em FL pode ser vista em Heim; Kratzer (1998, p. 254-257).

vez, não afetaria o argumento de que a ausência de leitura imprecisa aponta para uma análise pronominal.

Para Guindaste (1988), a própria competência do falante na situação discursiva deve ser considerada, pois seria a responsável por elaborar a fala do melhor modo possível: o falante deverá ou não recuperar os traços do antecedente de acordo com a verificação da necessidade ou não de fazer isso, pois essa verificação (inconsciente) faz parte de sua competência discursiva.

Se, por um lado, Tancredi questiona a ambiguidade de leituras estrita e imprecisa como característica inerente às elipses, por outro lado Cyrino; Lopes (2002) questionam a suficiência do requisito de paralelismo e da desacentuação, apontados por Tancredi (1992), para a ocorrência das elipses.

As autoras afirmam que, a despeito do requisito de paralelismo de Chomsky; Lasnik (1993) e Chomsky (1995), e da desacentuação proposta por Tancredi (1992), que o reforça, nem sempre esse requisito é uma condição suficiente para a exclusão de uma expressão linguística. O requisito de paralelismo, pelo qual a elipse é analisada como um processo de deleção de constituintes que apresentam uma entonação *low-flat* em FF (CHOMSKY; LASNIK, 1993; CHOMSKY, 1995), garantiria que o conteúdo deletado recebesse uma interpretação idêntica à do antecedente em FL. As autoras apontam que, mesmo que as sentenças possuam elementos passíveis de serem antecedentes de sintagmas elípticos, nem sempre a deleção ocorre. Nos exemplos a seguir, a sentença em (10) converge, mas não a sentença em (11):

- (10) John is reading that book and Mary is [-], too.
- (11) *John starts reading that book and Mary starts [-], too.
- (12) John is/starts reading that book and Mary is/starts [reading that book] too (CYRINO; MATOS, 2002, p. 183, 193).

Mais do que apenas o requisito de paralelismo, algumas condições de licenciamento ligadas às categorias funcionais precisariam ser atendidas para que ocorressem elipses. Cyrino (2006), Cyrino; Matos (2002) e Matos; Cyrino (2001) assumem que a elipse seria licenciada sob c-comando local: o nó funcional da sentença explícita (um verbo ou um indicador da morfologia verbal) se

³⁶ Cabe ressaltar que, apesar de citar os estudos em PB que tratam o objeto nulo em termos de elipse (CYRINO; LOPES, 2016), Ruda não está tratando especificamente do PB, em seus estudos.

combinaria ao núcleo da projeção funcional que selecionaria o VP elíptico. Especificamente no PB, o *aspecto* verbal seria um outro fator relevante no licenciamento das elipses (CYRINO, 2006; LOPES, 2007).

Por último, é relevante observar que, ainda que elipses sejam, em princípio, tratadas como tal pela literatura apenas no âmbito da sentença e de respostas a perguntas QU, possivelmente decorrente da necessidade de a estrutura sintática do antecedente permanecer ativa na memória de trabalho quando da sua recuperação, tal restrição parece secundária à possibilidade de recuperação da estrutura sintática na memória de trabalho³⁷. Geralmente, quando uma sentença é finalizada, considera-se que a representação sintática do antecedente se esvai, restando apenas a sua representação semântica (HARLEY, 2008; JARVELLA, 1971; JARVELLA; HERAMN, 1972; SACHS, 1967; TOWNSEND; BEVER, 1978). Contudo, é possível que haja situações em que a proximidade do antecedente, ou o contexto discursivo permitam que a estrutura sintática permaneça ativa na memória de trabalho do falante. Nesse caso, uma vez que essa estrutura seja recuperável, a possibilidade de elipse intersentencial pode ser considerada. Isto é, seria possível considerar que a elipse não esteja circunscrita à sentença, ou a respostas a perguntas QU, caso não haja uma nova computação da estrutura, mas, sim, que seja devida à recuperação da estrutura sintática elidida (da sequência de elementos do léxico e da árvore subjacente, ainda acessíveis na memória de trabalho). Uma vez que se haja recuperação da estrutura, garantida pela proximidade entre antecedente e elipse, especialmente não havendo custo computacional, a possibilidade de elipse entre sentenças parece plausível. Isto é, se o elemento a ser mantido na memória de trabalho do falante tiver muitos traços, isso gera custo computacional (ALMOR, 1999), mas não parece haver registro de custo no processamento das elipses (FRAZIER, CLIFTON, 2005). Ao mesmo tempo, a proximidade entre um antecedente e a sua retomada evitaria que os traços desse antecedente se esvaíssem da memória do falante, possibilitando pensar o processamento da correferência anafórica em termos de elipses.

Nos exemplos a seguir, a despeito de os antecedentes estarem em sentenças diferentes da retomada, inclusive com a presença de outras intermediárias, é possível recuperar a estrutura omitida, o que legitima o tratamento desses

³⁷ Agradeço, aqui, a prof. Dra. Letícia M. S. Corrêa por ter trazido esse ponto à discussão.

exemplos como *elipses*.

- (13) [Maria dançou]_i com alguém na festa dos calouros.
É mesmo? Ela é tão tímida...
Mas eu só não sei com quem \emptyset_i (*sluicing*).
- (14) A Maria comprou [um carro]_i vermelho.
É mesmo? Não sabia que ela gostava dessa cor.
Pois é. No ano passado, comprou um \emptyset_i azul (*elipse de NP*).
- (15) Maria entregou [um livro novo à editora]_i.
É mesmo? Aquele autor que eu conheço entregou \emptyset_i também (*elipse de VP*).

O mesmo raciocínio poderia ser aplicado a uma elipse de DP no discurso, possibilitando que se associe a acessibilidade de um elemento ao estatuto sintático da forma nula: se um elemento está altamente acessível e toda a sua árvore é recuperada, então esse elemento nulo é uma elipse. Já no caso dos pronomes, a estrutura sintática não seria recuperada, mas seria necessário ter acesso aos traços *phi*, ou pelo menos à representação semântica do antecedente. Na frase *A vítima de barba preta_i estava deitada no chão. Ele_i levantou sem precisar de uma maca* (CORRÊA, 2001), por exemplo, apenas a representação semântica do antecedente é recuperada, o que se observa pelo uso do gênero masculino do pronome pleno.

Assim, o ODA pode recuperar uma representação estritamente semântica dos antecedentes, recuperar minimamente os traços *phi* F de um antecedente que se mostre acessível (esses traços *phi* possivelmente funcionariam também como um *pointer* para a recuperação desse antecedente na compreensão), recuperar o DP inteiro, com seus traços semânticos, ou, ainda, tratando-se de uma elipse, recuperar a estrutura sintática inteira, sem custo computacional (desse modo, compreende-se ser possível falar em *elipse* no discurso sempre que houver a possibilidade de recuperação de toda a estrutura).

Um outro ponto relevante para a proposta de elemento nulo como elipse de DP é diferenciá-la da elipse de VP, o que será feito na próxima seção.

4.5.1 *Elipse de VP vs Elipse de DP*

Raposo (1986) e Huang (19991) foram os primeiros a observar a distinção entre a *elipse de VP* e elementos nulos, apontando que a aparente semelhança entre ambos resulta de que, na elipse de VP com verbos transitivos diretos, apenas

o DP objeto é elidido, mas o verbo, não. Desse modo, a elipse de VP e a lacuna de um argumento nulo se assemelham e são confundidas como um mesmo fenômeno. Raposo nota que, enquanto o elemento nulo pode ter seu antecedente recuperado *discursivamente*, a elipse de VP precisa de um *antecedente linguístico* na sentença para ser gramatical – reforçando o argumento de que a retomada com uma elipse requer que a estrutura sintática do antecedente linguístico esteja acessível na memória de trabalho do falante e seja restaurada na interface semântica (forma lógica).

Matos (1992) salienta que é possível identificar uma elipse de VP por meio da *identidade entre os verbos* das orações matriz e encaixada/coordenada e, ainda, da presença de advérbios que denotem predicação (como em *O João viu o desastre_i e a Maria também viu Ø_i na TV ontem*. CYRINO, 1994, p. 138)³⁸.

Se no PE, a elipse de VP não se confunde com o elemento nulo, já que este sofre restrições em ilhas, mas a elipse do VP, não³⁹, no PB, no qual o elemento nulo parece ocorrer livremente em ilhas (CYRINO, 2020), pode haver confusão entre os dois fenômenos – especialmente quando se assume que o elemento nulo nessa variedade seja compatível com uma forma de elipse⁴⁰ (CYRINO; LOPES, 2016).

³⁸ Cyrino (1994) propõe que, nas elipses de VP, o verbo se desloca para o núcleo *vezinho* (v) para checar os traços temáticos do argumento externo e em seguida sobe para *Infl* para checar os traços de tempo, número e pessoa. Depois, todo o VP pode ser elidido. Assim, na elipse de VP: (a) a raiz do núcleo elidido deve ser *igual à do verbo da sentença anterior* e (b) todos os argumentos internos do verbo e adjuntos, devem ser elididos em FF, como em: *O Luís [comprou pastéis de nata em Belém hoje]_i e a Maria tem uma amiga que também comprou Ø_i* (CYRINO, 1994, p.84). A elipse do VP existe em PB e em PE, mas é licenciada em um nó funcional diferente (nó TP, no PE e qualquer nó funcional abaixo de TP³⁸, no PB), de modo que os verbos auxiliares tipicamente licenciam a elipse do VP (do verbo principal, de seus argumentos e de seus adjuntos), como se vê no exemplo: *Alguém [tem telefonado ao Pedro]_i? A Ana tem Ø_i. (PB) / Tem Ø_i a Ana. (PE)* (CYRINO; MATOS, 2002, p. 183, 193). No PB, as elipses ocorrem principalmente com verbos principais, especialmente no núcleo funcional *Asp*, abaixo de TP (CYRINO, 2006; LOPES, 2007), que, em trabalho mais recente, é tomado como nó licenciador da elipse de VP e de DP (CYRINO; LOPES, 2016). Em: *Tenho vendido muitos sushis_i, porque os dekassegui querem continuar comendo Ø_i depois que voltam ao Brasil* (CYRINO, 2006, p. 79), a leitura do verbo *comendo* é transitiva, possui aspecto durativo (continuar) e é somada ao gerúndio, permitindo a elipse do DP (*sushis*; [-animado;-específico]).

³⁹ “A razão pela qual o objeto nulo do PB pode ocorrer em ilhas [...] está no fato de ser uma sequência de reconstrução inaudível, e, portanto, pode ocorrer em qualquer estrutura, se há identidade estrutural e mesmo vocabulário terminal” (CYRINO, 1994, p. 149).

⁴⁰ Na elipse de VP, todo o VP é elidido, a menos que haja um complemento junto ao DP, como um PP, que obrigue o verbo a ser explícito (MATOS; CYRINO, 2001). O objeto nulo no PB seria uma reconstrução em FL e elipse em FF, licenciada por uma categoria funcional *I*, preenchida por uma categoria lexical *V* em *I*. Nessa proposta, existiria uma categoria funcional *Asp* c-comandando o objeto nulo e licenciando-o, de modo semelhante ao que acontece na elipse de VP. O PE não possuiria esse objeto nulo, por não possuir uma categoria funcional que c-comande essa estrutura, licenciando-a: isto é, *V* não se detém em *I*, ao invés disso, sobe para uma posição mais alta. Em

A elipse do VP diferencia-se do objeto nulo por uma série de propriedades: (i) pode ser licenciada por verbos auxiliares, enquanto o objeto nulo, por verbos principais; (ii) engloba a cópia do verbo, complementos e adjuntos, enquanto o objeto nulo, apenas um argumento do verbo; (iii) pode ser evidenciada pela repetição dos verbos que licenciam o antecedente e a retomada⁴¹, enquanto o objeto nulo ocorreria com verbos diferentes (MATOS; CYRINO, 2001, p. 4, 5).

A seguir, é explicitada a primeira proposta a abordar o objeto nulo do PB como uma elipse de DP.

4.5.2 *Elipse de DP*

Cyrino (1994 em diante) considera que a diferença do elemento nulo no PB em relação ao do PE teve suas raízes em uma mudança fonológica⁴² ocorrida no século XVIII, apenas no PB, que teria causado a perda de clíticos. Dessa fora, teria se generalizado a reconstrução⁴³ que era possível com antecedentes inespecíficos e observada nas *elipses sentenciais*, para antecedentes também inanimados. Essa proposta resgata a hipótese desenvolvida por Kato (1993) de

PE, o movimento de V para I acontece graças aos traços fortes de I. No PB, o licenciamento tanto do objeto nulo como da elipse de VP só é possível graças à perda de movimento de V para I. Assim, a elipse de VP deve ter uma natureza diferente no PB e no PE, relacionada à perda do movimento de V, no PB, graças ao enfraquecimento da concordância – a perda de concordância é a condição necessária para a perda do movimento, apesar de não a ocasionar, necessariamente. Quando o objeto nulo do PB ocorre, apenas o primeiro argumento interno do verbo é elidido, configurando uma *elipse de DP*, possível até mesmo em ilhas sintáticas, contanto que seja [-específico] e [-referencial].

⁴¹ Contudo, esta postulação parece ir de encontro ao exemplo de elipse de VP trazido por Raposo: *Se tu tirares o livro da estante, eu ponho Ø_i de novo* (RAPOSO, 1986, p. 388).

⁴² De acordo com Cyrino; Reich (2002; p. 24): “uma mudança fonológica ocasionada pelo contato plurilíngue que ocasionou uma mudança no ritmo do PB, [...] chegando a um ritmo-σ que levou por sua vez à aférese e/ou apócope dos pronomes clíticos de terceira pessoa em (sub-)variedades de proximidade comunicativa nas quais a coerência do discurso e a identificação do tópico se estabelecem também por contextos situacionais e culturais, variedades essas que em termos da discussão gerativa se podem chamar orientadas para o discurso”.

⁴³ Cyrino afirma que um dos problemas com as propostas do objeto nulo como *pro* é que não chegam a um consenso sobre seus requisitos de licenciamento e identificação (CYRINO, 2006). Segundo a autora, a análise de questões de referência, na teoria gerativa, foi deixada a cargo do componente interpretativo da língua. Contudo, a possibilidade de leituras estrita e imprecisa do elemento vazio, tomado no escopo da teoria da reconstrução de Fiengo; May (1993), permite que esse elemento vazio seja tratado dentro do componente sintático da língua como uma elipse, produto de uma reconstrução. A elipse se configuraria como um processo de uso da língua e requeria um antecedente linguístico, enquanto a reconstrução seria uma parte estrutural da língua, definida como um conjunto de estruturas *tokens* simétricas, isto é, sob condição de identidade sintática, com mesmo vocabulário terminal e para as quais os traços de concordância são irrelevantes (Cyrino, 1994). Essa análise se contrapõe à análise de Tancredi (1992), como visto

que o elemento nulo do PB seria a contraparte nula do pronome neutro *o*, o primeiro pronome clítico de 3ª pessoa a desaparecer. Diante dessas mudanças, o *input* a que a criança estaria exposta teria se modificado e o objeto nulo teria surgido por meio da queda do clítico. Mais tarde, essa mudança provocaria ainda outras alterações na gramática, dentre elas, o aumento no uso do pronome tônico de 3ª pessoa (*ele/ela*) em posição acusativa (CYRINO, 1994).

O objeto nulo do PB equivaleria ao *it* do inglês, evidenciando uma mudança no paradigma pronominal do PB, de *feminino/masculino* para *feminino/masculino/neutro*. É caracterizado como uma elipse de DP, correspondente a uma estrutura de *reconstrução*, ou seja, inaudível em Forma Fonética (FF) e reconstruído em Forma Lógica (FL), onde são resgatados seu conteúdo elidido e sua categoria sintática. Por ser produto de uma reconstrução, possibilita a ambiguidade de leituras estrita/imprecisa⁴⁴. Seria licenciado pela categoria Aspecto (*Asp*) e influenciado pelos traços de animacidade e especificidade, em função da *hierarquia da referencialidade* (CYRINO; DUARTE; KATO, 2000).

A *referencialidade*, a animacidade e a especificidade proporcionariam previsibilidade quanto à seleção da forma assumida na retomada anafórica: quanto mais animado, específico e referencial for o antecedente, mais ele tenderia a ser realizado por meio do pronome pleno, e quanto mais inanimado, inespecífico e

anteriormente neste capítulo, para quem as questões de referência devem ser tratadas fora do escopo da sintaxe.

⁴⁴ Cyrino argumenta (1994, p. 87) contra *pro* para objetos nulos, pois o ON suscitaria leituras ambíguas (estrita e imprecisa), que um pronome pleno (não-nulo, tomado como a contrapartida de um *pro*) não suscita no PB. Parece existir a possibilidade de uma leitura *imprecisa* (mas não ambígua) para um pronome tônico no PB, em consonância com o que Ruda (2021) afirma sobre os clíticos no polonês, em uma frase como: *Antigamente os pais castigavam seus filhos. Hoje em dia, os pais só repreendem eles*, na qual o pronome tônico suscita leitura *apenas* imprecisa (*os filhos dos pais [de hoje em dia]*). De todo modo, essa possibilidade não parece configurar o uso típico do pronome tônico, possivelmente sendo produto de algum contexto especial, talvez relacionado aos antecedentes genéricos, que merece ser melhor estudado, futuramente. Para o PB, a possibilidade de leituras, além de imprecisas, disjuntivas e quantificacionais, disponíveis para o ON seria, ainda, diagnóstica de elipses: a leitura disjuntiva é permitida com os ONs do PB, desde que o antecedente seja [-animado], como em: *Maria preparou [ou o bife ou o peito de frango]. Pedro comeu Ø quando chegou*. Mas quando o pronome pleno é usado, a leitura disjuntiva é perdida: *Pedro comeu ele quando chegou*. (CYRINO, 2021, s.p.). Entretanto, não é claro se com o nulo o falante retoma o disjuntivo ou deixa uma lacuna cujo conteúdo poderá ser inferido como algo ou um dos dois pelo ouvinte. Um dado anedótico é a frase *Todo dia o Guto ganha de sobremesa ou um bombom ou outro doce. Hoje o Guto comeu ele numa velocidade que eu fiquei surpreso!* (*ele = um bombom ou outro doce*), que pode ser usado para ilustrar que, em contextos específicos, talvez até o pronome tônico admita uma leitura *disjuntiva* (isto é: em que o antecedente permanece indeterminado). Desse modo, parece interessante verificar empiricamente o que falante recupera com o uso do nulo e/ou do pronome tônico.

não referencial for o antecedente, mais ele tenderá a ser realizado por meio de um elemento nulo (CYRINO; DUARTE; KATO, 2000).

O elemento nulo do PB, com tantas particularidades, não se confunde com outras lacunas em posição de objeto direto. Por exemplo, elementos *altamente universais* (como *Giovane Elber chutou Ø para fora*. CYRINO; REICH, 2002, p. 9) podem eliminar o primeiro argumento interno da estrutura, sendo elementos nulos cujos antecedentes são identificados apenas pelo conhecimento cultural do falante e de seu interlocutor, ou pelo contexto situacional, mas esse tipo de lacuna não exemplifica o objeto nulo genuíno do PB.

Do mesmo modo, há construções com tópicos em que ocorre deslocamento sintático do objeto, contudo, sem um pronome resumptivo, como é categórico nas outras línguas românicas (por exemplo: *As cervejas_i, cê pode deixar Ø_i lá na sala*), inclusive no PE, no qual o antecedente topicalizado é retomado por um clítico (*As cervejas_i, tu podes deixá-las_i na sala*. CYRINO; REICH, 2002, p. 10). Esse deslocamento também não seria um objeto nulo genuíno. O PB permite que esses deslocamentos partam de ilhas para movimento sintático, o que não ocorre no PE e, ainda, que ocorram com antecedentes situados em outras sentenças, tanto matrizes quanto complexas, sem restrições de animacidade.

O objeto nulo típico do PB seria uma elipse: (i) na posição de complemento verbal (apenas o DP é elidido); (ii) que denota uma entidade (e não um evento, como a elipse de VP); (iii) com traços [-animado; ± específico]; (iv) produto de um apagamento em FF e reconstrução em FL⁴⁵; (v) motivada discursivamente, a fim de evitar redundâncias; (vi) selecionada por um verbo que pode ser, mas não obrigatoriamente é, diferente do verbo que seleciona o DP antecedente; (vii) que não ocorre com verbos auxiliares; (ix) que não exige a presença de advérbios que denotam predicação; (x) que não sofre restrições de ilha; (xi) que exige concordância de traços *phi* (gênero, número e pessoa); (xii) que permite leitura estrita e imprecisa⁴⁶ (CYRINO, 1994, 2006; MATOS, 2003; MATOS; CYRINO, 2001).

⁴⁵ Isto é, um elemento que pode ser interpretado mesmo que não seja audível, mas que depende do acesso aos traços do seu antecedente.

⁴⁶ Contudo, como visto, há trabalhos recentes que afirmam que a ambiguidade de leituras não é uma característica sintática a ser considerada no estudo de elipses (TANCREDI, 1992; MARTINHO, 1999; MERCHANT, 2016; RUDA, 2021), bem como há trabalhos que afirmam que o *pro* também pode ter ambiguidade de leituras (RUDA, 2021).

Para chegar a todas essas características, Cyrino (1994) partiu, dentre outros fatores, da observação de pronomes do tipo *paycheck*⁴⁷, nos quais se destaca a importância dos traços de animacidade do antecedente para a resolução da referência; e que possuem ambiguidade de leituras *estrita* e *imprecisa*. Estas poderiam ser tratadas como componentes *sintáticos* da língua, se tomadas sob o ponto de vista da *teoria da dependência* de Fiengo; May (1993), que postula que as leituras *estrita* e *imprecisa* seriam explicadas por meio da *reconstrução*⁴⁸ em *FL*; com a relevância adicional de incorporar a ambiguidade de leituras ao escopo da sintaxe (CYRINO, 1994).

A elipse de DP, portanto, requer certas condições de licenciamento: (i) é possível apenas quando os objetos diretos são c-comandados pelo verbo (V), que se move para uma projeção funcional interna ao VP, *Inner Aspect (InnAsp)*. Esse movimento seria causado pela perda do movimento *longo* do verbo, levando-o a licenciar as elipses de VP/DP em uma projeção aspectual mais baixa do que T; (ii) sofreria restrições de animacidade: para serem licenciadas como elipses, os DPs nulos de objeto devem possuir o traço [-animado] (enquanto o pronome tônico pode retomar antecedentes [+animado]), mas nunca retoma antecedentes proposicionais (sentenças), as elipses de VP retomam antecedentes proposicionais, nos quais não há restrições de animacidade).

⁴⁷ A designação *paycheck* vem de exemplos como: “*The man who gave his paycheck to his wife was wiser than the man who gave it to his mistress*”. O traço inanimado do antecedente favoreceria a leitura imprecisa (o salário oferecido à amante é diferente do salário oferecido à esposa, e por homens diferentes), enquanto a mesma sentença com antecedentes animados possibilitariam apenas a leitura estrita (CYRINO, 1994, p. 79).

⁴⁸ A reconstrução é caracterizada como uma estrutura sob uma condição de identidade sintática, que pode ser ou não explícita. No processo de reconstrução, o VP antecedente é quem identifica o material reconstruído que, explícito ou não, preserva a estrutura idêntica à do antecedente. A reconstrução é o que permite que sejam eliminadas estruturas sintaticamente redundantes, sem que, a cada turno o falante precise repeti-las e possa acrescentar novas informações, mantendo na memória outra determinada informação fixa. Na hipótese de Fiengo; May (1993), a leitura estrita ou imprecisa é consequência do tipo de ocorrência do correferente. O tipo α é quando o item elidido não depende de um antecedente no mesmo marcador frasal. Nesse caso, a reconstrução copia o índice, resultando em uma leitura estrita. O tipo β é quando a lacuna depende de um antecedente no mesmo marcador frasal. Nesse caso, a reconstrução copia a dependência, resultando em uma leitura imprecisa. Os marcadores frasais são o conjunto de sentenças coordenadas que compõem o discurso. Quando há sentenças subordinadas, elas estão incluídas em orações coordenadas a outras. Assim, quando os pronomes ocorrem dentro de sentenças subordinadas, podem encontrar seu antecedente fora da cláusula, pois este antecedente ainda estaria dentro do marcador frasal, por assim dizer. Desse modo, a proposta de Fiengo; May atribui às propriedades formais da língua a responsabilidade pelas diferentes leituras, precisa e imprecisa, na estrutura da elipse, ao invés de contar com a semântica ou com o “componente interpretativo” do discurso (CYRINO, 1994).

A categoria funcional relacionada ao traço de animacidade é o núcleo funcional *F* [μ Pessoa], situado abaixo de *vP* e acima de *V*. O traço [μ Pessoa] de *F* possuiria traços EPP⁴⁹ que atrairiam apenas os DPs animados. O traço [\pm pessoa] estaria codificado nos DPs e se organizam como mostra a tabela (adaptada de CYRINO, 2018, p. 233):

1ª e 2ª pessoa	[+pessoa]
3ª pessoa [+animado]	[-pessoa]
3ª pessoa [-animado]/plural nu	não-pessoa/ <i>personless</i>

Tabela 4

Os DPs [-animado] não possuem traço *F* (3ª pessoa inanimados são *personless/não-pessoa*) e, sendo φ -incompletos, permanecem *in situ*, onde são c-comandados pelo verbo, recebendo Caso acusativo do verbo transitivo (pois verbos transitivos diretos também são φ -incompletos e só podem atribuir Caso a argumentos internos que sejam igualmente φ -incompletos) e podendo ser licenciados por ele como elipses de DP (os objetos nulos genuínos) em *AspInn*, para onde o verbo se moveu para receber aspecto.

Já os argumentos que retomam DPs [+animado] carregam traço *F* [+/-pessoa] e são φ -completos (definitude, gênero e pessoa = [+pessoa]: 1ª, 2ª e [-pessoa]: 3ª), movendo-se para fora do VP para receberem Caso na categoria funcional *F* (mais especificamente, em *Spec, F*), uma posição fora do VP, acima de *Inner Aspect*, onde um pronome anafórico pleno (*ele/ela*) é possível. Não podem, portanto, ser licenciados como elipses do verbo, já que não são c-comandados por ele (CYRINO, 2018, 2019)⁵⁰.

Uma vez licenciados em posições diferentes em função de animacidade, assume-se que a animacidade dos DPs se reflete na sintaxe. O movimento do DP objeto para fora do VP, para obter uma marcação de Caso, refletiria uma espécie de DOM (*Differential Object Marking*)⁵¹ para o PB, um fenômeno sintático

⁴⁹ No PM (CHOMSKY, 1999) é um traço que requer que a posição *SpecTP* seja preenchida lexicalmente.

⁵⁰ Rinke (2021) aponta para uma “divisão de trabalho” entre objetos pronominais nulos e plenos no PB, o que refletiria uma *DOM* (Marcação de Objeto Diferencial) em PB (Schwenter & Silva 2003), podendo indicar uma posição estrutural superior para os objetos cujos antecedentes são animados. Para Cyrino, essa posição é acima do *vP*.

⁵¹ Schwenter (2014) analisou dados de produção espontânea do PE e do PBe apontou uma alternância funcional entre pronomes (tônicos no PB e clíticos no PE) e ONs. Enquanto os ONs eram usados preferencialmente com antecedentes [-animados], os pronomes tinham antecedentes

sensível à animacidade (CYRINO, 2018, 2019; RINKE, 2021). A ordem linear “[animado]>[inanimado]” da *hierarquia da referencialidade* corresponderia à disposição dos DPs na árvore sintática, de modo que, quanto mais à esquerda, mais acima na árvore está o DP.

A hipótese da *hierarquia da referencialidade* (CYRINO; DUARTE; KATO, 2000) busca explicar a importância dos traços semânticos no fenômeno do objeto nulo. De acordo com essa hierarquia, a referencialidade desempenha um papel preditivo na forma da retomada. Os argumentos [+N, +humano] ocupam a posição mais alta na hierarquia referencial, enquanto não-argumentos ocupam posição mais baixa. Os pronomes de 1ª e 2ª pessoas, sendo inerentemente humanos (cf. SOARES; MILLER, 2000), ocupam as posições mais altas na hierarquia, enquanto a 3ª pessoa está mais abaixo, interagindo com os traços [±humano] e [±específico]. Mais abaixo ainda, encontram-se os pronomes que retomam antecedentes proposicionais e, por último, no ponto mais baixo da hierarquia, os não-argumentos, como ilustra o esquema a seguir, adaptado de Cyrino; Duarte; Kato (2000, p. 4):

não-argumento	proposição	3ª pessoa	1ª e 2ª pessoas
		+/-humano	+/-humano
		+/-específico	
[-ref]	----->	[+ref]	

Quando o antecedente aparece numa posição muito baixa nessa hierarquia, sendo [-animado] e [-específico], a retomada ocorreria com o elemento nulo. Quando aparece numa posição muito alta, sendo altamente referencial ([+animado; +específico]), então a retomada seria por meio de uma forma plena. Além disso, a presença de um elemento nulo em qualquer ponto da escala, implica a existência de um nulo à sua esquerda, na hierarquia (CYRINO, DUARTE e KATO, 2000).

humanos e definidos em ambas as variedades. Esses resultados evidenciaram que a estratégia geral de marcação gramatical no português seria a de não marcar objetos diretos prototípicos (inanimados e inespecíficos/indefinidos), realizados, portanto, como nulos, e de marcar os objetos diretos não prototípicos (humanos e específicos/definidos), realizados como pronominais. De acordo com Schwenter, essa seria a oposição encontrada em línguas que possuem marcação diferencial de objetos (DOM), como o espanhol e o romeno, e que, desse modo, essa oposição encontrada nas variedades do português seria, ao menos, um tipo de DOM.

Os objetos nulos do PB, nessa proposta, possuiriam características bastante específicas: (i) não são restringidos em ilhas para movimento, ao contrário do nulo no PE (RAPOSO, 1986⁵²) ou chinês (HUANG, 1984); (ii) não podem correferir ao sujeito da sentença matriz; (iii) permitem leitura estrita e imprecisa; (iv) não correferem a antecedentes animados (exceto plurais nus); (v) possuem paralelismo estrutural; e (vi) possuem leituras disjuntivas e *E-type* (com antecedentes [-animado]) (CYRINO, 1994; 2018; 2019; 2021). Essas características, em especial a ambiguidade de leituras, levaram à interpretação dos elementos nulos do PB como elipses de DP, ou seja: “*DPs inaudíveis que são idênticos aos seus antecedentes*” (CYRINO, 2018, p. 230).

A proposta do elemento nulo como elipse de DP, portanto, baseia-se em fatores externos à sintaxe (argumentos históricos e motivação discursiva de evitar redundância) e em fatores internos à interface sintaxe-semântica: (i) o antecedente ocupa uma posição mais baixa na hierarquia da referencialidade, (ii) o antecedente possui traços [-animado;-específico], (iii) evoca leituras precisas e imprecisas. O objeto nulo do PB seria um fenômeno muito particular dentre as línguas naturais, produto de vários elementos e processos combinados: reconstrução sintática em FF de uma elipse em FL, podendo ter leitura estrita e imprecisa, disjuntiva e quantificacional; atuação dos traços semânticos do antecedente (animacidade e especificidade), de acordo com a hierarquia da referencialidade; operação do princípio *evite pronome* agindo (somente) na posição de objeto, “*especificamente, no caso da posição de objeto [-temático], ou com antecedentes [-animados]*” (CYRINO, 2003, p. 45)⁵³:

Pode-se dizer que a hipótese de Cyrino é sustentada pelo estudo diacrônico de Berlink (2016) que observa que, desde o século XIX, a configuração típica do elemento nulo do PB já se desenhava como a retomada de antecedentes

⁵² Apesar de estudos posteriores, como o do próprio Raposo (2004) questionarem a força dessa restrição.

⁵³ “*Pretendo mostrar que os diversos estudos realizados até o momento indicam que a queda de clíticos no PB é um fato independente da ocorrência de objetos nulos. Ambos os fenômenos seriam consequências de um princípio mais geral, uma espécie de princípio ‘Evite pronome’ que estaria agindo na posição de objeto, ao contrário do que ocorre na posição de sujeito (cf. Duarte, 2000; Cyrino, Duarte e Kato, 2000)*” (CYRINO, 2003, p. 31) e “[...] no PB, teríamos um princípio ‘Evite pronome’ generalizado para a posição de argumento interno do verbo, ao contrário do que está ocorrendo para a posição de sujeito, conforme Duarte (1995). O princípio seria aplicado a elementos mais baixos na Hierarquia de Referencialidade, quando a lacuna pode ser recuperada formalmente; isto aconteceria, especificamente, no caso da posição de objeto [-temático], ou com

preferencialmente inanimados, inespecíficos e sintaticamente paralelos, e também pelo estudo psicolinguístico de Leitão (2010), que encontrou efeito de paralelismo sintático na compreensão (a posição não paralela do antecedente tornou a leitura da retomada pronominal mais lenta), bem como menores tempos de leitura quando o antecedente do pronome lexical era animado (além de objeto direto), dando suporte à previsão de que fatores sintáticos e semânticos devem convergir no processamento do ODA.

4.5.3 *Elipse de DP sob identidade temática*

Uma proposta que dialoga diretamente com a de Cyrino (1994-2021) é a de Silva (2009), para quem o elemento nulo do PB é tomado como uma elipse de DP, na qual o antecedente e lacuna devem possuir identidade estrutural e temática, mas sem restrições de animacidade. É apontada, ainda, a necessidade de uma boa relação semântica entre o verbo e seu argumento interno.

Silva partiu da análise de *corpus* do português rural baiano⁵⁴, em que encontrou pronomes tônicos retomando antecedentes [-animado] e elementos nulos (que não eram elipses de VP, nomes genéricos, ou tópicos familiares) retomando antecedentes [+animado], o que evidenciaria que o traço de animacidade talvez não fosse categórico no licenciamento do elemento nulo.

- (16) ...meu tio arrumô *essa mulé*_i, aí trouxe \emptyset _i pa dentro de casa... (SILVA, 2009, p. 156)
- (17) Que é por isso que cada dia que passa eu gosto *daquele home*_i e respeito \emptyset _i e vô respeitá *ele*_i até o fim;
- (18) É... porque *ele*_i robô uma moto, aí acho que o... policial veio buscá *ele*_i e prendeu \emptyset _i (SILVA, 2009, p. 162 e 163).

Para dar conta de explicar: (i) a ocorrência de formas nulas com antecedentes [+animado]; (ii) a ocorrência de pronomes tônicos com antecedentes

antecedentes [-animados]. Em resumo, temos: [...] o objeto nulo é consequência do princípio “Evite pronome” (CYRINO, 2003, p. 45).

⁵⁴ Os dados de Silva decorrem de amostras de falas de “*comunidades rurais afrodescendentes, de comunidades rurais etnicamente heterogêneas e de comunidades urbanas do município de Salvador*” (SILVA, 2009, p. 66). Isto é, a autora observa o dialeto produto do contato entre: “[...] falantes que possivelmente guardam algum vestígio de aquisição imperfeita do português [...] e, do outro lado, [...] indivíduos que mantêm contato com falantes do dialeto falado na zona urbana [...]” (SILVA, 2009, 67). Nesta tese, observa-se a possibilidade de suas hipóteses teóricas se estenderem como um todo ao PB.

[-animado]; e (iii) as possibilidades de retomada do antecedente sujeito da sentença matriz com um o elemento nulo na sentença complexa⁵⁵, a autora assume a identidade de papéis temáticos entre o antecedente e a lacuna como condição fundamental para o licenciamento do elemento nulo. Para que possuam o mesmo papel temático, os itens devem manter certa identidade estrutural, isto é, ser conectados na mesma posição, no momento da derivação; sendo compatíveis com elipses. Adotando a elipse de DP como explicação do fenômeno, garantiria-se a possibilidade de leitura imprecisa do elemento nulo em PB⁵⁶ (em princípio, não explicada pelas teorias que assumem *pro*⁵⁷).

Silva assume, então que o objeto nulo no PB é uma elipse de DP cuja condição de licenciamento é identidade temática – de modo que uma cadeia com papéis temáticos distintos não pode licenciar um elemento nulo. Sua hipótese baseia-se na proposta de Cyrino (1994 em diante), mas incorpora também a proposta de Galves (1989) quanto à *duplicidade* na natureza do elemento nulo: seria livre, de acordo com a TL, e dependente, de acordo com a teoria temática⁵⁸. A agramaticalidade de sentenças como **João_i disse que Maria beijou Ø_i* seria, portanto, consequência de *João* e o elemento nulo não compartilharem o mesmo papel temático, isto é, de existirem dois papéis temáticos distintos na cadeia temática.

A identidade total (temática e, consequentemente, estrutural) entre a lacuna e o antecedente seria a condição essencial para haver um ODA nulo, que seria uma elipse de DP, acarretando também a impossibilidade de correferir a um

⁵⁵ Sentenças como **A Sophie_i sabe que o Augusto gostaria de conhecer Ø_i*, em que a retomada nula, é agramatical, mas a retomada com o pronome pleno, não (cf. FARRELL, 1986; GALVES, 2001).

⁵⁶ A proposta de Silva (2009) questiona a hipótese de Kato (2001, 2003) que, quando interpreta o elemento nulo como uma elipse de VP, isto é, uma topicalização de um VP (por exemplo, *Visitar os amigos, a Maria não conhece ninguém que visite* [_{VP} ___] KATO, 2001, p.144), está assumindo relações de localidade, ao invés da reconstrução, adotando um movimento aparentemente desmotivado que tem como consequência eliminar a leitura imprecisa da sentença. No exemplo *O João cumprimentou a sua mãe, mas [cumprimentar a sua mãe] o Pedro não cumprimentou* [_{VP} ___] (KATO, 2001, p. 151), a relação entre o possessivo e o NP *mãe* é interpretada localmente, ao invés de ser o produto de uma reconstrução, tornando a leitura apenas restrita: *Pedro cumprimentou a mãe de João* (e não *a própria mãe de Pedro ou de qualquer outro indivíduo*). Para Silva, esse movimento parece desmotivado.

⁵⁷ Na análise de Ruda (2021) e Tancredi (1992), não deveria ser categórica a identificação de uma elipse pela característica da possibilidade de leitura imprecisa. Contudo, a possibilidade de leitura imprecisa parece ser uma característica-chave na identificação do ON do PB. Interpretá-la como consequência do processo de reconstrução do DP elidido em FL, pelo qual se identifica a elipse, na hipótese de Cyrino (1994-2021), parece, em princípio, dar conta de explicar o fenômeno.

⁵⁸ Embora para Galves o objeto nulo fosse um *pro* licenciado apenas com antecedentes [-animado].

antecedente gerado como argumento externo de VP. Isto é, o antecedente de um ODA precisaria ser gerado como argumento interno do verbo (recebendo papel temático de *tema*). Um elemento nulo só retomaria um antecedente com função sintática de sujeito, caso esse sujeito seja derivado. Isto é: gerado em posição interna ao verbo, recebendo papel de *tema* e não sofrendo restrições de animacidade⁵⁹.

Baseada na hierarquia temática de Larson⁶⁰, Silva propõe a seguinte hierarquia de organização dos papéis temáticos, equivalentes à posição ocupada na sentença pelos DPs aos quais são atribuídos, da mais alta para a mais baixa⁶¹:

- (19) Agente / causativos / experienciador > tema / paciente / alvo > oblíquo / modo / locativo... (SILVA, 2009, p.171)

Apenas DPs que possuem o papel temático de agente (DP_{ag}), experienciador (DP_{exp}) ou causativo (DP_{caus}) são gerados em *Spec vP*, sendo também licenciados ou restringidos pelas mesmas regras (embora o DP causativo possa ser gerado também como argumento interno, como se verá mais à frente). Uma dessas regras seria a de que o DP_{ag/exp/caus} gerado em *Spec vP* exige o traço [+animado], sendo esperado que ele não possa ser retomado por um elemento nulo.

Contudo, alguns DP_{scaus} que ocupam a posição de sujeito de verbos psicológicos não seriam sujeitos *básicos*, isto é, gerados em *Spec VP*, mas sujeitos *derivados*, gerados internamente ao verbo e movidos para uma posição mais alta. Seriam cópias sem material fonético dos DPs movidos da posição de argumento interno para a posição de tópico-sujeito, localizada entre CP e IP, que permite ao DP copiado comportar-se de forma semelhante à do sujeito que, no entanto, não pode receber o papel temático de agente da ação expressa pelo verbo. Assim como os DP_{stema}, os DP_{scaus} não exigem a volição ou a sensibilidade necessárias ao papel de agente e de experienciador, admitindo traços [\pm animado]. Desse modo, poderiam ser antecedentes de elementos nulos caracterizados como elipse de DP, uma vez que são estrutural e tematicamente paralelos. Nesse contexto, as

⁵⁹ Consoante a Cyrino (1994, p. 146: “Não há nada na teoria da reconstrução que impediria um objeto de ter como antecedente um sujeito na cláusula anterior, se os requerimentos de mesmo vocabulário terminal e mesma estrutura categorial fossem obedecidos”) e Cyrino; Lopes (2016).

⁶⁰ “If a verb determines θ -roles, $\theta_1, \theta_2, \dots, \theta_n$, then the lowest role on the Thematic Hierarchy is assigned to the lowest argument in constituent structure, the next lowest role to the next lowest argument, and so on.” (LARSON, 1988 apud SILVA, 2009, p. 169)

restrições de animacidade, na verdade, seriam uma consequência de os sujeitos [+animado] geralmente serem gerados como sujeitos básicos, não podendo por isso ser retomados por um elemento nulo e acarretando o uso do pronome pleno⁶². Porém, se os sujeitos forem gerados como derivados, não haveria, de fato, restrições de animacidade, e mesmo antecedentes [+animado] poderiam ser retomados por elementos nulos (SILVA, 2009)⁶³.

Diante dessas considerações, o contraste entre os exemplos que se seguem, geralmente usado para demonstrar as restrições de animacidade ao elemento nulo, é explicado pela autora em termos da dupla possibilidade de papéis temáticos que um verbo como *exigir* pode selecionar: (i) um DP_{ag} gerado em spec vP (*esse juiz*), que é um sujeito básico *agente*, com traço [+animado] (necessário à agentividade: o juiz de fato estaria exigindo algo das pessoas na sentença); ou (ii) um DP_{caus} gerado como argumento interno do verbo (*esse prato*) que, sendo um sujeito derivado possui papel temático de *tema* (e que não possui o traço [+animado] necessário à agentividade: não está, de fato, exigindo coisa alguma, na sentença).

- (20) *Esse prato*_i exige que o cozinheiro prepare Ø_i na mesa;
 (21) **Esse juiz*_i exige que os ouvintes cumprimentem Ø_i na entrada do fórum (SILVA, 2009, p.195).

Já nos exemplos:

- (22) *Esse livro*_i decepcionou as pessoas que tentaram ler Ø_i.
 (23) **Esse ator*_i decepcionou as pessoas que tentaram cumprimentar Ø_i (SILVA, 2009, p. 169).

⁶¹ A caracterização original de Larson não contemplava os papéis temáticos de causativo e experienciador, acrescentados na adaptação feita por Silva.

⁶² O pronome pleno está disponível também nas situações em que o ON é licenciado (até mesmo na retomada de antecedentes inanimados): “o ELE retoma inclusive antecedentes com traço [-animado] [...], assim como o ON retoma antecedente com traço [+animado] [...]. Essa variação é possível devido ao fato de o antecedente compartilhar o papel semântico com o objeto retomado, tema. Parece ser essa a condição que permite o falante escolher entre o ON e ELE” (SILVA, 2009, p. 90).

⁶³ Os verbos psicológicos ou são transitivos, ora selecionando um argumento externo e um argumento interno, ora selecionando seus dois argumentos internamente, acarretando um sujeito derivado. No exemplo: *Esse livro*_i decepcionou as pessoas que tentaram ler Ø_i (SILVA, 2009, p. 197), *Esse livro* é tema, enquanto em **José*_i impediu a esposa de matar Ø_i (SILVA, 2009, p. 197), *José* é agente. Desse modo, no primeiro exemplo, o antecedente e a lacuna compartilham o papel temático e a sentença é derivada, mas o mesmo não ocorre no segundo exemplo, tornando a sentença agramatical.

Esse livro e esse ator possuem ambos o papel temático de *causativo*, já que desencadeiam uma mudança psicológica sobre *as pessoas (experenciador)*. Contudo, o pressuposto contido nos antecedentes das lacunas não seriam os mesmos: enquanto com *esse livro* e a lacuna, a relação é de um conteúdo e um recipiente (*[o conteúdo desse livro] decepcionou quem tentou ler [o conteúdo desse livro]*), com *esse ator* e a lacuna, a relação é de agente e ato (*[a performance do ator] decepcionou quem tentou cumprimentar [o ator]*), evidenciando uma cadeia de papéis temáticos diferentes entre antecedente e lacuna, na segunda frase. Nesse sentido, a animacidade não seria o fator decisivo, pois a agramaticalidade se manteria, mesmo que se substituísse o DP animado por um inanimado. Para que a derivação seja gramatical, os papéis temáticos do antecedente e da lacuna devem coincidir, como demonstram os exemplos:

- (24) *Esse livro*_i decepcionou as pessoas que tentaram ler Ø_i;
- (25) *A performance desse ator_i decepcionou as pessoas que tentaram cumprimentar Ø_i (SILVA, 2009, p. 194).
- (26) A performance do ator_i decepcionou as pessoas que viram Ø_i. (SILVA, 2009, p. 195)

A autora aponta ainda a possibilidade de um elemento nulo correferir a um antecedente sujeito perpassa não somente por restrições a fatores semânticos, mas também a fatores pragmáticos do comportamento dos verbos. Um exemplo de licenciamento pragmático é demonstrado pelo contraste entre as sentenças a seguir: é possível observar que, sem o AP *sozinhas*, a lacuna não seria licenciada e que a substituição do PP inanimado *de garrafa* por um PP animado como *de artista*, mantendo um AP (*eufóricos*), também licenciaria o elemento nulo (mas não em: **Esse tipo de artista*_i permite que seus fãs cumprimentem Ø_i), evidenciando fatores de ordem pragmática:

- (27) *Esse tipo de garrafa*_i impede as crianças de abrirem Ø_i sozinhas;
- (28) * *Esse tipo de garrafa*_i impede as crianças de abrirem Ø_i;
- (29) *Esse tipo de artista*_i permite que seus fãs cumprimentem Ø_i eufóricos. (SILVA, 2009, p. 192)

A boa relação semântica entre o antecedente, o verbo e a lacuna também é considerada para a gramaticalidade da frase, mesmo que o AP seja mantido, como em:

- (30) **Esse tipo de garrafa_i* impede as crianças de comprarem \emptyset_i sozinhas.
 (31) **Esse tipo de garrafa_i* permite os seus fãs comprarem \emptyset_i eufóricos. (SILVA, 2009, p.193)

Para a autora, portanto, um objeto nulo é licenciado quando o DP antecedente é gerado na posição de argumento do verbo (isto é, na mesma posição sintática e com papéis temáticos idênticos aos da retomada) e existe uma boa relação semântica entre o verbo e seus complementos. Essas características seriam parcialmente compatíveis com o que é requerido para o licenciamento da elipse de DP de Cyrino (1994), cuja recuperação do antecedente requer identidade estrutural entre antecedente e lacuna.

Em suma, a proposta do elemento nulo como elipse de DP sob identidade temática pode ser assim caracterizada: (i) o elemento nulo é licenciado apenas quando o DP antecedente e o elemento nulo mantêm uma relação de identidade: são gerados internamente ao verbo e com papel temático semelhante (tema/paciente); (ii) verbos psicológicos, como o verbo *exigir*, que selecionam tanto sujeitos básicos (papel temático agente, experienciador ou causativo), como derivados (papel temático causativo), permitirão apenas que sujeitos derivados sejam retomados com elemento nulo, mas não os sujeitos básicos. De todo modo, essa lacuna não é considerada um elemento nulo típico, apesar de haver paralelismo; (iii) os sujeitos de verbos de ação, com papéis temáticos de *experienciador*, *agente* ou *causativo* são sujeitos básicos (mas os sujeitos causativos podem ser também derivados, quando o verbo é psicológico), isto é, conectados na posição de *Spec vP*, podendo, inclusive ocorrer com antecedentes [-animado]; (iv) o papel temático dos objetos diretos é quase sempre o de tema, por não expressarem volição, mas há exceções, como em: *O vento derrubou o vaso*; (v) elementos nulos são possíveis em situações em que os verbos possuem boa relação semântica com os antecedentes do elemento nulo e existem APs. Esses elementos nulos seriam favorecidos por questões pragmáticas, mas essa lacuna não é considerada um elemento nulo genuíno (que seria uma elipse de DP, produto de uma reconstrução em FL) (SILVA, 2009).

Diante do exposto, esta tese considera, agora, alguns pontos de dificuldade com esta proposta.

De acordo com Silva, se um DP_{caus} antecedente com função de sujeito é [+animado], então é gerado em SpecVP, do mesmo modo que os DP_{sag/exp}. Na frase **Esse ator_i decepcionou as pessoas que tentaram cumprimentar Ø_i*, a retomada com elemento nulo não parece boa e esse estranhamento seria por que não foi o antecedente linguístico com papel de agente, *esse ator*, quem decepcionou as pessoas, mas o pressuposto desse antecedente: *a performance desse ator*, cujo papel é de tema. Assim, o elemento nulo seria restringido graças à diferença estrutural e temática entre o objeto direto anafórico e os pressupostos contidos em seu antecedente. De acordo com essa hipótese, se o verbo fosse mudado para um que selecionasse *a performance desse ator* como complemento, tornando *a performance desse ator* o antecedente da retomada, a frase com retomada nula seria gramatical.

Nos exemplos a seguir, agora com antecedente [+animado] (e sem pressupostos [-animado]), as condições da hipótese de Silva não parecem se aplicar. Os sujeitos dessas sentenças são causativos, a boa relação semântica entre verbos e complementos é observada, mas, ainda assim, as sentenças com elemento nulo soam estranhas, continuando a causar algum estranhamento mesmo quando acompanhadas de APs.

- (32) **A atriz_i decepcionou os fãs que tentaram ver ela/-la/*Ø_i.*
 (33) **A atriz_i decepcionou os fãs que cumprimentaram ela/na/*Ø_i na saída do teatro.*

Atribui-se essas dificuldades ao fato de que, de acordo com a própria hipótese de Silva, os antecedentes [+animado] de verbos psicológicos, apesar de possuírem papel temático causativo, são sempre gerados em Spec VP. Assim, é possível presumir a impossibilidade de um antecedente [+animado] de um verbo psicológico ser retomado por um argumento interno nulo (ao menos não em função da cadeia temática), já que esse sujeito não seria derivado, uma vez que os papéis temáticos do antecedente e da retomada seriam diferentes. Essa proposta, portanto, parece trazer uma explicação para que o antecedente *sujeito* [-animado] possa ser antecedente de elemento nulo em função de objeto, mantendo o paralelismo estrutural necessário à elipse, mas não elucidada a restrição com antecedentes [+animado]. Em última análise, o que parece estar definindo a

possibilidade de retomada com elementos nulos, em se tratando do antecedente sujeito de verbos psicológicos, parece ser, de fato, a animacidade do antecedente.

Situação diferente parece ocorrer quando a frase está na voz passiva, quando se usa um outro tipo de sujeito derivado (de verbos *de ação*) e há identidade estrutural e temática entre antecedente e retomada, além de uma boa relação entre verbos e complementos, favorecida, ainda, pela presença de APs:

- (34) *A xícara_i foi quebrada logo depois que o Pedro guardou ela/Ø_i.*
- (35) *Maria_i foi contratada depois que o Pedro entrevistou ela/²Ø_i.*
- (36) *A xícara_i foi consertada por Pedro depois que ele quebrou ela/Ø_i.*
- (37) *Maria_i foi atendida logo que o médico chamou ela/Ø_i.*
- (38) *A Maria_i deixou você beijar ela_i/Ø_{i/j} no rosto?*
- (39) *Maria_i não gosta que as pessoas abracem ela_i/Ø_{i/j} por muito tempo.*

No entanto, não é possível afirmar, exceto experimentalmente, que a retomada com o elemento nulo seria preferencial no estabelecimento da correferência com um antecedente [+animado] com o qual compartilhe identidade temática e estrutural. O fato de o papel temático variar entre antecedentes animados e essa variação permitir ou não a presença de nulos, por si só já demonstra a importância da animacidade para a forma da retomada anafórica.

4.6 Pro mínimo

Partindo da análise de sentenças do polonês, Ruda (2021) reflete a respeito das propostas de interpretação dos elementos nulos como elipses, afirmando que costuma-se tomar o movimento do verbo e a ambiguidade de leituras estrita/imprecisa como diagnóstico da presença de uma elipse, mas que essa abordagem apresenta as seguintes dificuldades: (i) que a ambiguidade de leituras da elipse venha na verdade do NP/DP, e não do VP inteiro (RUDA, 2021); (ii) que a ambiguidade de leituras existe também fora do domínio da elipse (TANCREDI, 1992); (iii) além de a leitura *estrita* não estar disponível para a interpretação do elemento nulo, em algumas línguas, mas apenas a *imprecisa* (RUDA, 2021, p. 45).

Destacando que existe a possibilidade de o ON ter um estatuto gramatical variado entre as diversas línguas naturais, Ruda (2021) explora uma abordagem

que não se baseia na ambiguidade de leituras como determinante de uma elipse⁶⁴, uma vez que essa leitura imprecisa não seria inerentemente incompatível com pronomes plenos. Ela assume que o elemento nulo e o pronome pleno possuem propriedades interpretativas que não excluem a possibilidade de que sejam um mesmo fenômeno, apesar de terem também diferenças, e que situação semelhante ocorreria com o pronome sujeito, o qual seria analisado como um *pro*, ainda que haja diferenças interpretativas entre sujeitos nulos e plenos.

A possibilidade de que um elemento nulo tenha seu conteúdo semântico recuperado por meio da referência ao antecedente situacional, mesmo na ausência de um antecedente linguístico (do mesmo modo que ocorre com os pronomes plenos exofóricos), é considerada um forte argumento a favor de que o elemento nulo seja um *pro*. Como exemplo, em polonês, o gênero masculino do pronome, na sentença que se segue, é atribuído pelo substantivo *plecak* (*mochila*; singular e masculino), que é nulo na sentença, evidenciando que a relação entre um antecedente exofórico e o pronome pleno que o retoma foi mediada pela linguagem.

- (40) [A vê que a mochila de B está aberta.]
 Zapnij ø/go, bo cóś Ci wypadnie.
 Feche ø/-o porque algo seu cairá.
 (RUDA, 2021, p. 74)

Ruda não chega a esclarecer como esse licenciamento é obtido, mas sugere que, a menos que haja um mecanismo adicional licenciando os traços de gênero e número, dados como esses apresentariam uma dificuldade para teorias que afirmam que o elemento nulo seja uma elipse, já que o antecedente é somente extralinguístico e a elipse requeria um antecedente linguístico.

A autora aponta também que, em alguns contextos, o elemento nulo não pode ser interpretado como idêntico ao DP/NP antecedente, como ocorre no polonês, em que os pronomes plenos (que podem ter leituras estritas e imprecisas) revelam uma grande dependência do contexto discursivo (isto é, a necessidade de recuperação do seu conteúdo semântico por meio do antecedente) para resolver dentre as suas possibilidades de interpretação. Neste caso, duas opções de análise

⁶⁴ Uma questão que se impõe, quando se descarta a ambiguidade de leituras imprecisa/estrita como identificador de uma elipse, é evidenciar qual é, então, a característica que permite caracterizar o

são assumidas: (i) que existam duas representações disponíveis na sintaxe, e as leituras indisponíveis na interface semântica seriam bloqueadas; ou (ii) que existe apenas uma representação sintática, com diferentes possibilidades semânticas que dependeriam do contexto.

A solução de Ruda para a análise do elemento nulo, possivelmente em qualquer língua, é postular a presença de um *pro* mínimo tanto para a análise pronominal, quanto para a análise de elipse. Isto é: ou há elipse do argumento, acrescida de um *pro* mínimo, ou há um *pro* mínimo, apenas. Dessa forma, um pronome seria necessário, qualquer que fosse a análise: o *pro* talvez seja apagado em FF para garantir sua nulidade, ou a cópia da elipse em FL talvez exija um *pro* mínimo que satisfaça as características seletivas do verbo, trazendo ainda a possibilidade de a nulidade de um pronome ser uma questão diferente da sua representação (RUDA, 2021). No formalismo sugerido por ela, o *pro* mínimo é representado por n^{65} e a categoria funcional, por nP , como em:

$$(41) \quad [_{VP} V [_{nP} n]]$$

De acordo com a autora, essa proposta se coaduna com estudos de aquisição da linguagem que postulam um substantivo vazio nulo (n) presente no estado inicial da gramática, podendo ser combinado (*Merged*) em qualquer posição argumental (RUDA, 2021, p. 95), embora a própria autora admita que a proposta carece de testagens.

Assim, o estatuto sintático do elemento nulo entre as diversas línguas e mesmo apenas no PB, como foi visto até aqui, está distante de ser algo consensual. As propostas que encontraram mais adeptos, até então, são aquelas que interpretam o elemento nulo como uma variável, um *pro*, ou uma elipse.

estatuto sintático do elemento nulo.

⁶⁵ Em estudo a respeito do ON no gênero *receita* e do ON genérico, os ONs do inglês e do tcheco, respectivamente, já eram considerados n por Ruda (2014, 2016). Cyrino (2021) argumenta, contudo, que nenhuma dessas lacunas possui as mesmas características do ON típico do PB. Ela afirma que em várias línguas, como o inglês, o objeto nulo é possível em contextos de receitas e em frases imperativas. Entretanto, o ON genuíno do PB seria diferente e ocorreria em contextos que outras línguas não têm (CYRINO, 1994, p. 45). Quanto aos genéricos, a única possibilidade para os antecedentes com traço [+animado] no PB serem retomados por nulos são nos casos em que os antecedentes são [-específico] (CYRINO, 2020; LOPES; QUADROS, 2005), como em: *A FEBEM é um dos elos dessa corrente que cria o menor infrator_i; mas não é ela o único responsável, o único elo que cria \emptyset_i , e como tal ela não consegue recuperar \emptyset_i* (CYRINO, 1994, p. 147). Uma lacuna retomando antecedentes [+animado; +específicos] só ocorreria dentro de uma

A contribuição desta tese para essa discussão pretende-se em termos do que as condições de acessibilidade de um antecedente podem evidenciar a respeito da codificação da retomada.

4.7 Seguindo para a obtenção de dados experimentais

A teoria linguística, portanto, ocupa-se da dimensão sintática/semântica do fenômeno da correferência, mas outros fatores, fora do domínio sentença e investigados por estudos psicolinguísticos, devem ser considerados. Uma teoria do processamento de relações de codificação referencial terá de levar em conta os fatores não sintáticos que possam sinalizar o que é percebido pelo falante/ouvinte no estabelecimento da relação anafórica.

No PB, a relativa ausência do pronome clítico acaba deixando, como alternativas mais acessíveis na fala espontânea, a forma pronominal tônica (exceto diante de forte influência da escrita sobre a fala) e o elemento nulo. Os pronomes tônicos, semelhantemente aos clíticos, codificam traços *phi* e parecem trazer certa noção de agentividade (dado que têm a forma do caso nominativo, característica do sujeito, que tende a codificar papéis temáticos de *agente* e *experenciador*). Corroborando essa ideia, trabalhos psicolinguísticos demonstram que o antecedente mais acessível⁶⁶ na sentença complexa, para um pronominal em posição de objeto parece ser o sujeito (ARNOLD, 2010; PERELMUTER, 2020); isto é: o pronome tônico parece recuperar o sujeito sentencial (MAIA, 1997; VENTURA *et al*, 2018; KENEDY; ABRAÇADO, 2012), mas outros fatores podem afetar a acessibilidade do antecedente, como a animacidade, a especificidade, o papel temático (a serem captados também pelo ouvinte) e o paralelismo de funções sintáticas (entre o antecedente e a retomada). As condições de produção (propriedades do antecedente, como a sua especificidade⁶⁷, a oração

elipse de VP (*Todo mundo diz que o João beijou a Maria depois do baile, mas ele insiste que ninguém beijou Ø*; CYRINO, 1994, p. 39).

⁶⁶ A acessibilidade de um elemento e os fatores que contribuem ou não para ela serão abordados em mais detalhe na próxima seção.

⁶⁷ Para Cyrino, é a inespecificidade que permite a interpretação imprecisa (*sloppy*) da referência. A leitura imprecisa e a especificidade, nesse sentido, podem ser tomadas como duas características que são consequência uma da outra. Em termos do processamento, parece que o que se mantém na memória do falante a respeito do antecedente inespecífico é somente um termo que foi referenciado num determinado contexto, que participou de uma referência tão inespecífica, que isso permite a leitura imprecisa. Esse seria também o caso de genéricos, pois são os antecedentes

em que se encontra, a sua posição sintática, o seu papel temático e suas propriedades semânticas) parecem ser o determinam a acessibilidade relativa de um elemento⁶⁸ e definem se ele será realizado em FF (sendo possivelmente, também, consideradas pela criança que está adquirindo a língua).

Uma maneira de codificar a relevância de um elemento, e portanto sua acessibilidade, é pôr esse elemento numa posição sintática relevante: mais alta na árvore, como a de tópico, ou numa posição de c-comando alta, como a de sujeito, pois essas são posições que se mantêm acessíveis por mais tempo na memória dos falantes. Se, por exemplo, um elemento é um tópico, ao longo da situação discursiva, o falante, ao mantê-lo, vai negociar consigo mesmo e com seu interlocutor a acessibilidade desse elemento, a necessidade de codificar novamente todos os seus traços, ou não. Outro ponto pode ter relação com a (ir)relevância discursiva dos traços: de acordo com a literatura, no PE, a animacidade não parece afetar os clíticos ou nulos, mas o elemento nulo anafórico do PB é mais bem aceito com elementos inanimados (CYRINO, 1994-2019; SCHWENTER; SILVA, 2002; 2003) – para os quais traços como o de gênero não seriam relevantes. Se os traços semânticos também estiverem acessíveis para o falante, que está produzindo seu discurso da forma mais econômica possível (e para seu interlocutor, de acordo com a expectativa inconsciente desse falante), a fim de evitar custos de recuperação de traços fônicos e de articulação, o falante pode optar pela retomada nula, que representa um menor custo – e que talvez seja a forma *default* numa língua que possui essa opção (cf. SCHWENTER; SILVA, 2002; 2003). Se o elemento nulo for tomado como *default*, então um elemento com os traços *phi* explícitos (os pronomes tônicos) fixaria o valor marcado para a língua. O falante só codificaria na interface fônica aquilo que fosse necessário, tanto pra ele quanto para ouvinte recuperarem o que não está mais suficientemente ativo na memória de trabalho.

com mais alto grau de inespecificidade e com os quais os objetos nulos parecem soar melhor, independentemente de animacidade. No exemplo: *Se você vai querer comer [peixe]₁ no jantar, então tem que voltar lá na peixaria pra comprar [__/ele]₁*, parece estranho usar o pronome tônico, afinal, é um nome nu, inespecífico, e inanimado. Contudo, não parece haver penalidade nesse uso.

⁶⁸ Assume-se que, sendo necessário recuperar todos os traços semânticos, o falante usa um DP pleno. Com os traços *phi* especificados, usa um pronome ou uma forma nula. Essa forma nula, para ser um *pro*, requer a identidade com o referente e, portanto, deve ter traços *phi* especificados. A elipse de DP, por sua vez, de acordo com Cyrino (1994), permite leitura imprecisa isto é: não requer identidade do referente.

Enquanto o clítico tem os traços *phi* visíveis, como o pronome tônico, mas é um elemento que parece ter um custo computacional maior na derivação (JAKUBOVICZ, 2018) e não sofre efeito de animacidade, marcando apenas uma posição sintática, o pronome tônico, compartilhando a forma fônica com a do caso nominativo, carrega agentividade, o que por sua vez remete à animacidade e pode ser o que favorece sua ocorrência com antecedentes [+animado], já que sua forma fônica está associada ao caso nominativo, mais característico desses traços. Seu uso pode ser preferencial na fala, sofrendo possivelmente influência de escolaridade (a aquisição da língua escrita possivelmente afeta a língua oral, assim como adquirir uma segunda língua afeta a primeira).

Diante das possibilidades que a língua apresenta, pode-se dizer que a premissa principal que fundamenta esta tese é a noção de que a codificação da retomada anafórica de objeto direto é determinada pela acessibilidade relativa de um antecedente no discurso, sob certas condições de produção (que incluem o grau de ativação de uma forma anafórica na mente do falante) e a partir da sua intenção de fala e do modo como as alternativas se relacionam na língua. Entre um pronominal nulo, tônico ou clítico, além da acessibilidade relativa do antecedente, influenciam fatores como a marca de formalidade (clítico vs tônico), o fato de o elemento nulo poder ser opção prioritária da língua ou uma alternativa ao clítico (o nulo apareceria como uma alternativa ao clítico no PB, juntamente com a forma tônica. Contudo, uma vez que a forma tônica é estigmatizada, a forma nula pode assumir um papel adicional, como alternativa ao clítico) e a acessibilidade da forma a ser codificada no léxico individual (já que a forma do registro da língua que é mais frequentemente usada pelo falante é a que está mais ativa para ele; sendo influenciada por idade e escolaridade – se o falante é escolarizado, o clítico está presente como alternativa). Nos experimentos desta tese, por exemplo, esperava-se que houvesse clíticos, uma vez que os participantes eram falantes altamente escolarizados. Desse modo, pretendia-se verificar o quanto o elemento nulo e o pronome tônico apareceriam como alternativas ao clítico.

Em situações informais, pode-se supor que o pronome tônico esteja presente, em competição com o pronome clítico. Do ponto de vista do falante, a retomada por meio de uma forma pronominal lexicalizada, na qual os traços *phi* são suficientes (podendo, numa situação ótima, servir de *pointer* efetivo para o

ouvinte), sugere que os demais traços semânticos ou a própria representação do antecedente estejam acessíveis e que sua relevância possa ser levada em conta na codificação.

O elemento nulo (como um *pro*), por sua vez, seria uma alternativa ao clítico quando os seus traços *phi* estiverem suficientemente salientes para o falante (para o ouvinte, os traços *phi* de um pronome estão sempre subespecificados e serão atribuídos durante o seu processamento da sentença). No caso do pronome (tônico, clítico ou *pro*), o antecedente poderia estar consideravelmente distante do elemento anafórico, pois os traços *phi*, ou o traço de pessoa, serviriam *pointer*⁶⁹ para que o ouvinte retomasse um antecedente (supondo-se daí uma preferência do elemento nulo por retomar antecedentes [-animado]), dado que, com eles, o traço de gênero, ao menos, não é relevante).

No modelo MINC, os traços semânticos influenciam na codificação das formas presentes em cada sentença. Desse modo, quando uma forma fônica não é codificada, possivelmente, isso ocorreria graças à relativa (ir)relevância dos traços, como os de gênero e de número, num determinado ponto do discurso, repercutindo na inanimacidade e inespecificidade (já que o traço de gênero muitas vezes não está presente com antecedentes inespecíficos e é inexistente com inanimados). Da mesma forma, em alguns casos, um antecedente inespecífico, quando codificado na sentença anafórica, mantém esse traço inespecífico com a

⁶⁹ Uma espécie de gatilho para o *minimal search*, materializando o referente a partir da codificação dos traços *phi*. A abordagem de Chomsky, assumindo que a linguagem possui propriedades gerais semelhantes às de outros sistemas biológicos, aponta três fatores que ele acredita interferirem nas línguas humanas, que seriam o fator genético (a GU); o fator experiência; e o *terceiro fator*, correspondente a propriedades decorrentes de sistemas e de operações já disponíveis na natureza, que estariam para além do que Chomsky toma como faculdade de linguagem, mas afetariam o modo como os elementos do léxico se combinam e se relacionam em expressões linguísticas. A *busca mínima* (*minimal search*) seria um procedimento de eficiência computacional que pode se aplicar à ligação anafórica em LF. Segundo Chomsky (2018), a *busca mínima* é um algoritmo capaz de identificar um rótulo de um objeto sintático, produto da operação concatenar (*Merge*), nas interfaces. Esse algoritmo detecta o elemento mínimo (um núcleo) *mais acessível* em um domínio, que pode ser sentencial ou discursivo. Dessa forma, a *busca mínima* pode se relacionar com a *acessibilidade* do antecedente no discurso do ponto de vista do falante, mas pode repercutir na facilidade de busca pelo ouvinte. Quando o ouvinte se depara com o pronome, fazendo um *minimal search* para encontrar o antecedente desse pronome dentro da sentença, o primeiro elemento nominal encontrado é o sujeito. Essa relação, no entanto, deve ser bloqueada pela contraposição ao reflexivo. Isto é, para que o *minimal search* tenha sucesso conectando o pronome anafórico ao sujeito local, esse elemento anafórico deve ter o traço de reflexividade, traço semântico que influencia na computação. No PB, esse bloqueio pode não ser tão categórico em alguns contextos, admitindo o *ele/ela* correferente ao sujeito. O papel do pronome tônico, nesse caso, teria de ser considerado levando em conta a inclusão do reflexivos no sistema pronominal. Isto é, o pronome tônico deve ser considerado diante das especificidades da aquisição do reflexivo no PB (CORRÊA; PERLMUTER, 2021; PERLMUTER, 2020).

forma nula (*Quería um trem_i pra casa da minha mãe e tratei logo de procurar Ø_i, quando cheguei na estação. Ø = um trem*), possivelmente porque esse traço não é relevante para ser marcado. O elemento nulo pode, não obstante, em princípio, se apresentar, como uma alternativa ao clítico (mais formal) e ao pronome tônico (estigmatizado), o que permite prever seu uso com antecedentes animados em determinados contextos.

A seguir, apresentam-se representações esquemáticas da codificação do ODA à luz do MINC.

Na retomada anafórica, o núcleo funcional D (em projeção máxima) pode requerer um complemento com todos os traços semânticos e sintáticos do antecedente especificados (no caso de DPs plenos) – seja porque estes já se esvaíram da memória do falante, seja para marcar sua retomada de forma explícita numa sequência discursiva, tornando-os particularmente acessíveis, a partir de então.

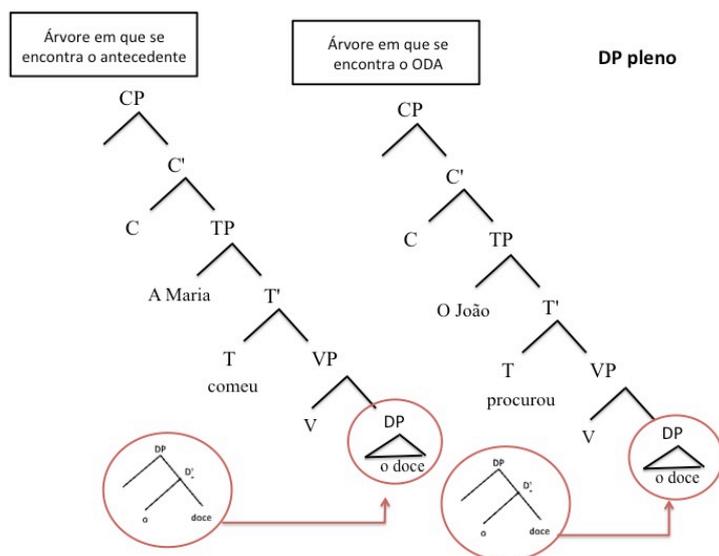


Figura 9: Representação da codificação do DP pleno anafórico.

Já os elementos pronominais teriam de ser gerados como pacotes (*bundles*) de traços *phi*, que podem ser realizados na interface fônica (pronominais explícitos), ou recuperáveis apenas na interface semântica (pronome nulo), a partir da natureza do antecedente que se faz acessível ao falante.

Assumindo-se que os parâmetros das línguas são definidos nos traços formais das categorias funcionais e à luz do modelo, pode-se questionar se

existem traços que diferenciem a natureza sintática das formas anafóricas nulas. Por exemplo, ao codificar a continuação da frase *Pedro chutou a bola* em uma oração coordenada que explique ao interlocutor que João agarrou essa mesma bola chutada por Pedro, (i) se o pronome tônico e o pronome nulo são gramaticalmente distintos, então essa distinção deve estar presente já no acesso lexical, quando são selecionados os traços gramaticais, e a opção pela forma anafórica se daria, portanto, no nível do lema, intencional: uma vez que os traços estão altamente ativos na memória do falante, ele sequer chega a codificar esses traços e preenche a posição de complemento do verbo com um elemento que é, na verdade, um *bundle* de traços *phi* em que gênero e número são subespecificados. Nesse caso, as formas tônica e nula seriam distintas num nível pré-sintático (porque a forma nula não teria seus traços de gênero e número gramaticalmente especificados). Ou (ii) se o pronome tônico e o pronome nulo são gramaticalmente semelhantes, trata-se da recuperação de uma propriedade sintática (os traços *phi*) considerada desde o primeiro momento em que se forma o esqueleto sintático e, nesse caso, pode-se dizer que não haveria outra distinção entre as formas tônica e nula além da codificação morfofonológica e, portanto, num nível pós-sintático. Isto é: o falante faria a opção por uma forma fônica (*Pedro chutou a bola e João agarrou ela*) ou nula (*Pedro chutou a bola e João agarrou Ø*), em função do quão acessível estaria no léxico a representação morfonológica dos *bundles* de traços *phi* especificados e subespecificados, o que, em última análise, seria função da frequência de uso. Assim, a menos que os traços gramaticais de formas plenas e nulas sejam distintos, a opção por uma forma nula ou plena ocorrerá nas interfaces.

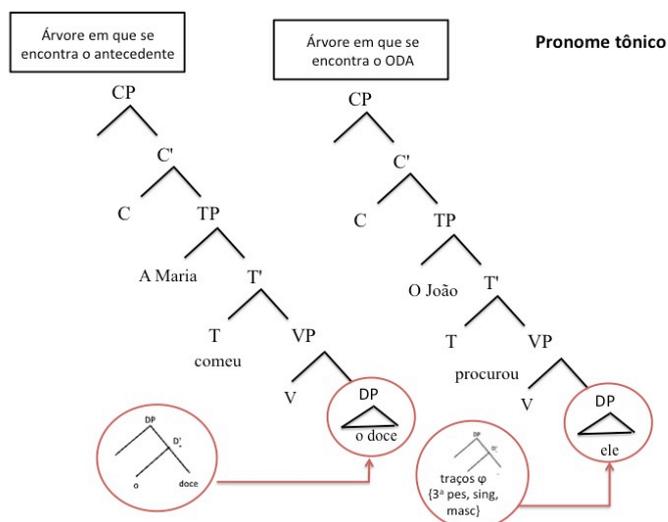


Figura 10: Representação da codificação do pronome tônico anafórico.

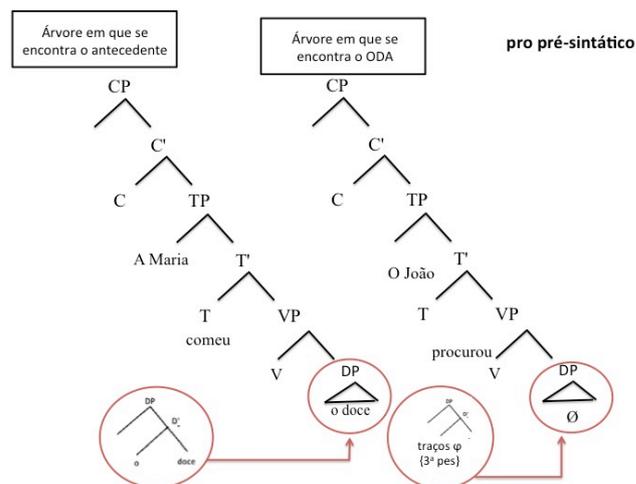


Figura 11: Representação da codificação do *pro* pré-sintático.

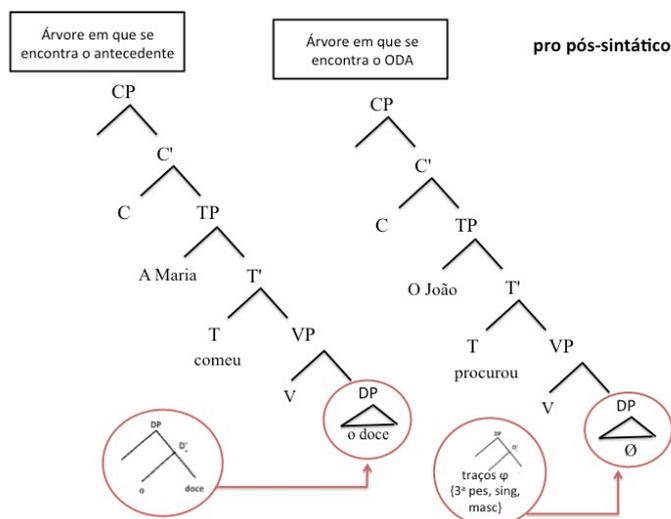


Figura 12: Representação da codificação do *pro* pós-sintático.

Os pronomes clíticos, por sua vez, seriam mais custosos para o processamento. Jakubovikz (2018), por meio de estudo longitudinal conduzido com crianças monolíngues de francês (com DEL e sem transtornos de linguagem), mostrou que o uso de clíticos objeto (à exceção do reflexivo) constitui uma operação muito custosa, evitada pelas crianças. Para a autora, a dificuldade ocorre em função da ausência de conteúdo descritivo dos argumentos ditos *não-canônicos*. Os clíticos não são especificados pelo traço [+/-animado], mas apenas para gênero e número, sendo, por isso, *deficientes* do ponto de vista semântico.

Por serem desprovidos de conteúdo descritivo, não são argumentos canônicos (como o complemento de um verbo), que exigem, além de traços funcionais, traços de conteúdo descritivo, a fim de receber uma interpretação semântica. Desse modo, a autora propõe que esse tipo de argumento não pode permanecer numa posição canônica e deve se deslocar para outra posição na frase (o que, contudo, não se aplicaria ao PE, em que a ênclise predomina). A necessidade de deslocamento desse argumento é o que tornaria a produção do clítico acusativo custosa nas línguas românicas, como o PB: “dois fatores podem estar na origem das dificuldades das crianças em relação aos clíticos objeto: (i) a posição do clítico – [...] não canônico, na posição de um argumento; e (ii) o deslocamento obrigatório do clítico, de sua posição inicial para Flexão” (JAKUBOVICZ, 2018, p. 327). Assim, a (menor) produção de clíticos objeto, e mais particularmente do clítico acusativo, é determinada pela dificuldade de posicionar, no local de um argumento canônico, um argumento desprovido de conteúdo descritivo. O clítico reflexivo, por sua vez, possuindo o traço de [pessoa] ou [participante do evento], que remete obrigatoriamente ao sujeito de sua oração, é recuperado mais facilmente e, por isso, menos custoso que o clítico acusativo. Nessa perspectiva, sua representação, à luz do modelo MINC, seria como na figura a seguir.

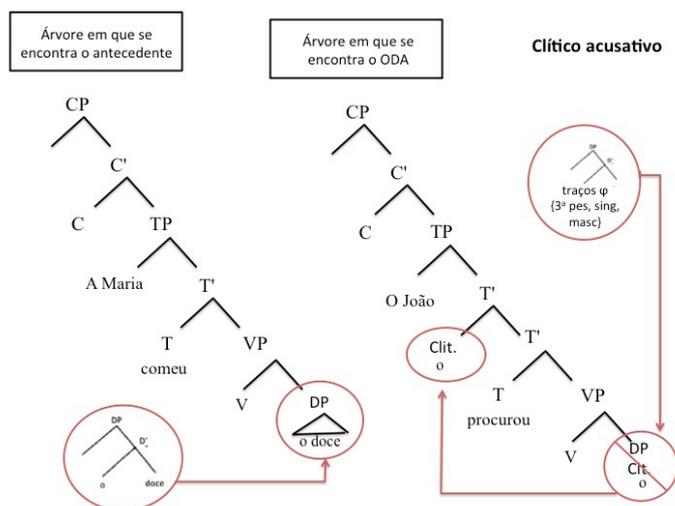


Figura 13: Representação da codificação do clítico acusativo.

Portanto, em princípio, todos os elementos pronominais (pronomes tônicos, pronomes clíticos acusativos e *pro*) recuperam um ou mais traços *phi* e podem servir como *pointers* para a recuperação da representação semântica do antecedente.

Em determinadas condições, se a representação sintática do antecedente ainda estiver acessível ao falante, este DP antecedente pode, ainda, ser recuperado como uma elipse. Isto é, elipses recuperariam toda a estrutura sintática do antecedente – exigindo, para tanto, que essa estrutura esteja recuperável na memória de trabalho do falante (usualmente mas não somente, no âmbito da sentença, visto que a informação de ordem lexical e sintática tende a se esvaír da memória de trabalho uma vez que uma unidade semanticamente completa seja fechada; cf. KIMBALL, 1973). Particularmente no caso do elemento nulo, a proposta do MINC de que os constituintes, como os DPs, são gerados *top down*, em espaços derivacionais paralelos pode ainda compatibilizar o elemento nulo, do ponto de vista do processamento, com uma elipse de DP (CYRINO, 1994).

Assim, a possibilidade de caracterizar o elemento nulo como uma elipse de DP leva em conta o grau de acessibilidade do antecedente na memória do falante (pois esse elemento deve estar saliente). No modelo assumido, como visto, as categorias funcionais dão origem a esqueletos sintáticos (*top down*) e os DPs são produzidos em espaços derivacionais paralelos (*top down*). Assim, a árvore que compõe a estrutura sintática desse DP não seria produzida novamente, e sim, “trazida”, da sentença antecedente, pois a representação arbórea desse DP ainda estaria ativa na memória do falante, podendo ser carregada e acoplada ao verbo (o que parece compatível com a *reconstrução em LF* da proposta de Cyrino, uma vez que a reconstrução em LF envolve a recuperação do antecedente).

Isto é, a elipse de DP seria o caso de um nó funcional DP ramificado apagado em FF que, no entanto, está presente na estrutura e é reconstruído com os mesmos traços do seu antecedente em LF. Sendo um DP com todos os traços, que apenas não é enunciado, haveria um DP, projetado *top down* num espaço derivacional paralelo ao qual seria acoplada a representação do DP antecedente, mantida ativa na memória de trabalho. Neste sentido, tanto a elipse de DP quanto o *pro* poderiam ser caracterizados como elementos nominais que não têm forma fonética, mas que são exigidos desde o início da derivação e reconstituídos em FL. Mas, enquanto o *pro* acusativo possuiria apenas os traços *phi*

(subespecificados ou não)⁷⁰, a elipse de DP possuiria todos os traços presentes na estrutura omitida em FF, que lhe permitiriam ligar-se a um elemento no discurso ou na sentença complexa⁷¹.

Para que as formas nulas sejam caracterizadas como elipses de DP, portanto, pressupõe-se que a árvore sintática do antecedente seja recuperável na memória, possibilitando a sua restauração na interface semântica. Com isso, deve haver certo paralelismo sintático⁷², com a presença ativa do marcador frasal e de todos os traços que se fazem visíveis na interface semântica, dispensando a recuperação explícita (por razões de economia) de todos os traços (semânticos e *phi*).

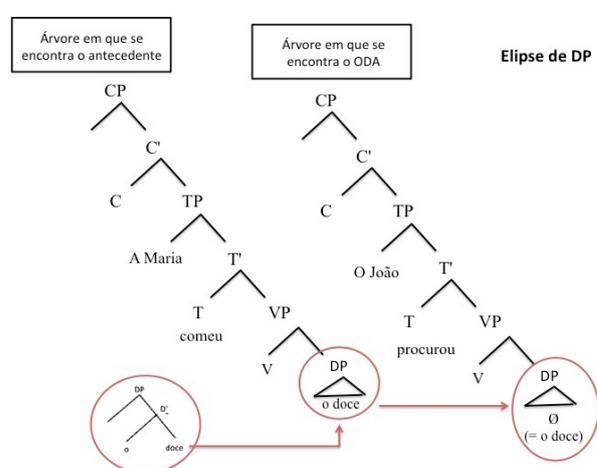


Figura 14: Representação da codificação da elipse de DP para um antecedente objeto direto.

A diferença entre elipse de DP e *pro* estaria, em princípio, associada ao quanto de informação implícita é requerida na retomada: se a recuperação é de uma estrutura sintática completa, trata-se de elipse de DP, enquanto *pro* estaria

⁷⁰ A análise do ON como um *pro* de Farrell (1990) afirma que os ONs do PB são *pros* especificados para a 3ª pessoa, mas um problema para essa proposta é postular um *pro* para os objetos diretos com propriedades diferentes das do *pro* sujeitos, como é observado por Kato e apontado novamente por Cyrino (2020).

⁷¹ É assumida nesta pesquisa uma hipótese sintática para o processamento de elipse, cf. PHILLIPS; PARKER, 2014.

⁷² A correspondência arbórea entre o antecedente e a elipse não parece ser necessariamente total. Por exemplo, nem sempre o gênero e o número serão idênticos no processo de reconstrução: *Maria queria ser atriz e o João também Ø* (\emptyset =queria ser ator); *O filho dela, ela faz o que quer com ele. Os meus Ø, eu sei o que eu faço Ø* (\emptyset =filhos; \emptyset =com eles). O *pro* acusativo, em princípio, também precisaria recuperar apenas o traço de 3ª pessoa: *Meu primo? Ah, vi Ø ontem, antes da escola* (\emptyset =ele; isto, a saber, meu primo) O pronome nulo (*pro*) seria o correspondente de um *ele/ela/isto* pleno; qualquer recuperação diferente disso, com mais traços, parece tratar-se de uma elipse (VP/DP/NP).

relacionado às retomadas de (um ou mais) traços *phi* do antecedente (ou de representações exclusivamente semânticas). A elipse precisa ter uma representação na memória que é muito mais próxima do literal do que o pronome. O pronome pode recuperar tanto o antecedente discursivo como apenas sua representação semântica, podendo sequer corresponder aos traços *phi* do antecedente (*A vítima* passou um tempo no chão da praça até que levaram *ele* pro necrotério). Na elipse, é necessário que os elementos da estrutura elidida estejam ativos na memória (PHILLIPS; PARKER, 2012). Uma vez que a recência de um elemento colabora para seu grau de ativação na memória do falante, a elipse geralmente ocorre dentro da mesma sentença complexa, ou em resposta a pergunta QU. Parece plausível, contudo, supor a possibilidade de elipses no discurso, caso a estrutura elidida esteja próxima à estrutura da retomada. Uma investigação a ser desenvolvida futuramente diz respeito à verificação experimental dos efeitos da distância entre antecedente e retomada, a fim de corroborar ou não a caracterização do elemento nulo como elipse de DP. Tendo em vista que a estrutura sintática do DP antecedente precisa ser inteiramente recuperada na elipse, esse DP deve estar relativamente próximo do ponto de retomada, já que quanto maior a distância do elemento antecedente, menos recuperável ele será, pois será maior a probabilidade de que se esvaia da memória de trabalho do falante.

Isto é, se por um lado, do ponto de vista do modelo MINC, a elipse de DP pode ser caracterizada como a recuperação da estrutura sintática do DP na sentença ou no discurso, por outro lado, de acordo com a Hipótese da Carga Informacional (HCI), baseada no custo operacional da memória de trabalho, a recuperação das elipses no discurso acarretaria um processamento mais custoso (ALMOR, 1996, 1999, 2000; LEITÃO, 2005a): quanto mais estrutura há em um antecedente, mais custo há para o seu processamento (ALMOR, 1996, 1999, 2000) e quando há distância suficiente para que este antecedente se tenha esvaecido, apenas a sua representação semântica estaria acessível (LEITÃO, 2005a), requerendo a codificação de todo o DP. No entanto, é importante observar que este raciocínio se aplica à oposição entre DPs plenos e formas pronominais. Como não há custo no processamento de elipse (a estrutura já computada é que é recuperada), uma vez satisfeitas as condições de acessibilidade, a elipse de DP é a opção menos custosa, em relação a *pro*.

Um ponto relevante relacionado a este, a ser discutido do ponto de vista da psicolinguística é a respeito do sujeito derivado (cf. SILVA, 2009; CYRINO, LOPES, 2016).

Para explicar a elipse de DP que recupera um sujeito oriundo de um objeto deslocado, duas questões se apresentam ao modelo: saber se a manutenção do papel temático original seria suficiente para que a árvore de um elemento em posição de sujeito seja retomada como elipse de objeto e qual seria o custo dessa computação.

No modelo MINC, para que a condição de sujeito derivado caracterizasse o antecedente de uma elipse de DP, seria necessário supor que esse elemento é gerado na posição de objeto direto e que há uma nova computação, resultado de um movimento motivado pelo discurso, que o põe na posição de sujeito (como ocorre com o sujeito de uma oração passiva, uma estrutura de sujeito derivado) – posição de proeminência sintática e discursiva, tornando-o portanto, particularmente ativo. Essa proeminência sintática o tornaria particularmente acessível à retomada anafórica, seja como *pro* ou por uma elipse, caso a estrutura sintática do DP ramificado sujeito esteja suficientemente ativa na memória do falante e do ouvinte, assim como na recuperação de um DP objeto. Nesse caso, o DP gerado *top-down* na codificação do ODA recuperaria o DP sujeito antecedente, sem custo computacional adicional. A recuperação da árvore correspondente ao DP sujeito (derivado) pode se mostrar menos custosa do que a computação a partir da recuperação de um *bundle* de traços *phi* subespecificados do léxico, a serem computados na sintaxe. Toda a computação seria conduzida nas interfaces. Em todo o caso, para que haja elipse, do ponto de vista do processamento, o mais importante parece ser que a árvore sintática do DP seja totalmente recuperada.

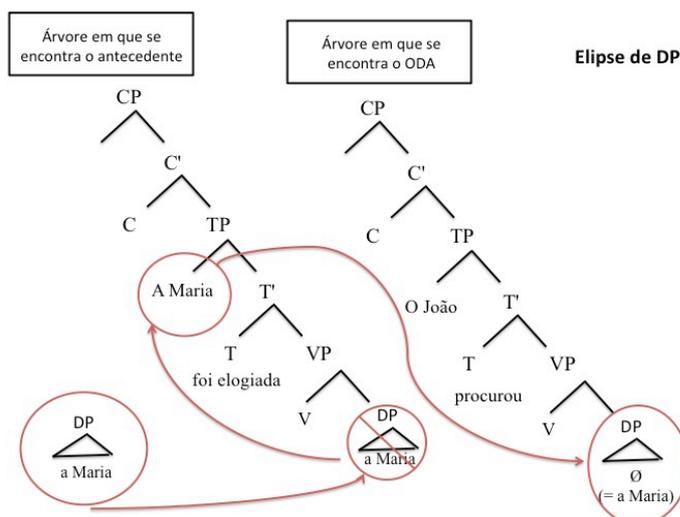


Figura 15: Representação da codificação da elipse de DP para um antecedente sujeito derivado.

No PB, assim, existe para o falante a possibilidade de recuperação do traços *phi* de um antecedente, codificando o ODA como um pronome, explícito (clítico ou tônico) ou não (*pro*). Há também a possibilidade de recuperação de toda a árvore sintática do DP antecedente, sem que esta seja codificada em FF: a elipse de DP, em condições específicas.

Nesse contexto teórico, foram conduzidos experimentos de produção induzida do objeto direto anafórico, nos quais os fatores atribuidores de saliência discursiva (ARNOLD, 2010) como o *conhecimento (givenness)* e a recência estiveram sempre presentes, enquanto a proeminência sintática e temática foram manipuladas. Procurou-se: (i) isolar e verificar a importância das condições apontadas pela literatura como relevantes na codificação da forma da retomada, a saber: a animacidade, a especificidade, o gênero conceitual, a posição sintática e o papel temático do antecedente; o contexto intra e intersentencial; os contextos narrativo e dialógico, em sentenças a serem completadas (em narrativas e diálogos informais) e de resposta a pergunta QU; as frases simples e ilhas; (ii) discutir o modo como essas condições de produção confeririam maior ou menor acessibilidade ao antecedente da retomada anafórica; e (iii) discutir, à luz dos resultados obtidos, as possibilidades de estatuto sintático das retomadas nulas em cada condição de produção.

Do próximo capítulo em diante, portanto, serão apresentados esses experimento, conduzidos para esta tese com o objetivo de responder aos questionamentos delineados.

5 Animacidade e estrutura sintática no desenvolvimento

5.1 Experimento 1

Este primeiro experimento visa a induzir a produção de formas anafóricas de 3ª pessoa em posição de objeto direto por crianças (e adultos) falantes do Português Brasileiro (PB) na sua variante carioca, as quais podem ser formas pronominais e argumentos nulos.

Dados de produção espontânea sugerem que a animacidade afeta a distribuição de pronomes nulos e tônicos, sendo as formas nulas mais restritas a antecedentes [-animado] (LOPES; QUADROS, 2005; LOPES; CYRINO, 2005a).

Os pronomes tônicos, em princípio, predominam sobre os clíticos acusativos na modalidade oral informal, cuja aquisição parece ser tardia e amplamente promovida pela exposição à linguagem escrita, ainda influenciada pelo português europeu (PE) (CALLES, 2006; CYRINO, 1994, 2006). Entretanto, em determinados contextos, o pronome tônico pode ser estigmatizado, sendo preferida em seu lugar alguma outra forma alternativa, na codificação de um antecedente [+animado,+específico] (SCHWENTER; SILVA, 2003).

Quanto aos elemento nulos, também não é claro se as restrições que existem em contextos de ilha sintática para o PE (nos quais se verifica a impossibilidade do movimento sintático, levando o elemento nulo a ser analisado como variável ligada a um tópico nulo, nessa variedade) aplicam-se ao PB. De acordo com Maia (1997) e Ventura *et al* (2018), existe estranhamento ao elemento vazio na condição de ilha no PB e uma preferência por esse elemento na retomada tópicos, o que parece compatibilizar essa lacuna com uma variável ligada ao tópico.

Esse experimento busca, portanto, verificar restrições ao elemento nulo em contextos simples e de ilhas sintáticas, bem como a influência de animacidade (sobre tônicos e nulos) e escolaridade (sobre clíticos e tônicos). Foram elaboradas duas tarefas de produção de formas anafóricas de 3ª pessoa como objetos diretos, adaptando um teste de produção induzida do PE utilizado por Nardelli (2015).

Nesse teste, Nardelli buscava verificar como seriam as taxas de omissão de clíticos entre crianças monolíngues (espanhol) e crianças bilíngues (espanhol/português europeu), partindo das premissas de que o espanhol tem

ocorrência muito mais restrita de elementos nulos do que o PE e de que os bilíngues de português europeu/espanhol produzem taxas de omissão mais altas e até mais tarde do que os monolíngues do espanhol. Foi observado também em que momento as crianças davam sinais de ter adquirido as regras que definem os contextos sintáticos em que o elemento nulo é ou não adequado em PE. O teste foi elaborado com sentenças em que o elemento nulo é possível em PE (acusativo em frases simples) e em contextos em que sua ocorrência é inadequada (em ilha sintática forte e reflexivos). Os resultados encontrados no estudo sugeriram que as taxas de omissões dependiam tanto do bilinguismo, como da condição sintática em que a anáfora foi testada (frase simples, ilha e reflexivo). Além disso, o fato de os bilíngues de português europeu/espanhol produzirem taxas de omissão mais altas e até mais tarde do que os monolíngues do espanhol apontava para a existência de uma sobregeneralização do elemento nulo.

Na adaptação do teste para o PB, a animacidade do antecedente foi manipulada⁷³, uma vez que seu impacto na forma da retomada é consensual na literatura, mas há pouco material a esse respeito em experimentos de produção.

Manipulou-se ainda a escolaridade dos participantes, sendo observados desde o final do período de aquisição da língua até o fim do ensino fundamental, quando o conhecimento da modalidade escrita da língua, estaria, em princípio, consolidado, possibilitando verificar se a aprendizagem escolar propiciaria a escolha de formas que não são adquiridas naturalmente pela criança, como o clítico acusativo, bem como se a influência exercida pela escolarização sugeriria uma estigmatização do pronome tônico em algum contexto.

A especificidade dos antecedentes foi um fator controlado, visto que, embora a literatura também aponte sua relevância, presume-se que seja secundária à animacidade. Assim, neste experimento, os antecedentes eram sempre [+específico; -plural], sendo esperadas mais retomadas com pronomes plenos com antecedentes [+animado], enquanto com antecedentes [-animado], eram esperadas preferencialmente retomadas nulas (SOARES; MILLER; HEMFORTH, 2020)

Duas tarefas foram realizadas na mesma sessão experimental e dois tipos de estrutura sintática foram usados: na tarefa 1, sentenças cujo antecedente aparecia primeiro como objeto direto e, depois, como complemento de um PP e sua

⁷³ No PE, não está claro se existem restrições de animacidade na escolha pela forma da retomada anafórica (CYRINO; MATOS, 2014).

retomada era feita em uma frase simples; na tarefa 2, o antecedente aparecia primeiro como objeto direto e, depois, como sujeito de uma sentença ilha, em que seria possível esperar restrições à forma nula caso o elemento nulo do PB comporte-se como uma variável ligada.

Assim, as questões de pesquisa que nortearam esta investigação foram:

- (i) A animacidade afeta a distribuição das formas de ODA (pronomes tônicos e formas nulas) na produção eliciada de crianças/adolescentes falantes do PB, em contextos controlados?
- (ii) A escolaridade afeta o equilíbrio entre pronomes tônicos e formas nulas?
- (iii) A escolaridade afeta a produção de clíticos no PB?
- (iv) Falantes escolarizados adultos são sensíveis às restrições da ilha na produção de objetos nulos?
- (v) Qual é a análise dos objetos nulos que melhor se ajusta às formas nulas produzidas?

E os objetivos dos experimentos foram:

- (i) verificar de que forma crianças e adolescentes codificam uma relação anafórica com retomada do antecedente em posição de objeto, em dois contextos: sentenças simples, em que o antecedente se apresenta como argumento de um PP da sentença anterior, no discurso; e orações adverbiais (ilha sintática), em que o antecedente é o sujeito da oração principal;
- (ii) verificar o efeito de animacidade em ambos os contextos;
- (iii) avaliar o efeito da escolaridade no surgimento de clíticos;
- (iv) verificar se a produção de formas nulas é sensível ao contexto de ilha; pois, com base no contraste com o PE, no qual os contextos de ilha não favorecem elementos nulos, esse tipo de restrição não seria esperado.

Para atender aos objetivos (i) e (iv), a produção das formas anafóricas em frases simples foi eliciada por meio de pergunta QU, precedida por uma introdução que criava um contexto discursivo.

Para o objetivo (ii) e ainda em atenção ao objetivo (iv), foi criada uma tarefa do tipo *cloze*⁷⁴, de complementação de sentença complexa em ilha sintática (cláusula adverbial causal), também precedida por uma contextualização discursiva.

Em observação aos objetivos (i) e (iii), a tarefa 1 tinha antecedentes animados e inanimados situados no discurso e com função de complemento de PP e a retomada era feita na resposta a uma pergunta QU; enquanto a tarefa 2 tinha antecedentes animados e inanimados em posição de sujeito na sentença matriz e a retomada era feita em posição de objeto direto na sentença complexa, uma ilha sintática adverbial. Caso o elemento nulo se comporte como uma variável ligada ocorrerá em menor número em contexto de ilha sintática.

Em ambas as tarefas, a animacidade (fator intra-sujeitos) e idade/escolaridade (fator grupal) foram tomadas como *variáveis independentes*. Foi adicionada ainda a variável modalidade da língua (oral e escrita, também um fator grupal), apenas para os participantes adultos. A distribuição de cada possível forma anafórica será tomada como *variável dependente*. As condições experimentais foram distribuídas em função da animacidade do antecedente, como se segue:

Tarefa 1

- Antecedente [-animado] – seis frases QU como: “Aqui tem um menino e *uma televisão*. E agora? O que o menino está fazendo com a televisão?”;
- Antecedente [+animado] – seis frases QU como: “Aqui tem um macaco e *um gato*. E agora? O que o macaco está fazendo com o gato?”

Tarefa 2

⁷⁴ A técnica de *cloze* foi criada com o propósito de monitorar e avaliar a compreensão de leitura. Um pequeno texto é apresentado, com a omissão de algumas palavras, para que essas lacunas sejam preenchidas pelo leitor, de forma coerente com o texto cuja leitura se encontra em processo. Como extensão dessa técnica, em experimentos de produção eliciada, apresenta-se uma sentença para ser completada pelo participante, de acordo com a informação previamente dada.

- Antecedente [-animado] – seis frases como: “Aqui tem um gato e *um copo de leite*. Agora veja o que está acontecendo! O gato está bebendo o leite do copo. Então, o leite vai acabar porque o gato...”;
- Antecedente [-animado] – seis frases como: “Aqui tem uma menina e *uma bailarina*. Agora veja o que está acontecendo! A menina está enfeitando a bailarina. Então, a bailarina vai ficar bonita porque a menina...”.

Era esperado, para ambos os testes, que:

- (i) o elemento nulo retomasse antecedentes [-animado];
- (ii) o pronome tônico retomasse antecedentes [+animado];
- (iii) a escolaridade afetasse a produção do clítico acusativo, que apareceria somente após a escolarização e também na modalidade escrita, e ainda refletiria na produção dos pronomes tônicos, os quais poderiam ser estigmatizados entre as crianças mais escolarizadas;
- (iv) não houvesse restrições aos nulos nas ilhas sintáticas.

5.1.1 Método

Participantes: crianças falantes nativas da variedade carioca, de 4 a 15 anos de idade, estudantes do Ensino Fundamental da rede pública municipal do Rio de Janeiro, divididos em três grupos de 36 pessoas, cada, como se segue:

- G1: idade pré-escolar/alfabetização (4,3 – 7,11 anos; idade média: 5,7; 18 participantes do sexo feminino);
- G2: 1º segmento (8,6 – 11 anos; idade média: 9,8; 17 participantes do sexo feminino) do Ensino Fundamental.
- G3: 2º segmento (12,6 – 15,1 anos; idade média: 13,9; 21 participantes do sexo feminino) do Ensino Fundamental.

Adicionalmente, um grupo composto por 20 adultos falantes nativos de PB (12 do sexo feminino), com idades entre 31 e 57 anos (idade média: 44 anos), sem disfunções cognitivas ou de linguagem, foi tomado como referência para o

conhecimento-alvo da língua. Todos eram servidores públicos, 19 com nível de escolaridade superior e 1 com nível médio.

Material: 4 estímulos para um pré-teste, 2 introduzindo cada tipo de tarefa, e um conjunto total de 24 estímulos experimentais (12 para cada tarefa; 6 por condição de animacidade), semi-aleatorizados, de modo que a sequência de perguntas para cada um dos conjuntos de frases nunca fosse a mesma, bem como a mesma condição não fosse apresentada mais de uma vez, consecutivamente.

Para cada sequência de frases que compunha cada condição experimental foi criado um par de imagens, totalizando 28 pares de *slides* em Power Point (4 para pré-teste e 12 para cada tarefa do experimento). Foram contrabalançados: o gênero e o número do antecedente, assim como a posição (à esquerda ou à direita) na sentença e no *slide*, nos quais o antecedente crítico foi apresentado. Nas imagens, o primeiro *slide* apresentava os antecedentes relevantes, apresentados como um complemento a uma frase existencial (ex.: *Aqui está um menino e um carrinho*) que criava um contexto prévio, no qual os antecedentes, ora com traços animados, ora com traços inanimados, eram os complementos. Após essa sentença inicial, uma frase exclamativa, como *E agora?* ou *Agora veja o que está acontecendo!*, chamava a atenção da criança para o que seria dito, e o segundo *slide* apresentava o evento a ser descrito na resposta da criança, como nas imagens que se seguem. Vale ressaltar que, no pré-teste, as frases não eliciavam o mesmo tipo de resposta que nas frases do teste, mas previam a descrição de eventos, requerendo o uso de formas anafóricas em posição de objeto direto apenas com o objetivo de familiarizar a criança com a tarefa.

No Pré-teste, a tarefa se mostrava como no exemplo:

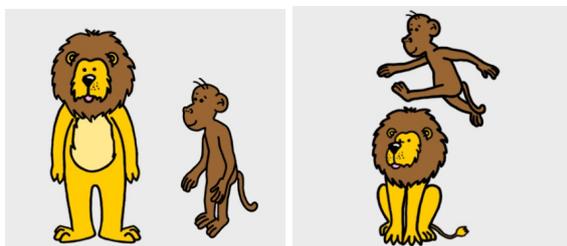


Figura 16⁷⁵: conjunto pertencente ao Pré-teste. As frases experimentais correspondentes às imagens foram: “Aqui tem um leão e um macaco. E agora? O que está acontecendo?”. Tipo de resposta esperada: “O macaco está pulando o leão”.

Nas tarefas, os estímulos se mostravam como segue:

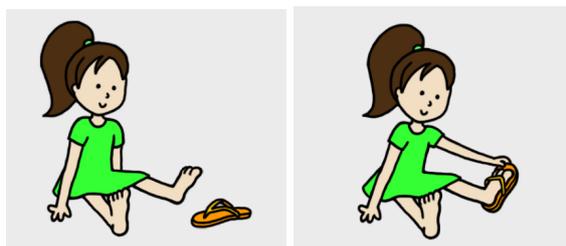


Figura 17: conjunto pertencente à condição [-animado] da Tarefa 1 (sentença QU). A frases experimentais correspondentes às imagens foram: “Aqui tem uma menina e um chinelo. E agora? O que a menina fez com o chinelo? (calçar/botar)”. Tipos de resposta esperados: “A menina está calçando ele/Ø”.

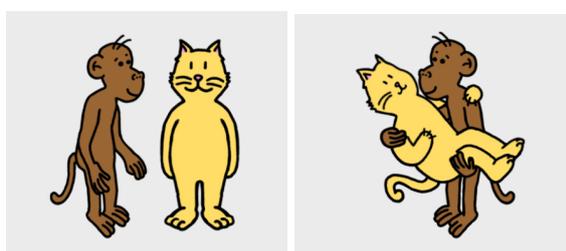


Figura 18: conjunto pertencente à condição [+animado] da Tarefa 1 (sentença QU). A frases experimentais correspondentes às imagens foram: “Aqui tem um macaco e um gato. E agora? O que o macaco está fazendo com o gato? (carregar)”. Tipos de resposta esperados: “O macaco está carregando ele/?Ø”.

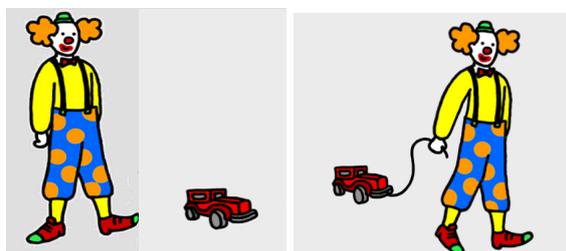


Figura 19: conjunto pertencente à condição [-animado] da Tarefa 2. A frases experimentais correspondentes às imagens foram: “Aqui tem um palhaço e um carrinho. Agora veja o que está acontecendo! O palhaço está puxando o carrinho. Então, o carrinho vai andar, porque o palhaço... (puxar)”. Tipos de resposta esperados: “...puxou ele/Ø”.

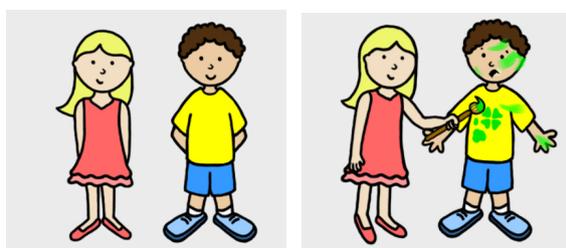


Figura 20: conjunto pertencente à condição [+animado] da Tarefa 2. A frases experimentais correspondentes às imagens foram: “Aqui tem uma menina e um menino. Agora olha o que está acontecendo! A menina está pintando o menino. Então, o menino

⁷⁵ As imagens utilizadas neste experimento foram cedidas do acervo de imagens do LAPAL, originalmente criadas para o MABILIN (Módulos de Avaliação de Habilidades Linguísticas).

ficou chateado porque a menina... (pintar/sujar)". Tipos de resposta esperados: "...sujou ele/Ø".

As respostas às tarefas orais foram gravadas em áudio e, posteriormente, transcritas.

Com adultos, na modalidade escrita, o material foi apresentado em tarefa automonitorada: num computador especialmente designado para a realização tarefa, cada participante tinha à sua frente um arquivo de Power Point, em que passava os *slides*, um a um, com as imagens e os estímulos experimentais escritos. O participante, então, respondia à pergunta QU ou completava a sentença, preenchendo o campo reservado para a resposta, no próprio slide, como mostra a figura a seguir (na qual, em vermelho, aparece a resposta digitada por um participante, que foi previamente configurada para já aparecer nessa cor). Após o preenchimento dos *slides* com as respostas, o arquivo foi salvo e as respostas foram transcritas.



Figura 21: conjunto pertencente à condição [-animado] da tarefa 1 (sentença QU), com uma resposta dada por um participante (em vermelho). As frases experimentais correspondentes às imagens apareciam no próprio *slide*.

Aparato: um *notebook* MacBook Air 13", 2014, versão 10.12.6 e um aplicativo gravador de áudio, *Audio Recorder*, versão 2.00.35, instalado num aparelho de telefone celular Sony Xperia X, versão Android 8.0.0.

Procedimento: o material foi apresentado às crianças e adolescentes apenas oralmente. Eles foram testados individualmente por dois experimentadores (um por participante), que interagiam com os participantes de forma lúdica, convidando-os a participarem de um jogo no computador, no qual viam imagens em *slides*. O experimentador apresentava primeiro os *slides* e frases do pré-teste, e

apenas as crianças que demonstrassem entender a atividade continuavam a fazê-la (duas crianças não prosseguiram para as tarefas).

Com os adultos, o material foi apresentado oralmente (a 10 participantes), do mesmo modo como foi feito com as crianças, e por escrito (a 10 participantes).

Todos os testes foram conduzidos em salas isoladas, reservadas para esse fim, e cada participante levou em média cinco minutos para concluir todo o período experimental.

5.1.2 Resultados

A distribuição das respostas em cada tarefa será apresentada e possíveis efeitos de animacidade e escolaridade foram verificados por meio dos testes não paramétricos Friedman (entre sujeitos) e Mann-Whitney (entre grupos). Apresentam-se inicialmente os resultados de crianças, seguido dos resultados dos adultos nas duas modalidades.

5.1.2.1 Crianças e adolescentes

A tabela apresenta a distribuição percentual das respostas com cada forma anafórica, em cada uma das tarefas, não diferenciando antecedentes animados e inanimados.

	Tônico	Nulo	Clítico	DP pleno	Outros
Tarefa 1	20,9	34	0,1	33,3	11,7
Tarefa 2	42,9	36,6	1,6	9,9	9

Tabela 5: Distribuição (%) total das formas anafóricas na produção de crianças e adolescentes nas tarefas 1 e 2 (Total = 1296)

Em sentenças simples (Tarefa 1) houve um quantitativo expressivo de retomadas com DPs plenos, enquanto enquanto nas orações adverbiais (Tarefa 2) predominaram os pronomes tônicos. Observa-se ainda um mesmo percentual de formas nulas nos dois contextos, o que indica que o contexto de ilha não apresentou restrições ao uso dessa forma no PB, e que praticamente não houve clíticos nas duas tarefas.

A próxima tabela apresenta a distribuição das formas anafóricas na Tarefa 1, considerando as variáveis independentes (animacidade e escolaridade).

Tarefa 1: sentença simples										
Grupo	-animado					+animado				
	Tônico	Nulo	Clítico	DP pleno	Outros	Tônico	Nulo	Clítico	DP pleno	Outros
G1	12	49	0	36	3	36,1	24,1	0	21,8	18
G2	12,1	49,5	0	37	1,4	34,7	12,5	0,9	27,3	24,5
G3	4,6	40,7	0	52,8	1,9	25,9	27,8	0	25,5	20,8
Média	9,6	46,4	0	41,9	2,1	32,3	21,5	0,3	24,8	21,1

Tabela 6: Distribuição (%) das formas anafóricas na produção de crianças e adolescentes na tarefa 1, de acordo com a animacidade do antecedente (Total = 648).

Em relação à animacidade, observa-se que, na condição [-animada], as formas nulas prevaleceram, seguidas de perto por DPs completos, que ocorreram mais no G3. Os pronomes tônicos obtiveram *scores* baixos, especialmente no G3. Eles foram mais frequentes na condição [+animado] em comparação com a [-animado], embora não pareça haver uma clara preferência pelos tônicos, se comparada com a forma nula ou com o DP pleno com antecedentes [+animado]. Os clíticos foram praticamente ausentes, exceto pelo G2, em que poucas ocorrências foram registradas com antecedentes [+animado]. Cada uma dessas formas (exceto clíticos) foi variável dependente no teste não paramétrico Friedman (para medidas repetidas) ou Mann-Whitney (para efeitos de grupo). Houve efeito significativo de animacidade tanto com o pronome tônico ($\chi^2 = 41,6$ $p < 0,0001$) quanto com a forma nula ($\chi^2 = 37,93$ $p < 0,0001$), com mais pronomes tônicos na condição [+animado] e mais formas nulas na condição [-animado]. O efeito de animacidade com DPs plenos foi significativo em G1 ($\chi^2 = 5,4444$ $p < 0,05$) e G3 ($\chi^2 = 16$ $p < 0,05$), os quais foram mais frequentes na condição [-animado].

Em relação à escolaridade, houve diferença significativa entre G2 e G3 na produção de pronomes tônicos com antecedentes [-animado], com taxas de respostas menores no G3 (Z-Score = 2,11168; $p = 0,04$) e diferença significativa na produção de formas nulas com antecedentes [+animado] entre G2 e G3 (Z-Score = -2,41013; $p = 0,02$), com taxas de respostas maiores no G3. Esses resultados evidenciam que, embora o efeito da escolaridade não tenha sido atestado na produção de clíticos, o uso da forma pronominal diminuiu, parecendo ser estigmatizada, enquanto a forma nula surge como alternativa aos pronomes tônicos e aos clíticos. Com DPs plenos, houve diferença significativa entre G2 e G3: antecedentes [-animado] tiveram taxas maiores no G3 (Z-Score = -1.96527; $p = 0,04884$).

Houve poucas respostas com pronomes clíticos e apenas no grupo G2.

Na próxima tabela, é apresentada a distribuição das formas anafóricas na Tarefa 2 em relação às variáveis independentes (animacidade e escolaridade).

Tarefa 2: contexto de ilha										
	-animado					+animado				
Grupo	Tônico	Nulo	Clítico	DP pleno	Outros	Tônico	Nulo	Clítico	DP pleno	Outros
G1	18,1	56	0	22,7	3,2	56	16,2	0	8,8	19
G2	28,2	63	1,9	5,6	1,3	65,6	12,9	1,8	3,2	16,5
G3	25,9	57,9	1,1	13,7	1,4	63,4	13,4	2,8	5,5	14,9
Média	24	59	1	14	2	61,7	14,2	1,5	5,8	16,8

Tabela 7: Distribuição (%) das formas anafóricas na produção de crianças e adolescentes na tarefa 2, de acordo com a animacidade do antecedente (Total = 648).

Houve mais elementos nulos na condição [-animado] e mais pronomes tônicos na condição [+animado]. Os clíticos estavam ausentes no grupo pré-escolar (G1) e passam a aparecer, embora número reduzido, no primeiro segmento do ensino fundamental (G2).

O efeito da animacidade foi significativo com pronomes tônicos ([+animado]) ($\chi^2 = 62,3$ $p < 0,0001$) e elementos nulos ([-animado]) ($\chi^2 = 80,1$ $p < 0,0001$). A escolaridade não afetou significativamente nenhuma dessas variáveis. Esses resultados evidenciam que a animacidade afeta a produção de formas correferenciais na posição de objeto direto no PB e sugerem que as restrições de ilha não se aplicam a essa variedade. É interessante pontuar que é nesse contexto que uma clara oposição entre as formas nulas e os pronomes tônicos pôde ser atestada – enquanto as formas nulas são admitidas com antecedentes [-animado], elas ocorrem em pequeno número com [+animado] e vice-versa.

DPs completos não eram esperados neste contexto sentencial e foram poucos, havendo, entretanto, efeito significativo de animacidade no G1 (G1: $\chi^2 = 4.6944$ $p < .03026$), em que foram mais frequentes na condição [-animado]. Em relação à escolaridade, houve preferência por DPs completos com antecedentes [-animado] em G1, em que a diferença em comparação com G2 foi significativa (Z-Score = 2,59596, $p < 0,05$), funcionou também como alternativa aos pronomes tônicos e formas nulas e diante do surgimento de clíticos, em G2 e G3, porém, os resultados não dizem muito sobre a escolaridade, e sim, talvez, sobre a idade: crianças pequenas talvez precisem recuperar mais traços na produção por questões de maturação. O efeito da escolaridade torna-se mais evidente quando se considera o desempenho de adultos com alto nível de escolaridade. Os pronomes

clíticos foram poucos, mas ainda assim, em maior número do que na Tarefa 1. Apesar de nenhum efeito significativo de escolaridade ter sido obtido, é nesse contexto que os clíticos são produzidos mais precocemente (houve um total de 11 ocorrências de clíticos no G2, e 10, no G3), proporcionalmente ao contato das crianças com a modalidade escrita da língua de forma sistemática. Tomando-se o total dessas respostas, constata-se que 57,1% ocorreram com antecedentes inanimados e 42,9% com animados, o que, ainda que não caracterize uma preferência, pode sugerir uma estratégia de esquiva ao nulo nesse contexto, mas, ao mesmo tempo, sem restringi-lo, sinalizando talvez, certa influência, no PB, das mesmas restrições que ocorrem no PE, mediada por animacidade.

A seguir, as distribuições das formas anafóricas na produção dos adultos é apresentada nas tabelas, uma por tarefa, considerando as variáveis independentes (animacidade e modalidade).

5.1.2.2 *Adultos*

Tarefa 1: sentenças simples										
Modalidade	-animado					+animado				
	Tônico	Nulo	Clítico	DP pleno	Outros	Tônico	Nulo	Clítico	DP pleno	Outros
Oral	0	23,3	0	76,7	0	8,3	16,7	0	51,7	23,3
Escrita	11,7	28,3	38,3	18,3	3,4	10	25	36,7	16,7	11,6
Média	5,9	25,8	19,2	47,5	1,7	14,2	20,9	18,4	34,2	17,5

Tabela 8: Distribuição (%) das formas anafóricas na produção de adultos na tarefa 1, de acordo com a animacidade do antecedente (Total = 120).

Na produção oral de adultos, os DPs completos prevaleceram em ambas as condições, com maior porcentagem quando o antecedente era [-animado] (o efeito da animacidade nos DPs completos se aproximou do nível de significância ($p = 0,06$)). Os elementos nulos ocorreram em ambas as condições. Os pronomes tônicos foram produzidos somente com antecedentes [+animado], mas em número reduzido. A animacidade não afetou significativamente a produção dessas formas. Os clíticos não ocorreram. Os DPs completos foram a alternativa aos clíticos usada pelos adultos com alto nível de escolaridade em um contexto controlado. Os clíticos foram evitados, possivelmente por serem considerados muito formais para a tarefa, assim como o pronome tônico, possivelmente pela relativa formalidade da situação experimental.

Na modalidade escrita, em ambas as condições, os clíticos predominaram, seguidos das formas nulas, e os pronomes tônicos ocorreram em pequeno número. DPs completos ocorreram em ambas as condições, também em pequeno número.

Houve efeito significativo de modalidade na produção de clíticos e DPs plenos na direção oposta, evidenciando a preferência por DPs completos na tarefa oral, tanto com antecedentes [-animado] (Z-Score = 3.09931, $p < .00194$), como com antecedentes [+animado] (Z-Score = 2.64575, $p < .00804$) e preferência por clíticos na tarefa escrita, especialmente com antecedentes [+animado] (Z-Score = -2.22999 $p < .02574$). O desempenho de adultos, consoante ao de crianças e adolescentes do G3, sugere que a escolaridade promove a produção de DPs completos como alternativa preferencial tanto aos clíticos quanto ao pronome tônico na modalidade oral, ainda que nas respostas a perguntas QU, um DP pleno na posição do objeto direto soe menos coeso do que uma forma pronominal ou um elemento nulo. Na modalidade escrita, os clíticos prevalecem e as formas nulas são uma alternativa ao pronome tônico, independentemente da animacidade.

Na tabela a seguir, a distribuição das formas anafóricas na tarefa 2 é apresentada, considerando as mesmas variáveis independentes (animacidade e modalidade), na produção de adultos.

Tarefa 2										
Modalidade	-animado					+animado				
	Tônico	Nulo	Clítico	DP pleno	Outros	Tônico	Nulo	Clítico	DP pleno	Outros
Oral	18,3	28,3	6,7	41,7	5	45	16,7	5	10	25
Escrita	11,7	13,3	41,7	16,7	16,7	13,4	8,3	45	8,3	25
Média	15,1	20,8	24,2	10,9	29,2	29	12,5	25	9,2	25

Tabela 9: Distribuição (%) das formas anafóricas na produção de adultos na tarefa 2, de acordo com a animacidade do antecedente (Total = 120).

Na modalidade oral, a produção dos adultos apresentou efeito significativo de animacidade, com as formas anafóricas em distribuição complementar: os pronomes tônicos retomaram significativamente mais antecedentes [+animado] ($\chi^2 = 4,9$ $p < 0,05$), e os DPs plenos ($\chi^2 = 10$ $p < 0,05$), antecedentes [-animado] – apesar de os antecedentes ocuparem a posição de sujeito da sentença complexa e haver a predição da literatura de um efeito de custo, nesse contexto, não sendo a forma preferencial (LEITÃO, 2005b). Os DPs completos, portanto, não sendo esperados nesse contexto, parecem ter sido, novamente, uma estratégia de esquiva

usada pelos adultos com alto nível de escolaridade, em um contexto controlado. Os clíticos foram evitados (embora com taxas ligeiramente mais altas do que na tarefa 1), possivelmente por serem considerados muito formais para a tarefa. As cláusulas adverbiais não restringiram os elementos nulos, que foram preferidos na condição [-animado], mas não houve, contudo, efeito significativo de animacidade na produção dessa forma (o que talvez aponte para alguma restrição, semelhante à que ocorre em PE, atuando no PB, embora mediada por animacidade).

Na modalidade escrita, o clítico foi a forma preferida, independentemente de animacidade, sugerindo a influência da (alta) escolarização dos participantes e acarretando a ausência do efeito dessa variável, tanto com pronomes tônicos, que tiveram *scores* baixos e semelhantes nas condições [\pm animado], quanto com elementos nulos, que, ainda assim, foram mais frequentes com antecedentes [-animado]. Também não houve efeito significativo de animacidade com DPs plenos, cujas taxas foram baixas.

Houve efeito significativo da modalidade: na produção de pronomes tônicos (Z-Score = 2.38118 $p = 0.1732$), que foram favorecidos na retomada de antecedentes [+animado] na tarefa oral; de DPs plenos (Z-Score = 2.68355 $p < .00736$), favorecidos com antecedentes [-animado], também na tarefa oral; e de clíticos, que ocorreram mais na tarefa escrita, tanto com antecedentes [-animado] (Z-Score = -2.22999 $p < .02574$), quanto com antecedentes [+animado] (Z-Score = -2.11254 $p < .03486$).

5.1.2.3 *Síntese dos resultados*

A animacidade desempenha um papel claro na distribuição de pronomes tônicos e elementos nulos, nas duas tarefas: tônicos são mais usados com antecedentes [+animado] e nulos, com antecedente [-animado], conforme previsto (CYRINO, 1994; SCHWENTER; SILVA, 2003 dentre outros).

Com adultos, o efeito de animacidade restringiu-se aos pronomes tônicos em ilhas, na direção prevista pela literatura. As formas nulas, apesar de presentes, ocorreram em pequeno número. Ambas são alternativas aos clíticos, mas não parecem encontrar-se em distribuição complementar, em função da animacidade, como sugerem os relatos baseados em dados espontâneos.

A escolaridade parece afetar: (i) a produção de clíticos, principalmente em contextos de ilha (na produção infanto-adolescente, os clíticos aparecem apenas nos últimos anos de escolaridade, quando já estão mais familiarizadas com a modalidade escrita, independentemente de animacidade) e na modalidade escrita (produção adulta), independentemente de animacidade; (ii) a produção de pronomes tônicos, que são a alternativa preferencial quando o antecedente é [+animado], mas ocorrem em taxas menores no grupo de crianças mais escolarizadas e na modalidade escrita, com adultos, é provavelmente devido ao seu uso em posição acusativa ser estigmatizado, identificado com as camadas menos escolarizadas da sociedade, ao mesmo tempo em que o clítico não se mostra produtivo na língua oral e o elemento nulo sequer é reconhecido de forma explícita como forma anafórica no ensino escolar (SCHWENTER; SILVA. 2003; SCHWENTER, 2006).

Nas respostas a pergunta QU, os elementos nulos admitem também antecedentes [+animado], em todos os grupos de crianças e adolescentes, talvez como uma alternativa ao pronome tônico, tido como forma estigmatizada, evidenciando, uma vez mais, a influência da escolaridade (SCHWENTER; SILVA, 2003).

Em contexto de ilhas, a restrição que existe aos elementos nulos não parece ser devido ao movimento sintático, mas sim uma restrição de animacidade, uma vez que ocorre apenas com antecedentes animados, como se vê em:

- (42) *O menino_i* ficou chateado porque a menina pintou * \emptyset _i;
- (43) *A menina_i* espetou o menino porque ele beliscou * \emptyset _i;
- (44) *O leite do copo_i* vai acabar porque o garoto está bebendo/bebeu \emptyset _i;
- (45) *O carro_i* ficou imundo porque a menina sujou \emptyset _i.

A ocorrência de formas nulas, entre crianças e adolescentes, na tarefa 2, parece indicar que a restrição de ilha não se aplica ao PB, de acordo com a visão expressa na literatura (FARRELL, 1987; GALVES, 1989, 2001). Parece haver preferência pelas retomadas com o pronome tônico e o elemento nulo nesse contexto, tanto com adultos (modalidade oral), como com crianças e adolescentes. O que determina a escolha por uma ou outra forma parece ser o traço semântico de animacidade do antecedente. No entanto, o uso de DP pleno em posição acusativa na condição [-animado] entre os adultos requer uma investigação futura.

A presença de DPs em contexto de ilha, ainda que de modo mais contido do que em sentenças simples, sugere a influência de fatores sociais e de acessibilidade: as crianças do G1 talvez precisassem recuperar todos os traços do antecedente, ausentes da sua memória de trabalho, tanto graças ao tipo de estrutura sintática apresentada, como às limitações da idade. No G2, a taxa de ocorrência dos DPs plenos caiu drasticamente, talvez porque, então, a criança já tenha o antecedente mais presente na memória e, assim, recorra à retomada com elemento nulo ou pronome tônico. No G3, as taxas de DPs voltam a aumentar, talvez porque a criança já não queira usar o pronome tônico, marginalizado pela escola, mas ao mesmo tempo, não conte com o clítico.

Nas ilhas sintáticas, os elementos nulos recuperam preferencialmente o antecedente sujeito [-animado] (sem agentividade) da oração principal.

Restrições de animacidade têm sido associadas à análise de formas nulas como elipses de DP (CYRINO 1994 -2021), embora essa restrição também possa se aplicar ao uso de uma forma pronominal (FARRELL, 1987; GALVES, 1989, 2001). A análise do elemento nulo como *pro* parece, em princípio, adequar-se melhor à Tarefa 1, já que o antecedente era um complemento de PP. Contudo, não exclui a possibilidade de uma elipse de DP, se se pensar em um antecedente gerado em um espaço derivacional paralelo e que ainda está ativo na memória de trabalho do falante (já que aparece no final do segmento anterior, estando, de certa maneira, ainda próximo do antecedente e passível de permanecer ativo em sua memória). Pareceu interessante que se fizesse novo teste, verificando como seria a retomada na própria sentença (o que será feito no Experimento 5 desta tese). Na tarefa 2, o antecedente é apresentado como o sujeito da oração principal, e uma análise de elipse DP serviria aos sujeitos inanimados, tomados como sujeitos derivados (CYRINO; LOPES, 2016; SILVA, 2009). Outra possível alternativa seria considerá-lo uma elipse VP. Essas possibilidades serão melhor detalhadas na discussão que se segue.

5.1.3 *Discussão*

Os efeitos de animacidade corroboram dados de produção espontânea no PB (CYRINO, 1994-2021, dentre outros), sugerindo que o pronome pleno é a

opção padrão para a retomada de antecedentes [+animado], enquanto a forma nula é a opção padrão para antecedentes [-animado] (SCHWENTER; SILVA, 2003).

Schwenter; Silva afirmam que o PB está se tornando uma linguagem de objeto nulo, que seria a forma padrão, não marcada, para a retomada anafórica na posição de objeto direto, preferível na retomada de antecedentes [-animado] e também [+animado; -específico]. Com antecedentes [+animado; +específico], a retomada anafórica seria preferencialmente explícita, por meio do pronome tônico, que seria o padrão marcado da língua. Uma forma nula ainda pode ocorrer com antecedentes [+animado; +específico], graças ao condicionamento social, como a marginalização do pronome tônico em posição acusativa. Da mesma forma, um DP pleno pode ocorrer com antecedentes [+animado; -específico] quando a distância textual entre a retomada anafórica e o antecedente é muito longa, de modo a retomar o *status* de tópico discursivo ao antecedente.

Presume-se que os antecedentes da tarefa 1, como complemento de PP em frase imediatamente anterior, estariam acessíveis como efeito de recência, além de terem sido apresentados previamente e, em tese, serem mantidos como tópicos discursivos. Um efeito de acessibilidade relativa teria se refletido nos padrões internos de animacidade assumidos pela linguagem, o que teria gerado os efeitos significativos com pronomes tônicos e elementos nulos. O fato de ter havido considerável número de DPs nessa tarefa explica-se, entretanto, pela retomada do antecedente ser feita em um novo segmento discursivo. Na tarefa 2, presume-se a acessibilidade dos antecedentes como efeito de proeminência sintática (já que os antecedentes ocupavam a posição de sujeitos da oração principal) e explica-se os efeitos de animacidade também pela acessibilidade, ajustada aos padrões da língua (SCHWENTER; SILVA, 2003).

Esse pensamento parece ser compatível com a hipótese da hierarquia de referencialidade (CYRINO; DUARTE; KATO, 2000), segundo a qual quanto mais referencial ([+humano; +específico]), maior a tendência de um antecedente ser retomado por um pronome tônico. Nas sentenças das duas tarefas, os pronomes plenos foram preferidos entre os antecedentes [+animados], que eram também humanos ou, pode-se dizer, *humanizados* (animais agindo como humanos, sempre [+específico]).

Vale ressaltar que, na tarefa 2, os dados das crianças e adolescentes mostram que há alguma penalidade com DPs completos (cf. a HCI, ALMOR,

1999) e, como os clíticos não estão disponíveis na linguagem falada, então recorre-se, inevitavelmente, à marcação de animacidade pelo uso do nulo *vs* pronome tônico, apontando para o que vem sendo tomado na literatura como uma espécie de *Differential Object Marking* (DOM) (SCHWENTER, 2014; CYRINO, 2019): o elemento nulo seria a forma *default* da língua para retomadas de antecedentes inanimados e inespecíficos, enquanto o pronome tônico seria a forma marcada, para os antecedentes que não possuem essas características *default*, mas que são animados e específicos. Contudo, seria uma alternativa também estigmatizada no contexto escolar, e por isso, evitada, quanto maior for o grau de escolarização e a formalidade da situação.

De fato, na tarefa 1, a produção de pronomes tônicos foi afetada entre as crianças mais escolarizadas e também na modalidade escrita, com adultos, provavelmente em função do estigma de que seu uso em posição acusativa evidencia baixa escolaridade (SCHWENTER; SILVA, 2003; SCHWENTER, 2006). Desse modo, a influência da escolaridade, apontada pela literatura, pôde ser atestada, além de no uso moderado dos tônicos, na primeira tarefa, no uso dos clíticos, em ambas as tarefas, com: (i) crianças, para as quais os clíticos representam uma dificuldade, sugerindo que seu uso é associado apenas ao idioma padrão e que a escolaridade é o que leva o falante a evitar formas tônicas, estigmatizadas, na oralidade, e a usar clíticos, na escrita; (ii) adultos, que usaram clíticos independentemente da animacidade, (como em PE) na modalidade escrita de ambas as tarefas (que os usaram pouco na modalidade oral).

Quanto à natureza sintática do elemento nulo, a retomada de antecedentes preferencialmente inanimados e em posição de objeto direto, na Tarefa 1, tanto com crianças quanto com adultos, parece ser compatível com sua interpretação como um *pro* (FARRELL, 1990; GALVES, 1989; GUINDASTE, 1988; KATO, 1993), já que seu antecedente é um argumento de PP e o *pro* poderia recuperar um antecedente nessa função sintática. No caso de o acesso ser exclusivo ao DP complemento da preposição, a hipótese da elipse seria admissível, sacrificando, entretanto, a necessidade do paralelismo estrito entre funções sintáticas.

Na Tarefa 2, o fato de o elemento nulo não ser restrito em ilhas sintáticas descarta que seja uma variável ligada e o fato de retomar sujeitos (tendo uma estrutura sintática diferente do seu antecedente), parece sugerir que não poderia ser considerado uma elipse de DP, restando apenas sua interpretação como um

pro, irrestrito em ilhas sintáticas. Entretanto, a análise do nulo como uma elipse de DP é compatível com a hipótese linguística que toma sujeitos inanimados como sujeitos derivados (SILVA, 2009; CYRINO; LOPES, 2016). Essa hipótese assume que antecedentes animados e inanimados não são licenciados na mesma posição sintática: antecedentes [+animado] se moveriam para uma posição mais alta fora do VP e, por isso, não poderiam ser licenciados como elipse pelo verbo, enquanto [-animado] permanecem *in situ*, podendo ser licenciados como elipse (cf. CYRINO, 2019, p. 3486). A elipse de DP, nessa proposta, ficaria restrita a retomar antecedentes objetos inanimados (o objeto nulo típico) ou sujeitos inanimados (derivados).

De acordo com a proposta de Schwenter; Silva (2003), que salienta a importância de fatores discursivos e pragmáticos na codificação do ODA, um antecedente movido para posição de proeminência sintática e discursiva (posição de sujeito) estaria particularmente acessível. Sujeitos de verbos inacusativos, como os sujeitos [-animado] deste estudo, se tomados como derivados, estariam particularmente acessíveis. Uma vez que a estrutura do DP ramificado possa ser recuperada na posição do ODA, uma elipse de DP se faz viável. Isto é: considerando o acesso aos traços, caso o que esteja sendo recuperado pelo participante seja “o leite do copo”, objeto direto da sentença anterior, a possibilidade de uma elipse de DP é contemplada. Entretanto, para se pensar na possibilidade de elipse, parece ser necessário considerar seu esvaecimento na mente do falante, pois, de acordo com os estudos de processamento, quanto mais distante estiver esse antecedente da retomada, maior será a probabilidade de ele ter se esvaecido. Caberia, em experimento futuro, verificar se a distância entre os elementos (antecedente e retomada) permitiria a recuperação da estrutura do antecedente, fundamental para a ocorrência de uma elipse.

Os dados experimentais mostraram maior incidência de elementos nulos com antecedentes animados nos grupos de maior grau de escolarização (sendo também o grupo em que o pronome tônico teve as menores taxas). Isso pode indicar que houve uma moderação no uso do pronome tônico em posição acusativa, como resultado da escolarização e, uma vez que o clítico não se mostra produtivo na língua oral, recorreu-se ao nulo. Assim, é possível que os elementos nulos sejam a forma *default* da língua e, com a posterior escolarização e

estigmatização do pronome tônico em determinadas situações e ambientes, os elementos nulos sejam resgatados como uma forma alternativa àquele.

Poderia ser sugerida uma possibilidade alternativa de análise: que a lacuna fosse uma elipse de VP, evidenciada pelo verbo apresentado na sentença imediatamente anterior e repetido nas respostas dos participantes (Estímulo: “*Aqui tem um palhaço e um carrinho. Agora veja o que está acontecendo! O palhaço está puxando o carrinho. Então, o carrinho vai andar, porque o palhaço...*”). Resposta do participante: “*...puxou Ø*”). Nesse caso, o VP anterior sofreria as mesmas restrições de acessibilidade de um DP antecedente de uma elipse de DP. Isto é, precisa estar plenamente acessível.

Se os elementos nulos da tarefa 1 forem entendidos como *pros*, essa compatibilização teria a dificuldade de encontrar uma explicação que desse conta das restrições de animacidade, isto é, a preferência de elementos nulos na retomada de antecedentes [-animado]. Assumindo a hipótese de Schwenter; Silva (2003) de que os padrões do PB levam em conta fatores *semânticos*⁷⁶ na resolução da correferência, chega-se a uma solução, em princípio, plausível: antecedentes [+animado], quando acessíveis, são retomados por pronomes tônicos, enquanto os antecedentes [-animado] são retomados por elementos nulos. Entretanto, nenhuma dessas conjecturas é tomada aqui como uma classificação categórica.

Os antecedentes da tarefa 1, localizados no discurso, tiveram bastantes retomadas com DPs plenos ([±animado]), até pelo fato de se localizarem em uma resposta a pergunta QU, isto é, iniciando um outro segmento discursivo. Já na tarefa 2, em que o antecedente estava na mesma sentença, em posição de evidência (sujeito da sentença matriz), o número de DPs plenos foi reduzido e o contraste entre elementos nulos (antecedentes [-animado]) e pronomes tônicos (antecedentes [-animado]) ficou bastante evidente, sugerindo alta acessibilidade desses antecedentes; compatível com a proposta de Schwenter; Silva (2003) para a resolução da forma anafórica como *default* ou marcada, em função de animacidade do antecedente e ajustada aos padrões da língua.

De fato, o que se pode afirmar deste experimento é que, de forma consistente com a literatura e com as previsões iniciais, nas duas tarefas, as crianças se mostraram sensíveis ao traço de *animacidade* do antecedente, desde o

⁷⁶ De acordo com Cyrino (2021), a animacidade é um fator *sintático* (não só em PB, como também em outras línguas), desencadeando concordância, movimento etc.

primeiro grupo de escolarização analisado. A *animacidade* favoreceu o uso de pronomes tônicos quando o antecedente era animado e de elementos nulos quando o antecedente era inanimado. As altas taxas de DPs plenos nas sentenças simples podem ser devidas à presença do antecedente no discurso, que o torna menos acessível. Os resultados obtidos em contexto de ilha sintática são compatíveis com a hipótese de que a natureza gramatical do elemento nulo em PB o distingue do PE, descartando que seja uma variável e podendo ser analisado como *pro* (GALVES, 2001; KATO, 1993, 2001) e, em condições de acesso privilegiado (sujeito derivado mantido ativo na memória de trabalho), com uma *elipse de DP* (CYRINO, 1994; 2016).

Uma nova análise, observando a posição sintática do antecedente (sujeito, objeto direto ou tópico) em contexto sentencial, em um experimento conduzido com adultos, será feita no Capítulo 7 desta tese e poderá revelar em que medida essa variável (posição sintática do antecedente) afeta a retomada, eliminando-se a possibilidade de DPs plenos (frequentes quando a retomada se dá em contexto discursivo).

Nos próximos capítulos, descrevem-se os Experimentos 2, 3 e 4, nos quais é investigado de que modo a especificidade e o conhecimento a respeito do sexo do antecedente (gênero conceitual) afetam a retomada anafórica.

6 Especificidade

6.1 Experimento 2: especificidade e gênero conceitual

Como foi apresentado no segundo capítulo desta tese, além da animacidade, o gênero conceitual (GC), isto é, o conhecimento a respeito do gênero do antecedente (biológico ou assumido), e a especificidade (ESP) são fatores semântico-discursivos apontados como relevantes na codificação do ODA.

Creus; Menuzzi (2004) sugerem que o gênero conceitual é o fator crucial na opção por uma forma de retomada anafórica. A sistematização proposta pelos autores é lembrada a seguir.

- (a) Pronomes tônicos são usados quando o antecedente possui gênero semântico (portanto, somente se o antecedente é [+animado]);
 - (b) Pronomes nulos são usados quando o antecedente não possui gênero semântico (portanto, necessariamente quando o antecedente é [-animado])
- (CREUS; MENUZZI, 2004. p. 7).

- (a) Antecedentes [+animados, -específicos, +gênero semântico¹], por exemplo, *um menino*, com interpretação genérica, serão retomados por pronomes tônicos;
 - (b) Antecedentes [+animados, -específicos, -gênero semântico], por exemplo, *uma pessoa*, com interpretação genérica, serão retomados por pronomes nulos.
- (adaptado de CREUS; MENUZZI, 2004. p. 8).

Creus; Menuzzi (2004) também não chegam a prever o caso de [+animado; +específico; -gênero conceitual], isto é, antecedentes cujo sexo biológico ou assumido não esteja determinado, como em *a criança*, ou *a testemunha*.

A respeito da especificidade (ESP), Soares; Miller; Hemforth (2020), em relação aos sujeitos, afirmam que a especificidade torna um elemento mais ou menos saliente no discurso (ARIEL, 1990), mas de forma *intradiscursiva*. Isto é: a *inespecificidade* de um antecedente, por torná-lo o mais intradiscursivo possível (afinal, o antecedente [-específico] só existe no discurso), torna-o mais saliente *intradiscursivamente*, favorecendo sua retomada pela forma anafórica menos exigente possível, a forma nula. Em sentido oposto, a *especificidade* de um

antecedente, torna-o menos saliente intradiscursivamente, contribuindo para que seja retomado por uma forma mais exigente em termos de traços: o pronome tônico. A hipótese da acessibilidade é contemplada por essa leitura intradiscursiva: aquilo que está mais saliente *no discurso*, isto é, *mais acessível intradiscursivamente* – o antecedente [-específico] – deve ser retomado pela forma menos explícita (ARIEL, 1990). Soares; Miller; Hemforth (2020) consideram ainda o gênero conceitual (gc) em sua abordagem, apontando que a especificidade modula a preferência por retomadas com: (i) pronomes plenos, quando os antecedentes [+específico] também são [+animado (+gc); ±plural] e [+plural; ±animados]; (ii) elementos nulos, quando esses mesmos antecedentes [+animado (+gc); ±plural] e [+plural; ±animados] também são [-específico].

Quando os antecedentes são [-plural; -animado], serão sempre retomados por elementos nulos.

Neste experimento, consoante a Soares; Miller; Hemforth (2020), mas tratando a respeito dos objetos diretos, supõe-se que o gênero conceitual atue como uma contribuição à especificidade: quando o sexo do antecedente é conhecido, essa informação reforçaria a especificidade desse antecedente (neste experimento, havia somente antecedentes [+animado (+gc); -plural; ±específicos]). Por exemplo, quando se diz que “há *uma criança* atrás do muro”, sabe-se pouco sobre a criança. Mas quando se diz que “há *um menino* atrás do muro”, sabe-se um pouco mais, o antecedente parece se tornar mais especificado. O *continuum*, em relação ao grau de influência exercida por cada um desses fatores na retomada anafórica, seria algo como: animacidade > especificidade > gênero conceitual. Assim, ao invés de considerar o GC um fator conflitante com a ESP, explora-se a possibilidade de que, na verdade, o GC contribua para a expressão da ESP de antecedentes animados.

Com o objetivo de testar essas hipóteses, foi elaborado um teste de produção eliciada, com narrativas curtas e uma tarefa de complementação de sentença, a fim de desemaranhar o papel do GC e da ESP do antecedente, na produção dos objetos anafóricos.

Foram manipuladas as seguintes variáveis independentes, relativas ao antecedente:

¹ Chamado de *gênero conceitual*, nesta tese.

- Especificidade [\pm específico];
- Gênero conceitual (sexo do antecedente) [\pm conhecido];
- Tipo de gênero intrínseco ou opcional.

A distribuição de cada possível forma anafórica será tomada como variável dependente.

Para as sentenças experimentais, foi assumida a diferenciação entre *especificidade* e *definitude* de Ihsane e Puskás (2001), segundo a qual é possível caracterizar esses traços, resumidamente em:

- (a) *definitude*: seleciona um objeto dentre uma classe de objetos possíveis;
- (b) *especificidade*: relaciona-se a elementos pré-estabelecidos no discurso.

Assim, a manipulação da especificidade foi realizada pela presença/ausência de uma oração relativa restritiva em um DP pleno indefinido:

- (a) nas sentenças experimentais em que o antecedente era *específico*, os antecedentes foram apresentados por um DP pleno [–definido] modificado por uma oração relativa restritiva (ex.: O príncipe encontrou *uma dama que estava perdida*);
- (b) nas sentenças experimentais em que o antecedente era *inespecífico*, os antecedentes foram apresentados por um DP pleno [–definido] sem o apoio das orações relativas restritivas (ex.: O príncipe encontrou *uma dama* no jardim).

Adicionalmente, para antecedentes cujo gênero conceitual é conhecido, o tipo de gênero gramatical foi manipulado: gênero intrínseco (o gênero é um traço do nome) vs opcional (há uma categoria funcional *Gen*, dominando o nome, e a opção pela marcação do feminino resulta na flexão *-a*), a fim de observar se o contraste entre ambos evidenciaria algum possível custo, no processamento, de uma categoria funcional a mais (com projeção *GenP*, cf. PICALLO, 1991; 2017). Duas análises foram então idealizadas, como se segue:

Design Análise 1: (2 x 2)

- 1.1 Especificidade [+/-específico];
- 1.2 Gênero conceitual [+/-conhecido].

Design Análise 2: (2 x 2)

- 2.1 Especificidade: [+/-específico];
- 2.2 Tipo de gênero gramatical: [intrínseco/opcional].

As condições experimentais foram quatro por *design*, como a seguir; cada condição sendo apresentada por meio de quatro sentenças experimentais, como nas tabelas, logo depois.

i. *Design Análise 1 (2 x 2): Especificidade x Gênero conceitual (gênero sempre intrínseco)*

- C 1: [+ específico]; [+conhecido];
- C 2: [+específico]; [-conhecido];
- C 3: [-específico]; [+conhecido];
- C 4: [-específico]; [-conhecido].

ii. *Design Análise 2 (2 x 2): Especificidade x Tipo de gênero gramatical (sexo do antecedente sempre conhecido)*

- C 1: [+ específico]; [intrínseco];
- C 2: [+específico]; [opcional];
- C 3: [-específico]; [intrínseco];
- C 4: [-específico]; [opcional].

As frases experimentais estão exemplificadas nas tabelas a seguir. É importante esclarecer que as sentenças das condições C1 e C3 da análise 1 serão as mesmas correspondentes às condições C1 e C3 da análise 2, respectivamente.

C 1: [+ específico] [+conhecido]	Num castelo não muito longe daqui, houve uma grande festa e muitas damas foram convidadas. Depois da festa, algumas damas saíram para um passeio. O príncipe encontrou <i>uma dama que estava perdida</i> . Aí, o príncipe... (levou <i>a/ela/Ø/a dama/a dama que estava perdida</i> de volta)
--	--

C 2: [+específico] [-conhecido]	Numa creche da prefeitura, nas primeiras horas da tarde, duas crianças pequenas brincavam perto de um buraco que ninguém tinha visto ainda, no muro. Um pouco depois, do outro lado do muro, André encontrou <i>uma criança que passou pelo buraco</i> . Aí, André... (<i>segurou/levou a/ela/Ø/a criança/a criança que escapou pelo buraco</i>)
C 3: [-específico] [+conhecido]	No Carnaval, um cinegrafista filmava um baile de rua, com pessoas fantasiadas. Havia pirata, árabe, bailarina... O cinegrafista já havia filmado quase todos, mas ele ainda queria filmar <i>uma rainha</i> no baile. Então, o cinegrafista... (<i>procurou a/ela/Ø/a rainha</i>)
C 4: [-específico] [-conhecido]	Num bairro da cidade, muitos carros foram roubados no último mês. Um policial resolveu então fazer perguntas aos moradores. Mas tudo ficou mais fácil. Um de seus ajudantes conseguiu gravar <i>uma testemunha</i> ao telefone. Então, o policial... (<i>ouve a/ela/Ø/a testemunha</i>)

Tabela 10: Análise 1

C 1: [+específico]; [intrínseco]	Num castelo não muito longe daqui, houve uma grande festa e muitas damas foram convidadas. Depois da festa, algumas damas saíram para um passeio. O príncipe encontrou <i>uma dama que estava perdida</i> . Aí, o príncipe... (<i>levou a/ela/Ø/a dama que estava perdida de volta</i>)
C 2: [+específico]; [opcional]	No hospital geral da cidade, estavam precisando de enfermeiras. Então a enfermeira-chefe contratou enfermeiras novas para logo começarem a trabalhar. Ao chegar no hospital, Carlos foi recebido por <i>uma enfermeira que era nova</i> . Aí, Carlos... (<i>cumprimentou a/ela/Ø/a enfermeira que era nova</i>)
C 3: [-específico]; [intrínseco]	No Carnaval, um cinegrafista filmava um baile de rua, com pessoas fantasiadas. Havia pirata, árabe, bailarina... O cinegrafista já havia filmado quase todos, mas ele ainda queria filmar <i>uma rainha</i> no baile. Então, o cinegrafista... (<i>procurou a/ela/Ø/a rainha</i>)
C 4: [-específico]; [opcional]	Em uma final muito importante do campeonato de handebol, Suzana foi escalada e estava jogando pra valer. Para pegar a bola do outro time, ela derrubou <i>uma jogadora</i> no chão. Aí Suzana... (<i>levantou a/ela/Ø/a jogadora</i>)

Tabela 11: Análise 2

Em relação ao contraste Especificidade x Gênero Conceitual (Análise 1: ESP x GC) foram considerados os possíveis efeitos:

- (i) O sexo do antecedente (gênero conceitual [+conhecido; ±específico]) favoreceria sua recuperação preferencialmente por meio de um pronome lexical (tônico); enquanto o gênero conceitual [-conhecido; -específico] favoreceria o elemento nulo de acordo com (CREUS; MENUZZI, 2004). Assim, na análise 1, pode-se esperar mais ocorrências de pronomes na condição [+conhecido] (C1 e C3) e de elementos nulos na condição [-conhecido] (C2 e C4), independentemente de especificidade;

- (ii) Diante da hipótese de que o conhecimento do sexo do antecedente adiciona informação de caráter específico, favorecendo o uso do pronome lexical (tônico), espera-se um maior número de respostas desse tipo na condição C1 [+específico; +conhecido], e mais respostas com nulos na condição C4 [-específico; -conhecido].

Adicionalmente, buscou-se verificar: (i) em relação às retomadas pronominais lexicais, diante da estigmatização do pronome tônico e da formalidade do clítico, se o falante (educado) do PB favoreceria alguma dessas formas lexicais, na produção oral; (ii) em relação ao possível efeito de tipo de gênero gramatical (Análise 2: ESP x TGG), se o tipo de antecedente gramatical desempenharia algum papel na retomada do antecedente (tendo em vista que uma categoria funcional adicional pode ser requerida na computação do sintagma e isso poderia se refletir numa forma anafórica que precisasse recuperar mais ou menos traços).

6.1.1 Método

Participantes: 20 falantes adultos (8 mulheres) naturais nativos do PB do Rio de Janeiro (faixa etária de 24 a 57; média de idade de 40,5; 19 com nível superior completo e 1 com ensino nível médio de escolaridade), funcionários de um escritório de instituição estadual.

Material: 24 narrativas curtas (4 por condição experimental), com a última frase a ser completada; cada narrativa apresentada junto a um conjunto de três imagens, reproduzidas como *slides* do *software* Power Point, que contextualizavam a tarefa, como nas imagens e legenda a seguir.

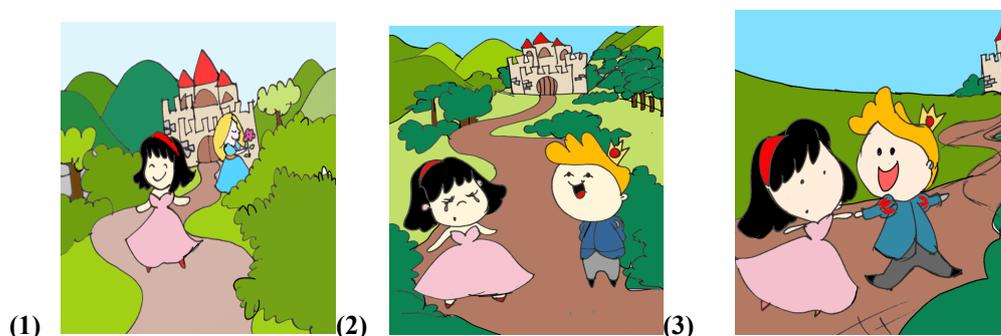


Figura 22: conjunto de imagens correspondentes a um estímulo da condição [+específico; +conhecido]: (1) “Num castelo não muito longe daqui, houve uma grande festa e muitas damas foram convidadas. Depois da festa, algumas damas saíram para um passeio.” (2) “O príncipe encontrou *uma dama que estava perdida*.” (3) “Aí, o príncipe...”.

Os estímulos foram semi-aleatorizados em quatro listas, sendo apresentada uma lista para cada participante, de modo que todas as condições e sentenças experimentais fossem vistas por todos os participantes.

Foram fixados: (i) o traço de animacidade ([+animado]) e de humanidade ([+humano]) do antecedente, uma vez que a literatura aponta que esses dois traços propiciam a produção de pronomes tônicos (CYRINO, 1994; LOPES, 2007); (ii) o gênero gramatical feminino do antecedente (contrabalançado o tipo de realização morfológica – ora flexão somente no determinante e ora também no nome), pois não era desejável ter respostas com o gênero masculino usado como forma “neutra”; (iii) paralelismo sintático, favorecendo, em princípio, a ocorrência nulos² (e, possivelmente apoiando sua interpretação como elipse de DP); (iv) tamanho e estrutura das sentenças, deixando-as o mais semelhante possível; (v) frequência de uso das palavras que funcionavam como antecedentes (foi usada a ferramenta de busca do Google para identificar o número ocorrências das palavras e compatibilizar seu uso, sempre que possível); (vi) verbos transitivos diretos, de ação e no particípio; (vii) sujeito da sentença narrativa masculino, para que não houvesse concorrência entre os antecedentes.

Aparato: um *notebook* MacBook Air 13”, 2014, versão 10.12.6 e de um aplicativo gravador de áudio, *Audio Recorder*, versão 2.00.35, instalado num aparelho de telefone celular da marca *Sony*, modelo *Xperia XA plus*, versão *Android 8.0.0*.

Procedimento: os participantes foram testados individualmente, em uma sala isolada, reservada para esse fim. As frases experimentais foram apresentadas oralmente pelo experimentador, com o auxílio do programa *Power Point*; o teste teve uma duração média de 7 minutos por participante.

6.1.2 Resultados

² Leitão (2010) assume que o paralelismo sintático pode favorecer o nulo. Arnold (2010) também assume que as retomadas sintaticamente paralelas são preferenciais, mas seriam secundárias: haveria preferência, em primeiro lugar, por retomar o antecedente do sujeito gramatical, mais do que o antecedente do objeto.

Os resultados são apresentados em função de cada uma das análises: especificidade x gênero conceitual (ESP x GC); e especificidade x tipo de gênero do antecedente (ESP x TGA).

A seguir, é apresentada a distribuição das formas anafóricas em função da especificidade e do gênero conceitual.

6.1.2.1 Análise 1 – variáveis: especificidade e gênero conceitual (somente gênero intrínseco)

	P. tônico	Elemento nulo	DP pleno	Clítico	Outros
C1 [+e; +c]	4,7	1,3	11,3	5	2,8
C2 [+e; -c]	2,2	2	9,7	3,1	8,4
C3 [-e; +c]	2,5	2,8	7,5	3,1	8,5
C4 [-e; -c]	2,8	2,2	7,5	3,8	8,8
Total	12,2	8,3	36	15	28,5

Tabela 12: distribuição (%) das respostas em função de especificidade e gênero conceitual (Total = 320). Dentro dos colchetes, e = específico; c = conhecido (gênero conceitual).

Apesar da predominância do DP pleno, os maiores percentuais de retomadas pronominais (7% de clíticos e 6,6% de pronomes tônicos) e o menor percentual de retomadas nulas (1,8%) ocorreram na condição C1 [+específico; +conhecido], na direção prevista em (ii). O número de ocorrências foi, de todo modo, muito pequeno para sustentar essa hipótese. As respostas consideradas como “outros” foram aquelas que, ainda que usassem verbos transitivos diretos, não retomavam o antecedente, aquelas com verbos transitivos indiretos, ou que, de algum modo, fugissem à proposta.

O pequeno número de respostas do tipo pronome tônico e nulo não permitiu análise estatística. Contudo, um efeito significativo de especificidade foi constatado quando tônicos e clíticos (formas pronominais preenchidas) foram somados (teste Wilcoxon: Z-value = -1.6474; W-value = 18; p = .04947), indicando a preferência por estas formas na condição [+específico]. Esses resultados vão ao encontro da previsão (ii), sugerindo que a especificidade parece atuar na escolha por formas pronominais (isto é, por recuperação de traços, apenas), embora sem preferência por uma em especial.

Na tabela a seguir, é apresentada a distribuição das formas anafóricas em função da especificidade e do tipo de gênero do antecedente.

6.1.2.2 Análise 2 – Variáveis: especificidade e tipo de gênero do antecedente (somente sexo conhecido do antecedente)

	P. tônico	Elemento nulo	DP pleno	Clítico	Outros
C1 [+e; i]*	4,7	1,3	11,3	5	2,8
C2 [+e; o]	3,4	2,2	7	4,7	8,1
C3 [-e; i]	2,5	2,8	7,5	3,1	8,5
C4 [-e; o]	2,5	2,8	10	2,8	7
Total	13,1	9,1	35,8	15,6	26,4

Tabela 13: distribuição (%) das respostas em função de especificidade e do tipo de gênero gramatical (Total = 320). *Dentro dos colchetes, i = intrínseco; o = opcional.

Novamente, a comparação das formas pronominais preenchidas somadas (pronomes clíticos e tônicos), em função das variáveis, trouxe efeito significativo de especificidade (teste Wilcoxon: Z-value = -2.8031; W-value = 0; p = .00512), indicando a preferência pelas formas pronominais, sem escolha por uma em especial, nas condições [+específico]. Do mesmo modo que na análise 1, foram desconsideradas as respostas que não retomavam o antecedente, aquelas com verbos transitivos indiretos, ou que, de algum modo, fugissem à proposta.

6.1.3 Discussão

Em suma, ambas as análises apontaram para um efeito de especificidade que se detecta no somatório de pronomes tônicos e clíticos, preferidos na condição [+específico].

Os resultados, portanto, apontam que a especificidade deve ser um traço relevante para o uso de formas preenchidas na retomada anafórica (antecedentes [+específico]), embora não tenha sido possível distinguir a preferência por uma forma determinada. O percentual de formas nulas foi maior com antecedentes [-

específico], ainda que se soubesse o sexo do antecedente (por exemplo, *uma mulher*). Devido ao pequeno número de ocorrências dessa forma, não se pôde concluir que, de fato, o gênero conceitual teria ou não qualquer tipo de influência sobre a retomada anafórica, corroborando ou divergindo da literatura (CREUS; MENUZZI, 2004), ou que fosse um fator a elevar o grau de especificidade do antecedente (apesar das taxas de nulos mais altas na condição C4, [-específico;-conhecido]).

O tipo de gênero gramatical (intrínseco e opcional) do antecedente também não pareceu desempenhar um papel na seleção da retomada anafórica.

Toma-se a preferência pelos DPs plenos como devida a uma estratégia tipicamente adulta, ora de esquiva tanto ao pronome tônico, considerado “errado” em posição acusativa, ora de esquiva ao próprio clítico acusativo, que pode parecer pedante na linguagem oral. As taxas de clíticos já eram esperadas, tendo em vista alto nível de escolaridade dos participantes e a situação experimental, que podem tê-los levado ao uso da *variedade culta* durante o teste.

Face aos resultados inconclusivos, julgou-se interessante conduzir nova investigação a respeito dos papéis possivelmente exercidos pela especificidade e o gênero conceitual, com adaptações que pareceram necessárias para a obtenção de resultados mais expressivos, descrita a seguir³.

6.2 Experimento 3: especificidade e gênero conceitual – *Follow up*

No experimento anterior, o número bastante expressivo de DPs plenos, dificultou a verificação das previsões, de modo que, no presente experimento, foram feitas algumas modificações, sendo a diferença principal, a posição sintática ocupada pelo antecedente: no experimento anterior, os antecedentes eram *objetos diretos*, a fim de manter paralelismo estrutural. Neste, o antecedente alvo ocupou a posição de sujeito, a fim de ser mantido como tópico *discursivo* e em evidência na memória do participante (ARNOLD, 2010⁴; PERELMUTER, 2020).

³ Em função da pandemia provocada pela Covid-19, foi impossível continuar com os trabalhos presenciais. Deste teste em diante, todos foram realizados *on-line*, por meio de reuniões via Zoom ou Google Meet.

⁴ De acordo com Arnold (2010, p. 193), as retomadas é preferencialmente do antecedente que ocupa a posição de sujeito gramatical.

Tal como no Experimento 2, foi conduzida uma tarefa de complementação de sentença, dando continuidade a uma pequena narrativa, mediante a apresentação de dois verbos transitivos diretos. Desta vez, não houve o apoio de imagens. Houve ainda uma variável de grupo e eliminou-se a variável independente *tipo de gênero gramatical*, que não pareceu ter influência na recuperação do antecedente. O uso de dois verbos buscou não só favorecer a retomada do antecedente, como também promover um maior desdobramento da narrativa, ao invés da simples finalização de uma sentença.

O Experimento 3, como o anterior, busca contrastar as hipóteses GC e ESP, isto é, verificar se a produção de pronomes tônicos e elementos nulos é afetada pelo *gênero conceitual*, pela *especificidade* do antecedente e/ou pela combinação dessas duas variáveis.

A hipótese da especificidade (HESP), aventada a partir de Soares; Miller; Hemforth (2020) seria a de que a especificidade contribuiria, intradiscursivamente, para a acessibilidade de um antecedente, tendo o gênero conceitual como um fator contributivo (antecedentes [+específico; +gênero conceitual] seriam retomados preferencialmente por pronomes tônicos; antecedentes [-específico; -gênero conceitual], por elementos nulos). Enquanto a HGC de Creus; Menuzzi (2004) aponta o gênero conceitual como o que há de mais relevante na opção pela forma da retomada anafórica, (antecedentes [+gênero conceitual] seriam retomados preferencialmente por pronomes tônicos, enquanto antecedentes [-gênero conceitual], por elementos nulos).

Desse modo, foram manipuladas como variáveis independentes a *especificidade* ([+específico] vs [-específico]; fator grupal) e o *gênero conceitual* [+conhecido] vs [-conhecido]; medida repetida), dando origem a quatro condições experimentais, como se segue.

Grupo 1: [+específico]

C1 [+conhecido]: Ex.: *Uma garota que tinha se afastado do grupo começou a gritar assustada;*

C2 [-conhecido]: Ex.: *Uma criança que tinha passado pelo buraco começou a chorar.*

Grupo 2: [-específico]

C1 [+conhecido]: Ex.: *Uma garota, ao longe, começou a gritar assustada;*

C2 [-conhecido]: Ex.: *Uma criança, do outro lado do muro, começou a chorar, com medo.*

Nas sentenças experimentais, aquelas com antecedente específico e inespecífico (os pares de condições C1/C3 e C2/C4) são semelhantes, diferindo, respectivamente, em possuírem ou não uma relativa restritiva apresentando o antecedente, como se vê nos exemplos da tabela a seguir.

<p>GRUPO 1 [+específico]</p> <p>C 1: [+conhecido]</p>	<p>Numa casa de praia não muito longe daqui, teve uma grande festa, com muitos convidados. Um garoto saiu da festa para dar uma volta. <i>Um garoto que tinha se afastado do grupo</i> começou a gritar assustado. Aí, o dono da casa... (encontrar e levar) (<i>encontrou a/ela/Ø/a garoto que tinha se afastado do grupo e levou a/ela/Ø/a garoto que tinha se afastado do grupo de volta</i>)</p>
<p>C 2: [-conhecido]</p>	<p>Na creche em que eu trabalho, duas crianças pequenas brincavam perto de um buraco que ninguém tinha visto ainda, no muro. <i>Uma criança que tinha passado pelo buraco</i> começou a chorar, com medo. Aí, o nosso zelador... (pegar e trazer) (<i>pegou a/ela/Ø/a criança que tinha passado pelo buraco e trouxe a/ela/Ø/a criança que tinha passado pelo buraco de volta</i>)</p>
<p>GRUPO 2 [-específico]</p> <p>C 1: [+conhecido]</p>	<p>Numa casa de praia não muito longe daqui, teve uma grande festa, com muitos convidados. Um garoto saiu da festa para dar uma volta. <i>Um garoto, ao longe</i>, começou a gritar assustado. Aí, o dono da casa... (encontrar e levar) (<i>encontrou a/ela/Ø/a garoto e levou a/ela/Ø/a garoto de volta</i>)</p>
<p>C 2: [-conhecido]</p>	<p>Na creche em que eu trabalho, duas crianças pequenas brincavam perto de um buraco que ninguém tinha visto ainda, no muro. <i>Uma criança, do outro lado do muro</i>, começou a chorar, com medo. Aí, o nosso zelador... (pegar e trazer) (<i>pegou a/ela/Ø/a criança e trouxe a/ela/Ø/a criança de volta</i>)</p>

Tabela 14: sentenças do Experimento 3 (ESP x GC).

A manipulação da variável *especificidade* afeta a 1ª retomada do antecedente (primeiro verbo utilizado). Na segunda retomada possível, o antecedente é necessariamente específico.

Previu-se que:

- (i) diante da hipótese de Creus; Menuzzi (2004), seriam esperados mais pronomes lexicais (tônicos) na condição [+conhecido] e de *elementos nulos* na condição [-conhecido];
- (ii) diante da hipótese de que *o conhecimento do sexo do antecedente adiciona informação de caráter específico* e favorece o uso do *pronome lexical* (tônico), elaborada nesta tese a partir dos achados de Soares; Miller; Hemforth (2020), espera-se um maior número de respostas desse tipo na condição [+específico; + conhecido] (já que também [+animado; -plural]).

Entretanto, em relação às retomadas pronominais lexicais, diante da estigmatização do pronome tônico e da formalidade do clítico, buscou-se, novamente, verificar se o falante (educado) do PB favoreceria uma das duas formas, na produção oral.

6.2.1 Método

Participantes: 26 adultos (17 do sexo feminino e 9 do masculino), divididos em dois grupos em função da variável *especificidade*; 13 graduados e 7 pós-graduados em diferentes áreas; todos falantes nativos do PB (24 naturais do RJ, 1 de SP e 1 da PB), com idades entre 19 e 50 anos (idade média: 31,9).

Material: consistiu de duas listas de narrativas curtas, em que duas funcionavam como pré-teste; 16 eram experimentais (8 com antecedentes [+específico] e 8 com antecedentes [-específico]); e 12 distratoras.

Os ensaios (*trials*) experimentais foram quatro narrativas curtas por condição experimental, contextualizando a tarefa, com a última frase a ser completada pelo participante. Cada narrativa foi apresentada junto a dois verbos, em *slides* do *software* Power Point, a serem usados na complementação da sentença. As narrativas foram gravadas previamente e apresentadas em áudio juntamente com os *slides* em que apareciam os dois verbos com os quais a narrativa deveria ser continuada, como demonstra a figura a seguir.



Figura 23: Exemplo de *slide* utilizado no Experimento 3.

Os estímulos foram semi-aleatorizados em quatro listas (duas para o grupo [+específico] e duas para o [-específico]), cada lista contendo quatro narrativas; e os participantes foram divididos em dois grupos de 13.

Nas frases experimentais, foram controlados, novamente: (i) o traço de animacidade (+animado) e humanidade ([+humano]) dos antecedentes, pois a literatura aponta que esses traços favorecem o pronome tônico (CYRINO, 1994;

LOPES, 2007); (ii) o gênero gramatical (intrínseco) e conceitual dos antecedentes (sempre feminino); (iii) o tamanho e estrutura das sentenças, deixando-as o mais semelhante possível; (iv) proeminência sintática, visando o favorecimento de nulos; (v) frequência de uso das palavras que funcionavam como antecedentes (usando a ferramenta de busca do Google); (vi) verbos transitivos diretos, de ação e no particípio; (vii) sujeito da sentença narrativa masculino, para que não houvesse concorrência entre os antecedentes.

As frases distratoras eram semelhantes às experimentais, mas com antecedentes definidos e verbos transitivos indiretos, diretos e indiretos, ou intransitivos, como nos exemplos a seguir:

- (46) Tenho uma amiga que participa de um clube de leitura em que uma pessoa compra um livro e, quando termina a leitura, doa a outra pessoa, e depois discutem o tema. As leituras feitas assim sempre me parecem interessantes! Então eu disse a ela que, quando ela... (terminar e viajar)
- (47) Tenho um primo toca piano há muito tempo, mas ganhava a vida com algo que não tinha nada a ver com isso. O piano, no entanto, sempre foi a sua maior paixão. Hoje, além de tocar para si, ele finalmente passou a... (apresentar e ensinar)

Aparato: consistiu de um *notebook* MacBook Air 13”, 2014, versão 10.12.6, no qual os *softwares* Zoom e Power Point fora instalados, e de um aplicativo gravador de áudio, Audio Recorder, versão 2.00.35, instalado num aparelho de telefone celular da marca Sony, modelo *Xperia XA plus*, versão *Android 8.0.0*, para as gravações dos testes na plataforma Meet.

Procedimento: diante da condição de isolamento social vigente (em decorrência da pandemia de Covid-19), o experimento foi adaptado para condução em formato remoto, o que foi feito usando plataformas virtuais como *Zoom* e *Google Meet*, por meio das quais os participantes foram testados individualmente, em horário previamente agendado e reservado para esse fim. Os participantes foram orientados oralmente a respeito de como proceder à tarefa e a fazê-lo da forma mais natural possível, estando cientes de que se tratava de um estudo sobre a produção *informal* da linguagem. Logo após, era introduzido o *Power Point*, com instruções, novamente, por escrito; o treinamento com duas distratoras e,

depois, as narrativas experimentais e distratoras; levando em média 15 minutos por participante.

6.2.2 Resultados

Os complementos dos dois verbos serão analisados. Inicialmente, apresentam-se os resultados da primeira variável dependente (as respostas com o 1º verbo, cujos antecedentes são [+/-específico]), que permitem analisar especificidade e gênero conceitual e, em seguida, será tomado apenas o efeito do fator gênero conceitual, considerando os resultados da segunda variável dependente (as respostas com o 2º verbo, considerando-se que seu antecedente é sempre [+específico]).

A tabela a seguir apresenta a distribuição das formas anafóricas por grupo (Grupo 1: [+específico]; Grupo 2: [-específico]), em função do gênero conceitual do antecedente (conhecido; não conhecido).

	Grupo 1 [+específico]					Grupo 2 [-específico]				
	P. tônico	Nulo	DP pleno	Clítico	Outros	P. tônico	Nulo	DP pleno	Clítico	Outros
C1: Gênero [+conhecido]	9,6	3,8	17,3	55,8	13,5	5,8	15,4	17,3	36,5	25
C2: Gênero [-conhecido]	0	17,3	32,7	34,6	15,4	9,6	11,5	28,8	30,8	19,3

Tabela 15: distribuição (%) das respostas válidas em função de especificidade e gênero conceitual (Máximo score = 52 por condição; 13 participantes por grupo) no Experimento 3.

Comparando os resultados do presente experimento com aqueles obtidos no Experimento 2 (**Tabela 12**, análise 1), nota-se que as alterações na metodologia favoreceram o uso de pronominais tônicos e clíticos e de elementos nulos.

Os percentuais do Grupo 1 [+específico] na **Tabela 15** apontam para uma tendência maior de ocorrência de pronomes tônicos e clíticos na condição [+conhecido], e de elementos nulos e DPs plenos na condição [-conhecido]. Com antecedentes [-específico], o gênero do antecedente não pareceu afetar os percentuais das formas anafóricas, exceto com DPs plenos, novamente preferidos na condição [-conhecido]. Foram consideradas respostas do tipo “outras” aquelas

que ou não retomavam o antecedente, ou foram com verbos transitivos indiretos, ou que, de algum modo, fugiam à proposta.

As comparações que se mostraram relevantes foram analisadas por meio de testes não paramétricos (Wilcoxon, para medidas repetidas, e Mann Whitney, para o fator grupal).

O número de pronomes tônicos e de elementos nulos foi insuficiente para uma análise estatística que comparasse as condições [+/-conhecido] no Grupo 1 e a comparação das taxas de respostas com clíticos e DPs plenos não revelou nenhum efeito significativo de gênero conceitual; o que se repetiu nas comparações do Grupo 2.

Entretanto, em relação aos pronominais, uma vez que clíticos e tônicos parecem funcionar como alternativas um ao outro, a depender do contexto pragmático, foram somadas as respostas de ambos, as quais deram origem ao efeito significativo de gênero conceitual apenas no Grupo 1; isto é, pronominais foram preferidos na retomada de antecedentes [+específico; +conhecido] (teste Wilcoxon: W-value: 7; Mean Difference: 0.67; Sum of pos. ranks: 71; Sum of neg. ranks: 7; Z-value: -2.5103; Mean (W): 39; Standard Deviation (W): 12.75; Sample Size (N): 12; ($p < .05$), $P = .01208$).

Seguiu-se, então, para a análise considerando as variáveis independentes entre os dois grupos (G1 vs. G2), para as quais não foi constatado nenhum efeito de especificidade, dentre as formas anafóricas.

Comparando-se cada uma das condições entre os grupos, a condição C1 ([+conhecido]) atestou diferença significativa em função de especificidade, tanto com elementos nulos (Z-score = -1.69231; $p < 0.05$), que foram preferidos na retomada de antecedentes [-específico], quanto com pronominais tônicos e clíticos somados (Z-score= 2.20513; $p = 0,03$), preferidos com antecedentes [+específico].

As respostas com o segundo verbo (antecedentes eram sempre [+específico]) são analisadas a seguir. A próxima tabela apresenta a distribuição das formas anafóricas em função do gênero do antecedente.

	Antecedentes [+específico]				
	P.ônico	Nulo	DP pleno	Clítico	Outros
C1: Gênero [+conhecido]	7,7	9,6	17,3	46,1	19,3
C2: Gênero [-conhecido]	4,8	14,4	30,75	32,7	17,35

Tabela 16: distribuição (%) de formas anafóricas como complemento do segundo verbo em função do gênero conceitual do antecedente (Máximo score = 104 por condição).
Total de participantes: 26.

Os percentuais indicaram preferência para as formas pronominais com antecedentes cujo gênero era [+conhecido] e elementos nulos e DPs, com gênero [-conhecido]. “Outras” foram as respostas que, de algum modo, fugiam à proposta, como nas demais análises.

Considerando as respostas de todos os participantes ao segundo verbo (sempre [+específico]), e submetendo-as a teste não paramétrico (Wilcoxon), houve efeito significativo de gênero conceitual, apenas com as formas pronominais tônicas (W-value: 8; Mean Difference: 2; Sum of pos. ranks: 70; Sum of neg. ranks: 8; Z-value: -2.4318; Mean (W): 39; Standard Deviation (W): 12.75; Sample Size (N): 12; ($p < .05$), $P = .0151$).

Assim, o que se pôde observar das duas análises foi um efeito de gênero conceitual, verificado nas retomadas pronominais (tônicos e clíticos, na análise 1 e tônicos, na análise 2) de antecedentes [+específico]. Comparando cada uma das condições entre os grupos, a condição C1 demonstrou, na análise 1, efeito de especificidade, em direções opostas, com pronominais ([+específico]) e com elementos nulos ([-específico]).

Isto é: considerando cada grupo, individualmente, o gênero semântico afetou somente a retomada de antecedentes em que prevalece a condição [+específico]. Não havendo efeito de especificidade, na condição [+conhecido], as respostas foram alternadas entre nulos e tônicos, havendo uma tendência para as formas nulas serem preferidas com antecedentes [-específico] e as formas pronominais plenas (tônicos e clíticos), com antecedentes [+específico].

6.2.3 *Discussão*

Se, por um lado, (i) o número de retomadas pronominais (clíticos e tônicos) foi menor na condição [+específico; -conhecido] e (ii) o número de retomadas nulas, menor na condição [+específico; +conhecido], houve um número inesperado de retomadas pronominais (tônicos) com antecedentes [-específico; -conhecido], para os quais seria esperada retomada com elementos nulos.

Diante do exposto, não foi possível sustentar (ou rejeitar) a HCG (hipótese do gênero conceitual), isto é, não é possível dizer que o conhecimento a respeito do sexo do antecedente seja por si só o fator principal a influenciar na codificação da forma anafórica.

Com base nas tendências observadas, pode-se dizer que conhecer o gênero do antecedente contribui de algum modo para aumentar a especificidade de um antecedente e favorecer a sua retomada com uma forma pronominal. Em suma, o que os resultados apontam é que o conhecimento do sexo do antecedente parece torná-lo mais específico, individualizá-lo mais no discurso (a segunda hipótese apresentada). De todo modo, os resultados estatísticos parecem sugerir que o gênero conceitual desempenhe um papel quando o antecedente é [+específico], corroborando o que se propôs em (ii), a partir de Soares; Miller; Hemforth (2020): possivelmente, o traço [+gênero conceitual] contribui para tornar um antecedente menos saliente, *intradiscursivamente* e mais saliente semanticamente. Contudo, é necessária uma metodologia que permita eliminar a retomada por DPs plenos para que as hipóteses possam ser efetivamente testadas.

Por último, os percentuais obtidos também estão de acordo com os pressupostos da hierarquia da referencialidade (CYRINO; LOPES, KATO, 2000), de que quanto mais referencial é o antecedente (de acordo com uma escala em que o elemento mais referencial possível tem os traços [+humano;+específico]), mais saliente semanticamente ele é e maior é a probabilidade de ser retomado por meio de um pronome. Neste experimento, pode-se dizer que a especificidade funcionou como um traço discursivo que pode ser sistematizado em: [+e; +c] = formas plenas (pronomes lexicais). Consequentemente, este seria um contexto realmente estranho aos elementos nulos.

Essa proposta de análise do conhecimento do gênero relacionado à especificidade (SOARES; MILLER, HEMFORTH, 2020) tanto une harmonicamente as hipóteses ESP e HGC, como adapta a hipótese da saliência semântica/discursiva para a função de objeto direto, além de não contrariar a hipótese da hierarquia da referencialidade (HHR).

O experimento parece sinalizar, ainda, que os clíticos não estão tão ausentes do PB quanto se costuma supor.

A retomada com elementos nulos no contexto em questão é favorável a *pro* uma vez que foi possível com um antecedente sujeito animado e situado no

discurso, mantido como um tópico discursivo acessível na memória de trabalho do falante.

Na próxima seção, descreve-se o Experimento 4, que investiga a interação entre animacidade e especificidade na codificação da retomada anafórica.

6.3 Experimento 4: especificidade e animacidade

De acordo com a literatura, a animacidade e a especificidade atuam complementarmente, influenciando na codificação da forma anafórica: *pronomes tônicos* tenderiam a retomar antecedentes [+animado; +específico]; e com *elementos nulos*, a retomada preferencial seria de antecedentes [-animado; ±específico] e [+animado; -específico] (CYRINO, 1994, 2001; SCHWENTER; SILVA, 2002, 2003; SCHWENTER, 2006; SAINZMAZA-LECANDA; SCHWENTER, 2017, dentre outros), possibilidade que o presente experimento buscou avaliar.

No primeiro experimento desta tese, os resultados com crianças na primeira tarefa sugeriram efeito de animacidade, que, entretanto, não pôde ser observado com adultos, diante do uso de clíticos. O experimento anterior, por sua vez, apontou para um certo efeito de especificidade apenas quando relacionada ao gênero conceitual do antecedente. Neste experimento, como no anterior, o antecedente ocupou a posição de sujeito, a fim de se manter como tópico discursivo e em evidência na memória do participante (ARNOLD, 2010⁵; PERELMUTER, 2020), de modo a evitar a produção de DPs completos.

Foi conduzida uma tarefa de produção eliciada, nos moldes das anteriores, com narrativas informais curtas, tomando como variáveis independentes a *especificidade* ([+/-específico]) e a *animacidade* ([+/-animado]) do antecedente. As variáveis dependentes foram as respostas com pronomes tônicos e elementos nulos, sendo a distribuição das demais respostas também apresentadas.

Os estímulos experimentais foram quatro por condição, as condições foram duas por grupo e a especificidade foi o fator grupal.

⁵ A autora afirma que as retomadas do antecedente sujeito são preferenciais, vindo logo após as retomadas com objeto e as sintaticamente paralelas.

Grupo 1: [+específico]

C 1 [+animado] (ex.: *uma rainha que estava no meio da multidão*);

C 2 [-animado] (ex.: *uma xícara que estava com a asa quebrada*).

Grupo 2: [-específico]

C 1 [+animado] (ex.: *uma rainha*);

C 2 [-animado] (ex.: *uma xícara*).

Cabe apontar que: as sentenças com antecedente [+/-específico] eram semelhantes (os pares C1/C3 e C2/C4), mas diferiam em possuírem ([+específico]), ou não ([-específico]), uma relativa restritiva apresentando o antecedente.

A tabela a seguir exemplifica as frases experimentais.

<p>GRUPO 1 [+específico] C 1: [+animado]</p>	<p>No Carnaval, um cinegrafista filmava um bloco de rua. Tinha gente fantasiada de tudo: pirata, árabe, bailarina... <i>Uma rainha que estava no meio da multidão</i> carregava um estandarte. Então, o cinegrafista... (buscar e filmar) (<i>buscou a/ela/Ø/a rainha/a rainha que estava no meio da multidão e filmou a/ela/Ø/a rainha/a rainha que estava no meio da multidão</i>)</p>
<p>C 2: [-animado]</p>	<p>Meu novo vizinho contratou um serviço de transporte pra fazer sua mudança. Quando o caminhão chegou, muitas coisas estavam danificadas. <i>Uma xícara que estava com a asa quebrada</i> quase cortou a sua mão. Daí meu vizinho... (pegar e jogar) (<i>pegou a/ela/Ø/a xícara que estava com a asa quebrada fora e jogou pegou a/ela/Ø/a xícara que estava com a asa quebrada fora</i>)</p>
<p>GRUPO 2 [-específico] C 1: [+animado]</p>	<p>No Carnaval, um cinegrafista filmava um bloco de rua. Tinha gente fantasiada de tudo: pirata, árabe, bailarina... <i>Uma rainha, no meio da multidão</i>, carregava um estandarte. Então, o cinegrafista... (procurar e encontrar) (<i>procurou a/ela/Ø/a rainha e encontrou a/ela/Ø/a rainha</i>)</p>
<p>C 2: [-animado]</p>	<p>Meu novo vizinho contratou um serviço de transporte pra fazer sua mudança. Quando o caminhão chegou, muitas coisas estavam danificadas. <i>Uma xícara, por muito pouco</i>, cortou a sua mão. Daí meu vizinho...(pegar e jogar) (<i>pegou a/ela/Ø/a xícara e jogou a/ela/Ø/a xícara fora</i>)</p>

Tabela 17: Exemplos dos estímulos experimentais por condição e por grupo.

A partir do contraste especificidade x animacidade (ESP x ANM) previa-se que:

- (i) caso a animacidade influenciasse na codificação da forma da retomada, independentemente de especificidade, haveria mais pronomes tônicos na condição [+animado] e mais elementos nulos na condição [-animado];
- (ii) caso a especificidade fosse determinante para a retomada, independentemente de animacidade, ocorreriam mais pronomes tônicos na condição [+específico] e mais elementos nulos na condição [-específico];
- (iii) caso os traços [+específico; +animado] combinados favorecessem o uso do pronome (tônico ou clítico), haveria mais dessas formas na condição C1; enquanto nas demais, ocorreriam mais nulos.

Buscou-se verificar, ainda, diante do que afirma a literatura a respeito do uso do pronome tônico (estigmatizado) e dos clíticos (formal), se o falante (educado) do PB favoreceria alguma dessas formas, na produção oral.

6.3.1 Método

A tarefa, que foi realizada virtualmente, por meio das plataformas Zoom e Meet, consistia em que o participante ouvisse uma breve narrativa feita pelo experimentador e em seguida completasse a última sentença dita por ele.

Participantes: 28 indivíduos (19 do sexo feminino), com idades entre 19 e 55 anos (idade média: 34,2), separados em dois grupos de 14, sendo 19 graduados, 2 pós-graduados, 5 doutores, de diversos cursos, e 2 participantes com Ensino Médio.

Material: consistiu de duas sentenças de pré-teste, 16 sentenças experimentais e 12 distratoras, parecidas com as experimentais, em estrutura, mas com antecedentes definidos e verbos transitivos diretos e indiretos, indiretos ou intransitivos. A *especificidade* foi o fator grupal, de modo que o primeiro grupo viu apenas as condições com antecedente [+específico] e o segundo grupo, apenas as condições com [-específico].

Os estímulos foram semi-aleatorizados em quatro listas, sendo apresentada uma lista para cada participante. Cada lista continha quatro narrativas, curtas, contextualizando a tarefa. Cada narrativa foi apresentada em *slides* do *software* Power Point que continham, além do áudio previamente gravado com os

estímulos experimentais, dois verbos transitivos diretos, na forma infinitiva, que deveriam ser usados pelos participantes na complementação da sentença, como mostra a figura a seguir.



Figura 24: Exemplo de *slide* utilizado no Experimento 4.

Nas frases experimentais, foram fixados: (i) o traço de humanidade ([+humano]) dos antecedentes [+animados], pois a literatura aponta que esses dois traços favorecem o pronome tônico (CYRINO, 1994; LOPES, 2007); (ii) o gênero gramatical intrínseco (feminino) dos antecedentes [+animados], pois o gênero masculino pode ser usado, em português, como uma forma “neutra”; (iii) o tamanho e estrutura das sentenças experimentais, deixando-as o mais semelhante possível; (iv) proeminência sintática (antecedente em posição de sujeito), visando o favorecimento de nulos; (v) frequência de uso das palavras que funcionavam como antecedentes (usando a ferramenta de busca do Google); (vi) verbos transitivos diretos, de ação e no particípio; (vii) sujeito da sentença narrativa masculino, para que não houvesse concorrência entre os antecedentes.

Aparato: consistiu de um *notebook* MacBook Air 13”, 2014, versão 10.12.6, no qual os *softwares* Zoom e Power Point foram instalados e de um aplicativo gravador de áudio, Audio Recorder, versão 2.00.35, instalado num aparelho de telefone celular da marca Sony, modelo *Xperia XA plus*, versão *Android 8.0.0*, para as gravações dos testes na plataforma Meet.

Procedimento: os participantes foram testados individualmente, em horário previamente agendado e reservado para esse fim, sendo orientados oralmente a respeito da tarefa e a responder da forma mais natural possível e estando cientes de que se tratava de um estudo sobre a produção *informal* do discurso. Logo após a orientação, era introduzido o Power Point, com a seguinte sequência: instruções por escrito, treinamento com duas distratoras, seguidas de frases experimentais e

distratoras, intercaladas e gravadas previamente pela experimentadora. Após ouvir a breve narrativa, os participantes completavam a sentença usando os dois verbos que apareciam na tela durante a narração. O teste durou em média 15 minutos por participante.

6.3.2 Resultados

Os complementos dos dois verbos foram analisados. As respostas com o 1º verbo apresentado nos *slides* foram consideradas para o antecedente-alvo, permitindo que se testasse a animacidade e a especificidade e são apresentadas na tabela a seguir. As respostas com o 2º verbo, que retomavam antecedentes sempre [+específicos], foram consideradas posteriormente, permitindo que fosse avaliado apenas o fator animacidade.

A tabela a seguir apresenta a distribuição das formas anafóricas de acordo com as variáveis animacidade e especificidade (Grupo 1: [+específico]; Grupo 2: [-específico]).

Tipo de forma anafórica	+ Específico (Grupo 1)		- Específico (Grupo 2)	
	+ animado	-animado	+ animado	-animado
Pron. tônico	5,3	1,8	10,7	1,8
Pron. clítico	33,1	30,3	25	21,4
Elemento nulo	12,5	25	10,7	30,3
DP pleno	14,3	28,6	19,6	32,1
Outros	34,8	14,3	34	14,4
Total	100	100	100	100

Tabela 18: distribuição (%) de formas anafóricas em função da especificidade e do gênero conceitual do antecedente (Total = 56 por condição). Total de participantes em cada grupo: 14.

Em cada um dos grupos, as formas tônicas e nulas não foram afetadas por especificidade e, embora havendo uma tendência na direção prevista em (i) (isto é, pronomes tônicos foram mais usados com antecedentes [+animado], e elementos nulos, com antecedentes [-animado], independentemente de especificidade), o

número de respostas com essas duas formas, considerando cada um dos grupos, foi insuficiente para uma comparação estatística.

Foram somadas, portanto, as taxas das formas pronominais (tônicos e clíticos), a fim de verificar a diferença sugerida pelos percentuais em função de especificidade, que, contudo, não apontou efeito significativo.

As taxas de respostas com elementos nulos nas condições [\pm animado], foram comparadas entre os dois grupos ([+específico] vs [-específico]) (teste Mann Whitney: Z-Score = -2.43523; $p < .01468$) e a diferença revelou-se significativa, na direção do que é apontado pela literatura e prevista em (i). Isto é: as formas nulas são preferenciais com antecedentes [-animados].

As taxas de respostas com DP pleno foram consideradas, mostrando uma preferência pela retomada de antecedentes [-animado] que se repetia nos dois grupos, mas a comparação estatística em cada grupo não se revelou significativa.

Desse modo, na análise das respostas com o primeiro verbo, apenas os elementos nulos revelaram efeitos significativos e em função de animacidade, corroborando a literatura e a previsão em (i).

A seguir, é apresentada a tabela com os dados obtidos na análise dos segundos verbos, cujo antecedente era sempre [+específico]. Foram desconsideradas as respostas em que o participante formou locuções verbais ou usou verbos e objetos diretos diferentes dos alvos.

Tipo de forma anafórica	Total	
	+animado	-animado
Pron.ônico	5,34	3,54
Pron. clítico	37,5	15,15
Elemento nulo	12,5	54,45
DP pleno	2,7	12,5
Outros	41,96	14,36
Total	100	100

Tabela 19: distribuição (%) de formas anafóricas em função da animacidade do antecedente (Total = 112 por condição). Total de participantes: 28.

As taxas de pronomes tônicos foram muito pequenas para a comparação estatística. Houve efeito significativo de animacidade, em direções opostas, com elementos nulos, preferidos com antecedentes [-animado] (teste Wilcoxon: Z-

value: -3.2958; W-value: 0; N = 14; ($p < .05$); Mean Difference: -2; Sum of pos. ranks: 0; Sum of neg. ranks: 105; P: 0.00048); e com clíticos, preferidos com antecedentes [+animado] (teste Wilcoxon clíticos: Z-value: -2.7605; W-value: 6; N = 13; ($p < .05$); Mean Difference: 2.15; Sum of pos. ranks: 85; Sum of neg. ranks: 6; P: 0.00289).

Portanto, com antecedentes [+específico], os elementos nulos confirmaram a previsão em (iii), sendo preferidos com antecedentes inanimados, enquanto os clíticos pareceram comportar-se como alternativas ao pronome tônico, possivelmente devido ao alto grau de escolaridade dos participantes.

6.3.3 *Discussão*

Sumarizando o que foi obtido: este experimento pretendeu investigar se e como a animacidade e a especificidade afetariam a produção de pronomes tônicos e elementos nulos. Observou-se que a animacidade, independentemente de especificidade, afeta a codificação da forma anafórica nula, corroborando a literatura e confirmando a previsão em (i) e em (iii). Os pronomes clíticos, em princípio, não seriam afetados por animacidade, mas os resultados com antecedentes [+específico] apontaram seu possível funcionamento como formas pronominais alternativas ao tônico, retomando antecedentes [+animado].

Desse modo, com relação à continuidade da referência na produção, diante da análise dos resultados com os antecedentes da primeira retomada e com os antecedentes *específicos* da segunda retomada, a animacidade parece atuar na direção prevista, bem como demonstrar que o clítico ainda parece presente, na modalidade oral, ao menos em algumas situações específicas.

A respeito da natureza sintática do elemento nulo, o contexto narrativo criado favorece a codificação de *pro*, alinhada com a proposta de Schwenter; Silva (2003) em relação à relevância do traço [-animado] para o uso da forma nula, *default* na língua.

No próximo capítulo, serão explicitadas a condução e os resultados de um experimento considerando a relevância da posição sintática do antecedente na sentença para a codificação da forma anafórica.

7 Posição Sintática

7.1 Experimento 5

Neste experimento, buscou-se verificar se a função sintática de um antecedente que se encontra na mesma sentença que a retomada anafórica exerce alguma influência na forma assumida por essa retomada, como vem sendo apontado por estudos psicolinguísticos (ARNOLD, 1998, 2003, 2010; LEITÃO, 2010 VENTURA *et al*, 2018) e linguísticos (CYRINO, 1994 – 2021; SILVA, 2009), controlando-se, contudo, animacidade, visto que função sintática e animacidade são variáveis que se encontram sobrepostas nos dados da fala espontânea.

De acordo com Ventura *et al* (2018), em experimento de compreensão, um antecedente em posição sintática de tópico favorece a forma nula como sua retomada (um vestígio de movimento A', compatível com o estatuto de uma variável ligada a tópico). Leitão (2005; 2010), por meio de trabalhos experimentais de compreensão, afirma que o paralelismo sintático desempenharia um papel relevante no favorecimento das retomadas nulas e pronominais, especialmente associado à animacidade. Arnold (1998, 2003, 2010) por meio de análise e *corpora* escrito e falado, aponta que as entidades destacadas no discurso (os tópicos *discursivos*¹, mais comumente ocupando a posição sintática de *sujeito*) são as mais propensas a serem retomadas no enunciado atual, por questões de acessibilidade. Isto é, o antecedente dos tópicos e dos sujeitos gramaticais estariam bastante acessíveis na memória dos falantes e seriam o antecedente preferido para as retomadas menos explícitas, qualquer que seja a posição sintática da retomada. Arnold (2010, p. 193) aponta ainda que, depois do elemento com função de sujeito, os antecedentes mais acessíveis seriam os antecedentes objetos diretos e a probabilidade de as formas serem reduzidas aumentaria se a retomada seguinte estiver em posição sintática paralela: sujeito-sujeito, objeto-

¹ De acordo com a autora, a topicalidade discursiva é a noção intuitiva que temos de que um enunciado é “mais sobre alguma coisa do que outras” (ARNOLD, 2010, p. 192) e uma vez que sujeitos gramaticais podem ser considerados como mantenedores de tópicos do discurso, a ideia de que a topicalidade aumenta a possibilidade de uso de formas não especificadas combina com a noção de proeminência sintática.

objeto.

No que concerne à produção espontânea, a hipótese da elipse de DP implica paralelismo sintático (à exceção dos sujeitos derivados; CYRINO, 1994-2021), além de animacidade, na produção de elementos nulos. Silva (2009), por meio de análise de *corpora* escrito e falado do português rural baiano, afirma que os paralelismos sintático e temático favorecem o nulo, independentemente de animacidade. Adicionalmente, questiona-se ainda se há favorecimento, por parte do falante (educado) do PB, de alguma forma de retomada pronominal (clítico ou tônico), diante estigmatização da forma tônica e da formalidade da forma clítica, na sua produção oral.

Todos esses fatores foram considerados na presente tarefa, na qual foram manipuladas as posições sintáticas do antecedente (tópico (como elemento deslocado à esquerda) , sujeito e objeto direto) em frases subordinadas (objetivas diretas) e coordenadas às da retomada.

A posição sintática do antecedente (sujeito, objeto direto, ou tópico) foi tomada como variável independente, enquanto as formas de retomada foram as variáveis dependentes. Foram usados contextos dialógicos, de forma a evitar o uso de clíticos. Foram fixados o tipo de antecedente (sempre específico), a animacidade do antecedente (sempre [+animado], como nos estudo conduzido por VENTURA *et al*) e o papel temático do antecedente (sempre tema²). Uma vez que os antecedentes tinham todos papel de *tema*, se as retomadas nulas correferissem preferencialmente aos sujeitos, que eram sempre derivados (sujeitos de passiva), isso sugeriria, ainda, que o paralelismo sintático + temático favorece retomadas nulas, independentemente de animacidade (SILVA, 2009)³.

As condições experimentais foram assim distribuídas:

C1: Antecedente sujeito – nove frases de complementação de sentença como: “Ah, você não vai acreditar: *aquele estagiário novato* já foi incorporado e todo mundo disse que o gerente do meu setor...”;

² A fixação desse papel temático vinha ao encontro do planejamento de testar um outro grupo, apenas com antecedentes inanimados, sempre originalmente *temas*, de acordo com a proposta assumida, o que, no entanto, não pôde ser realizado, ficando para uma investigação e comparação futuras.

C2: Antecedente objeto direto - nove frases de complementação de sentença como: “Cara, você viu? A polícia abordou *aquele motorista bêbado* e todo mundo viu que o policial...”;

C3: Antecedente tópico - nove frases de complementação de sentença como: “Você soube? *Esse sequestrador procurado*, disseram que a polícia já...”.

Quanto às possíveis previsões, esperava-se atestar alguma(s) das seguintes possibilidades:

- (v) o antecedente em função de tópico favoreceria retomadas com nulos (VENTURA *et al*, 2018);
- (vi) o antecedente em função de sujeito favoreceria retomadas com nulos (ARNOLD, 2010);
- (vii) o paralelismo sintático favoreceria as retomadas com pronominais (antecedentes [+animado]) (LEITÃO, 2005b; 2010);
- (viii) as posições de sujeito (derivado) e objeto direto favoreceriam as retomadas com nulos, em função de paralelismo estrutural e temático entre antecedente e retomada (SILVA, 2009);

Adicionalmente, em relação às retomadas pronominais lexicais, diante da estigmatização do pronome tônico e da formalidade do clítico, buscou-se verificar se o falante (educado) do PB favoreceria uma das duas formas, na produção oral.

7.1.1 Método

Participantes: buscando caracterizar o conhecimento-alvo da língua, o experimento foi conduzido com 24 adultos (12 do sexo feminino) falantes nativos do PB, com idades entre 20 e 60 anos (Idade média: 35,9), todos com ensino

³ Um experimento que verifica a influência do papel temático nas retomadas anafóricas será descrito no próximo capítulo.

superior (12 graduados, 6 doutores e 2 mestres); 22 nativos do do RJ, 1 de SP e 1 do CE; divididos em 3 grupos de 8 pessoas, cada.

Material: consistiu de dois estímulos para um pré-teste e um conjunto total de 27 estímulos experimentais (três para cada condição, nove por lista) divididos em três listas, semi-aleatorizadas, de modo que a sequência de perguntas para cada um dos conjuntos de frases nunca fosse a mesma, e todos os participantes vissem todas as condições, mas não vissem os mesmos *trials* na mesma condições. As frases experimentais eram o mais parecidas possível, mudando apenas a posição sintática do antecedente. As frases do pré-teste e as distratoras não eliciavam o mesmo tipo de resposta que as frases experimentais e, apesar de se parecerem em tamanho e por serem dialógicas, possuíam estruturas diferentes (completiva verbal, subordinada, ou oração simples, a serem completadas com verbo+complemento não-anafórico). Havia 20 sentenças distratoras (mais as duas do pré-teste), que se mostravam como na imagem a seguir.



Figura 25⁴: conjunto pertencente ao Pré-teste.

Nas tarefas, os estímulos de cada condição se mostravam como a seguir:

⁴ As imagens utilizadas neste experimento foram retiradas do site FLATICON (www.flaticon.com), que provê pacotes de imagens gratuitas para uso não comercial – como é o caso desta tese. As cores das imagens foram modificadas, e as expressões faciais, quando existentes, apagadas, de modo a torná-las sempre inéditas para o participante e a deixar sua interpretação mais subjetiva.



Figura 26: conjunto pertencente à condição C1 (*trial 1*). Tipos de resposta esperados: “...medicou *ela/ Ø /a/aquele paciente ansiosa* na sala de emergência”.



Figura 27: conjunto pertencente à condição C2 (*trial 4*). Tipos de resposta esperados: “...multou *ele/ Ø /o/aquele motorista bêbado* no posto de gasolina”.



Figura 28: conjunto pertencente à condição C3 (*trial 7*). Tipos de resposta esperados: “...picou *ele/ Ø /o/aquele jardineiro inexperiente* lá no sítio”.

Aparato: consistiu de um *notebook* MacBook Air 13”, 2014, versão 10.12.6, no qual os *softwares* Zoom e Power Point foram instalados, e de um aplicativo gravador de áudio, Audio Recorder, versão 2.00.35, instalado num aparelho de telefone celular da marca Sony, modelo *Xperia XA plus*, versão *Android 8.0.0*, para as gravações dos testes na plataforma Meet.

Procedimento: os participantes eram expostos a uma apresentação de *slides*

de Power Point na qual a sequência de frases que compunha cada condição experimental era apresentada no estilo de uma tirinha. Dois balões de diálogos entre personagens adultos traziam por escrito a contextualização do antecedente. Os antecedentes relevantes não estavam presente na cena, sendo anunciados apenas por meio da linguagem. Esses antecedentes foram apresentados como sujeitos, tópicos ou objetos diretos em uma sentença complexa coordenada à da retomada, apresentada sempre no segundo balão e incompleta, a ser continuada pelo participante, começando pela informação que aparecia em caixa alta e destacada em vermelho, ao fim do *slide*.

Os participantes foram testados individualmente pela mesma experimentadora, em horários previamente agendados e reservados para esse fim, sendo orientados oralmente a respeito de como proceder à tarefa, e também a respondê-la naturalmente e estando cientes de que deveriam tratar as falas como suas próprias e participarem ativamente da situação dialógica proposta. Após a explicação do que era requerido no teste, o *Power Point* era introduzido, com instruções dadas por áudio e também por escrito. Um treinamento com duas distratoras era conduzido e, depois, as narrativas experimentais e distratoras eram apresentadas. O teste durou em média 15 minutos por participante.

7.1.2 Resultados e discussão

A distribuição percentual das formas anafóricas obtidas é apresentada a seguir.

Tipo de forma anafórica	Distribuição (%)		
	C1 (Sujeito)	C2 (Objeto direto)	C3 (Tópico)
Pron. tônico	20,9	12,4	13,9
Pron. clítico	34,8	43,1	45,9
Total de pron.	55,7	55,5	59,8
Elemento nulo	38,9	43,1	40,2
DP pleno	1,3	1,4	0
Outros	4,1	0	0
Total	100	100	100

Tabela 20: Distribuição (%) de formas anafóricas em função da posição sintática do antecedente (Total = 72 por condição). Total de participantes: 24.

Os clíticos foram prioritários à forma tônica em todas as condições, e ambos competiram com nulos, ainda que o antecedente tenha sido [+animado]. As formas pronominais foram, em todo caso, prioritárias à nula, particularmente na C1, ou seja, com antecedente sujeito. DPs plenos obtiveram taxas inexpressivas, demonstrando que os antecedentes se apresentavam acessíveis ao falante. Não houve, contudo, efeito significativo de posição sintática sobre todas as formas pronominais ou nulas, tomadas como variáveis dependentes.

7.1.3 *Discussão*

As previsões decorrentes de resultados de compreensão (LEITÃO, 2010; VENTURA; MAIA; GUESSER, 2018) e de produção espontânea (ARNOLD, 2010) ou de *corpora* (SILVA, 2009; ARNOLD, 1998, 2003) não foram verificadas. É possível, portanto, que função sintática, por si só (dissociada de animacidade e outros fatores discursivos), não se mostre relevante para a codificação do ODA. A tarefa de produção acoplada à de leitura pode, não obstante ter introduzido artificialidade à produção. A ausência de DPs plenos e a simultânea presença de retomadas pronominais (clíticos e tônicos) é, contudo, um ponto a favor da metodologia usada, pois se o falante retomasse os antecedentes com DPs plenos, não estaria fazendo retomadas genuínas, mas sim reintroduzindo o tópico discursivo (ARNOLD, 2010).

A presença de clíticos sugere monitoramento da produção que pode ter dificultado um contraste entre tônicos e nulos, mas é interessante observar que essa presença expressiva não permite descartar que pessoas com alto nível de escolaridade de fato usem clíticos, mesmo em situações cotidianas, revelando um efeito da gramática da variedade culta sobre àquela adquirida em contexto natural, semelhante aos efeitos de uma L2 sobre L1 em falantes bilíngues⁵ (SORACE, 2020).

⁵ Pode-se considerar que, assim como o aprendizado de uma segunda língua pode afetar a primeira (SORACE, 2020), a aquisição da escrita, na escola, assemelhando-se à aquisição de uma segunda língua, também afete a primeira língua, a falada. Essa consideração dá abertura à especulação de que o clítico acusativo não esteja tão ausente da língua falada como se imagina, uma vez que tenha sido aprendido (especialmente, por meio da escola).

Por fim, não parece haver restrição de animacidade ao elemento nulo, possibilitando compatibilizar sua realização com uma forma pronominal. O fato, entretanto, de os sujeitos serem derivados, e o fato de o antecedente e ODA estarem em sentenças complexas viabilizam a ocorrência de elipses de DP, caso tal ocorrência não requeira necessariamente antecedente [-animado]. No próximo capítulo, é apresentado um novo experimento que busca verificar a influência do papel temático do antecedente na codificação da retomada anafórica.

8 Papel Temático

8.1 Experimento 6

Este experimento busca verificar em que medida é a manutenção do papel temático o que permite que um antecedente com a função de sujeito seja retomado por um elemento pleno ou nulo.

Dentre os fatores que podem influenciar na retomada anafórica, a literatura aponta que pode haver papéis temáticos atribuídos aos antecedentes que os tornam mais propensos a serem retomados por formas menos ou mais explícitas do que outras (ARNOLD, 2010), e ainda que a identidade temática entre o antecedente e a retomada poderia ser considerada um fator relevante para o modo como o ODA é codificado pelo falante (SILVA, 2009).

A condução do experimento, portanto, tomou por base os pressupostos da hipótese de Arnold (2010), de acordo com a qual, a proeminência temática estaria entre os fatores discursivos que influenciam a acessibilidade: o uso de formas menos ou mais explícitas seria decidido em função do papel temático desempenhado pelo antecedente¹, ressaltando-se que a saliência temática dependeria fortemente de relações de coerência entre os enunciados, combinadas a efeitos de proeminência sintática².

Considerou-se ainda a hipótese de Silva (2009), para quem o elemento nulo no PB é uma elipse de DP sob condição de identidade sintática e temática, de modo que um elemento nulo poderia retomar inclusive antecedentes [+animado] e com função sintática de sujeitos, contanto que esses sujeitos sejam *derivados*³. Desse modo, os antecedentes teriam originalmente o papel temático de *tema*, que manteriam mesmo depois de moverem-se para a posição de sujeitos. Segundo essa hipótese, esses antecedentes, teriam certo paralelismo sintático e temático em

¹ Arnold (2010, p. 193) afirma que certos papéis temáticos, como os de *estímulo* ou *objetivo* são preferíveis, em contraste com os papéis de *experenciador* e *fonte*. Contudo, a classificação dos papéis temáticos é algo muito variado e, dentro do campo da psicologia, não é convencional que se siga uma linha teórica linguisticamente consistente. Assim, o papel temático foi considerado um fator relevante a partir da categorização feita na literatura linguística (SILVA, 2009).

² Arnold (2010) afirma que a retomada tende a buscar primeiro a posição sintática de sujeito, mais proeminente discursivamente.

³ Arnold (2010) afirma que a retomada tende a buscar primeiro a posição sintática de sujeito, mais proeminente discursivamente.

relação à retomada anafórica de objeto direto, o qual favoreceria a retomada com elementos nulos. Considerando, no entanto, que o sujeito é derivado em função de uma demanda discursiva, que o coloca em evidência o tema, pode-se dizer que é esta condição de acesso privilegiado o que facilitaria a recuperação do antecedente por meio de elipse.

Assim, a variável independente do experimento foi o papel temático do antecedente (sempre sujeito), localizado em sentenças complexas coordenadas. As formas nulas e plenas foram tomadas, a princípio, como variáveis dependentes.

Foram controlados o tipo de sentença (coordenadas) e o tipo de verbo (ação e psicológico) utilizados, bem como fixados os fatores semânticos relevantes para essa proposta: os antecedentes foram sempre [+animado] (já que seria impossível ter antecedentes [-animado] desempenhando todos os papéis temáticos relevantes para a proposta; a saber: agentes, causativos e temas) e [+específico].

Além do contraste evidente entre sujeitos básicos vs. derivados (em voz passiva, mantendo identidade estrutural e temática com retomada), julgou-se interessante contrastar ainda os próprios sujeitos básicos. De acordo com Silva (2009), os antecedentes [+animado] tanto de verbos de ação, quanto psicológicos seriam sempre gerados em *Spec VP*, com caso nominativo. Mas os verbos *causativos* também podem ter antecedentes [-animado], gerados em posição acusativa. De modo que, enquanto o papel temático de *agente* é atribuído quase que somente a antecedentes animados⁴ (pois, em geral, envolve *volição*), o papel temático de *causativo* pode ser atribuído tanto a antecedentes animados, como a inanimados. Assim, uma vez que o papel temático *causativo* alterna entre sujeitos básico se derivados, sua presença no teste teve caráter exploratório, em relação à forma da retomada.

A tarefa consistia na apresentação de *slides* que traziam simulações de inícios de diálogos, contendo uma sentença incompleta, à qual o participante deveria preencher a partir da conjugação e complementação do verbo que aparecia em caixa alta e destacado em vermelho, ao fim do *slide*.

As condições experimentais foram assim distribuídas:

⁴ Há discussão a respeito do papel temático de *agente* para antecedentes inanimados. É possível pensar em um exemplo como *O vento quebrou o vaso*, em que o vento é agente; entretanto, não se

C1: sentenças com sujeito agente: papel temático diferente do da retomada anafórica; oração ativa; nove frases como: “Tem família que é muito unida mesmo, e pra qualquer coisa, estão todos ali, demonstrando seu apoio. *Meu primo* fez a prova do enem e meus tios, corujas _____ durante todo o fim de semana (ELOGIAR)”;

C2: sentenças com sujeito tema: papel temático igual ao da retomada anafórica; oração passiva; nove frases como: “Tem gente que tem o coração maior do que o corpo. Esses são os seres humanos mais sublimes que existem. Veja você: *a mendiga* foi ajudada por todos na igreja e o padre _____ logo que chegou (ACOLHER)”;

C3: sentenças com sujeito causativo: papel temático diferente do da retomada anafórica; oração ativa; nove frases como: “Tem umas coisas que por mais que a gente seja experiente, a gente não acredita que acontecem! *Aquele rapaz* horrorizou nossos colegas de trabalho com as atitudes dele e o gerente _____ sem pensar duas vezes (SUSPENDER)”.

Quanto às possíveis previsões, esperava-se que:

- (i) o paralelismo temático afetasse a codificação do ODA (Silva, 2009);
- (ii) antecedentes temas fossem retomados por elementos nulos;
- (iii) antecedentes com outros papéis temáticos (agentes e causativos) fossem retomados por pronomes lexicais.

Quanto aos causativos, buscava-se verificar se haveria diferença no número de formas pronominais tônicas, em contraste com os agentes, já que a agentividade e animacidade, necessariamente vinculadas aos agentes, poderia levar a uma maior incidência de formas tônicas.

Adicionalmente, previa-se a possibilidade de compatibilizar as formas nulas à hipótese de estatuto sintático apontada por Silva (2009): uma elipse de DP sob identidade estrutural e temática.

pode atribuir volição ao vento; o que torna esse exemplo ligeiramente diferente, semanticamente,

8.1.1 Método

Participantes: o experimento foi conduzido com 24 adultos (15 do sexo feminino), falantes nativos do PB, com idades entre 19 e 57 anos (Idade média: 34,6), 22 com ensino superior (12 graduados, seis doutores e quatro mestres) e dois com ensino médio; 21 nativos do RJ, um de MG, um de SP e um do CE; divididos em três grupos de oito pessoas, cada.

Material: consistiu de um conjunto formado por dois estímulos pré-teste e 27 estímulos experimentais. As frases experimentais foram divididas pelas três condições C1, C2 e C3 (nove sentenças para cada condição) e distribuídas em três listas (cada lista com nove sentenças, sendo três de cada condição), semi-aleatorizadas, de modo que a sequência de perguntas para cada um dos conjuntos de frases nunca fosse a mesma, e todos os participantes vissem todas as condições, mas não vissem os mesmos *trials* na mesma condição. As frases eram o mais parecidas possível, apenas adaptando o que fosse necessário para alternar o papel temático dos antecedentes. Havia ainda 20 sentenças distratoras.

As frases do pré-teste e as distratoras não eliciavam o mesmo tipo de resposta que as frases experimentais: eram parecidas em tamanho e por serem incompletas (a serem completadas pelo participante), mas possuíam estruturas diferentes (completiva verbal, subordinada, ou oração simples, a serem completadas com verbo+complemento não-anafórico ou retomada de antecedentes não-sujeitos).

A sequência de frases que compunha cada condição experimental foi apresentada em um balão de diálogo, por escrito, junto a uma imagem, no estilo de uma tirinha. A cena da tirinha pretendia ser o início de um diálogo, de modo a contextualizar o antecedente em algum *background*. Esses antecedentes não estavam presentes na cena, sendo apontados apenas por meio da linguagem. Os antecedentes ocupavam a posição de sujeitos na oração matriz da oração coordenada em que se encontrava a retomada, e o verbo com o qual o participante deveria elaborar sua resposta aparecia em caixa alta e destacado em vermelho, ao fim do *slide*, como demonstra a figura a seguir.

de *Augusto quebrou o vaso*, o que Augusto pode, ou não ter feito por querer.



Figura 29⁵: exemplo de frase do conjunto de distratoras. Esta foi usada no Pré-teste.

Nas tarefas, os estímulos de cada condição se mostravam como a seguir:

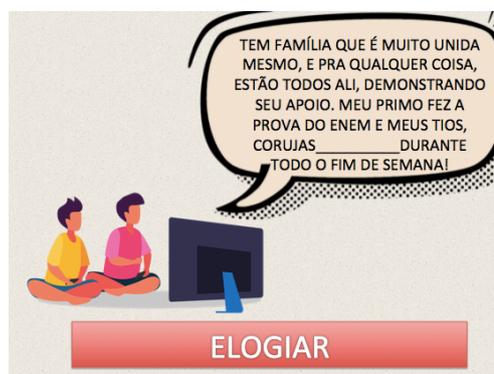


Figura 30: conjunto pertencente à condição C1 (*trial* 1). Tipos de resposta esperados: “...elogiaram *ele/ Ø /o/meu primo* durante todo o fim de semana”.



Figura 31: conjunto pertencente à condição C2 (*trial* 5). Tipos de resposta esperados: “...efetivamos *ela/ Ø /a /a enfermeira estagiária* na última reunião”.

⁵ As imagens utilizadas neste experimento foram retiradas do site Freepik (br.freepik.com/vetores), que provê imagens gratuitas para uso não comercial – como é o caso desta tese. As cores de algumas imagens foram modificadas, e as expressões faciais, quando existentes, apagadas, de modo a torná-las mais inéditas para o participante e a deixar sua interpretação mais subjetiva.

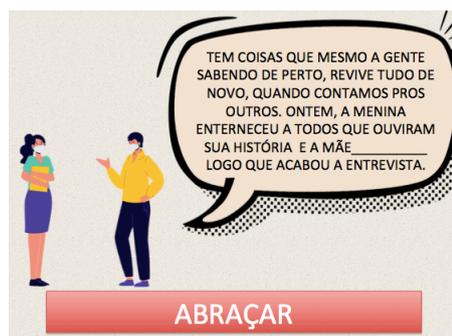


Figura 32: conjunto pertencente à condição C3 (*trial 7*). Tipos de resposta esperados: “...abraçou *ela/ Ø /a/a menina* logo que acabou a entrevista”.

Aparato: consistiu de um *notebook* MacBook Air 13”, 2014, versão 10.12.6, no qual os *softwares* Zoom e Power Point foram instalados, e de um aplicativo gravador de áudio, Audio Recorder, versão 2.00.35, instalado num aparelho de telefone celular da marca Sony, modelo *Xperia XA plus*, versão *Android 8.0.0*, para as gravações dos testes na plataforma Meet.

Procedimento: os participantes foram testados individualmente pela mesma experimentadora, em horários previamente agendados e reservados para esse fim⁶, sendo orientados oralmente a respeito de como proceder à tarefa, e também a respondê-la naturalmente e estando cientes de que deveriam tratar as falas como suas próprias e participarem ativamente da situação dialógica proposta. Após a explicação do que era requerido no teste, o *Power Point* era introduzido, com instruções dadas por áudio e também por escrito. Um treinamento com duas distratoras era conduzido e, depois, as narrativas experimentais e distratoras eram apresentadas. O teste durou em média 15 minutos por participante.

8.1.2 Resultados

A distribuição percentual dos dados obtidos é apresentada na tabela a seguir.

Tipo de forma anafórica	Distribuição (%)		
	C1 (Agente)	C2 (Tema)	C3 (Causativo)
Pron. tônico	8,2	2,8	6,9
Pron. clítico	19,5	54,2	52,8
Total pron.	27,7	57	59,7
Elemento nulo	72,3	36,1	37,5

⁶ Em decorrência do isolamento social requerido ante à pandemia de Covid-19, o experimento foi adaptado para condução em formato remoto, usando as plataformas virtuais *Zoom* e *Google Meet*.

DP pleno	0	2,8	0
Outros	0	4,1	2,8
Total	100	100	100

Tabela 21: Distribuição (%) de formas anafóricas em função do papel temático do antecedente (Total = 72 por condição). Total de participantes: 24.

A distribuição demonstra que os pronomes tônicos tiveram *scores* baixos, enquanto os clíticos prevaleceram. A ausência de DPs demonstra que os antecedentes se apresentaram acessíveis ao falante. A forma nula foi predominante com antecedente agente enquanto que as formas pronominais prevaleceram com antecedentes tema e causativo.

Os dados foram submetidos ao teste não paramétrico Friedman.

Os clíticos foram tomados como variável dependente, dada sua alta frequência. O papel temático afetou significativamente a produção de clíticos – forma não favorecida com antecedente agente ($\chi^2 = 12,4375$ $p < 0,01$). Papel temático também afetou a produção de nulos ($\chi^2 = 18,0625$ $p < 0,001$) – forma preferida para antecedente agente, na direção oposta das previsões.

8.1.3 Discussão

O monitoramento da produção parece ter levado à produção de clíticos, diante do estigma vinculado ao pronome tônico, como de certo modo esperado, devido ao alto grau de escolaridade dos participantes. Entretanto, considerando o clítico como forma lexical, em contraste com o elemento nulo, os resultados vão na direção contrária ao previsto com base nos dados de corpora de Silva (2009), visto que nulos não predominaram com antecedentes tema.

Em princípio, é possível considerar que os participantes teriam usado mais clíticos nas condições C2 e C3 devido à ausência de agentividade do antecedente nessas condições, já que era nesse ponto que diferiam da condição C1 (sujeito agente), que teve número expressivamente maior de retomadas com elementos nulos. Assim, em direção contrária da esperada, o papel temático dos antecedentes na condição C1 parecia apontar para a agentividade como fator relevante na escolha pela forma nula (talvez em função da alta acessibilidade do antecedente, que ocupava posição sintática proeminente (sujeito) e papel temático saliente (agente)).

Entretanto, essa preferência de elementos nulos com antecedente agente – não prevista – levou a uma reconsideração dos estímulos apresentados. Por meio de uma análise qualitativa dos dados, observou-se que o elemento nulo pode retomar o evento descrito, e não um DP antecedente, o que aconteceu, por exemplo, com o *Trial 1* da condição C1: *Tem família que é muito unida mesmo, e pra qualquer coisa, estão todos ali, demonstrando seu apoio. [Meu primo]_i fez a prova do ENEM e meus tios, corujas... (ELOGIAR)*. Essa sentença gerou muitas respostas semelhantes a: *elogiaram Ø durante todo o fim de semana*. Mas por esse tipo de resposta, não fica claro se o que foi elogiado durante todo o fim de semana foi *meu primo* ou *a atitude do meu primo de fazer a prova do ENEM*.

Assim, o experimento foi modificado e reconduzido, num *follow-up*, descrito a seguir.

8.2 *Follow up*

Nesta tarefa, foram substituídos os verbos originais por verbos do que favorecessem a busca por um antecedente [+animado] nas sentenças. Além disso, foram feitas adaptações, descritas e exemplificadas na próxima seção, no sentido de conferir a maior naturalidade possível às sentenças (uma tentativa de minimizar o uso de clíticos).

8.2.1 *Método*

Participantes: 36 adultos (22 do sexo feminino), falantes nativos do PB, com idades entre 20 e 50 anos (Idade média: 31,4), todos com ensino superior (17 graduados, nove doutores e 10 mestres); 27 nativos do RJ, dois do DF, um de SP, um de PB, um de PE, um de GO e dois de MG; divididos em três grupos de doze pessoas, cada.

Material: consistiu de um conjunto com formato idêntico ao do primeiro teste, com dois estímulos pré-teste, 20 distratoras e 27 estímulos experimentais, divididos pelas três condições e distribuídos em três listas, semi-aleatorizadas. Foi mantida a variável independente (papel temático) e as variáveis dependentes (respostas com as formas nulas e plenas, apresentando-se também a distribuição

das demais formas), as condições experimentais (C1: sujeito agente; C2: sujeito tema; C3: sujeito causativo) e previsões: haveria retomada com nulos sempre que houvesse sujeitos derivados (C2), o que não ocorreria com sujeitos básicos (C1; C3) (SILVA, 2009) e exploratória, em relação à acessibilidade dos papéis temáticos representados nas variáveis independentes e passíveis de serem retomados por formas menos ou mais explícitas (ARNOLD, 2010).

As condições distratoras permaneceram as mesmas:



Figura 33: exemplo de frase do conjunto de distratoras. Esta foi usada no Pré-teste.

Já os estímulos de cada condição, modificados, mostraram-se como a seguir.

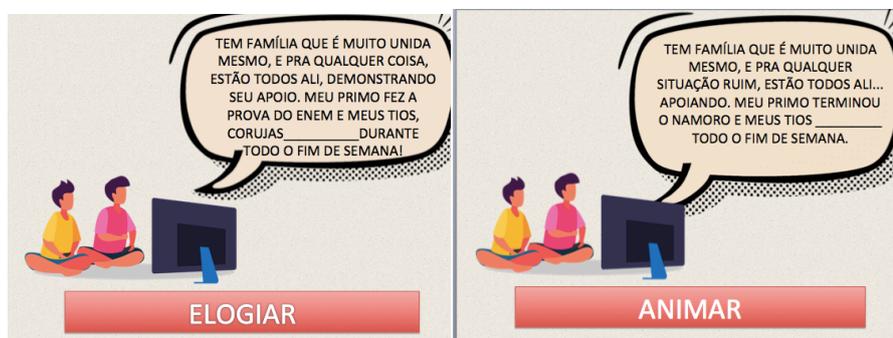


Figura 34: conjunto pertencente à condição C1 (*trial 1*). À esquerda, a sentença do experimento original, à direita, a sentença modificada, para a qual os tipos de resposta esperados eram: “...animaram *ele/ Ø /o/meu primo* durante todo o fim de semana”.



Figura 35: conjunto pertencente à condição C2 (*trial 5*). À esquerda, a sentença do experimento original, à direita, a sentença modificada, para a qual os tipos de resposta esperados eram: “...contratamos *ela/ Ø /a /a enfermeira estagiária* na última reunião”.



Figura 36: conjunto pertencente à condição C3 (*trial 7*). À esquerda, a sentença do experimento original, à direita, a sentença modificada, para a qual os tipos de resposta esperados eram: “...abraçou *ela/ Ø /a/a menina* logo que acabou a entrevista”.

Aparato: do mesmo modo que no experimento anterior, foi usado um notebook MacBook Air 13”, 2014, versão 10.12.6, com os softwares Zoom e Power Point instalados, além de um aplicativo gravador de áudio, Audio Recorder, versão 2.00.35, instalado num aparelho de telefone celular da marca Sony, modelo Xperia XA plus, versão Android 8.0.0, usado nas gravações dos testes na plataforma Meet.

Procedimento: o procedimento foi o mesmo do experimento anterior, isto é, apresentação de *slides* contendo as sentenças experimentais e distratoras acompanhadas de imagens, simulando uma situação de início de diálogo informal. A testagem dos participantes também foi individual e distribuída por quatro experimentadoras⁷, com vistas a agilizar o tempo, em horários previamente agendados e reservados. Houve orientação oral a respeito da tarefa, enfatizando-se que esta deveria ser respondida o mais naturalmente possível. As mesmas instruções também estavam presentes no Power Point em que o experimento era apresentado, tanto por áudio quanto por escrito. Permaneceu o treinamento com duas distratoras seguido das narrativas com sentenças experimentais e distratoras, alternadas. Cada participante levou em média 15 minutos para finalizar o teste.

⁷ Agradeço imensamente à Carolina Aguiar, Vana Cristina Coutinho (bolsistas de IC no LAPAL) e à profa. Letícia Sicuro, por ajudarem na condução da tarefa em tempo hábil para o fechamento da tese.

8.2.2 Resultados

A distribuição percentual das respostas obtidas é apresentada na tabela que se segue, submetendo-se as comparações relevantes a testes não paramétricos.

Tipo de forma anafórica	Distribuição (%)		
	C1 (Agente)	C2 (Tema)	C3 (Causativo)
Pron. tônico	30,5	39	39,8
Pron. clítico	37	35	44,4
Total de pron.	67,5	74	84,2
Elemento nulo	25,9	17	13
DP pleno	0	0	0
Outros	6,6	9	2,8
Total	100	100	100

Tabela 22: Distribuição (%) de formas anafóricas em função do papel temático do antecedente (Total = 108 por condição). Total de participantes: 36.

Diferentemente do experimento original, os pronomes tônicos tiveram alto percentual relativo e não houve preferência por elementos nulos na retomada de antecedentes agentes. Ao contrário, considerando-se ambas as formas pronominais (tônico e clítico), observa-se um percentual crescente na codificação do ODA por essas formas nas condições C2 e C3 (tema e causativo, respectivamente).

Essa tendência é compatível com a previsão relativa à retomada de causativos por pronomes lexicais. Mas não houve preferência à retomada por nulo com antecedente tema. O efeito de papel temático não foi significativo quando cada forma anafórica (pronomes explícitos e nulos) foi tomada como variável dependente.

Tomando-se a própria tarefa experimental como variável independente (em dois níveis: experimento original e *follow up*), por meio do teste Mann-Whitney, as diferenças entre as condições apresentaram efeito significativo, com

1. pronomes tônicos (C1xC1: Z-Score = 2.44147 $p < .01468$; C2xC2: Z-Score = 3.94174. $p < .00008$; C3xC3: Z-Score = 2.57593 $p < .00988$) – mais ocorrências no *follow-up* em todas as condições (possível efeito da maior naturalidade dos diálogos);
2. elementos nulos (C1xC1: Z-Score = -4.64234 $p < .00001$; C2xC2: Z-Score = -

2.37778 $p < .01732$; C3xC3: Z-Score = -2.47686 $p < .01314$) – menor número de ocorrências no *follow-up*, em todas as condições (possível efeito dos verbos utilizados, que favorecem a recuperação de um antecedente – indivíduo, e não evento).

Esses efeitos evidenciam que as alterações na metodologia favoreceram o uso de pronominais, bem como uma diminuição do número de elementos nulos, acarretando maior confiabilidade em relação à influência desempenhada pelo papel temático sobre elas.

8.2.3 *Discussão*

Diante desses resultados, pode-se dizer que estes sugerem que o papel temático, por si só, não determina a forma privilegiada para a codificação do ODA (compatível com ARNOLD, 2010) com antecedente [+animado].

É apontado ainda que, se por um lado, a tarefa de produção eliciada não consegue captar a espontaneidade da fala informal na codificação da referência, por outro lado, a presença do clítico indica sua produtividade na fala do falante educado de PB.

O fato de o elemento nulo ter sido uma alternativa aos clíticos na retomada de sujeitos [+animado] indica que não há, em princípio, restrições de animacidade ou exigência de paralelismo temático categórico.

Das hipóteses alternativas à natureza do elemento nulo, os presentes resultados são mais compatíveis com *pro*, que não impõe restrições, além das de acessibilidade, aliadas à restrição de ligação. Cabe, ressaltar, não obstante, que a tendência detectada de o elemento nulo recuperar o fato/evento descrito anteriormente é compatível com este elemento como uma alternativa ao clítico sentencial (possível origem diacrônica do elemento nulo no PB (CYRINO, 1994)).

9 Discussão geral dos experimentos

A partir dos experimentos apresentados, discutem-se agora alguns pontos principais.

Em relação ao papel desempenhado pelos traços semânticos na codificação de uma forma anafórica, os resultados dos experimentos corroboram a literatura no que diz respeito à animacidade e à especificidade, favorecendo retomadas pronominais (tônicos e clíticos) com antecedentes [+animado; +específico] e nulas com antecedentes [-animado; -específico]). O gênero conceitual, quando presente, pareceu contribuir para tornar os antecedentes mais específicos, favorecendo sua retomada por uma forma pronominal plena, contribuindo para a proposta aventada nesta tese (a partir dos estudos de SOARES; MILLER; HEMFORTH, 2000), de que a especificidade é um fator de acessibilidade tomado *intradiscursivamente*, no qual o gênero conceitual se insere como um fator.

Em relação à posição sintática e ao papel temático, os resultados experimentais foram inconclusivos. A função sintática e o papel temático, quando considerados por si só, não se mostraram relevantes na codificação da forma anafórica, sugerindo que possa haver uma sobreposição de todos os fatores envolvidos nessa codificação (animacidade, especificidade, gênero conceitual, função sintática e papel temático): isto é, talvez nenhum desses fatores, independentemente, definiria a forma assumida pelo ODA. Desse modo, há mais trabalho a ser feito. Fatores sociais podem, ainda, ter desempenhado um papel na codificação da forma da retomada: o elevado número de respostas com clíticos acusativos nas retomadas de antecedentes [+animado] sugere que funcionaram como alternativas ao pronome tônico, em função do alto grau de escolaridade dos participantes, além de apontar que o clítico acusativo está presente na modalidade oral, ao menos em algumas situações específicas e/ou com falantes cuja fala é influenciada pelo registro escrito. Cabe reiterar que a gramática do adulto escolarizado deve ser considerada como resultado da influência da língua escrita L2 sobre a materna L1, tal como no bilinguismo e que, portanto, a generalização de que não há clíticos no PB parece muito forte.

Quanto à natureza do elemento nulo, os experimentos propostos não tiveram a pretensão de eliminar uma outra hipótese, e sim de avaliar, nas condições

criadas, voltadas particularmente para retomadas em contextos discursivos, que tipo de codificação estaria sendo computada pelo falante – se todos os traços do antecedente, se traços *phi*, se a recuperação da estrutura do DP antecedente se faria viável. Experimentos psicolinguísticos não podem ser tomados como teste de hipóteses linguísticas, como pensado à época da teoria da derivacional da complexidade (FODOR; BEVER; GARRETT, 1974). O diálogo com a teoria linguística é essencial, contudo, a possibilidade de experimentos psicolinguísticos arbitrarem sobre hipóteses alternativas já se mostrou, em larga medida, inconclusivo (PHILLIPS; PARKER, 2104), particularmente se hipóteses linguísticas não são discutidas à luz de um modelo de computação em tempo real (CORREA; AGUSTO; MARCILESE, 2918). Nesse sentido, as observações que se seguem visam a apontar para as propriedades do elemento nulo que são favorecidas em contextos específicos, à luz do MINC.

A ocorrência do elemento nulo em ilhas sintáticas no Experimento 1 não favorece sua interpretação como variável. No contexto de ilha, tal ocorrência pareceu restringida por animacidade, levando à preferência pelo pronome tônico com antecedentes [+animado].

A realização do elemento nulo como anáfora de DP é favorecida em contextos em que a estrutura sintática do DP ramificado ainda se mantém acessível por proximidade (na mesma sentença), em função paralela (antecedente objeto do verbo) ou na posição de sujeito, em que este se encontra em particular evidência, podendo resultar de movimento sintático por demanda discursiva, logo, com papel de tema, o que pode permitir elipses entre sentenças adjacentes no discurso. A alta acessibilidade de um DP resultante de movimento A (o sujeito derivado sugerido nos estudos de *corpora*), ou A', como sugerem estudos da compreensão, facilitaria a realização de uma elipse de DP, independentemente de animacidade, muito embora temas tendam a serem expressos em DPs [-animado]. Não é claro, portanto se, em termos de processamento, haveria outra restrição além da acessibilidade à representação sintática do antecedente para que uma elipse de DP aconteça, sendo os efeitos de animacidade ou a preferência por um antecedente tema na fala espontânea, derivativos do que usualmente se apresenta como mais acessível no uso regular da língua (como sugerem os *corpora*). Nas condições em que a representação da estrutura do antecedente se mantém ativa, sua recuperação por elipse seria a opção de menor custo, dado que não há efeito

de custo de processamento em elipses (FRAZIER; CLIFTON, 2005). Em contextos em que a representação da estrutura sintática do antecedente já se esvaiu da memória de trabalho, o falante deverá recuperar do léxico *bundles* de traços *phi* especificados, para a codificação de um pronome lexical ou clítico (evitado, dado o maior custo, em relação àquele), ou somente especificados para pessoa, no caso de *pro*.

10 Considerações finais

A partir da literatura discutida, esta tese propunha que a forma assumida pelos ODAs na produção é função das condições de processamento às quais o falante está submetido e que propriedades semânticas e sintáticas do antecedente afetam sua acessibilidade relativa, impondo restrições à codificação de sua retomada.

O primeiro objetivo da pesquisa era avaliar como fatores semânticos/intencionais (animacidade, especificidade e gênero conceitual), sintáticos (função sintática) e pertinentes à interface sintaxe/semântica (papel temático) afetariam a codificação da retomada, em diferentes contextos sintáticos (sentenças simples e ilha sintática) e/ou discursivos (respostas a perguntas QU e complementação de narrativas curtas ou conversas informais). Quanto a este objetivo, pode-se dizer que os efeitos de animacidade e de especificidade (*intradiscursiva*) sugerem que o pronome tônico seja *default* para antecedentes acessíveis [+animado; +específico], enquanto o nulo o é para [-animados; ± específico], corroborando achados da literatura com produção espontânea. O gênero conceitual não foi decisivo para a retomada anafórica, mas pareceu aumentar a especificidade de antecedentes cujo gênero conceitual era conhecido ([+gênero conceitual]), tornando-os menos salientes intradiscursivamente e mais passíveis de serem retomados por um pronome tônico. O papel temático, por si só, não foi decisivo para a forma da retomada anafórica; entretanto, a possibilidade de o elemento nulo recuperar um fato/evento descrito anteriormente o compatibiliza com uma alternativa ao clítico sentencial (tomado como a possível origem do objeto nulo do PB). A função sintática do antecedente não interferiu no ODA: o paralelismo sintático não restringiu categoricamente a forma do ODA. O contexto sintático influenciou a acessibilidade dos antecedentes, retomados predominantemente por DPs completos entre sentenças no discurso e por formas mínimas (pronominais e elementos nulos), quando em sentenças complexas, em que as formas anafóricas parecem ser decididas em função da animacidade do antecedente.

O segundo objetivo era verificar a influência da escolarização nas estratégias de codificação do ODA. Observou-se que as formas pronominais

lexicais (pronomes tônico e clítico) parecem variar de acordo com o grau de escolaridade do falante e/ou o grau de formalidade requerida no discurso; de modo que, quanto maior seja a escolaridade de um falante, maior a probabilidade do uso de pronomes clíticos com antecedentes [+animado], alternativamente aos pronomes tônicos, já que o clítico seria a forma mais acessível no registro dominado por esse falante. Assim, ainda que o uso de diálogos tenha procurado minimizar o uso de clíticos, para favorecer o contraste entre tônicos e nulos, o alto grau de escolaridade dos participantes elevou as taxas de clíticos acusativos, especialmente com antecedentes [+animado] (como alternativa aos pronomes tônicos), evidenciando a interferência da língua escrita sobre a língua falada, bem como a produtividade dessa forma para falantes com alto grau de escolaridade.

O terceiro e último objetivo era, se possível, discutir a natureza gramatical das formas nulas produzidas. A ocorrência do elemento nulo em contextos de ilha corrobora a visão de seja incompatível com uma variável no PB. A ausência de outras restrições categóricas sobre o elemento nulo sugere que as condições de acesso do antecedente são o que determina a natureza da forma nula. Por meio do tratamento computacional do objeto direto anafórico, considerando as propostas linguísticas à luz dos pressupostos do MINC, chegou-se às seguintes caracterizações: se apenas a representação semântica de um antecedente são acessíveis, o ODA é codificado como *pro*. Se a representação da estrutura sintática de um antecedente se mantiver ativa na memória de trabalho, este antecedente pode ser recuperado como uma elipse, a ser restaurada na interface semântica – configurando-se esta em uma opção, em princípio, menos custosa.

A abordagem integrada entre as teorias linguística e psicolinguística na consideração do modo como as opções que a língua oferece podem ser atualizadas na computação em tempo real demonstra-se fundamental para a compreensão do processamento anafórico, em função das condições de produção da fala. Nesse contexto, a acessibilidade do antecedente, definida pelo conjunto de fatores que constituem as condições de produção (dentre os quais a animacidade, a especificidade – da qual o gênero conceitual é um fator –, a localização do antecedente na mesma sentença ou em outra, o grau de escolaridade do falante/de formalidade do discurso), é o que possivelmente determina a codificação de uma forma anafórica em posição de objeto direto como explícita (pronominal ou DP pleno) ou nula, obedecendo ainda aos padrões da língua.

Naturalmente, não era esperado que esta tese elucidasse plenamente os assuntos discutidos. Algumas questões para investigação futura aqui suscitadas incluem verificar a influência da distância entre os elementos (antecedente e retomada) na recuperação da estrutura do antecedente, tomada como fundamental para a ocorrência de uma elipse; clarificar as possibilidades de leitura imprecisa (*sloppy*) para pronomes plenos e a interpretação da retomada anafórica de DPs disjuntivos no PB; investigar de modo mais aprofundado o papel da especificidade na codificação da forma anafórica; e, por último, considerar de que modo restrições de animacidade na codificação do ODA seriam incorporadas no MINC.

Espera-se que esta pesquisa tenha contribuído, de algum modo, para um estreitamento do diálogo entre a pesquisa psicolinguística e a teoria linguística, com vistas a um melhor entendimento das relação entre conhecimento linguístico e as condições que afetam a produção da linguagem.

11 Referências

ADGER, D. *Combinatorial Variability*. Queen Mary, University of London - d.j.adger@qmul.ac.uk - 28th February, 2005. Disponível em: https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=3&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwjDkcDL_pHkAhXbGLkGHcNjB9IQFjACegQIAxAC&url=http%3A%2F%2Fling.auf.net%2Flingbuzz%2F000080%2Fcurrent.pdf&usg=AOvVaw1HuHJoDKU5wQgrmfSwocqf. Acesso em: 20 Jul. 2018.

ALMOR, A. *Noun-phrase anaphora and focus: the informational Load Hypothesis*. 1996. Thesis (PhD in Cognitive Science) – Brown University, Los Angeles, CA, USA, 1996.

ALMOR, A. Noun-phrase anaphora and focus: the informational Load Hypothesis. *Psychological Review*, v. 106, n. 4, p. 748–765. 1999.

ALMOR, A. Constraints and mechanisms in theories of anaphor processing. In: CROCKER, M. W.; PICKERING, M.; CLIFTON, C. (Eds.). *Architectures and mechanisms for language processing*. Cambridge University Press, 2000. p. 341–354.

ANDRADE. T. C. O. C. C. de. *A criança: do arquireflexivo ao reflexivo: um estudo da aquisição do português*. 1997. Tese (Doutorado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Orientadora: Dra. Leticia Maria Sicuro Corrêa.

ARIEL, M. Accessibility theory: an overview. In: SANDERS, T.; SCHLIPER-OORD J.; SPOOREN W. *Text representation*. John Benjamins (Human cognitive processing series), 2001, p. 29-87. Disponível em: <<https://psycnet.apa.org/record/2002-00112-002>>. Acesso em: 20 Ago. 2018.

ARIEL, M. Accessibility marking: discourse functions, discourse profiles, and processing cues. IN: *Discourse Process*. 37 (Issue 2), p. 91-116. Abril, 2004. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/247806599_Accessibility_Marking_Discourse_Functions_Discourse_Profiles_and_Processing_Cues. Acesso em: 28 Nov. 2019.

ARIEL, M. *Assessing noun-phrase antecedents*. London: Routledge, 1990; 2014 (online). Disponível em: <<https://www.taylorfrancis.com/books/9781315857473>>. Acesso em: 09 Ago. 2019.

ARIEL, M. *Referring expressions and the +/- coreference distinction*. Referent and reference accessibility. In: GUNGEL, J.; FRETHEIM, T. 1996. p.13-35. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=3&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwiQgq6j_5HkAhUdF7kGHSlxAwQQFjACegQIARAC&url=http%3A%2F%2Fprojects.csail.mit.edu%2Fworkbench%2Fupdate%2Fgu>

ides%2F02%2520-%2520Referring%2520Expressions%2520and%2520Co-reference_v2.1.2.pdf&usg=AOvVaw03f8Hp_GFcFfNaTmZ5KLq0>. Acesso em: 20 Jul. 2018.

ARIEL, M. The function of accessibility in a theory of grammar. *Journal of Pragmatics*, n. 16, 1991. p. 443-463. North-Holland.

ARNOLD, J. E. How Speakers Refer: The Role of Accessibility. *Language and Linguistics Compass* 4/4, 2010. p. 187–203, DOI: 10.1111/j.1749-818x.2010.00193. Blackwell Publishing Ltd.

AUGUSTO, M. R. A. Distinções entre movimentos A e A-barra na computação on-line: Qu e passiva. 2007. *Revista da ABRALIN*, v. 7, n. 1, p. 69-93, jan./jun. 2008.

AUGUSTO, M. R. A. As relações com as interfaces no quadro minimalista gerativista: uma promissora aproximação com a Psicolinguística. In: MIRANDA, N. S.; NAME, M. C. (Org.) *Linguística e cognição*. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2005, p. 237-260.

AUGUSTO, M. R. A. Dados de percepção/compreensão e de produção na aquisição: representações gramaticais distintas? *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 42, n. 1, p. 113-130, março, 2007. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwjkwXznqvAhU7ILkGHVJ3C-UQFjAAegQIARAD&url=https%3A%2F%2Frevistaseletronicas.pucrs.br%2Fjojs%2Findex.php%2Ffale%2Farticle%2Fdownload%2F674%2F489%2F&usg=AOvVaw1xquvcz5JKlihGhM2oR_tP>. Acesso em: 11 mar. 2021.

AUGUSTO, M. R. A. A.; JAKUBÓW, A. P. da S. P. O objeto direto anafórico nos dados de produção espontânea de três bilíngues simultâneos de português brasileiro e inglês: a influência entre as línguas. *Revista Linguística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro*, n. 1, v. 11, Jun. 2015. p.153- 167. ISSN 2238-975X 1. Disponível em: <http://www.letras.ufrj.br/poslinguistica/revistalinguistica>. Acesso em: 17 Jun. 2021. DOI: 10.17074/2238-975X.2015v11n1p153.

AVRAM, L. Remarks on the optional clitic stage in child Romanian. *Bucharest Working Papers in Linguistics*, v. 3, n. 1, p. 16-28, 2001.

AYRES, M. R. Aspectos condicionadores do objeto nulo e do pronome pleno em português brasileiro : uma análise da fala infantil. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Letras. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2016. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/6996/2/DIS_MONICA_RIGO_AYRES_COMPLETO.pdf>. Acesso em: 09 ago. 2019.

AYRES, M. R. *Objetos nulos, elipses de VP e retomadas pronominais na fala infantil em PB: uma reanálise do trabalho de Ayres e Othero (2016)*. 2018. Disponível em:

[Objetos nulos elipses de VP e retomadas pronominais na fala infantil em PB uma reanálise do trabalho de Ayres e Othero 2016.](http://reserachgate.net/publication/324119012) Acesso em: 08 ago. 2019.

AYRES, M. R.; OTHERO, G. A. Aspectos condicionadores do objeto nulo e do pronome em português brasileiro: uma análise da fala infantil. In: Caderno de Squibs, v. 2, n. 2, 2016. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&ret=j&q=&esrc=s&source=web&cd=3&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwisgNDugZLkAhWoIbkGHQJuBBMQFjACegQIABAB&url=https%3A%2F%2Fwww.academia.edu%2F34567432%2FAspectos_condicionadores_do_objeto_nulo_e_do_pronome_pleno_em_portugu%25C3%25AA_s_brasileiro_uma_an%25C3%25A1lise_da_fala_infantil&usg=AOvVaw1ufYcKL2dza1xW5fF61Clu>. Acesso em: 20 jan. 2018.

BAGNO, M. *Português ou brasileiro: um convite à pesquisa*. 3. ed. São Paulo: Parábola, 2002.

BARRA-FERREIRA, M. Argumentos nulos em português brasileiro. Dissertação (Mestrado). Departamento de Linguística. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2000. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/270801/1/Ferreira_MarceloBarr_a_M.pdf>. Acesso em: 09 ago. 2019.

BARBOSA, P.; DUARTE, M. E. L.; KATO, M. A. (2005). Null Subjects in European and Brazilian Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*, 4(2), p.11–52. Disponível em: <<http://doi.org/10.5334/jpl.158>>. Acesso em: 16 jul. 2019.

BERTOLINO, K. G.; GROLLA, E. O pronome "ele" está sujeito ao princípio B? Uma discussão sobre os resultados experimentais. *Revista Linguística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro*. Volume 8, número 2, dezembro de 2012. ISSN 1808-835X 1. Disponível em: <<http://www.letras.ufrj.br/poslinguistica/revistalinguistica>>. Acesso em: 10 fev. 2018.

BERLINK, R. A. *et al.* Mudança sintática e a história do português brasileiro nos séculos XIX E XX. In: JÚNIOR, L. A. de S.; MARTINS, M. A. *Rumos da linguística brasileira no século XXI: historiografia, gramática e ensino*. São Paulo: Blucher, 2016.

BERTOLINO, K. G.; GROLLA, E. A PROFORMA ‘ELE’ COM ANTECEDENTE LOCAL EM PORTUGUÊS BRASILEIRO ADULTO E INFANTIL* In: Dermeval da Hora & Esmeralda Negrão (Eds.) *Estudos da Linguagem: Casamento entre Temas e Perspectivas*. João Pessoa, PB: Editora Ideia, 2011. p. 101-120.

BERWICK, R.; CHOMSKY, N. Unbounded merge. In response to The siege of Paris, v. 4, n.3. In: Issue, v. 4. Jul. 2019. Disponível em: <<https://inference-review.com/letter/unbounded-merge>>. Acesso em: 20 ago. 2019.

BEVER, Thomas. The cognitive basis for linguistic structures. In: HAYES, J. R. (Ed.). *Cognition and the development of language*. New York, NY: Wiley. 1970. Disponível em:

<https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKewjp1ueqgpLkAhXhHrkGHaCkCXsQFjAAegQIBBAC&url=http%3A%2F%2Fwww.coglanglab.com%2Farticles%2FCBLS_Proofs_TgB.pdf&usg=AOvVaw2FELFf_BZ4wgf1M2hd4YVH>. Acesso em: 10 fev. 2018.

BLANCHETTE, F. Approaching pragmatics: an analysis of data from dutch and italian child language. IN: STAVRAKAKI, S.; LALIOTI, M.; KONSTANTINOPOULOU, P. (Eds.) *Advances in language Acquisition*. Newcastle: Cambridge Scholars Publishing. 2013. Disponível em: <<https://pdfs.semanticscholar.org/11c1/63429522e894bfcab5c548506e2987686d6e.pdf>>. Acesso em: 06 ago 2019.

BOCK, K.; LEVELT, W. J. M. Language production: grammatical encoding. In: GERNSBACHER, M. A. (Ed.) *Handbook of psycholinguistics*. San Diego: Academic Press, 1994. p. 945- 984. Disponível em: https://www.mpi.nl/world/materials/publications/levelt/Bock_Levelt_Language_1994.pdf. Acesso em: 12 Mar. 2019.

BOCK, J. K.; WARREN, R. Conceptual accessibility and syntactic structure in sentence formulation. *Cognition*, 21, 1985, p. 47-67. Disponível em: <<https://philpapers.org/rec/KATCAA>> . Acesso em: 20 jan. 2018.

BRAGA, D. M. S. Compreensão de frases relativas em crianças com implante coclear. Dissertação (Mestrado). Universidade de Aveiro. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10773/10518>. Acesso em: 09 ago. 2019.

CALLES, D. C. *Considerações sobre estratégias alternativas ao clítico de terceira pessoa na representação do acusativo anafórico*. Revista Letra Magna. Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura, Ano 03 – Número 04, 2006. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKewj84_jPgpLkAhUWLLkGHZfBCeEQFjABegQIAxAC&url=http%3A%2F%2Fwww.letramagna.com%2Fclitico.pdf&usg=AOvVaw2y6zPtYSGx5jEdO4AUbxzY>. Acesso em: 20 maio 2018.

CANÇADO, M. O papel do léxico em uma teoria dos papéis temáticos. *DELTA*, n. 16, v. São Paulo: 2000a. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-44502000000200004>. Acesso em: 17 Jun. 2021.

CANÇADO, M. 2000b. O Lugar da Semântica em uma Teoria Gramatical. *Estudos Linguísticos* 29. p. 67-78. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/padroao/cms/documentos/profs/marciacancado/gelbauro.pdf>. Acesso em: 17 Jun. 2021.

CANÇADO, M. *Manual de semântica: noções básicas e exercícios*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. Disponível em:

<<https://www.passeidireto.com/arquivo/19868388/manual-de-semantic>>. Acesso em: 07 jul. 2018.

CARDINALETTI, A.; STARKE, M. The typology of structural deficiency: a case study of the three classes of pronouns. *Clitics in the languages of Europe*, 1985. p. 145-234. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwiO7a_fgpLkAhUpIbkGHfz7AlcQFjAAegQIBBAB&url=https%3A%2F%2Fwww.researchgate.net%2Fpublication%2F31521218_The_Typology_of_Structural_Deficiency_on_the_Three_Grammatical_Classes&usg=AOvVaw2tvG2j4L0AcYh1v_iNDYdi>. Acesso em: 20 maio 2018.

CARMONA, J.; COSTA, J.; LOBO, M.; SILVA, C. Omissão de clíticos em português europeu: complexidade pós-sintática ou verificação de traços? Projeto “Técnicas experimentais na compreensão da aquisição do português europeu”. Fundação para ciência e tecnologia. POCI/LIN/57377/2004. 2005. Disponível em: https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwj0_L-jw5vkAhVTDrkGHVB6CNcQFjAAegQIBhAB&url=https%3A%2F%2Fwww.researchgate.net%2Fpublication%2F242738294_Omissao_de_cliticos_em_português_europeu_complexidade_pos-sintactica_ou_verificacao_de_traços&usg=AOvVaw1jrGZ2xaFhDD58OAKWwyEE. Acesso em: 05 mar 2018.

CARMONA, J. SILVA, C. *A aquisição de clíticos dativos em PE: teste piloto*. XXII Encontro nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Textos selecionados. Lisboa: APL, 2007. pp. 199 – 210. Disponível em: <<https://run.unl.pt/handle/10362/17126>>. Acesso em: 20 mar 2018.

CASAGRANDE, S. *A aquisição de clíticos acusativos e o objeto nulo no PB*. Rev. Est. Ling., Belo Horizonte, v. 14, n. 2, p. 341-370, jun/dez, 2006. p. 341-370. Disponível em: <<https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&ved=2ahUKEwj3-OGt9PbjAhWDC9QKHATUBkcQFjABegQIBRAB&url=http%3A%2F%2Fperiodicos.letras.ufmg.br%2Findex.php%2Frelin%2Farticle%2Fdownload%2F2431%2F2385&usg=AOvVaw2r3AZ9HPL04E3bc4rhZM1>>. Acesso em: 09 ago. 2019.

CASAGRANDE, S. *A aquisição do objeto direto anafórico em português brasileiro*. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: UFSC, 2007.

CASAGRANDE, S. A sintaxe da elipse de VP em português brasileiro. In: *Anais do VIII Encontro do Centro de Estudos Lingüísticos do Sul – CELSUL*. Porto Alegre, 2008. Disponível em: http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/CELSUL_VIII/sintaxe-SABRINA%20CASAGRANDE.pdf. Acesso em: 20 mar, 2018.

CASAGRANDE, S. *A correlação entre aspecto e objeto no PB: uma análise sintático-aquisicionista*. Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP, 2010.

CASAGRANDE, S.; ROSSI, J. C. *O objeto direto anafórico em português brasileiro: comparação entre dados de aquisição e de aprendizagem*. 2015. *Revista de Estudos Acadêmicos de Letras*, v. 11, n. 01, p. 47-62, 2018. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/bitstream/prefix/340/1/ROSSI.pdf>. Acesso em: 04 jun. 2018.

CHOMSKY, N. *A minimalist program for linguistic theory*. MIT, Fall, 5 Dec. 2003. Disponível em: < https://ocw.mit.edu/courses/linguistics-and-philosophy/24-951-introduction-to-syntax-fall-2003/lecture-notes/ho_mplt2.pdf>. Acesso em: 09 ago 2019.

CHOMSKY, Noam. *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge: The MIT Press, 1965.

CHOMSKY, N. *Beyond Explanatory Adequacy*. MIT Occasional Papers in Linguistics - MITOPL, n. 20, 2001. Disponível em: https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwiN4tHRxJvkAhVCA9QKHax0DXIQFjABegQIBBAC&url=https%3A%2F%2Fclass.uoa.gr%2Fmodules%2Fdocument%2Ffile.php%2FSGS327%2FMaterialien%2FChomsky%2520%25282001%2529%2520-%2520Beyond%2520explanatory%2520adequacy.pdf&usg=AOvVaw2SW3HMgY4OkPkrsNgJ_JhF. Acesso em: 05 mar. 2018.

CHOMSKY, N. *Derivation by Phase*. MIT Occasional Papers in Linguistics - MITOPL, n. 18, 1999. [Reprinted in Kenstowicz, M. (ed. 2001), *Ken Hale: a life in language*, Cambridge, Mass., 1-52]. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/361277040/Chomsky-2001-Derivation-by-Phase-pdf>. Acesso em: 23 mar. 2018.

CHOMSKY, N. *Knowledge of language: Its Nature, Origin and Use*. New York, Praeger, 1986. Disponível em: http://www.thatmarcusfamily.org/philosophy/Course_Websites/Readings/Chomsky%20-%20Knowledge%20of%20Language.pdf. Acesso em: 20 mar. 2018.

CHOMSKY, N. *Lectures on Government and Binding: The Pisa Lectures*. Dordrecht: Foris Publications, 1981.

CHOMSKY, N. Minimal recursion: exploring the prospects. In: ROEPER, T.; SPEAS, M. *REursion* (proceedings of the UMass conference on recursion). Oxford: Oxford University Press, Jan. 2012. Disponível em: < https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwiO_afmq5HkAhUmF7kGHAY4DSIQFjAAegQIAhAC&url=http%3A%2F%2Fwww.letras.ufjf.br%2Fposlinguistica%2Frecursion%2Fpapers%2F2-noam-chomsky.pdf&usg=AOvVaw3tKqZqFZB0f1RSmXw-GYWT>. Acesso em: 20 ago. 2019.

CHOMSKY, N. *Minimalist Inquiries: the framework*. MITOPL, n. 15, 1998. Disponível em: <<https://wenku.baidu.com/view/448a9a124431b90d6c85c791.html>>. Acesso em: 05 Mar. 2018.

CHOMSKY, N. *New horizons in the study of language and mind*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. Disponível em: <<https://pdfs.semanticscholar.org/9952/375250e92dc806d2961fc27f8bfdcf665c5a.pdf>>. Acesso em: 05 de Mar. 2018.

CHOMSKY, N. *Some Concepts and Consequences of the Theory of Government and Binding*. Cambridge, Massachusetts, The MIT Press, 1982.

CHOMSKY, N. *Syntactic Structures*. The Hague: Mouton, 1957.

CHOMSKY, N. *The Minimalist Program* (1995). Massachusetts: MIT Press. Trad. Eduardo Raposo. Lisboa: Caminho, 1999.

CHOMSKY, N. Three factors of language design. *Linguistic Inquiry*, n. 36, p. 1-22, 2005.

CORRÊA, L. M. S. Acessibilidade, paralelismo na interpretação do pronome sujeito e o contraste pro/pronome em português. *DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*. São Paulo, v. 14, n. 2, 1998. p. 295-392. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S01024450199800020002&lng=en&nrm=iso&tlng=pt> . Acesso em: 08 ago. 2018.

CORRÊA, L. M. S. Concordância de gênero no Processamento de Formas Pronominais. *Cadernos de Estudos Linguísticos* (UNICAMP), Campinas, v. 40, n. 40, p. 77-92, 2001.

CORRÊA, L. M. S. (Org.) *Aquisição da Linguagem e Problemas do Desenvolvimento Linguístico*. Editora da PUC-RIO/ Edições Loyola, p.21-78, 2006. Disponível em: <<https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=5&ved=2ahUKEwiW9pLpx5vkAhVDIrkGHSv1D64QFjAEegQIBBAC&url=http%3A%2F%2Frevistaseletronicas.pucrs.br%2Ffojs%2Findex.php%2Ffale%2Farticle%2Fdownload%2F14946%2F9886&usg=AOvVaw2E8OVBqmuS9tHDIMmjVePd>>. Acesso em: 05 Mar. 2018.

CORRÊA, L. M. S. O que, afinal, a criança adquire ao adquirir uma língua? *A tarefa da aquisição da linguagem em três fases e o processamento de informação de interface pela criança. In: *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 42, n. 1, p. 7-34, mar, 2007. Acesso em: <<https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwi8ydGGyJvkAhVwHLkGHbdoABgQFjAAegQIAhAC&url=http%3A%2F%2Frevistaseletronicas.pucrs.br%2Ffojs%2Findex.php%2Ffale%2Farticle%2FviewFile%2F668%2F483&usg=AOvVaw3CzbhtOnSppIG8QplsEDiy>>. Acesso em: 05 Mar. 2018.

CORRÊA, L. M. S. Relação processador linguístico-gramática em Perspectiva: problemas de unificação em contexto Minimalista. *DELTA*, n. 24, v. 2, 2008. p. 231-282.

CORRÊA, L. M. S. Interface Information and Computational Cost: An Integrated Procedural Approach to Language Acquisition with Some Implications for SLI. In: COSTA, J.; FIÉIS, A.; FREITAS, M. J.; LOBO, M.; SANTOS, A. L. (Orgs.) *New directions in the acquisition of romance languages*. Cambridge publishers, CA, 2014.

CORRÊA, L. M. S. Extrato de projeto de pesquisa, 2016.

CORRÊA, L. M. S. Como a psicolinguística pode contribuir para os campos da saúde e da educação. *Abralin ao Vivo: Linguistics Online*. 05 Dez. 2020. 1 vídeo (106 min). [Live]. Disponível em: <https://aovivo.abralin.org/lives/leticia-maria-sicuro-correa/>. Acesso em: 05 Dez. 2020.

CORRÊA, L. M. S. C. Explorando a relação entre língua e cognição nas interfaces: o conceito de interpretabilidade e suas implicações para as teorias do processamento e da aquisição da linguagem. *Veredas Online*, PPG Linguística/UFJF – Juiz de Fora, v. 6, n. 1, Jan.-Jun., 2002. p. 113-129. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/25301>. Acesso em: 12 Mar. 2019.

CORRÊA, L. M. S. O DEL à luz de hipóteses psicolinguísticas: Avaliação de habilidades linguísticas e implicações para uma possível intervenção em problemas de linguagem de natureza sintática. *Veredas Online*. Especial. 2012, p. 207-236. PPG Linguística/UFJF, Juiz de Fora. ISSN: 1982-2243. Disponível em: <https://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2012/10/O-DEL-à-luz-de-hipóteses-psicolingu%C3%ADsticas-Avaliação-de-habilidades-lingu%C3%ADsticas-e-implicações-para-uma-poss%C3%ADvel-intervenção-em-problemas-de-linguagem-de-natureza-sintática1.pdf>. Acesso em: 12 Mar. 2019.

CORRÊA, L. M. S. Processor-grammar relationship in perspective: unification problems in minimalist context. *DELTA*, n. 24, v. 2, 2008 p. 231-282. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/262704486_Processor-grammar_relationship_in_perspective_unification_problems_in_minimalist_context. Acesso em: 18 Mar. 2018.

CORRÊA, L. M. S.; AUGUSTO, M. R. A. Computação linguística no processamento on-line: soluções formais para a incorporação de uma derivação minimalista em modelos de processamento. In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, n. 49 (2), p.167–183, 2007. DOI: <https://doi.org/10.20396/cel.v49i2.8637185>. Disponível em: https://www.google.com/url?sa=t&ret=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwjO893KyJvkAhVwE7kGHe9VD5MQFjABegQIARAB&url=https%3A%2F%2Fwww.researchgate.net%2Fpublication%2F277790206_Computacao_linguistica_no_processamento_on-line_solucoes_formais_para_a_incorporacao_de_uma_derivacao_minimalista_em_modelos_de_processamento&usg=AOvVaw0mGMSYwCd2rZorOorerWel. Acesso em: 20 mar. 2018.

CORRÊA, L. M.; AUGUSTO, M. R. A.; CASTRO, A. *Agreement and markedness in the ascription of gender to novel animate nouns by children acquiring Portuguese*. *Journal of Portuguese Linguistics*, 9-2 (2010)/10-1 (2011), p. 121-142.

CORRÊA, L. M. S.; AUGUSTO, M. R. A. Manifestações do DEL (déficit/distúrbio específico da linguagem) no domínio da sintaxe à luz de um modelo integrado de computação on-line. *Revista da ABRALIN*, v.12, n.2, p. 35-62, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1145/1068>. Acesso em: 19 Mar. 2019.

CORRÊA, L. M. S.; AUGUSTO, M. R. A. DEL, movimento sintático e o caso das passivas: considerações a partir de um modelo formal. *Veredas Online*. Especial. 2012, p. 237-251. PPG Linguística/UFJF, Juiz de Fora. ISSN: 1982-2243.

CORRÊA, L. M. S.; AUGUSTO, M.; LIMA JÚNIOR, J. C. Passivas. In: FREITAS, M. J.; SANTOS, A. L. (Eds.). *Aquisição de língua materna e não materna: questões gerais e dados do português*. Berlin: Language Science Press. p. 201-224, 200-?. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=6&ved=2ahUKEwj66L3I2vbjAhXIK7kGHTmQBmMQFjAFegQIBhAC&url=http%3A%2F%2Fangsci-press.org%2Fcatalog%2Fview%2F160%2F919%2F815-1&usq=AOvVaw2qaewj17pb84ghDefKBOA1>. Acesso em: 09 ago. 2019.

CORRÊA, L. M. S.; AUGUSTO, M. R. A.; LONGCHAMPS, J.; FORSTER, R. A. M. S. Referência anafórica com relativas restritivas de objeto: custo relativizado na interface gramática-pragmática. *Revista Lingüística*. Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro. v.8, n. 2, dezembro de 2012. ISSN 1808-835X1. <http://www.letras.ufjr.br/poslinguistica/revistalinguistica>.

CORRÊA, L. M. S.; LIMA JÚNIOR, J. C. A natureza do custo computacional na compreensão de passivas: um estudo experimental com adultos. In: *Letras de Hoje*. v. 59, n. 1, p. 91-101, Porto Alegre, jan.-mar. 2015. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/b93d/70ae4817550fc693569a80688132a0a5393c.pdf>. Acesso em: 09 ago. 2019.

CORRÊA, L. M. S.; PERELMUTER, M. Locality and accessibility in the processing of *si* reflexive and referential pronouns in Brazilian Portuguese. [Power Point Slides Presentation] *The Romance Turn Conference*, 6th-18th June, 2021.

COSTA, J.; DUARTE, I. Objectos nulos em debate. In: CASTRO, I.; DUARTE, I. (Eds.) *Razões e emoção. Miscelânea de estudos em homenagem a Maria Helena Mira Mateus (vol. I)* Lisboa: INCM, 2013.

COSTA, J.; FIÉIS, A.; LOBO, M. A aquisição dos pronomes clíticos no português L1. In: MARTINS, A. M.; CARRILHO, E. *Manual de Linguística*

Portuguesa. Berlin, Boston: De Gruyter Mouton, 2016. p. 431-452. Disponível em: https://research.unl.pt/ws/portalfiles/portal/3524054/A_aquisi_o_dos_pronomes_cl_ticos_no_portugu_s_L1.pdf>. Acesso em: 25. Mai. 2019.

COSTA, J.; FIÉIS, A.; LOBO, M. Input variability and late acquisition: clitic misplacement in european portuguese. *Lingua* (Haarlem Print), *Lingua* 161. 2015. p. 10 – 26. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S002438411400117X>>. Acesso em: 06 jul. 2017.

COSTA, J.; FIÉIS, A.; FREITAS, M. J.; LOBO, M.; SANTOS, A. L. (Orgs.) *New Directions in the Acquisition of Romance Languages*. Cambridge publishers, CA, 2014. Disponível em: https://pdfs.semanticscholar.org/30fc/5d7110215d53e2343f33cfbaed5105c83857.pdf?_ga=2.17995644.415952130.1566650892-851227140.1538529712. Acesso em: 07 jul. 2017.

COSTA, J.; GROLLA, E. Pronomes, clíticos e objetos nulos: dados de produção e compreensão. In: FREITAS, M. J.; SANTOS, A. L. (eds.). *Aquisição de língua materna e não materna: questões gerais e dados do português*. Berlin: Language Science Press, 2017. p. 177-199. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=2ahUKEwiXv-HdyZvkAhURA9QKHdKNCrAQFjAAegQIAxAC&url=http%3A%2F%2Flangsci-i-press.org%2Fcatalog%2Fview%2F160%2F918%2F812-1&usg=AOvVaw2JKPVtWcqfgN8EkYWx3evR>. Acesso em: 06 jul. 2017.

COSTA, J.; LOBO, M. *A aquisição de clíticos em PE: omissão de clíticos ou objectos nulos?* Projeto POCI/LIN/57377/2004. 2004. In: XXI Encontro Nacional da APL. Textos seleccionados. Lisboa: APL, 2006. p. 285–293. Disponível em: http://fabricadesites.fcsh.unl.pt/clunl/wp-content/uploads/sites/12/2017/07/A-aquisiçao-de-cl%C3%ADticos-em-PE_Omissao-de-Cl%C3%ADticos-ou-Objectos-Nulos.pdf. Acesso em: 06 jul. 2017.

COSTA, J.; LOBO, M. Clitic Omission in the Acquisition of European Portuguese: Data from comprehension. In: PIRES, A.; ROTHMAN, J. (eds.). *Minimalist Inquiries into Child and Adult Language Acquisition: case studies across portuguese*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 2009. p. 63-84.

COSTA, J. e LOBO, M. Clitic Omission is Null Object: Evidence from Comprehension. In: COSTA, J.; CASTRO, A.; LOBO, M.; PRATAS, F. (eds.). *Language acquisition and development*. Newcastle: Cambridge Scholars Press, 2010. p. 96-106. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwjhy6btypvkAhXJLLkGHWLwB08QFjAAegQIAxAC&url=https%3A%2F%2Fpdfs.semanticscholar.org%2F47ac%2F174de8d3ec40f58df52a34852962a515a183.pdf&usg=AOvVaw3ojtpVcdnkrd8cHgQzS6QD>. Acesso em: 20 mar. 2018.

COSTA, J.; LOBO, M. Clitic Omission, null objects or both in the acquisition of European Portuguese? In: Sergio Baauw; Frank Drijkonongen; Manuela Pinto (eds.). *Romance Languages and Linguistic Theory*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins, 2005. p. 59-72. Disponível em: <<https://pdfs.semanticscholar.org/8bce/3e282170040c0fa17fe8fc87fb0c09225499.pdf>>. Acesso em: 22 jul. 2018.

COSTA, J.; LOBO, M. Objeto nulo na aquisição do português europeu: pro ou variável? Textos Selecionados. *XXVI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa, APL: 2011. pp. 197 – 207. Disponível em: https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwiCx777ypvAhU_K7kGHZ5ACPAQFjAAegQIABAB&url=http%3A%2F%2Ffabricadesites.fcsh.unl.pt%2Fclunl%2Fwp-content%2Fuploads%2Fsites%2F12%2F2017%2F07%2FObjeto-nulo-na-aquisi%25C3%25A7%25C3%25A3o-do-Portugu%25C3%25AAs-Europeu.pdf&usg=AOvVaw0cIhchrMyyXGmWfi8cWPy9. Acesso em: 20 mar. 2018.

COSTA, J.; LOBO, M. Omissão de clíticos na aquisição do português europeu: dados da compreensão. Textos selecionados. *XXIII Encontro Nacional da Associação de Linguística*. Lisboa, APL: 2008. pp. 143-156. Disponível em: https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwiB58iKy5vkAhVDIrkGHSv1D64QFjAAegQIAxAC&url=https%3A%2F%2Fapl.pt%2Fwp-content%2Fuploads%2F2017%2F09%2F11-Costa_Lobo.pdf&usg=AOvVaw2esHP-pC2MnPU4QOHPbWOc. Acesso em: 20 Mar. 2018.

COSTA, J., LOBO, M.; CARMONA, J.; SILVA, C. 2008. Clitic Omission in European Portuguese: Correlation with Null Objects? In: GAVARRÒ, A.; FREITAS, M. J. (eds.), *Language Acquisition and Development. Proceedings of GALA 2007*. Cambridge Scholars Publishing, 2007. p. 133-143. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/237534827_Clitic_omission_null_objects_or_both_in_the_acquisition_of_European_Portuguese. Acesso em: 20 mar. 2018.

COSTA, J.; LOBO, M.; PRATAS, F. Produção de clíticos por crianças bilíngues e monolíngues. Textos Selecionados, *XXVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Coimbra, APL, 2013. p. 289-306. ISBN: 978-989-97440-2-8. Disponível em: <https://apl.pt/wp-content/uploads/2017/09/COSTAJOA_LOBO_PRATAS_2013.pdf>. Acesso em: 26 jul 2018.

COSTA, J.; LOBO, M.; SILVA, C. Null objects and early pragmatics in the acquisition of European Portuguese. *Probus*. 21. Berlin: De Gruyter Mouton, 2009. p. 143-162. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/94c1/a18d8f5b74119713440f903c4f8dfb3ae279.pdf>. Acesso em: 24 mai. 2019.

COSTA, J., LOBO, M.; SILVA, C. Which category replaces an omitted clitic? The case of European Portuguese. In P. Larranaga & P. Guijarro-Fuentes (eds.). *Pronouns and Clitics in Early Language*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2011. Disponível em: <https://www.degruyter.com/view/books/9783110238815/9783110238815.105/9783110238815.105.xml>. Acesso em: 04 ago. 2019.

CREUS, S.; MENUZZI, S. Sobre o Papel do Gênero Semântico na Alternância^[SEP] entre Objetos Nulos e Pronomes Plenos em Português Brasileiro. *Revista da Abralín*. v. 3, n. 1/2 (2004). Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/abralin/article/view/52670>. Acesso em: 02 abr. 2019.

CYRINO, S. M. L. A categoria “INFL” no português brasileiro. *Estudos Linguísticos*. Bauru, v. XXVIII, 1999, p. 449-454.

CYRINO, S. M. L. Algumas diferenças entre o português brasileiro e o português europeu e sua relação com a mudança sintática no português brasileiro. *Signum*, 4, 2001. p. 95-112. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/4366>. Acesso em: 02 abr. 2019.

CYRINO, S. M. L. Algumas questões sobre a elipse de VP e o objeto nulo em PB e PE. In: GUEDES, M.; BERLINK, R. de A.; MURAKAWA, C. de A. A. (Orgs.) *Teoria e análise linguísticas: novas trilhas*. Araraquara: Laboratório Editorial FCL/UNESP, SP, Cultura Acadêmica, 2006. p. 53-79. Disponível em: <https://docplayer.com.br/16944354-Algumas-questoes-sobre-a-elipse-devp-e-o-objeto-nulo-em-pb-e-pe-por-sonia-maria-lazzarini-cyrino-universidade-estadual-de-londrina-cnpq.html>>. Acesso em: 09 ago. 2019.

CYRINO, S. M. L. Animacidade na sintaxe: uma abordagem formal. *Revista da Anpoll*, n. 46, v.1. Florianópolis, Mai/Ago. 2018. p. 222 – 238. DOI: <http://dx.doi.org/10.18309/anp.v1i46.1066>. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/328950375_Animacidade_na_sintaxe_uma_abordagem_formal. Acesso em: 25 maio 2019.

CYRINO, S. M. L. *Fiengo, R. & R. May (1994) Indices and Identity*. Cambridge: MIT Press, 315 p. Resenha. *Revista Delta – Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*. v. 12, n. 1, 1996. p. 189 – 197. Disponível em: <http://ken.pucsp.br/delta/article/view/43818/29072>.> Acesso em: 16 mar. 2020.

CYRINO, S. M. L. Mudança sintática e português brasileiro. In: CASTILHO, A.; MORAIS, M. A. T.; LOPES, R.E.V.; CYRINO, S. (Orgs.). *Descrição, história e aquisição do português brasileiro – estudos em homenagem à Mary Kato*. Campinas: Pontes, 2007. p. 361 – 374.

CYRINO, S. M. L. Mudança sintática no português brasileiro: a perda de predicados complexos. In: LOBO, T.; CARNEIRO, Z.; SOLEDADE, J.; ALMEIDA, A.; RIBEIRO, S. (Org.). *Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias* [online]. Salvador: EDUFBA, 2012, p. 137-160.

Disponível em: < <http://books.scielo.org/id/67y3k/pdf/lobo-9788523212308-12.pdf>> Acesso em: 16 mar. 2020.

CYRINO, S. M. L. Objetos nulos em português brasileiro. *Cuadernos de la ALFAL*, n. 12, v. 2, Nov. 2020, p. 387-410. ISSN 2218- 0761. Disponível em: https://www.mundoalfal.org/sites/default/files/revista/12_2_cuaderno_017.pdf. Acesso em: 17. Jun. 2021.

CYRINO, S. M. L. Null objects/Full pronouns and topicality in Brazilian Portuguese./Objetos nulos/pronomes plenos e topicalidade no português brasileiro. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, n. 1, v. 16, p. 3482-3498, abr. 2019. ISSN 1984-8412. DOI: <http://dx.doi.org/10.5007/1984-8412.2019v16n1p3482>. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/1984-8412.2019v16n1p3482/39205>>. Acesso em: 01 jan. 2021.

CYRINO, S. M. L. Null objects in Romania Nova. In: KATO, M. A.; ORDOÑEZ, F. (Ed.) *The morphosyntax of Portuguese and Spanish in Latin America*. Oxford: Oxford University Press, 2016. p. 177–203. Disponível em: <<https://www.unicamp.br/iel/romanianova/abstracts%202010/Definitivos/CYRINO%20Sonia.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2021.

CYRINO, S. M. L. *O objeto nulo no português do Brasil: um estudo sintático-diacrônico*. Tese (Doutorado). UNICAMP, Campinas, 1994. Publicada pela Ed. da Universidade Estadual de Londrina, Londrina: UEL, 1997. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/270355/1/Cyrino_SoniaMariaLazzarini_D.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2020.

CYRINO, S. M. L. On the syntax of null objects in Brazilian Portuguese. (Handout) *International Conference Null objects from a crosslinguistic and developmental perspective*. Jan 2021. Disponível em: <<http://cehum.ilch.uminho.pt/null/static/handouts/9.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2021.

CYRINO, S. M. L. Para a história do português brasileiro: a presença do objeto nulo e a ausência dos clíticos. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 38, n. 1, p. 31-47, março, 2003. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&ved=2ahUKEwiXhM-v2p_oAhUGCrkGHeLaC-wQFjABegQIARAB&url=http%3A%2F%2Frevistaseletronicas.pucrs.br%2Ffojs%2Findex.php%2Ffale%2Farticle%2Fdownload%2F14109%2F9357&usg=AOvVaw224oqoep1YcXKJt78BEEw>. Acesso em: 16 mar. 2020.

CYRINO, S. M. L. LOPES, R. E. V. Null objects are ellipsis in brazilian portuguese. he *Linguistic Review*, 33(4), p. 483–502. The Gruyter Mouton, 2016. DOI 10.1515/tlr-2016-0012. Disponível em: <<https://www.degruyter.com/document/doi/10.1515/tlr-2016-0012/html>>. Acesso em: 01 jan. 2021.

CYRINO, S. M. L.; MATOS, G. Elipse do VP e variação paramétrica. *Cad. Es.Ling.*, Campinas, 49, 2, p. 195-206, 2007. Disponível em:

<https://www.google.com/url?sa=t&ret=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwiEoquSzZvkAhUmGbkGHZIJCOIQFjABegQIARA B&url=https%3A%2F%2Fwww.researchgate.net%2Fpublication%2F277040000_Elipse_do_VP_e_variacao_parametrica&usg=AOvVaw3GIzAMaWvCQ_4nu9Rv0scx>. Acesso em: 05 mar. 2018.

CYRINO, S. M. L. ; MATOS, G. Null Objects and VP ellipsis in European and Brazilian Portuguese. In: WETZELS, W. L.; COSTA, J.; MENUZZI, S. (Ed.) *The Handbook of Portuguese Linguistics*. Wiley-Blackwell, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/32699/1/2016_Cyrino_Matos_Wiley_Backwel.pdf>. Acesso em: 25 maio 2019.

CYRINO, S. M. L. MATOS, G. VP ellipsis in European and Brazilian Portuguese – a comparative analysis. *Journal of Portuguese Linguistics*, n.1 (2), p. 177–195. 2002. DOI: <http://doi.org/10.5334/jpl.41>. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/266445367_VP_ellipsis_in_European_and_Brazilian_Portuguese_-_a_comparative_analysis>. Acesso em: 04 dez. 2020.

CYRINO, S. M. L.; DUARTE M. E. L.; KATO, M. (2000). Visible subjects and invisible clitics in Brazilian Portuguese. *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. In: KATO, M. A. NEGRÃO, E. V. (Orgs.). *Portuguese and the Null Subject Parameter*. Frankfurt: Vervuert-Iberoamericana, 2000. p. 55-73.

CYRINO, S. M. L.; REICH, U. Uma visão integrada do objeto nulo no PB. In: *Romanistisches Jahrbuch*. Walter de Gruyter: Berlim/Nova Iorque, 2002. p. 360-386. Disponível em: <https://www.academia.edu/7821841/Uma_visao_integrada_ao_objeto_nulo_no_Pb>. Acesso em: 05 mar. 2018.

CYRINO, S. M. L. When can objects go missing? *Abralin ao Vivo: Linguistics Online*. 28 Jul. 2021. 1 vídeo (91 min). [Live]. Disponível em: <https://aovivo.abralin.org/lives/sonia-cyrino/>. Acesso em: 28 Jul. 2021.

DOMINGUEZ, Laura. Interpreting reference in the early acquisition of Spanish clitics. In: MONTRUL, S.; ORDONEZ, F. *Linguistic Theory and Language Development in Hispanic Languages*. Cascadilla Press, 2003. pp.212-228. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/274310412_Interpreting_reference_in_the_early_acquisition_of_Spanish_clitics>. Acesso em: 06 ago. 2019.

DUARTE, I. A Construção de Topicalização na Gramática do Português. Regência e Ligação e Condições sobre Movimento. Tese (Doutorado). Lisboa: Universidade de Lisboa, 1987.

DUARTE, I. Frases com tópicos marcados. In: MATEUS, M. H., BRITO, A. M., DUARTE, I.; FARIA, I. H. (Org.). *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho, 2003. p. 489-506.

DUARTE, I.; COSTA, J. Objecto nulo. In: RAPOSO, E. P. et al (Eds.). *Gramática do português* (vol II). Lisboa: Gulbenkian, 2013.

DUARTE, I.; MATOS, G. Romance clitics and the Minimalist Program. In: COSTA, J. (Org). *Portuguese syntax*. New comparative studies. Oxford University Press: 2000. pp. 116-142. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/284697437_Romance_clitics_and_the_minimalist_program. Acesso em: 05 mar. 2018.

DUARTE, I.; MATOS, G.; GONÇALVES, A. Pronominal clitics in European and Brazilian Portuguese. *Journal of portuguese linguistic*, 4, (2), 2005. p. 112-141. Disponível em: https://www.clul.ulisboa.pt/files/directiva/2005DUARTE_MATOS_GONCALVES_JPL.pdf. Acesso em: 05 mar. 2018.

DUARTE, M. E. L. Clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil. In: TARALLO, Fernando. (org.). *Fotografias Sociolinguísticas*. Campinas, SP: Pontes: Editora da UNICAMP, 1989.

DUARTE, M. E. L. Ensino da língua em contexto de mudança. In: *Cadernos do IV Congresso Nacional de Linguística e Filologia*. Vol. IV, n. 12, Rio de Janeiro: 2001. Disponível em: http://www.filologia.org.br/anais/anais%20iv/civ12_3.htm. Acesso em: 05 mar. 2018.

DUARTE, M. E. L. Para uma nova descrição da sintaxe do 'Português padrão'. *Cadernos de Letras da UFF Dossiê: Variação linguística e práticas pedagógicas*, 51, 2016. p. 23-41

ENÇ, M. The semantics of specificity. 1991. *Linguistic Inquiry*. v. 22, n. 1, p. 1-25. 1991. Disponível em: https://www.google.com/url?sa=t&ret=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwjPqcGq_pHkAhUNHbkGHf1FCMUQFjABegQIAXAB&url=http%3A%2F%2Fwww.academia.edu%2F9897715%2FThe_Semantics_of_Specificity_Author_s_M%25C3%25BCrvet_En%25C3%25A7_Source_Linguistic_Inquiry_PM_All_use_subject_to_JSTOR_Terms_and_Conditions&usg=AOvVaw31qemGaSERKu8BZHCRNuBc. Acesso em: 04 jul. 2018.

FARRELL, Patrick. Null Objects in Brazilian Portuguese. In: *Natural Language and Linguistic Theory*, v. 8, p. 325-346, 1990. Kluwer Academic Publishers. Printed in Netherlands. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/BF00135617>. Acesso em: 04 jan. 2017.

FERREIRA, F.; SWETS, B. How incremental is language production? Evidence from the production of utterances requiring the computation of arithmetic sums. *Journal of Memory and Language*, v. 46, 2002. p. 57-84.

FRANCHI, C.; CANÇADO, M. Teoria generalizada dos papéis temáticos. In: *Revista de estudos da linguagem*, v. 11, n. 2, p. 83-123, 2003. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/2370>. Acesso em: 16 maio 2018.

FRAZIER, L.; CLIFTON, C. The syntax-discourse divide: processing ellipsis. *Syntax*, n. 8, v. 2, August, 2005, p. 121-174.

FREIRE, G. C. *Os clíticos de terceira pessoa e as estratégias para sua substituição na fala culta brasileira e lusitana*. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro, UFRJ, 2000.

FRONKIM, V.; RODMAN, R. *Introdução à linguagem*. Trad. Isabel Casanova. Coimbra: Livraria Almedina, 1993.

GALVES, C. M. C. Algumas diferenças entre o português de Portugal e português do Brasil e a teoria de "regência e vinculação". In: *Congresso sobre a situação da língua portuguesa no mundo*. Anais ... Lisboa: ICALP, 1988. Vol. II. p. 55-65. Disponível em: https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwiVj9GF_pHkAhVUI7kGHXBgCj4QFjAAegQIARAB&url=https%3A%2F%2Fportalnet.unirioja.es%2Fservlet%2Farticulo%3Fcodigo%3D5358237&usg=AOvVaw0NIqsG9SUhNm8QE2Y4nPC_. Acesso em: 04 jul. 2018.

GALVES, C. M. C. A interpretação "reflexiva" do pronome no português do Brasil. *Delta*, v. 2, n. 2, p. 249-264, 1986. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwjc36z1_ZHkAhUILLkGHerzCLMQFjAAegQIAhAB&url=https%3A%2F%2Frevistas.pucsp.br%2Fdelta%2Farticulo%2Fview%2F31272%2F21736&usg=AOvVaw0EH6mUSWeYYushKWSHXXKI>. Acesso em: 20 ago. 2018.

GALVES, C. M. C. A sintaxe do português brasileiro. In: *Cadernos de Linguística e Teoria da Literatura*. n.13, 1995. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/cltl/article/view/7204>>. Acesso em: 09 ago. 2019.

GALVES, C. M. C. *Ensaio sobre as Gramáticas do Português*. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 2001. Disponível em: https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=3&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwighaPK_ZHkAhWICrkGHVnUAESQFjACegQIBhAB&url=https%3A%2F%2Fwww.researchgate.net%2Fpublication%2F250982652_Ensaio_sobre_as_gramaticas_do_portugues&usg=AOvVaw2xGq1PP64Tcx65oUG577w9. Acesso em: 13 maio 2019.

GALVES, C. M. C. O Objeto Nulo no Português Brasileiro: Percorso de uma Pesquisa./ The null object in Brazilian portuguese. In: *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 17, p. 65-90, Julho/Dez, 1989. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636801/4522>>. Acesso em: 09 Set. 2020.

GALVES, C. M. C. Pronomes e categorias vazias em português do Brasil. In: *Cadernos de Linguística*, Unicamp, v. 7, p. 107-136, 1984. Disponível em: <<https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=3&cad=rja>

[a&uact=8&ved=2ahUKEwjKro6D_ZHkAhV3IbkGHZOcAdAQFjACegQIAhAC&url=http%3A%2F%2Fwww.revel.inf.br%2FdownloadFile.php%3Flocal%3Dentrevista%26id%3D72%26lang%3Dpt&usg=AOvVaw0WypkxQJvZ7dUbg94p5k2G](http://www.revel.inf.br/downloadFile.php?local%3Dentrevista%26id%3D72%26lang%3Dpt&usg=AOvVaw0WypkxQJvZ7dUbg94p5k2G)>. Acesso em: 19 maio. 2018.

GIUSTI, G. The categorial status of determiners. In: HAEGEMAN, L. (Ed.) *The new comparative syntax*, Harlow: Addison Wesley Longman, 1997. Disponível em:

<https://www.academia.edu/1032147/The_categorial_status_of_determiners._The_New_Comparative_Syntax_ed._by_Liliane_Haegeman>. Acesso em: 11 jul. 2019.

GIVÓN, Talmy. *Syntax – a functional-typological introduction*. v. II. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1990. Disponível em: https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=7&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwiN0bDs_JHkAhXmILkGHYyMCUkQFjAGegQIBRAC&url=https%3A%2F%2Fpdfs.semanticscholar.org%2F9f66%2F0d399adb65e01cb8a3f8feb798620f6ec3b.pdf&usg=AOvVaw2wxCcXt6c1AVZpvdhApVvr. Acesso em: 13 maio 2018.

GUESSER, S.; MIOTO, C. Notas sobre a topicalização à esquerda sem retomada pronominal (explícita) em PB. In: GUESSER, Simone (Org.). *Linguística: pesquisa e ensino*. Boa Vista: UFRR, 2016. Disponível em: https://www.academia.edu/43310380/Notas_sobre_a_topicaliza%C3%A7%C3%A3o_%C3%A0_esquerda_sem_retomada_pronominal_expl%C3%ADcita_em_P_B. Acesso em: 28 Jul. 2021.

GUINDASTE, R. M. G. A Categoria Vazia na Posição de Objeto em Português: Uma Abordagem Gerativa Representacional. Dissertação (Mestrado). Orientador: Prof. Dr. Carlos Alberto Faraco. Curso de Pós-Graduação em Letras, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 1988. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/22525/d%20-%20reny%20maria%20gergolin%20guindaste.pdf;jsessionid=532A9E55D50C353344FB9FFD447437C4?sequence=1>>. Acesso em: 13 Abr. 2021.

HARLEY, T. A. *The psychology of language*. Chapters 10; 12. East Sussex: Psychology Press, 2008. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5141409/mod_resource/content/1/Psych%20Language%20%28complete%29.pdf. Acesso em: 13 Abr. 2021.

HAUSER, M; CHOMSKY, N.; FITCH, W. Tecumseh. The Faculty of language: what is it, who has it, and how did it evolve? In: *Science*, vol. 298, 2002, p. 1569-1579.

HAWKINS, John A. 1978. *Definiteness and Indefiniteness: a Study in Reference and Grammaticality Prediction*. London: Croom Helm. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/238387823_John_A_Hawkins_Definiteness_and_indefiniteness_a_study_in_reference_and_grammaticality_prediction_London_Croom_Helm_1978_Pp_316>. Acesso em: 11 jul. 2019.

HEIM, Irene. Presupposition projection and the semantics of attitude. 1982. *Journal of Semantics*, n 9, p. 183 – 221. N.I.S. Foundation (1992). Disponível em: <<http://semantics.uchicago.edu/kennedy/classes/s08/semantics2/heim92.pdf>>. Acesso em: 11 jul. 2019.

HEIM, I.; KRATZER, A. *Semantics in Generative Grammar*. Massachusetts: Blackwell, 1998. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=3&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwjo5Lyz0ZvkAhWtILkGHVpJA5sQFjACegQIBBAC&url=http%3A%2F%2Fusers.uoa.gr%2F~wlechner%2FCreteling2017%2FTextbooks%2FHeim%2520and%2520Kratzer%25201998.pdf&usg=AOvVaw1g2jwk8m1d4_vH-6L3q1Pe>. Acesso em: 04 jan. 2018.

HERTEZENBERG, M. J. B. *Third Person Reference in Late Latin: demonstratives, definite articles, and personal pronouns in the Itinerarium Egeriae*. Library of Congress Cataloging-in-Publication Data. De Gruyter Mouton: Berlin/Boston, 2015.

HOLDERBAUM, C. S. Efeitos de *priming* semântico em tarefa de decisão lexical com diferentes intervalos entre estímulos. Dissertação (Mestrado). Instituto de Psicologia do Programa de Pós-graduação em Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Março, 2009. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bistream/handle/10183/17229/000711537.pdf?sequence=1>. Acesso em: 09 ago. 2019.

HOLDERBAUM, C. S.; SALLES, J. F. *Priming* semântico em crianças: efeitos da força de associação semântica e frequência do alvo. In: *Aletheia*. n. 33, Canoas, dez/2010. Disponível em: <pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942010000300009>. Acesso em: 09 ago. 2019.

HORNSTEIN, N; NUNES, J. 2002. On Asymmetries Between Parasitic Gaps and Across-the-Board Constructions. In: *Syntax*, n. 5, vol. 1. p. 26-54.

HUANG, C. T. J. On the distribution and reference of empty pronouns. *Linguistic Inquiry*, v. 15, n. 4, p. 531-574, 1984. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwjN5bml_JHkAhUHILkGHR13AXYQFjAAegQIAhAC&url=http%3A%2F%2Fscholar.harvard.edu%2Ffiles%2Fctjhuang%2Ffiles%2F1984_empty_pronouns.pdf&usg=AOvVaw2gneNWq5Imx8knPPTesdIY>. Acesso em: 13 Mai. 2019.

HUANG, C. T. J. Remarks on the Status of the Null Object. In: Freiden, R. (Ed). *Principles and Parameters in Comparative Grammar*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 1991. p. 56-76. Disponível em: <<https://scholar.harvard.edu/files/ctjhuang/files/1991.statusnullobject.pdf?m=1443063353>>. Acesso em: 20 mar. 2021.

HYAMS, N. Language acquisition and the theory of parameters. Dordrecht: Reidel, 1986. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/canadian-journal-of-linguistics-revue-canadienne-de-linguistique/article/nina-hyams-language-acquisition-and-the-theory-of-parameters-dordrecht-reidel-1986-pp-xiii-186/0A62F85BEBD7DF6DBDDE04CB44134AB8>. Acesso em: 09 ago. 2019.

HYAMS, N.; WEXLER, K. On the grammatical basis of null subjects in child language. In: *Linguistic inquiry*, v.24, p. 421-459, 1993. Disponível em: < <https://linguistics.ucla.edu/people/hyams/papers/1993%20Hyams%20and%20Wexler.pdf>>. Acesso em: 09 ago. 2019.

HUOTILAINEN, Minna. (2012). A new dimension on fetal language learning. *Acta paediatrica* (Oslo, Norway : 1992). 102. 10.1111/apa.12122. Disponível em: < <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/apa.12122>>. Acesso em: 09 ago. 2019.

IHSANE, Tabea; PUSKAS, Geneveva. Specific is not definite. 2001. *Generative Grammar in Geneva - GG@G*, Archive Ouverte UNIGE. Geneva, Université de Genève, 2001, vol 2, p. 39-54. Disponível em: <http://archive-ouverte.unige.ch/unige:93392>. Acesso em: 11 jul. 2019.

JARVELLA, R. J. Syntactic processing of connected speech. *Journal of Verbal Learning & Verbal Behavior*, n. 10, v. 4, p. 409–416, 1971. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/S0022-5371\(71\)80040-3](https://doi.org/10.1016/S0022-5371(71)80040-3). Acesso em: 18 Mar. 2020.

JARVELLA, R. J.; HERAMN, S. J. Clause structure of sentences and speech processing. *Perception and Psychophysics*, n. 11, p. 381-384, 1972. Disponível em: <https://doi.org/10.3758/BF03206272>. Acesso em: 18 Mar. 2020.

JAKUBOVICZ, C. Hipóteses psicolinguísticas sobre a natureza do Dé cit Especi co da Linguagem (DEL). In: CORRÊA, L. M. S. *Aquisição da linguagem e problemas do desenvolvimento linguístico*. 2. ed. [e-book] Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2018. Disponível em: <http://www.editora.puc-rio.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?inford=595&sid=3>. Acesso em: 18 Mar. 2019.

JAKUBOWICZ, C.; NASH, L.; Rigaut, C.; GÉRARD, C-L. Determiners and clitic pronouns in French-speaking children with SLI. *Language Acquisition*, p. 113-160, 1998. Disponível em: https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKewiMpbS8-ZHkAhUgH7kGHTjgDJMQFjAAegQICBAB&url=https%3A%2F%2Fwww.tandfonline.com%2Fdoi%2Fabs%2F10.1207%2Fs15327817la0702-4_3&usg=AOvVaw2Zi2QwVEU1pIiybJ1UYRTt. Acesso em: 20 jul. 2018.

JÚNIOR, L. A. de S.; MARTINS, M. A. *Rumos da linguística brasileira no século XXI: historiografia, gramática e ensino*. SP: Blucher, 2016.

KAMP, H. A theory of truth and semantic representation. In: PORTNER, P.; PARTEE, B. H. (Eds.). *Formal semantics - the essential readings*. Blackwell,

1981. p. 189-222. Disponível em: <<https://philpapers.org/rec/KAMATO>>. Acesso em: 11 jul. 2019.

KATO, M. A. 2016. Affirmative polar replies in Brazilian Portuguese, em Christina Tortora, Marcel den Dikken, Ignacio L. Montoya e Teresa O'Neill (eds.) *Romance Linguistics 2013. Selected papers from the 43rd Linguistic Symposium on Romance Languages (LSRL), New York*. Amsterdam, John Benjamins:17-19.

KATO, M. A. A mudança na posição estrutural de foco no português brasileiro. *Revista Linguística*, v. 13, n. 2, Julho, 2017. p. 158-173. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/issue/viewFile/891/492>. Acesso em: 13 Abr. 2021.

KATO, M. A. *A gramática do letrado: questões para a teoria gramatical*. São Paulo: UNICAMP/CNPq, 2005. Disponível em: <<https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwi2wLjx-5HkAhURI7kGHY2LB9AQFjAAegQIBBAB&url=http%3A%2F%2Faneste.org%2Fa-gramatica-do-letrado-questes-para-a-teoria-gramatical1.html&usg=AOvVaw3NEIpunKL-IDrxGDTLDF>>. Acesso em: 13 Mai. 2019.

KATO, M. A. A natureza do objeto nulo e do nome nulo no português europeu e no português brasileiro. *Revista Intercâmbio*, v. XXIII: 13-27, 2011. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X. Disponível em: <<https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwi1mtjK-5HkAhXSI7kGHTrwB2QQFjAAegQIARAB&url=https%3A%2F%2Frevistas.pucsp.br%2Findex.php%2Fintercambio%2Farticle%2FviewFile%2F8906%2F6572&usg=AOvVaw0pAM4i-tu3iEZqrvNR8UkS>>. Acesso em: 18 jul. 2018.

KATO, M. A. A variação no domínio dos clíticos no português brasileiro. In: *Linguística*, v.33, n.1, Montevideo, Jun. 2017. Disponível em: http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2079-312X2017000100135. Acesso em: 30 jan. 2019.

KATO, M. A. Aspectos morfofonológicos nos paradigmas dos pronomes fortes e fracos. *Revista da Anpoll*, n. 46, v. 1, p. 142-155, Florianópolis, Maio/Ago. 2018. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.18309/anp.v1i46.1084>>. Acesso em: 29 jul. 2018.

KATO, M. A. Comparando o Português da América com o Português de Portugal e com outras línguas. 2006. Museu da Língua Portuguesa. Disponível em: http://www.museudalinguaportuguesa.org.br/colunas_interna.php?id_coluna=13. Acesso em: 29 jul. 2018.

KATO, M. A. Null objects and VP ellipsis in european and brazilian portuguese. 2001. p. 131-153. In: QUER, J.; SCHROTEN, J.; SCORETTI, M.; SLEEMAN, P.; VERHEUGD, E. (Org.) *Romance Languages and Linguistic Theory 2001*. John Benjamins Publishing, 2003. 355 p. Disponível em:

<[https://books.google.com.br/books?id=N1V6qeO_plkC&pg=PA142&lpg=PA142&dq=he+BP+topicalized+forms+were+proposed+to+have+the+same+nature+as+VPTopicalization,+except+that+in+the+latter+the+verb+is+retained&source=bl&ots=6vjRryfLur&sig=ACfU3U1W5Qo324WoxUBO0BUC_EHA20PvVg&hl=pt-
BR&sa=X&ved=2ahUKEwizgouhqf3rAhXdK7kGHXuFB6cQ6AEwAHoECAEQAAQ#v=onepage&q=he%20BP%20topicalized%20forms%20were%20proposed%20to%20have%20the%20same%20nature%20as%20VPTopicalization%20C%20except%20that%20in%20the%20latter%20the%20verb%20is%20retained&f=false](https://books.google.com.br/books?id=N1V6qeO_plkC&pg=PA142&lpg=PA142&dq=he+BP+topicalized+forms+were+proposed+to+have+the+same+nature+as+VPTopicalization,+except+that+in+the+latter+the+verb+is+retained&source=bl&ots=6vjRryfLur&sig=ACfU3U1W5Qo324WoxUBO0BUC_EHA20PvVg&hl=pt-
BR&sa=X&ved=2ahUKEwizgouhqf3rAhXdK7kGHXuFB6cQ6AEwAHoECAEQAAQ#v=onepage&q=he%20BP%20topicalized%20forms%20were%20proposed%20to%20have%20the%20same%20nature%20as%20VPTopicalization%20C%20except%20that%20in%20the%20latter%20the%20verb%20is%20retained&f=false)>. Acesso em: 22 set. 2020.

KATO, M. A. Null Objects, Resumptives and VP-Ellipsis in European and Brazilian Portuguese. In: QUER, J. et al. (Org.). *Romance languages and linguistic theory*. Amsterdam: John Benjamins, 2001. p. 131-153.

KATO, M. A. Pronomes fortes e fracos na sintaxe do português brasileiro. *Revista portuguesa de filologia*, Coimbra, Portugal, v.XX, p.101-122, 2002. Disponível em: <
https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=4&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwifofmn-pHkAhX9JrkGHZtFCfYQFjADegQIAxAB&url=https%3A%2F%2Fdialnet.uniri-oja.es%2Fservlet%2Farticulo%3Fcodigo%3D2455046&usg=AOvVaw03eB0Kgl4swc0ViB_afB0O>. Acesso em: 28 maio 2019.

KATO, M. A. The Distribution of Pronouns and Null Elements in Object Position in Brazilian Portuguese. In: ASHBY, W., PERISSINOTTO, M. M. G.; RAPOSO, E. (Orgs.) *Linguistic Perspectives on the Romance Languages*, Amsterdam, John Benjamins, 1993. Disponível em: <
<https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=3&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwjb2oj4-ZHkAhW8GLkGHbL3A-4QFjACegQIARAB&url=https%3A%2F%2Fscite.ai%2Freports%2Fthe-distribution-of-pronouns-and-JQkxek&usg=AOvVaw3QjWAtfKGsouwD-jFMSqdo>>. Acesso em: 13 maio 2018.

KATO, M. A.; DUARTE, M. E. L. Restrições na distribuição de sujeitos nulos no português brasileiro. *VEREDAS on-line – Sintaxe das Línguas Brasileiras*. Programa de Pós-Graduação em Linguística. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2014, n.1. Disponível em: <
http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2014/07/01-Kato_Duarte2.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2019.

KATO, M. A.; MARTINS, A. M. European Portuguese and Brazilian Portuguese: an overview on word order. In: WETZELS, L., MENUZZI, S. & COSTA, J.(Eds.), *The Handbook of Portuguese Linguistics*. Hoboken, NJ: Wiley-Blackwell, 2016. p.15-40. Disponível em: <
<https://repositorio.ul.pt/handle/10451/31197?mode=full>>. Acesso em: 05 jul. 2018.

KATO, M. A.; RAMOS, J. Trinta anos de sintaxe gerativa no Brasil (Thirty Years of Generative Grammar in Brazil) *D.E.L.T.A.*, v. 15, n. especial, 1999. p.105-146.

KATO, M. A.; RAPOSO, E. O objecto nulo definido no português europeu e no português brasileiro: convergências e divergências. *Actas do XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*: Lisboa, 2001. p. 673-685. Disponível em: <https://apl.pt/wp-content/uploads/2017/12/2000-53.pdf>. Acesso em: 05 Mar. 2018

KATO, M. A.; RAPOSO, E. Objeto(s) e artigos nulos em português europeu e português brasileiro. In: MOURA, D.; FARIAS, J. (Org.) *Reflexões sobre a sintaxe do Português*. Maceió: EDUFAL, 2005. p. 73-96. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=BcTuW_skEe8C&oi=fnd&pg=PA5&dq=Reflexões+sobre+a+Sintaxe+do+Português+Moura+Maceio&ots=xBiMkAwUqL&sig=XUbYRERQcarVk6hLcj1fZTlEiqA#v=onepage&q=Reflexões%20sobre%20a%20Sintaxe%20do%20Português%20Moura%20Maceio&f=false. Acesso em: 19 Jan. 2021.

KAYNE, R. S. *The Antisymmetry of Syntax*. Cambridge: MIT Press, 1994.

KENEDY, E. *A hipótese da antinaturalidade de pied-piping em orações relativas*. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ): Rio de Janeiro, 2007.

KENEDY, E. *Curso básico de linguística gerativa*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

KENEDY, E. O papel da psicolinguística experimental no desenvolvimento de modelos formal-cognitivos de língua. In: JÚNIOR, L. A. de S.; MARTINS, M. A. *Rumos da linguística brasileira no século XXI: historiografia, gramática e ensino*. SP: Blucher, 2016. p. 189 – 202.

KENEDY, E.; ABRAÇADO, J. Léxico e computações lexicais. IN: FERRARI NETO, J. & SILVA, C. *Programa minimalista em foco: princípios e debates*. Curitiba, CRV. 2012. p. 41-69.

KENEDY, E. MOTA, C. Orientação de anáforas nulas e pronominais para sujeitos e tópicos no PB. *Revista Linguística - Revista do Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro*. v. 8, n. 2, Dezembro de 2012. ISSN 1808-835X 1.

KIMBALL, J. Seven principles of surface structure parsing in natural language. *Psychology*, 21, 1973. p. 60-99.

LAMBRECHT, K. 1994. *Information Structure and Sentence Form*. Topic, Focus and the Mental Representations of Discourse Referents. Cambridge: Cambridge University Press. Disponível em: <https://philpapers.org/rec/LAMISA>. Acesso em: 11 Jul. 2019.

LAPPIM, S.; SHIH, S. H. A generalized reconstruction algorithm for ellipsis resolution. *Coling*, 1996. v. 2. The 16th International Conference on Computational Linguistics. p. 687-692. Disponível em: <https://www.aclweb.org/anthology/volumes/C96-2/>. Acesso em: 14 Set. 2020.

LASNIK, H. Necessity of binding conditions. In: FREIDIN, R. (org.) Principles and parameters in comparative Grammar. Cambridge, MIT Press, 1991. Disponível em: https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=3&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwipkded-ZHkAhWaHrkGHQ1PAgwQFjACegQIBBAC&url=http%3A%2F%2Fling.umd.edu%2F~lasnik%2FHandouts-Conf%2520and%2520colloq%2FInvited.Keynote.Conference%2FLasnik86_On_the_necessity_of_binding_condition.Princeton_workshop_on_comparative_syntax.pdf&usq=AOvVaw2BCOa8ByRbxVLpyAblRpP6. Acesso em: 20 Ago. 2018.

LEITÃO, M. M. Animacidade e paralelismo estrutural no processamento da correferência. *Revista Linguística*. Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística Faculdade de Letras/UFRJ. v. 6, n. 1. Jun. 2010. p. 44 – 57.

LEITÃO, M. M. *O processamento do objeto direto anafórico no português brasileiro*. Tese de Doutorado, UFRJ. 2005a. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=3&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwj2koWK-ZHkAhV0D7kGHduABMUQFjACegQIAxAC&url=http%3A%2F%2Fwww.cchl.a.ufpb.br%2Flaprol%2Fwp-content%2Fuploads%2F2014%2F11%2FLeit%25C3%25A3o-2005a.pdf&usq=AOvVaw1g5wmwC7v3CxvdAet4ogGS>. Acesso em: 13 Mai. 2018.

LEITÃO, M. M. Processamento correferencial de nomes e pronomes em PB. In: *Linguística*. Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 235-258, dezembro de 2005b.

LEITÃO, M. M.; RIBEIRO, A. J. C.; MAIA, M. Penalidade do nome repetido e rastreamento ocular em português brasileiro. *Revista Linguística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro*, v. 8, n. 2, dezembro de 2012. ISSN 1808-835X 1. Disponível em: <http://www.letras.ufrj.br/poslinguistica/revistalinguistica>. Acesso em: 27 ago. 2018.

LEITÃO, M. M.; SIMÕES, A. B. G. A influência da distância no processamento correferencial de pronomes e nomes repetidos em português brasileiro. *Veredas on-line*. Atemática. PPG Linguístico/UFJF. Juiz de Fora. n. 1, 2011. p. 262-272. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/laprol/wp-content/uploads/2014/11/Leitão-Simões-20111.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2018.

LEVELT, W. J. M. *Speaking: from intention to articulation*. Cambridge/Mass: MIT Press. 1989.

LEVELT, W. J. M. The ability to speak: from intentions to spoken words. European review. *Interdisciplinary Journal of the Academia Europea*, n. 3, 1995. p. 13-23.

LEVELT, W. J. M.; ROELOFS, A.; MEYER, A. S. A theory of lexical access in speech production. *Behavioral and Brain Sciences*, n. 22, 1999. p. 1–75.

Disponível em: <http://www.ugr.es/~santiago/Santiago-CommentLeveltBBS-1999.pdf>. Acesso em: 12 Mar. 2019.

LIMA JÚNIOR, J. C. de. *Aquisição e processamento de sentenças passivas: uma investigação experimental com infantes, crianças e adultos*. Tese (Doutorado). Orientadora: Dra. Letícia Maria Sicuro Corrêa. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da PUC-Rio. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2016. p. 181- 240. Disponível em: https://www.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/1211408_2016_cap_5.pdf. Acesso em: 23 Ago. 2021.

LIMA JÚNIOR, J. C. de.; CORRÊA, L. M. S. A natureza do custo computacional na compreensão de passivas: um estudo experimental com adultos. *Letras De Hoje*, 50 (1), p. 91-101. DOI 10.15448/1984-7726.2015.1.18307. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/18307/12875>. Acesso em: 27 ago. 2019.

LIRA, R.; CORRÊA, L. M. S. O efeito de animacidade na produção eliciada de objetos correferenciais no português brasileiro. *Cadernos de Linguística*, v. 1, n. 2, 2020. p. 01-21. DOI 10.25189/2675-4916.2020.V1.N2.ID180. ISSN: 2675-4916.

LIRA, R.; CORRÊA, L. M. S.; LOBO, M. *The effect of animacy and schooling in the production of co-referential objects in the acquisition of two varieties of Portuguese*. (submitted).

LOPES, R. E. V. Language acquisition and the minimalist program: a new way out/Aquisição da linguagem: novas perspectivas a partir do programa minimalista. *Delta*, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 245-281, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502001000200004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 30 Jul. 2019.

LOPES, R. E. V. O que a aquisição inicial da sintaxe revela sobre a parametrização? O caso dos objetos e estruturas afins. In: *Letras de Hoje*. v.42, n. 1, p. 77-96. Porto Alegre, março de 2007. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/279643063_O_que_a_aquisicao_inicial_da_sintaxe_revela_sobre_parametrizacao_o_caso_dos_objetos_e_estruturas_afins. Acesso em: 09 Ago. 2019.

LOPES, R E V. Resultados experimentais como forma de acesso ao conhecimento de fenômenos sintáticos e de interface. In: VEREDAS ONLINE – ESPECIAL – 2012, P. 252-265 – PPG LINGUÍSTICA/UFJF – JUIZ DE FORA - ISSN: 1982-2243. Disponível em: <https://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2012/10/Resultados-experimentais-como-forma-de-acesso-ao-conhecimento-de-fenomenos-sintaticos-e-de-interface1.pdf>. Acesso em: 04 Set. 2020.

LOPES, R. E. V. The production of subject and object in Brazilian Portuguese by a young child. *Probus* (Dordrecht), Berlin, v. 15, n.1, p. 121-144, 2003. Disponível em: < <https://www.degruyter.com/view/j/prbs.2003.15.issue->

1/prbs.2003.001/prbs.2003.001.xml>. Acesso em: 09 Jun. 2019.

LOPES, R. E. V. Uma proposta Minimalista para o processo de aquisição da linguagem: relações locais. Tese (Doutoramento). Departamento de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1999. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/30362239.pdf>>. Acesso em: 09 Ago. 2019.

LOPES, R. E. V.; CYRINO, S. M. L. Animacy as a driving cue in change and acquisition in Brazilian Portuguese. In: KEPSEK, S.; REIS, M. (Eds). *Linguistic evidence: empirical, theoretical and computational perspectives*. 1ed. Berlin: Mouton de Gruyter, 2005a, p. 87-104. Disponível em: <<http://www.lingexp.uni-tuebingen.de/sfb441/LingEvid2004/abstracts/cyrino.pdf>> . Acesso em: 09 Jun. 2019. 09 Jun. 2019.

LOPES, R.E.V; CYRINO, S.M.L. Evidence for a cue-based theory of language change and language acquisition: The null object in Brazilian Portuguese. In: *Romance Languages and Linguistic Theory*, edited by Twan Geerts; Haïke Jacobs. Amsterdam: John Benjamins, 2005b, p 343-359. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/300456142_Evidence_for_a_Cue-based_Theory_of_Language_Change_and_Language_Acquisition>. Acesso em: 09 Jun. 2019.

LOPES, R. E. V; CYRINO, S. M. L. On null objects and ellipses in Brazilian Portuguese. 2013 In: TORTORA, C.; den DIKKEN M.; MONTROYA, I. L.; O'NEILL, T. (Eds.). *Romance Linguistics Selected papers from the 43rd Linguistic Symposium on Romance Languages (LSRL)*. New York, April, 2013. 1 ed. Amsterdam: John Benjamins, 2016, v. 9, p. 257-276. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/314093195_On_null_objects_and_ellipses_in_Brazilian_Portuguese_Selected_papers_from_the_43rd_Linguistic_Symposium_on_Romance_Languages_LSRL_New_York_17-19_April_2013>. Acesso em: 09 Jun. 2019.

LOPES, R. E. V.; QUADROS, R. M. Traços semânticos na aquisição da linguagem: há efeitos de modalidade de língua? *Revista da ABRALIN*, Belo Horizonte, v. 4, n.1/2, p. 75-108, 2005. Disponível em: <<https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&ved=2ahUKEwjYzdzQqfbjAhXUCtQKHeksCBsQFjABegQIABAC&url=https%3A%2F%2Frevistas.ufpr.br%2Ffabralin%2Farticle%2Fdownload%2F52653%2F32367&usg=AOvVaw1lbgkVJcWj6oVZJokzyTz1>>. Acesso em: 09 Jun. 2019.

LUEGI, P.; COSTA, A.; MAIA, M.. Processamento e interpretação de sujeitos nulos e plenos em português europeu e em português do Brasil. *Cadernos de Letras da UFF - Dossiê: Anáfora e correferência: temas, teorias e métodos* n 49, 2014, p. 67-88. Disponível em: <<https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwi47Kr0-JHkAhWyIbkGHTNaDYMQFjAAegQIAhAC&url=http%3A%2F%2Fwww.cade>>

mosdeletras.uff.br/index.php/cadernosdeletras/article/download/277/255?usg=AOvVaw1bedLvYhbtN4_kx7NNvBd4. Acesso em: 13 Mai. 2018.

LYONS, Christopher. 1999. *Definiteness*. Cambridge: Cambridge University Press. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/231854386_Christopher_LyonsDefiniteness_Cambridge_Cambridge_University_Press_1999_Pp_xx380_-. Acesso em: 11 Jul. 2019.

MAIA, M. A. R. The Processing of Object Anaphora in Brazilian Portuguese. *Revue Linguistique de Vincennes*. França, v. 26, 1997. p. 151-176. Disponível em: https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwiPwa67-JHkAhX2CrkGHe8MAAtYQFjAAegQIARAC&url=http%3A%2F%2Fwww.leffa.pro.br%2Ftela4%2FTextos%2FTextos%2FAnais%2FTextos_Em_Psicolin%2FArtigos%2FThe%2520processing%2520of%2520object%2520anaphora%2520in%2520Brazilian%2520Portuguese.pdf&usg=AOvVaw0PEFFf-AnqIPP8mB40ZpdB. Acesso em: 13 Mai. 2018.

MAIA, M. A. R.; MOURA, A.; SOUZA, M. Ilhas sintáticas e plausibilidade semântica – um estudo de rastreamento ocular de frases com lacunas preenchidas em português brasileiro. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 20, n. 38, p. 287-305, 1º sem. 2016. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/P.2358-3428.2016v20n38p287/10104>. Acesso em: 28 Jul. 2021.

MARTINHO, F. Gramática, vazio e subentendido: sobre algumas construções elípticas em Português. *Revista da Universidade de Aveiro*. Aveiro: Universidade de Aveiro, 1999. Disponível em: <https://www.ua.pt/pt/cllc/page/24042> e <http://sweet.ua.pt/fmart/index.html?elipse>. Acesso em: 04 dez. 2020.

MATOS, G.; CYRINO, S. M. L. *Elipse de VP no Português Europeu e no Português Brasileiro*. II Congresso Internacional da ABRALIN. II Colóquio do Projecto: Português Europeu e Português Brasileiro - unidade e diversidade na passagem do milénio. Fortaleza, 14 a 16 de março de 2001. Disponível em: http://www.clul.ulisboa.pt/files/directiva/2001MATOS_CYRINO-Fortaleza.pdf. Acesso em 17 Set. 2020.

MATOS, G.; CYRINO, S. Elipse de VP no Português Europeu e no Português Brasileiro. *Boletim da ABRALIN*, n. 26, especial, p. 386-390, 2001. Disponível em: https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwibtejN-JHkAhXDI7kGHYvhAvkQFjAAegQIARAC&url=http%3A%2F%2Fwww.clul.ulisboa.pt%2Ffiles%2Fdirectiva%2F2001MATOS_CYRINO-Fortaleza.pdf&usg=AOvVaw2qXGxFvhPEy4wiq_7M54Np. Acesso em: 13 Mai. 2018.

MATTOS E SILVA, R. V. *O português são dois: novas fronteiras, velhos problemas*. São Paulo: Parábola, 2004.

MATTOS E SILVA, R. V. *Tradição gramatical e gramática tradicional*. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2000.^[L]_[SEP]

MATTOS E SILVA, R. V. Português Brasileiro - Raízes e Trajetórias. *Ciência Hoje*. Revista da SBPC: Volume 15. Número 86, 1992.^[L]_[SEP]

MENUZZI, S.; LOBO, M. Binding theory and pronominal anaphora in Brazilian Portuguese. 1999. In: WETZELS, W. L.; COSTA, J.; MENUZZI, S. (eds.) *The Handbook of Portuguese Linguistics*. Wiley and Blackwell, 2016.

MERCHANT, J. Ellipsis: A survey of analytical approaches. In: VAN CRAENENBROECK, J.; TEMMERMAN, T. *A handbook of ellipsis*. Oxford: Oxford University Press, 2016.

MIOTO, C. Sobre o sistema cp no português brasileiro. *Revista Letras*, [S.l.], v. 56, dez. 2001. ISSN 2236-0999. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/18409>. Acesso em: 02 Ago. 2021. doi:<http://dx.doi.org/10.5380/rel.v56i0.18409>.

MIOTO, C.; SILVA, M. C. F.; LOPES, R. E V. *Novo manual de sintaxe*. 3.ed. Florianópolis: Insular, 2007; São Paulo: Contexto, 2013.

MIRA MATEUS, M. H. et al. *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa, Caminho: 2003.

MIYAGAWA, S. Primacy of person agreement: revisiting Jaeggli and Safir's morphological uniformity for pro-drop. Talk given at MIT. 2010. apud COSTA, J.; LOBO, M. Objeto nulo na aquisição do português europeu: pro ou variável? Textos Seleccionados. XXVI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística. Lisboa, APL: 2011. pp. 197 – 207. Disponível em: https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKewiCx777ypvkAhU_K7kGHZ5ACPAQFjAAegQIABAB&url=http%3A%2F%2Ffabricadesites.fcsh.unl.pt%2Fclunl%2Fwp-content%2Fuploads%2Fsites%2F12%2F2017%2F07%2FObjeto-nulo-na-aquisi%25C3%25A7%25C3%25A3o-do-Portugu%25C3%25AAs-Europeu.pdf&usg=AOvVaw0clhchrMyyXGmWfi8cWPy9. Acesso em: 20 Mar. 2018.

MORAIS, M. A. T.; RIBEIRO, I. *Colocação de clíticos no português europeu e brasileiro*. 2005. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/37261/39982>>. Acesso em: 24 Mai. 2019.

MORGADO, Sara; LOBO, Maria; LUEGI, Paula. Efeitos de animacidade do antecedente na interpretação de pronomes sujeito. CLUNL/FCSH. Universidade Nova de Lisboa. CLUL XXXIII ENAPL, Évora, 27-29 setembro 2017. Disponível em: <

https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=3&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwiUnKuS-JHkAhUFHrkGHY93DB8QFjACegQIBBAC&url=https%3A%2F%2Fnovaresearch.unl.pt%2Ffiles%2F3507676%2FAPLversao.pdf&usg=AOvVaw1EIBE_DqPpXGKiDMo4F1dS>. Acesso em: 04 Jan. 2018.

MÜLLER, A. L. Pronomes e anáforas – o estado da arte. *Linha d'água*, n. 16, p. 17-37, Setembro de 2003. DOI: 10.11606/issn.2236-4242.v0i16p17-37. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/37247>. Acesso em: 02 Ago. 2021.

MÜLLER, N.; HULK, A. Crosslinguistic influence in bilingual language acquisition: Italian and French as recipient language. *Bilingualism: Language and Cognition*, v. 4, 2001. Disponível em: <https://eric.ed.gov/?id=EJ632699>. Acesso em: 09 Ago. 2019.

MUNN, Alan. Islands constraints. 2007. Reformulado em 2016. *LIN 434 Problem sets*. Michigan State University. Disponível em: <https://msu.edu/course/lin/434/Psets/island-constraints.pdf>>. Acesso em:

NARDELLI, Marina Cestari. Omissão de pronomes clíticos em crianças bilingues português europeu e espanhol ibérico -. Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Dissertação de mestrado em ciências da linguagem, outubro de 2015. Orientação: Maria Lobo. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwj-oOeA-JHkAhW7GbkGHb9WBnoQFjABegQIABAC&url=https%3A%2F%2Frun.unl.pt%2Fbitstream%2F10362%2F18215%2F1%2Fdissertacao_marina_nardelli_13376.pdf&usg=AOvVaw14OurC2Z2DDkThMFvsmmX4>. Acesso em: 04 Jan. 2018.

NARDELLI, M. C.; LOBO, M. Omissão de clíticos na aquisição bilingue português-espanhol. *Revista da APL* 3, 2017. p. 241-263. Disponível em: <https://puredev.unl.pt/portal/files/3483716/Omiss_o_de_cl_ticos_na_aquisi_o_bilingue_portugu_s_espanhol.pdf>. Acesso em: 28 Jul. 2019.

NASCIMENTO, S. H. L. do. Notas sobre inacusatividade e especificidade. 1999. *Working papers em linguística*. Santa Catarina, UFSC, n 3, 1999. p. 94- 115. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwjwd_v95HkAhVaD7kGHQ9D2YQFjABegQIAhAC&url=https%3A%2F%2Fperiodicos.ufsc.br%2Findex.php%2Fworkingpapers%2Farticle%2Fdownload%2F2314%2F2000&usg=AOvVaw3WUJQIBFTY68b6XPwXawLF>. Acesso em: 04 Jan. 2018.

NUNES, J. M. De clítico à condordância: o caso dos acusativos de terceira pessoa em português brasileiro. *Cadernos de Estudos Linguísticos*. 57.1. Campinas, Jan./Jun. 2015. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8641472/8989>. Acesso em: 06 Jul. 2017.

NUNES, J. M. Direção de cliticização, objeto nulo e pronome tônico na posição de objeto em português brasileiro. In: KATO, M. A. e ROBERTS, I. (orgs.) *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. 2 ed. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1996. p. 207-222. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwi4y_vh95HkAhXVGbkGHZUcAkgQFjAAegQIABAB&url=https%3A%2F%2Fwww.researchgate.net%2Fpublication%2F303919827_Direcao_de_cliticizacao_objeto_nulo_e_pronome_tonico_na_posicao_de_objeto_em_portugues_brasileiro&usg=AOvVaw3Rlw4kIv_Hqz--aE7X_m3>. Acesso em: 04 Jan. 2018.

NUNES, J.; ZOCCA, C. Lack of morphological identity and ellipsis resolution in brazilian portuguese. In: NUNES, J. *Minimalist Essays on Brazilian Portuguese Syntax*. Amsterdam: John Benjamins Editors, 2009. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/284559055_Lack_of_morphological_identity_and_ellipsis_resolution_in_Brazilian_Portuguese. Acesso em: 15 Set. 2020.

OLIVEIRA, D. M. de. *Tudo*: multifuncionalidade e definitude. Dissertação (Mestrado). Florianópolis, UFSC, 2006. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/88697/226909.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 11 Jul. 2019.

OLIVEIRA, M. F. de. O agente e o paciente em Língua Portuguesa: caracterização em propriedades semânticas e estudo diacrônico. Tese (Doutorado). Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, 2009. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufba.br:8080/ri/bitstream/ri/10963/1/Mariana%20Fagundes%20de%20Oliveira%20P1.pdf>>. Acesso em: 08 Jul. 2018.

OLIVEIRA, M. *A natureza do SN e do “clítico” acusativo de 3a pessoa no processo de aprendizagem do PB*. Disponível em: <<http://www.gel.hospedagemdesites.ws/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2005/4publica-estudos-2005-pdfs/a-natureza-do-sn-e-do-clitico-1614.pdf?estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2005/4publica-estudos-2005-pdfs/a-natureza-do-sn-e-do-clitico-1614.pdf>>. 2005. Acesso em: 22 Jul. 2018.

OTHERO, G. A.; AYRES, M. R.; SCHWANKE, C.; SPINELLI, A. C. A relevância do traço de gênero semântico na realização do objeto nulo em português brasileiro. In: *Working Papers em Linguística*. v, 17 (1), 2016. Disponível em: <<https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwiPwr7S95HkAhXbIbkGHbqxDYkQFjABegQIABAC&url=https%3A%2F%2Fwww.lume.ufrgs.br%2Fbitstream%2Fhandle%2F10183%2F163471%2F001017360.pdf%3Fsequence%3D1%26isAllowed%3Dy&usg=AOvVaw2do5KbmrAeBzENs4UrZvpM>>. Acesso em: 04 Jan. 2018.

OTHERO, G. A.; SCHWANKE, C. Retomadas anafóricas de objeto direto em português brasileiro escrito. In: *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 25, n. 3,

2017. Disponível em:
 <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKewjL6Zu-95HkAhXEH7kGHQN3DRsQFjABegQIAhAB&url=https%3A%2F%2Fwww.researchgate.net%2Fpublication%2F321405916_Retomadas_anaforicas_de_objeto_direto_em_portugues_brasileiro_escrito&usg=AOvVaw06KWbr8GSI dy-3CZ_TZIG5>. Acesso em: 04 Jan. 2018.

PAGOTTO, E. *Clíticos: mudança e seleção natural*. In: KATO, M. A. e ROBERTS, I. (orgs.) *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. 2 ed. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1996. p. 185-206.

PARCERO, L. M. J. *Gramática dos Pronomes-completo*. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/anais/anais%20iv/civ01_53-60.html>. Acesso em: 22 Jul. 2019.

PARTEE, B. H. Nominal and temporal anaphora. *Linguistics and Philosophy* 7, 1984. p. 243-286. Disponível em: <<https://philpapers.org/rec/PARNAT>>. Acesso em: 11 Jul. 2019.

PEREIRA, I.; COELHO, I. L. O uso variável das formas anafóricas no acusativo. *Letrônica*, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p. 288-318, jan./jun., 2013. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/13422>. Acesso em: 24 Abr. 2020.

PEREIRA, M. B.; MAGALHAES, T. O objeto nulo no dialeto de vitória da conquista: um estudo comparativo. III Seminário de Pesquisa em Estudos Linguísticos, vol. 2, no 1 (2007) p. 245 a 248. Disponível em: <<http://periodicos.uesb.br/index.php/periodicos-uesb-br-spel/article/viewFile/1318/1212>>. Acesso em: 08 abr. 2019.

PERELMUTER, M. Fr. *A compreensão de reflexivos e pronominais por crianças falantes de português brasileiro*. Dissertação (Mestrado). Orientadora: Prof^a. Dr^a. Letícia Maria Sicuro Corrêa. PPGEL – Programa de Pós Graduação em Estudos de Linguagem. Departamento de Letras – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2020. 165 p.

PÉREZ-LEROUX, A.; PIRVULESCU, M.; ROBERGE, Y. Bilingualism as a window into the language faculty: The acquisition of objects in French-speaking children in bilingual and monolingual contexts. In: *Bilingualism: Language and Cognition*, 12, 01. p. 97 – 112. Janeiro, 2009. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/231931038_Bilingualism_as_a_window_into_the_language_faculty_The_acquisition_of_objects_in_French-speaking_children_in_bilingual_and_monolingual_contexts>. Acesso em: 06 Jun. 2018.

PHILLIPS, C.; PARKER, D. The psycholinguistics of ellipsis. *Lingua* - 2104. v. 151, Part A, November, 2013, p. 78-95. Disponível em: <http://www.colinphillips.net/wp-content/uploads/2014/08/phillips-parker2014.pdf>; <https://doi.org/10.1016/j.lingua.2013.10.003>. Acesso em: 28 Jul. 2021.

PICALLO, M. C. A note on the locus and function of formal gender. *Borealis – An International Journal of Hispanic Linguistics*, v. 6, n.1, 1. 2017. DOI: <https://doi.org/10.7557/1.6.1.4097>.

PICALLO, C. Nominals and nominalization in Catalan. In: *Probus*, v. 3, n. 3, p. 279-316, 1991.

PIVETTA, V. Objeto anafórico no português brasileiro: uma discussão sobre a importância dos traços semântico-pragmáticos – animacidade/especificidade vs gênero semântico. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2015. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwjHvJqM95HkAhUqF7kGHQXBALEQFjAAegQIAxA&url=https%3A%2F%2Fwww.lume.ufrgs.br%2Fhandle%2F10183%2F131776&usq=AOvVaw34cTllffR7-6rcMe1imFa7>. Acesso em: 04 Jan. 2018.

PONTES, E. *O tópico no português do Brasil*. Campinas: Pontes, 1987.

QUEIROZ, K. L.; LEITÃO, M. M. Processamento do sujeito anafórico em Português Brasileiro. Resumo. In: *Veredas on-line – Psicolinguística*. PPG Linguística/UFJF. 2/2008, Juiz de Fora, p.163-166. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/resumo07.pdf>. Acesso em: 09 Ago. 2019.

QUINE, Willard van Orman. *From a Logical Point of View*. Harvard University Press, 1953. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=en&lr=&id=OalXwuw3MvMC&oi=fnd&pg=PA1&dq=From+a+Logical+Point+of+View+Quine&ots=202J1ovfU3&sig=7u9wJCSB_e0jk5crhJ0VY0YhUMA&redir_esc=y#v=onepage&q=From%20a%20Logical%20Point%20of%20View%20Quine&f=false. Acesso em: 11 Jul. 2019.

RAMOS, J.; VITRAL, L. Resenha: RAPOSO, E. 1992. *Teoria da Gramática: A faculdade da linguagem*. Lisboa: Ed. Caminho, 527 p. DELTA, n. 1, vol. 13, São Paulo, Fev. 1997. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-44501997000100007>.

RAPOSO, E. P. Objectos Nulos e CLLD: uma teoria unificada. *Revista da ABRALIN*, vol. 3, n. 1-2, p. 41-73, jul./dez. 2004a. Disponível em: <http://revistas.ufpr.br/abralin/article/view/52667/32376>. Acesso em: 11 Jul. 2019

RAPOSO, E. P. On the null object in european portuguese. In: JAEGGLI, O.; SILVA-CORVALÁN, C. (Ed.). *Studies in Romance Linguistics*. Foris, Dordrecht, 1986. p. 373-390. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?id=kIG9DwAAQBAJ&pg=PA387&lpg=PA387&dq=%22\(i\)%09Se+tu+comprares+o+livro,+eu+leio+.%22&source=bl&ots=WNrQmB34S&sig=ACfU3U1soCA0Zd7NYeE9BEbRONAbjRIs5Q&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwimzbuGj9zrAhXYGLkGHTRQDc0Q6AEwAHoECAEQAQ#v=onepage&q=%22\(i\)%09Se%20tu%20comprares%20o%20livro%2C%20eu%20leio%20.%22&f=false](https://books.google.com.br/books?id=kIG9DwAAQBAJ&pg=PA387&lpg=PA387&dq=%22(i)%09Se+tu+comprares+o+livro,+eu+leio+.%22&source=bl&ots=WNrQmB34S&sig=ACfU3U1soCA0Zd7NYeE9BEbRONAbjRIs5Q&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwimzbuGj9zrAhXYGLkGHTRQDc0Q6AEwAHoECAEQAQ#v=onepage&q=%22(i)%09Se%20tu%20comprares%20o%20livro%2C%20eu%20leio%20.%22&f=false). Acesso em: 09 Set. 2020.

RAPOSO, E. P. Colocação dos clíticos nas línguas românicas: aspectos universais e aspectos particulares. USCB, 2004b.

REINHART, T. M. The syntactic domain of anaphora. Cambridge, MA: MIT Press, 1976. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/36110685_The_syntactic_domain_of_a_naphora>. Acesso em: 22 Jul. 2018.

RICHARDSON, F. M.; THOMAS, M. S.; FILIPPI, R.; HARTH, H.; PRICE, C. J. Contrasting effects of vocabulary knowledge on temporal and parietal brain structure across lifespan. In: *Journal of Cognitive Neuroscience*. n. 22, 2010. p. 943–954. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2860571/>>. Acesso em: 09 Ago. 2019.

RICHARDSON, Fiona M.; THOMAS, Michael S.; PRICE, Cathy J. Neuronal Activation for Semantically Reversible Sentences. In: *Journal of Cognitive Neuroscience*, v. 22, n. 6, p. 1283-1298, June, 2010. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1162/jocn.2009.21277>. Acesso em: 09 Ago. 2019.

RINKE, E. *Does animacy matter for the realization of null objects in European Portuguese?* Evidence from monolingual and bilingual language acquisition and use. International meeting Null objects from a crosslinguistic and developmental perspective. University of Minho, 29-30 Jan. 2021. Disponível em: <http://cehum.ilch.uminho.pt/null/static/handouts/1.pdf>. Acesso em: 30 Jan. 2021.

RINKE, E.; FLORES, C.; BARBOSA, P. Null objects in the spontaneous speech of monolingual and bilingual speakers of European Portuguese. *Probus*, Manuscrito. 2017.

ROBERTS, I. Verb movement and markedness. In: GRAFF, M. de (org.) *Language creation and language change* Cambridge, MIT Press, 1999. p. 287-327. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwisp6PC9pHkAhWIA9QKHb_bCkYQFjAAegQIBBA&url=https%3A%2F%2Fwww.taylorfrancis.com%2Fbooks%2Fe%2F9781315310572%2Fchapters%2F10.4324%2F9781315310572-12&usq=AOvVaw1c1pd5VCIhZHd91VuWuEhk>. Acesso em: 18 Mai. 2018.

RODRIGUES, E. dos S. *O estudo psicolinguístico da produção da linguagem: uma breve apresentação de métodos empregados na investigação do processamento adulto*. 2000-. Disponível em: <http://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/download/4426/3198>. Acesso em: 04 Ago. 2019.

RONCARATI, C. e ABRAÇADO, J. (Orgs.). *Português brasileiro: contato lingüístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003.

RONDAL, J.-A.; ESPERET, E.; GOMBERT, J.; THIBAUT, J.-P.; COMBLAIN, A. Desenvolvimento da linguagem oral. In: PUYUELO, M.; RONDAL, J.-A. (Eds.) *Manual de desenvolvimento e alterações da linguagem na criança e no adulto*. Porto Alegre: Artmed, 2007. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/6692407/desenvolvimento-da-linguagem-oral-jean-adolphe-rondal-eric-esperet-jean-emile-gombert-jean-pierre-thibaut-e-annick-comblain-/5>. Acesso em: 18 Abr. 2018.

ROSS, J. R. *Constraints on variables in syntax*. PhD dissertation. Massachusetts Institute of Technology, 1967. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1721.1/15166>>. Acesso em: 29 mar. 2019.

RUDA, M. *Analyses of null arguments meet a bare NP, consistent NS, partial NO language*. Cambridge Comparative Syntax 9 – Where is the variation: syntax or PF?. 2020. Disponível em: <https://camcos9.files.wordpress.com/2020/08/rudamerged.pdf>. Acesso em: 10 Abr. 2021.

RUDA, M. *On the Syntax of Missing Objects: A study with special reference to English, Polish, and Hungarian*. John Benjamins Publishing Company, 2017. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=vYE7DwAAQBAJ&pg=PA73&lpg=PA73&dq=tancredi+1992+sloppy&source=bl&ots=1w8KifNWbo&sig=ACfU3U0KCR TdfG0ryo6l2yY41gdQGPDtKw&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwiSx56lku7rAhVIHLkGHQ4TAK4Q6AEwAnoECAoQAAQ#v=onepage&q=tancredi%201992%20sloppy&f=false>. Acesso em: 16 Set. 2020.

RUDA, M. *On the V-Stranding VP Ellipsis Analysis of Missing Objects in Polish*. Disponível em: https://ruj.uj.edu.pl/xmlui/bitstream/handle/item/20750/ruda_on_the_v-stranding_vp_ellipsis_analysis_2014.odt?sequence=2&isAllowed=y. Acesso em: 05 Abr. 2021.

RUDA, M. Null Arguments and Diagnostic Issues. Argument Ellipsis vs. Null Pronouns. Handout. *Null objects from a crosslinguistic and developmental perspective International Meeting*. University of Minho. 29-30 January, 2021. Due to COVID-19, the conference was held online.

SACHS, J. S. Recognition memory for syntactic and semantic aspects of connected discourse. *Percept Psychophys*. n. 2, v. 9, p. 437 – 42, 1967. Disponível em: <https://doi.org/10.3758/BF03208784>. Acesso em: 05 Abr. 2021.

SAFIR, K. Abandoning Coreference. DOI:10.1093/acprof:oso/9780199248964.003.0005. In: BERMÚDEZ, José Luis. *Thought, Reference, and Experience: Themes from the Philosophy of Gareth Evans*. Oxford Scholarship Online, 2009. DOI: 10.1093/acprof:oso/9780199248964.001.0001. Acesso em: 05 Abr. 2021.

SAINZMAZA-LECANDA, L.; SCHWENTER, S. A. Null objects with and without bilingualism in the Portuguese – and Spanish – speaking world. In: BELLAMY, K.; CHILD, M. W.; GONZÁLEZ, P.; MUNTENDAM, A.; COUTO, M. C. P. (Eds.). *Multidisciplinary Approaches to Bilingualism in the Hispanic and Lusophone World*. Cap. 5. Amsterdã: John Benjamins Publishing Company, 2017. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/279533452_Null_Objects_with_and_without_Bilingualism_in_the_Portuguese-and_Spanish-Speaking_World>. Acesso em: 19 Ago. 2019.

SALLES, J. F.; DE JOURNAL, G. I.; STEIN, L. M. O paradigma de *priming* semântico na investigação do processamento de leitura de palavras. In: *Interação em Psicologia*, 11 (1), p. 71-80. 2007. Disponível em: <http://revistas.ufpr.br/psicologia/article/download/5996/6776>. Acesso em: 09 Ago. 2019.

SALLES, J. F.; MACHADO, L. L.; JANCZURA, G. A. Efeitos de *priming* semântico em tarefa de decisão lexical em crianças de 3ª. série. In: *Psicologia: reflexão e crítica*. v. 24, n. 3, Porto Alegre, 2011. Disponível em: www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722011000300021. Acesso em: 09 Ago. 2019.

SANDERS, T. J. M.; GERNSBACHER, M. A. Accessibility in text and discourse processing. IN: *Discourse Process*. 37 (Issue 2), p. 79-89. Abril de 2004. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/269766657_Accessibility_in_Text_and_Discourse_Processing. Acesso em: 28 Nov 2019.

SCHAEFFER, J. *The acquisition of direct object scrambling and clitic placement*. Amsterdam: John Benjamins, 2000. Disponível em: <https://benjamins.com/catalog/lald.22>. Acesso em: 15 Mai. 2018.

SCHAEFFER, J. *Direct object scrambling in Dutch and Italian child language*. Dissertation. California: UCLA, 1997. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&ret=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwj94IWP9ZHkAhWslbkGHWEtBqMQFjABegQIAhAC&url=http%3A%2F%2Fwww.linguistics.ucla.edu%2Fimages%2Fstories%2Fschaeffer.1997.pdf&usq=AOvVaw1l-3UxSkGt_CES3SyyFoDk>. Acesso em: 18 Mai. 2018.

SCHWENTER, S. A. Null Objects across South America. FACE, T. L.; KLEE, C. A. (Eds.) *Selected Proceedings of the 8th Hispanic Linguistics Symposium*, p. 23-36. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, 2006. Disponível em: <<http://www.lingref.com/cpp/hls/8/paper1252.pdf>> . Acesso em: 18 Ago 2019.

SCHWENTER, S. A. Two kinds of Differential Object Marking in Portuguese and Spanish. In: AMARAL, P.; CARVALHO, A. M. (Ed.). *Portuguese-Spanish Interfaces: diachrony, synchrony, and contact*. Issues in Hispanic and Lusophone Linguistics, v. 1. 2014. p. 237-260. Disponível em: <https://benjamins.com/catalog/ihll.1.12sch>. Acesso em: 10 Abr. 2021.

SCHWENTER, S.; NUNES, L. L. Uma entrevista com Scott Schwenter. In: *ReVEL*, v. 16, n. 30, 2018. Tradução de Gabriel de Ávila Othero.

SCHWENTER, S. A.; SILVA, G. 2002. Overt x Null Direct Object in Spoken Brazilian Portuguese: A Semantic/Pragmatic Account. *Source: Hispania*, v. 85, n. 3, special portuguese issue. p. 577-586, Sept. 2002. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/4141147>>. Acesso em: 11 mar. 2019.

SCHWENTER, S. A.; SILVA, G. Anaphoric Direct Objects in Spoken Brazilian Portuguese: Semantics and Pragmatics. *Revista Internacional de Linguística Iberoamericana*, v. 1, n. 2, out. 2003. p. 99-123. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/41678773>>. Acesso em: 11 mar. 2019.

SCHWENTER, S. A. Two kinds of Differential Object Marking in Portuguese and Spanish. In: AMARAL, P., CARVALHO, A. M. (Eds.), *Portuguese/Spanish interfaces*, 237-260. Amsterdam: Benjamins, 2014.

SILVA, F. B. A realização do objeto direto anafórico por clíticos e pronomes lexicais: um caso de variação. *Claraboia*. Revista do Curso de Letras da UENP, Jacarezinho-PR, n. 1/2, p. 57-74, jun./dez. 2014.

SILVA, M. Construções de topicalização e objeto nulo em português L2. Textos Seleccionados, XXVII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Lisboa, APL, 2012, pp. 587-603, ISBN 978-989-97440-1-1. Disponível em: https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwi6tYj39JHkAhW_JLkGHdUTDRYQFjAAegQIARAB&url=https%3A%2F%2Fdocplayer.com.br%2F19513740-Construcoes-de-topicalizacao-e-objeto-nulo-em-portugues-l2-mariana-silva-centro-de-linguistica-da-universidade-nova-de-lisboa.html&usg=AOvVaw20omyMEGCiIL4hLuhgtvrH. Acesso em: 18 Jul. 2018.

SILVA, M. Construções de topicalização e objeto nulo em português L2. Textos Seleccionados, XXVII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Lisboa, APL, 2012. p. 587-603, ISBN 978-989-97440-1-1. Disponível em: <https://docplayer.com.br/19513740-Construcoes-de-topicalizacao-e-objeto-nulo-em-portugues-l2-mariana-silva-centro-de-linguistica-da-universidade-nova-de-lisboa.html>. Acesso em: 13 Abr. 2021.

SILVA, M. Topicalização e Objeto Nulo em Português L2. (Dissertação) Mestrado em Ciências da Linguagem – Psicolinguística. Orientação: Ana Madeira. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2012. Disponível em: <<https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwjfxanf9JHkAhX7K7kGHUQBBx8QFjAAegQIABAB&url=https%3A%2F%2Frun.unl.pt%2Fhandle%2F10362%2F7390&usg=AOvVaw0VtafgMXm5TRxyc7P2pzcH>>. Acesso em: 18 Mai. 2018.

SILVA, M. C. V. F. Objeto nulo versus estratégias pronominais no português rural do Estado da Bahia e no de Portugal. In: *Confluência* – Revista do Instituto de Língua Portuguesa. Liceu Literário Português do Rio de Janeiro. n. 46, 1º semestre/2014. Disponível em: <
<http://lp.bibliopolis.info/confluencia/rc/index.php/rc/article/view/10>>. Acesso em: 09 ago. 2019.

SILVA, M. C. V. F. *O objeto nulo no português rural baiano: teoria temática e elipse de DP*. Tese (Doutorado). Orientadores: Ilza Maria de Oliveira Ribeiro; Dante Eustachio Lucchesi Ramacciotte. Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2009. Disponível em: <
<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/11608/1/Maria%20Cristina%20Silva.pdf>
 >. Acesso em: 16 Mar. 2020.

SOARES, E. C.; MILLER, P.; HEMFORT, B. The Effect of semantic and discourse features on the use of null and overt subjects – a quantitative study of third person subjects in Brazilian Portuguese. *D.E.L.T.A.*, n. 36, v. 1, 2020, p.1-38. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1678-460X2020360107> Acesso em: 01 Set. 2020.

SORACE, A. *The ecology of L2 learning and L1 change in adult bilingualism*. Virtual colloquium. Michigan University Department of Linguistics. October 9, 2020, 4:00-6:00 PM. Zoom event link: <https://umich.zoom.us/j/92801887528>.

SOUSA, L. T. de. Elipse em português brasileiro. In: *Cuadernos de la Alfal*, n. 12, v. 2, Noviembre, 2020. p. 430-447. ISSN 2218- 0761, Disponível em: https://www.mundoalfal.org/sites/default/files/revista/12_2_cuaderno_019.pdf. Acesso em: 04 dez. 2020

STROHNER, H.; KEITH, E. N. The young child's development of sentence comprehension: In uence of event probability, nonverbal context, syntactic form, and strategies. *Child Development*, n. 45, p. 567–576, 1974.

SZABOLCSI, A.; LOHNDAL, T. Strong vs. Weak Islands. In: EVERAERT, M.; VAN RIEMSDIJK, H. (eds.). *The blackwell companion to syntax*. Vol. 4. Cap. 64. p. 1-44. New Jersey: Wiley-Blackwell, 2007. Disponível em: https://ling.auf.net/lingbuzz/002706/current.pdf?s=-NEG1YM60RFIYU_N. Acesso em: 28. Mai. 2019.

TAKAHASHI, D. Quantificational null objects and argument ellipsis. In: *Linguistic Inquiry*. v. 39, n. 2 , Primavera de 2008, p. 307-326. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/40071436?read-now=1&seq=6#page_scan_tab_contents. Acesso em: 21 Ago. 2019.

TANCREDI, C. (1992). Deletion, Deaccenting, and Presupposition. Dissertation, MIT. Disponível em: <https://dspace.mit.edu/handle/1721.1/12893>. Acesso em: 04 dez 2020.

TARALLO, F. L. *Relativization strategies in Brazilian Portuguese*. Tese de Doutorado. Univ. of Pennsylvania.USA, 1983. Disponível em: <

<https://repository.upenn.edu/dissertations/AAI8326337/>>. Acesso em: 29 Jul. 2018.

TARALLO, F. *Tempos lingüísticos: itinerário histórico da Língua Portuguesa*. 2 ed. São Paulo: Ática, 1994.

TARALLO, F.. *Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém e d'além-mar ao final do século XIX*. In: KATO, M. A.; ROBERTS, I. (Orgs.) *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. 2 ed. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1996.

TEDESCHI, R. The acquisition of object clitics in Italian: Data from an elicited production task. In: *Annali Online di Ferrara – Lettere*. v. 2. 2006, p. 31 – 42. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/46684185_The_acquisition_of_object_clitics_in_Italian_Data_from_an_elicited_production_task>. Acesso em: 06 Ago. 2019.

TEIXEIRA, M. T. O efeito de *priming* sintático no processamento de sentenças ativas e passivas do português brasileiro. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós- Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2016. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/6815/2/DIS_MARIANA_TERRA_TEIXEIRA_COMPLETO.pdf>. Acesso em: 08 Ago. 2019.

TEIXEIRA, M. T. Processamento de anáfora pronominal na leitura_ metodos psicolinguísticos. Letras em Revista, Teresina, v. 08, n. 01, Jan/Jun, 2017. Disponível em: <https://www.academia.edu/35044013/Processamento_de_anáfora_pronominal_na_leitura_metodos_psicolingu%C3%ADsticos.docx>. Acesso em: 09 Ago. 2019.

TEYSSIER, P. *História da língua portuguesa*. Traduzido por Celso Cunha. 2 ed. Lisboa: Sá da Costa, 1984.

TOMAZ, M.; LOBO, M.; MADEIRA, A.; SOARES-JESEL, C.; VAZ, S. Omissão e colocação de clíticos por crianças bilíngues Português-Francês. Caderno de resumos do XXXIV ENAPL, 2018. Disponível em: <<https://novaresearch.unl.pt/en/publications/omiss%C3%A3o-e-coloca%C3%A7%C3%A3o-de-cl%C3%ADticos-por-crian%C3%A7as-bilingues-portugu%C3%AAs->>>. Acesso em: 28 Jul. 2019.

TOMAZ, M.; LOBO, M.; MADEIRA, A.; SOARES-JESEL, C.; VAZ, S. Omissão e colocação de clíticos por crianças bilíngues Português-Francês. *Revista da Associação Portuguesa de Linguística*, n. 5, 2019. DOI: <https://doi.org/10.26334/2183-9077/rapln5ano2019a25>. Disponível em: <https://ojs.apl.pt/index.php/rapl/article/view/23>. Acesso em: 01 jan. 2021.

TOWNSEND, D. J.; BEVER, T. G. Interclause Relations and Clausal Processing. *Journal of Verbal Learning and Verbal Behavior*, n. 17, p. 509 – 521, 1978. Disponível em:

<https://arizona.pure.elsevier.com/en/publications/interclause-relations-and-clausal-processing>. Acesso em: 05 Abr. 2021.

TSAKALI, V. WEXLER, K. Why children omit clitics in some languages but not in others: new evidence from Greek. 2003. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/253062544_Why_Children_Omit_Clitics_in_Some_Languages_but_not_in_Others_New_Evidence_from_Greek_1>. Acesso em: 11 Jul. 2011.

URIAGEREKA, J. Multiple spell-out. In: EPSTEIN, S. D.; HORNSTEIN, N. (Eds.) *Working minimalism*. Cambridge/Mass: MIT Press, 1999.

VALIAN, V. Null objects: a problem for parameter-setting models of language acquisition. In: *Cognition*, v. 35, p. 105-122, 1990. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/2354609>>. Acesso em: 20 Jul. 2019.

VALVERDE-HÜBNER, M. S. Em busca de uma caracterização do objeto nulo no português brasileiro. Dissertação (Mestrado). Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas. Universidade de Brasília. Brasília, 2012. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/33543004.pdf>>. Acesso em: 09 Ago. 2019.

VENTURA, L. S. N. M; MAIA, M. A. R.; GUESSER, S. L. Estudo de rastreamento ocular sobre o estatuto sintático da categoria vazia na topicalização à esquerda sem retomada explícita no PB. *ReVEL*, n. 30, v. 16, 2018. Disponível em: <<http://www.revel.inf.br/files/24c6f6addba54f8d31701a07d0152896.pdf>>. Acesso em: 18 Mar 2020.

WEXLER, K. GAVARRÓ, A.; TORRES, V. Feature checking and object clitic omission in child Catalan and Spanish. 2003. Disponível em: <<https://pdfs.semanticscholar.org/1668/33849411714ead049b3e3a11b5ba14dbda89.pdf>>. Acesso em: 11 Jul. 2018.

WEXLER, K. Very early parameter setting and the unique checking constraint: A new explanation of the optional infinitive stage. In: *Lingua*, v. 106, Issues 1-4, December, 1998, p. 23-79. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0024384198000291>>. Acesso em: 09 Ago. 2019.

WILSON, D.; SPERBER, D. Relevance Theory. In: HORN L. R.; WARD, G. (Ed.). *The Handbook of Pragmatics*. Massachusetts: Blackwell, 2004, p. 607-632.

YAMAMOTO, M. (1999). Animacy and Reference: A cognitive approach to corpus linguistics. John Benjamins. Disponível em: <https://books.google.com.br/books/about/Animacy_and_Reference.html?id=3818kmnuVCsC&redir_esc=y>. Acesso em: 28 Jul. 2018.

YOKOTA, R. *A marcação do caso acusativo na interlíngua de brasileiros que estudam o espanhol*. São Paulo, 2001. Dissertação (Mestrado) - DL/FFLCH /USP,

inédita. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-19042002-214712>>. Acesso em: 11 Jul. 2018.

ZOCCA, C. L. *O que não está lá?* Um estudo sobre morfologia flexional em elipses. Dissertação (Mestrado). Depto. de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas Orientador: Jairo Morais Nunes. 2003. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/269086/1/Zocca_CynthiaLevart_M.pdf. Acesso em: 04 dez. 2020.

12 Anexo – Frases Experimentais do Experimento 1

12.1 Pré-teste

1. Aqui tem *um leão* e um macaco. Agora veja o que está acontecendo! (*O macaco está pulando o leão*)
2. Aqui tem um sapo e *uma flor*. Agora veja o que está acontecendo! (*O sapo está segurando/pegou a flor*)^[SEP]
3. Aqui tem um elefante e *uma vaca*. Agora veja o que está acontecendo! O elefante está molhando a vaca. E por isso... (*A vaca ficou triste/aborrecida*)
4. Aqui tem *um sapo* e um tigre. Agora veja o que está acontecendo! O tigre está puxando o sapo (num carrinho). E por isso... (*O sapo ficou contente*)

12.2 Condições e trials

12.2.1 C1: frases QU; antecedente [– animado]

1. Aqui tem uma menina e *um chinelo* (masc). E agora? O que é que a menina está fazendo com o chinelo? (calçar/botar no pé)
2. Aqui tem um menino e *uma televisão* (fem). E agora? O que é que o menino está fazendo com a televisão? (carregar/agarrar)
3. Aqui tem *um carrinho* e um menino (masc). E agora? O que é que o menino está fazendo com o carrinho? (puxar)
4. Aqui tem *uma maçã* (fem) e uma formiga. E agora? O que é que a formiga está fazendo com a maçã? (comer)
5. Aqui tem um palhaço e *um pão* (masc) (em cima da mesa). E agora? O que é que o palhaço está fazendo com o pão? (cortar)
6. Aqui tem *uma porta* (fem) e um cachorro. E agora? O que é que o cachorro está a fazendo com a porta? (pintar)

12.2.2 C2: frases QU; antecedente [+ animado]

1. Aqui tem um macaco e *um gato* (masc). E agora? O que é que o macaco está fazendo com o gato? (carregar)
2. Aqui tem uma borboleta e *uma formiga* (fem). E agora? O que é que a borboleta está fazendo com a formiga? (beijar)
3. Aqui tem *um urso* (masc) e um gato. E agora? O que é que o gato está fazendo com o urso? (molhar)
4. Aqui tem *uma girafa* (fem) e uma vaca. E agora? O que é que a vaca está fazendo com a girafa? (levantar)
5. Aqui tem *um tigre* (masc) e um urso. E agora? O que é que o urso está fazendo com o tigre? (empurrar/pegar)
6. Aqui tem um macaco e *uma tartaruga* (fem). E agora? O que é que o macaco está fazendo com a tartaruga? (limpar)

12.2.3 C3: frases do tipo cloze; antecedente [– animado]

1. Aqui tem um gato e um *copo de leite* (masc). Agora veja o que está acontecendo! O gato está bebendo o leite do copo. Então, o leite vai acabar porque o gato ... (beber)
2. Aqui tem uma formiga e *uma maçã* (fem). Agora veja o que está acontecendo! A formiga está comendo a maçã. Então, a maçã ficou mordida porque a formiga ... (comer/morder)
3. Aqui tem *um vaso de planta* (masc) e uma girafa. Agora veja o que está acontecendo! A girafa está chutando o vaso de planta. Então, o vaso vai virar pro chão porque a girafa ... (chutar)
4. Aqui tem *uma pedra* (fem) e um urso. Agora veja o que está acontecendo! O urso está levantando a pedra. Então, a pedra ficou fora do chão porque o urso ... (levantar/suspender)
5. Aqui tem um palhaço e *um carrinho* (masc.). Agora veja o que está acontecendo! O palhaço está puxando o carrinho. Então, o carrinho andou porque o palhaço ... (puxar)
6. Aqui tem *uma cadeira* (fem) e um gato. Agora veja o que está acontecendo. O gato está derrubando a cadeira. Então, a cadeira vai cair no chão porque o gato ... (derrubar)

12.2.4 C4: frases do tipo *cloze*; antecedente [+ animado]

1. Aqui tem uma menina e *um menino* (masc). Agora veja o que está acontecendo! A menina está pintando o menino. Então, o menino ficou aborrecido porque a menina... (pintou/sujou)
2. Aqui tem uma menina e *uma bailarina* (fem). Agora veja o que está acontecendo! A garota está enfeitando a bailarina. Então, a bailarina vai ficar bonita porque a garota ... (enfeitar)
3. Aqui tem *um macaco* (masc) e um elefante. Agora veja o que está acontecendo! O elefante está lavando o macaco. Então, o macaco vai ficar limpinho porque o elefante ... (lavou)
4. Aqui tem *uma formiga* (fem) e uma borboleta. Agora veja o que está acontecendo! A borboleta está lambendo a formiga. Então, a formiga ficou surpresa porque a borboleta ... (lamber)
5. Aqui tem *um porco* (masc.) e um tigre. Agora veja o que está acontecendo! O tigre está puxando o porco (num carrinho). Então, o porco ficou contente porque o tigre ... (puxar)
6. Aqui tem uma garota e *uma bailarina* (fem). Agora veja o que está acontecendo! A garota está vestindo a bailarina. Então, a bailarina ficou pronta porque a garota... (vestiu).

13 Anexo – Frases Experimentais do Experimento 2

13.1 Condições e trials

13.1.1 C1: [+específico]; gênero intrínseco [+semântico]

1. Num castelo não muito longe daqui, houve uma grande festa e muitas damas foram convidadas. Depois da festa, algumas damas saíram para um passeio. O príncipe encontrou *uma dama que estava perdida*. Aí, o príncipe... (*levou a/ela/___/a dama/ a dama que estava perdida de volta*)
2. Na escola dessa história, acabou de acontecer a principal semana de provas. Depois das provas de matemática, três mães foram à escola ver o professor. O professor recebeu *uma mãe que estava preocupada*. Aí, o professor... (*convidou a/ela/___/a mãe/a mãe que estava preocupada*)
3. Alan tem dois filhos que já são casados e moram longe. Ele gosta muito de sua família, então nas férias de verão, Alan decidiu visitar seus filhos e noras. Primeiro, Alan visitou *uma nora que estava grávida*. Aí, Alan... (*abraçou a/ela/___/a nora/ a nora que estava grávida*)
4. No jardim da praça, havia muitas pessoas, naquela tarde. Rodrigo também estava lá. Animado com a chegada da primavera, ele molhava as flores. Rodrigo se distraiu com um cãozinho e não viu *uma mulher que estava sentada*. Aí, Rodrigo... (*molhou a/ela/___/a mulher/a mulher que estava sentada*)

13.1.2 C2 (Análise 1): [+específico]; gênero intrínseco [-semântico]

1. Numa creche da prefeitura, nas primeiras horas da tarde, duas crianças pequenas brincavam perto de um buraco que ninguém tinha visto ainda, no muro. Um pouco depois, do outro lado do muro, André encontrou *uma criança que passou pelo buraco*. Aí, André... (*segurou/levou a/ela/___/a criança/ a criança que escapou pelo buraco*)
2. Na cidade dessa história, tem um parque que dizem ser mal-assombrado. Durante o inverno, algumas criaturas foram vistas espalhadas pelo parque. Num fim de tarde, Augusto vinha da escola pelo parque e não percebeu *uma criatura que se escondia nos arbustos*. De repente, Augusto... (*afastou a/ela/___/a criatura/ a criatura que se escondia nos arbustos*)
3. Na época da Páscoa, muitas pessoas trabalham fantasiadas nas portas das lojas e das padarias. Pedro é fotógrafo e anda sempre com sua câmera, pronto pra fotografar. Quando chegou à porta de uma padaria, Pedro viu que havia *uma pessoa fantasiada de coelho*. Aí, Pedro... (*fotografou a/ela/___/a pessoa/ a pessoa que estava fantasiada de coelho*)
4. Ontem à tarde, numa estrada bem movimentada, houve um acidente que fez várias vítimas. Matheus encontrou *uma vítima que estava afastada*. Aí, Matheus... (*socorreu a/ela/___/a vítima/ a vítima que estava afastada da estrada*)

13.1.3 C3: [-específico]; gênero intrínseco [+semântico]

1. No Carnaval, um cinegrafista filmava um baile de rua, com pessoas fantasiadas. Havia pirata, árabe, bailarina... O cinegrafista já havia filmado quase todos, mas ele ainda queria filmar *uma rainha* no baile. Então, o cinegrafista... (*procurou a/ela/__/a rainha*).
2. João nunca tinha viajado de avião. Quando foi viajar pela primeira vez, ficou empolgado com tudo. Assim que entrou no avião, quis logo conhecer *uma aeromoça* da empresa. Então, João... (*chamou a/ela/__/a aeromoça*)
3. Durante uma partida de futebol na praia, Pedro estava empolgado chutando a bola, e havia várias mulheres assistindo a partida. Mas que azar! Pedro acertou *uma gestante* com a bola. Então, Pedro... (*socorreu/ajudou a/ela/__/a gestante*)
4. Durante a primavera, o jardineiro da prefeitura estava distraído, cavando buracos no jardim, para plantar rosas vermelhas. Umas pessoas vinham chegando. Sem querer, o jardineiro sujou *uma mulher* no rosto. Então, o jardineiro... (*molhou/limpou a/ela/__/a mulher*).

13.1.4 C4 (Análise 1): [-específico]; gênero intrínseco [-semântico]

1. Na praça do bairro, um policial fazia a sua ronda da tarde. De repente, alguém ouviu um barulho de choro atrás dos arbustos e chamou um policial. Chegando lá, o policial ouviu *uma criança* chorando. Daí, o policial... (*procurou/achou a/ela/__/a criança*)
2. Na floresta que fica perto da cidade, os moradores disseram ter visto enormes pegadas de uma criatura no chão. Um fotógrafo foi pra lá assim que soube, com a sua câmera, pronto para fotografar. De repente, o fotógrafo avistou *uma criatura* na floresta. Então o fotógrafo... (*fotografou a/ela/__/a criatura*)
3. Num bairro da cidade, muitos carros foram roubados no último mês. Um policial resolveu então fazer perguntas aos moradores. Mas tudo ficou mais fácil. Um de seus ajudantes conseguiu gravar *uma testemunha* ao telefone. Então, o policial... (*ouviu a/ela/__/a testemunha*)
4. Sempre que chove muito e acontecem muitos deslizamentos de terra. Num desses deslizamentos, uma casa desabou, com várias pessoas dentro. Os bombeiros logo vieram socorrer. Felizmente, o bombeiro logo resgatou *uma vítima* dos escombros. Então, o bombeiro... (*levou a/ela/__/a vítima [para o hospital]*).

13.1.5 C2 (Análise 2) [+específico]; gênero opcional

1. No hospital geral da cidade, estavam precisando de enfermeiras. Então a enfermeira-chefe contratou enfermeiras novas para logo começarem a trabalhar. Ao chegar no hospital, Calos foi recebido por *uma enfermeira que era nova*. Aí, Carlos... (*cumprimentou a/ela/__/a enfermeira/a enfermeira que era nova*)
2. Felipe ia para o seu curso de inglês, quando deu com umas meninas, saindo, animadas, de sua aula de balé. Felipe derrubou *uma bailarina que*

vinha apressada. Então, Felipe... (ajudou a/ela/__/a aluna/a bailarina que vinha apressada)

3. Dr. Lucas é um médico de família e gosta muito de sua profissão. Hoje ele está feliz porque vai visitar seus pacientes em casa. Primeiro, ele visitou *uma paciente que usa cadeira de rodas*. Aí, o Dr. Lucas... (*examinou a/ela/__/a paciente/a paciente que usa uma cadeira de rodas*)
4. Durante o verão, o Rio de Janeiro recebe muitos turistas. José é taxista, e ontem levou duas turistas para o Cristo Redentor. José machucou, sem querer, *uma turista que estava distraída*. Aí, José... (*levantou/consolou/ajudou [a/ela/__/a turista/a turista que estava distraída*)

13.1.6 C4 (Análise 2): [-específico]; gênero opcional

1. Na aula de educação física, Pedro machucou feio a própria perna e logo foi levado para o hospital. No hospital, disseram para o pai de Pedro procurar uma enfermeira *uma enfermeira* no fim no corredor. Aí o pai de Pedro... (*procurou a/ela/__/a enfermeira*)
2. Em uma final muito importante do campeonato de handebol, Suzana foi escalada e estava jogando pra valer. Para pegar a bola do outro time, ela derrubou *uma jogadora* no chão. Aí Suzana... (*levantou a/ela/__/a jogadora*)
3. Otávio tinha dois filhos adolescentes que não tiveram aula hoje e ficaram sozinhos em casa. Quando Otávio chegou do trabalho, levou um susto! Logo Otávio decidiu chamar *uma diarista* pelo telefone. Aí, Otávio... (*chamou a/ela/__/a diarista*)
4. Sophie foi convidada para a festa de fim de ano da escola e estava nervosa, pois não sabia se veria alguma amiga. Logo que chegou, ela olhava de um lado para o outro, procurando *uma amiga* no salão. Aí, Sophie... (*viu a/ela/__/a amiga*)

14 Anexo – Frases Experimentais do Experimento 3

14.1 Pré-teste

1. Tenho dois grandes amigos, Pedro e Flávia. Mas, ultimamente, o Pedro anda evitando a Flávia e nem eu, nem ela sabemos o porquê. No outro dia, *o outro amigo do Pedro* cruzou com ela na rua. Daí a Flávia... (conversar e perguntar)
2. Minha irmãzinha adora bichos, mas é um pouco desajeitada e sempre acaba machucando os coitadinhos. Por isso, quando minha mãe adotou *a gatinha que tinha nascido há poucos dias*, ela... (cuidar e disfarçar)

14.2 Condições e trials

14.2.1 Grupo 1

14.2.1.1 C1: [+específico; +conhecido]

1. Numa casa de praia não muito longe daqui, teve uma grande festa, com muitos convidados. Um garoto saiu da festa para dar uma volta. Uma garota que tinha se afastado do grupo começou a gritar assustada. Aí, o dono da casa... (encontrar; levar) (*encontrou a/ela/__/a garota/a garota que tinha se afastado do grupo e levou a/ela/__/a garota/a garota que tinha se afastado do grupo de volta*)
2. Numa escola do Rio, depois que as aulas recomeçaram, houve uma prova de matemática. Quando receberam as notas, algumas mães foram à escola falar com o professor. Uma mãe que tinha chegado aflita foi chorando à sala dele. Aí, o professor... (cumprimentar e convidar) (*cumprimentou a/ela/__/a mãe que tinha chegado aflita e convidou a/ela/__/a mãe que tinha chegado aflita*)
3. Seu Luís, meu vizinho é viúvo e tem três filhos, que ele sempre visita, pois já são casados e moram longe. Uma nora que tinha chegado de viagem convidou Seu Luís para um café. Então, meu vizinho... (abraçar e beijar) (*abraçou a/ela/__/a nora/ a nora que tinha chegado de viagem e beijou abraçou a/ela/__/a nora/ a nora que tinha chegado de viagem*)
4. No jardim da praça, num fim de tarde, havia muitas pessoas. O jardineiro estava molhando as flores e os arbustos perto dos bancos. Uma mulher que tinha sentado num banco lia seu livro, alheia a tudo. Foi então que o jardineiro, sem querer... (molhar e assustar) (*molhou a/ela/__/a mulher/ a mulher que tinha sentado num banco e assustou (molhou a/ela/__/a mulher/ a mulher que tinha sentado num banco)*)

14.2.1.2 C2: [+específico; -conhecido]

1. Na creche em que eu trabalho, duas crianças pequenas brincavam perto de um buraco que ninguém tinha visto ainda, no muro. Uma criança que tinha passado pelo buraco começou a chorar, com medo. Aí, o nosso zelador... (pegar e trazer) (*pegou a/ela/__/a criança/ a criança que tinha passado pelo buraco e trouxe a/ela/__/a criança/ a criança que tinha passado pelo buraco*)
2. No parque da cidade, estava acontecendo um evento de arte contemporânea e a instalação de um artista trazia belas criaturas espalhadas. Uma criatura que usava trajes verdes passou despercebida por um crítico de arte que mexia no celular. Mas de repente, o crítico... (ver e fotografar) (*viu a/ela/__/a criatura/ a criatura que usava trajes verdes e fotografou viu a/ela/__/a criatura/ a criatura que usava trajes verdes com o celular*)
3. Numa cidade perto daqui, existe um hospital oncológico, que está sendo investigado pelas autoridades, depois de uma denúncia de irregularidades. Uma testemunha que tremia de medo tentou evitar a investigação. Então as autoridades... (acalmar e ouvir) (*acalmaram a/ela/__/a testemunha/a testemunha que tremia de medo e ouviram a/ela/__/a testemunha/a testemunha que tremia de medo*)
4. Ontem à tarde, numa estrada aqui perto, houve um longo engavetamento. O resgate e a reabertura da pista duraram horas. Uma vítima que respirava com dificuldade passou muitas horas à espera de ajuda. Então o socorrista... (avistar e socorrer) (*avistou a/ela/__/a vítima/ a vítima que respirava com dificuldade e socorreu a/ela/__/a vítima/ a vítima que respirava com dificuldade*)

14.2.2 Grupo 2

14.2.2.1 C3: [-específico; +conhecido]

1. Numa casa de praia não muito longe daqui, teve uma grande festa, com muitos convidados. Um garoto saiu da festa para dar uma volta. Uma garota, ao longe, começou a gritar assustada. Aí, o dono da casa... (encontrar e levar) (*encontrou a/ela/__/a garota e levou a/ela/__/a garota de volta*)
2. Numa escola do Rio, depois que as aulas recomeçaram, houve uma prova de matemática. Quando receberam as notas, algumas mães foram à escola falar com o professor. Uma mãe, de repente, chegou chorando na sala dele. Aí, o professor... (cumprimentar e convidar) (*cumprimentou a/ela/__/a mãe e convidou a/ela/__/a mãe/a mãe*)
3. Seu Luís, meu vizinho é viúvo e tem três filhos, que ele sempre visita, pois já são casados e moram longe. Uma nora, apesar da distância, convidou Seu Luís para um café. Então, meu vizinho... (abraçar e beijar) (*abraçou a/ela/__/a nora e beijou a/ela/__/a nora*)
4. No jardim da praça, num fim de tarde, havia muitas pessoas. O jardineiro estava molhando as flores e os arbustos perto dos bancos. Uma mulher, calmamente, lia seu livro, alheia a tudo. Foi então que o jardineiro, sem

querer... (molhar e assustar) (*molhou a/ela/___/a mulher e assustou a/ela/___/a mulher*)

14.2.2.2 C4: [-específico; –conhecido]

1. Na creche em que eu trabalho, duas crianças pequenas brincavam perto de um buraco que ninguém tinha visto ainda, no muro. Uma criança, do outro lado do muro, começou a chorar, com medo. Aí, o nosso zelador... (pegar e trazer) (*pegou a/ela/___/a criança e trouxe a/ela/___/a criança*)
2. No parque da cidade, estava acontecendo um evento de arte contemporânea e a instalação de um artista trazia belas criaturas espalhadas. Uma criatura, ali perto dos arbustos, passou despercebida por um crítico de arte que mexia no celular. Mas de repente, o crítico... (ver e fotografar) (*viu a/ela/___/a criatura e fotografou a/ela/___/a criatura com o celular*)
3. Numa cidade perto daqui, existe um hospital oncológico, que está sendo investigado pelas autoridades, depois de uma denúncia de irregularidades. Uma testemunha, temerosamente, tentou evitar a investigação. Então as autoridades... (acalmar e ouvir) (*acalmaram a/ela/___/a testemunha e ouviram a/ela/___/a testemunha*)
4. Ontem à tarde, numa estrada aqui perto, houve um longo engavetamento. O resgate e a reabertura da pista duraram horas. Uma vítima, longe da estrada, passou muitas horas esperando por ajuda. Então o socorrista... (avistar e socorrer) (*avistou a/ela/___/a vítima e socorreu a/ela/___/a vítima*)

14.3 Distratoras

1. Tenho uma amiga que participa de um clube de leitura em que uma pessoa compra um livro e, quando termina a leitura, doa a outra pessoa, e depois discutem o tema. *As leituras feitas assim* sempre me parecem interessantes! Então eu disse a ela que, quando ela... (terminar e viajar)
2. Tenho um primo toca piano há muito tempo, mas ganhava a vida com algo que não tinha nada a ver com isso. *O piano, no entanto, sempre foi a sua maior paixão.* Hoje, além de tocar para si, ele finalmente passou a... (apresentar e ensinar)
3. Na época de Páscoa, minha mãe sofre muito, pois está sempre fazendo dietas e lutando contra os ponteiros da balança. *O ovo de Páscoa* é uma tentação clássica para quem quer emagrecer! Minha mãe fica sempre com vontade de... (fugir e comer)
4. Na empresa onde Pedro trabalhava houve um pequeno furto, e os funcionários chamaram a polícia. *A pessoa que era suspeita do furto* deu seu depoimento. A polícia... (desconfiar e conduzir)
5. Joana, minha amiga, foi à praia sozinha. Quando ela entrou no mar, deixou as coisas dela na areia. As coisas não estavam mais lá quando ela voltou, porque uma amiga... (passar e esconder)
6. Eu tenho uma tia minha que estava comprando pela *internet* um presente para dar ao marido no Dia dos Pais, quando teve uma infeliz surpresa. O cartão de crédito dela tinha sido clonado e cancelado. Minha tia... (desistir e chatear)

7. Meu avô é muito idoso e sua memória é muito ruim. Então é a minha avó quem cuida da saúde dele, pois ele tem horário certo para tomar seus remédios. A medicação na hora certa garante que ele fique bem. Então a minha avó fica muito chateada quando... (distrair e esquecer)
8. Numa excursão escolar, a viagem de ônibus durou mais do que o previsto, e quando os alunos chegaram ao acampamento, perderam o jantar. Por sorte, um dos alunos tinha levado biscoitos. Então os biscoitos que... (faltar e dividir)
9. A maioria de nós costuma ter mais roupas do que precisa. Na virada de ano, eu sempre faço uma limpa e só mantenho umas roupas que sejam do meu estilo. A roupa faz parte do que compõe a nossa identidade. Então, faço questão... (esvaziar e livrar)
10. Ontem, na padaria, vi a gerente atendendo uma mulher que tinha comprado um produto vencido. O produto quando está vencido representa um perigo à saúde. A gerente logo fez a devolução quando a mulher... (reclamar e gritar)
11. Minha tia tem um filho muito levado. O menino que apronta coisas que até Deus duvida, não é fácil de se educar. A mãe dele é impaciente, daquelas que... (gritar e brigar)
12. Tenho uma amiga que adora ver filmes de terror. Nessa sexta-feira 13, ela vai se trancar em casa, fazer pipoca e ligar o Netflix. O filme de terror que... (assistir e tremer).

15 Anexo – Frases Experimentais do Experimento 4

15.1 Pré-teste

3. Tenho dois grandes amigos, Pedro e Flávia. Mas, ultimamente, o Pedro anda evitando a Flávia e nem eu, nem ela sabemos o porquê. No outro dia, *o outro amigo do Pedro* cruzou com ela na rua. Daí a Flávia... (conversar e perguntar)
4. Minha irmãzinha adora bichos, mas é um pouco desajeitada e sempre acaba machucando os coitadinhos. Por isso, quando minha mãe adotou *a gatinha que tinha nascido há poucos dias*, ela... (cuidar e disfarçar)

15.2 Condições e trials

15.2.1 Grupo 1

15.2.1.1 C1: [+específico; +animado]

1. No Carnaval, um cinegrafista filmava um bloco de rua. Tinha gente fantasiada de tudo: pirata, árabe, bailarina... Uma rainha que estava no meio da multidão carregava um estandarte. Então, o cinegrafista... (buscar e filmar) (*buscou a/ela/___/ a rainha/ a rainha que estava no meio da multidão e filmou a/ela/___/ a rainha/ a rainha que estava no meio da multidão*)
2. Em programas de auditório, é comum o apresentador interagir com a plateia e sortear brindes. No programa de domingo, uma gestante que estava cantando na plateia ganhou o brinde mais valioso. Então, apresentador... (convidar e ajudar) (*convidou a/ela/___/ a gestante/ a uma gestante que estava cantando na plateia e ajudou a/ela/___/ a gestante/ a uma gestante que estava cantando na plateia*)
3. Meu primo nunca tinha viajado de avião. Quando foi viajar pela primeira vez, ficou empolgado com tudo. Na porta da aeronave, uma aeromoça que estava de máscara recebia os passageiros com simpatia. Assim que entrou no avião, meu primo... (chamar e cumprimentar) (*chamou a/ela/___/ a aeromoça/ a aeromoça que estava de máscara e cumprimentou a/ela/___/ a aeromoça/ a aeromoça que estava de máscara*)
4. Durante a primavera, o jardineiro da prefeitura estava feliz com o desabrochar das rosas vermelhas no parque. Ele adoraria presentear alguém. Uma mulher que estava triste olhava para as rosas. Então, o jardineiro... (ver e presentear) (*viu a/ela/___/ a mulher/ a mulher que estava triste e presenteou a/ela/___/ a mulher/ a mulher que estava triste*)

15.2.1.2 C2: [+específico; -animado]

1. Meu novo vizinho contratou um serviço de transporte pra fazer sua mudança. Quando o caminhão chegou, muitas coisas estavam danificadas. Uma xícara que estava com a asa quebrada quase cortou a sua mão. Daí meu vizinho... (pegar e jogar) (*pegou a/ela/__/a xícara /a xícara que estava com a asa quebrada e jogou a/ela/__/a xícara /a xícara que estava com a asa quebrada fora*)
2. Numa fazenda no interior do estado, durante todo o verão, um agricultor fazia a colheita de suas frutas. Uma laranja que estava podre quase foi parar dentro do saco. Mas o agricultor... (retirar e descartar) (*retirou a/ela/__/a laranja/a laranja que estava podre e descartou a/ela/__/a laranja/a laranja que estava podre*)
3. No meu bairro, tem um relojoeiro que sabe consertar relógios à corda. Levei para ele o relógio enguiçado do meu pai e ele logo encontrou o problema: Uma peça que estava enferrujada impedia o relógio de funcionar. Daí o relojoeiro... (remover e trocar) (*removeu a/ela/__/a peça / a peça que estava enferrujada e trocou a/ela/__/a peça / a peça que estava enferrujada*)
4. No zoológico do Rio, houve uma grande reforma e um cuidador dos animais buscava uma maneira de ajudar. Uma jaula que estava descascada logo chamou sua atenção. Então o cuidador... (lixar e pintar) (*lixou a/ela/__/a jaula/ a jaula que estava descascada e pintou a/ela/__/a jaula/ a jaula que estava descascada*)

15.2.2 Grupo 2

15.2.2.1 C3: [-específico; +animado]

1. No Carnaval, um cinegrafista filmava um bloco de rua. Tinha gente fantasiada de tudo: pirata, árabe, bailarina... Uma rainha, no meio da multidão, carregava um estandarte. Então, o cinegrafista... (procurar e encontrar) (*procurou a/ela/__/a rainha e encontrou a/ela/__/a rainha*)
2. Em programas de auditório, é comum o apresentador interagir com a plateia e sortear brindes. No programa de domingo, uma gestante, ao fim do sorteio, ganhou o brinde mais valioso. Então, o apresentador... (convidar e ajudar) (*convidou a/ela/__/a gestante e ajudou a/ela/__/a gestante*)
3. Meu primo nunca tinha viajado de avião. Quando foi viajar pela primeira vez, ficou empolgado com tudo. Na porta da aeronave, uma aeromoça, amavelmente, recebia os passageiros com sorrisos. Assim que entrou no avião, meu primo... (chamar e cumprimentar) (*chamou a/ela/__/a aeromoça e cumprimentou a/ela/__/a aeromoça*)
4. Durante a primavera, o jardineiro da prefeitura estava feliz com o desabrochar das rosas vermelhas no parque. Ele adoraria presentear alguém. Uma mulher, tristemente olhava aquelas rosas. Então, o jardineiro... (ver e presentear) (*viu a/ela/__/a mulher e presenteou a/ela/__/a mulher*)

15.2.2.2 C4: [-específico; -animado]

1. Meu novo vizinho contratou um serviço de transporte pra fazer sua mudança. Quando o caminhão chegou, muitas coisas estavam danificadas. Uma xícara, por muito pouco, cortou a sua mão. Daí meu vizinho... (*pegar e jogar*) (*pegou a/ela/__/a xícara e jogou a/ela/__/a xícara fora*)
2. Numa fazenda no interior do estado, durante todo o verão, um agricultor fazia a colheita de suas frutas. Uma laranja, indevidamente, quase foi parar dentro do saco de limões. Mas o agricultor... (retirar e descartar) (*retirou a/ela/__/a laranja e descartou a/ela/__/a laranja*)
3. No meu bairro, tem um relojoeiro que sabe consertar relógios à corda. Levei para ele o relógio do meu pai e ele logo encontrou o problema: Uma peça, há tempos, impedia o relógio de funcionar. Daí o relojoeiro... (remover e trocar) (*retirou a/ela/__/a peça e trocou a/ela/__/a peça*)
4. No zoológico do Rio, houve uma grande reforma e um cuidador dos animais buscava uma maneira de ajudar. Uma jaula, curiosamente, logo chamou sua atenção. Então o cuidador... (lixar e pintar) (*lixou a/ela/__/a jaula e pintou a/ela/__/a jaula*)

15.3 Distratoras

1. Tenho uma amiga que participa de um clube de leitura em que uma pessoa compra um livro e, quando termina a leitura, doa a outra pessoa, e depois discutem o tema. *As leituras feitas assim* sempre me parecem interessantes! Então eu disse a ela que, quando ela... (terminar e viajar)
2. Tenho um primo toca piano há muito tempo, mas ganhava a vida com algo que não tinha nada a ver com isso. *O piano, no entanto, sempre foi a sua maior paixão.* Hoje, além de tocar para si, ele finalmente passou a... (apresentar e ensinar)
3. Na época de Páscoa, minha mãe sofre muito, pois está sempre fazendo dietas e lutando contra os ponteiros da balança. *O ovo de Páscoa* é uma tentação clássica para quem quer emagrecer! Minha mãe fica sempre com vontade de... (fugir e comer)
4. Na empresa onde Pedro trabalhava houve um pequeno furto, e os funcionários chamaram a polícia. *A pessoa que era suspeita do furto* deu seu depoimento. A polícia... (desconfiar e conduzir)
5. Joana, minha amiga, foi à praia sozinha. Quando ela entrou no mar, deixou as coisas dela na areia. As coisas não estavam mais lá quando ela voltou, porque uma amiga... (passar e esconder)
6. Eu tenho uma tia minha que estava comprando pela *internet* um presente para dar ao marido no Dia dos Pais, quando teve uma infeliz surpresa. O cartão de crédito dela tinha sido clonado e cancelado. Minha tia... (desistir e chatear)
7. Meu avô é muito idoso e sua memória é muito ruim. Então é a minha avó quem cuida da saúde dele, pois ele tem horário certo para tomar seus remédios. A medicação na hora certa garante que ele fique bem. Então a minha avó fica muito chateada quando... (distrair e esquecer)
8. Numa excursão escolar, a viagem de ônibus durou mais do que o previsto, e quando os alunos chegaram ao acampamento, perderam o jantar. Por

- sorte, um dos alunos tinha levado biscoitos. Então os biscoitos que...
(faltar e dividir)
9. A maioria de nós costuma ter mais roupas do que precisa. Na virada de ano, eu sempre faço uma limpa e só mantenho umas roupas que sejam do meu estilo. A roupa faz parte do que compõe a nossa identidade. Então, faço questão... (esvaziar e livrar)
 10. Ontem, na padaria, vi a gerente atendendo uma mulher que tinha comprado um produto vencido. O produto quando está vencido representa um perigo à saúde. A gerente logo fez a devolução quando a mulher... (reclamar e gritar)
 11. Minha tia tem um filho muito levado. O menino que apronta coisas que até Deus duvida, não é fácil de se educar. A mãe dele é impaciente, daquelas que... (gritar e brigar)
 12. Tenho uma amiga que adora ver filmes de terror. Nessa sexta-feira 13, ela vai se trancar em casa, fazer pipoca e ligar o Netflix. O filme de terror que... (assistir e tremer)

16 Anexo – Frases Experimentais e Distratoras do Experimento 5

16.1 Pré-teste

1. Tem uns humoristas que não sei; parecem que não tem medo de serem processados. Teve essa entrevista hoje com a atriz que já estava ameaçando processar aquele canal do Youtube, o de humor, sabe? E o humorista do canal foi lá e... (fazer piada)
2. Tem paciente que não dá valor ao esforço dos pessoal da saúde, não é possível!... Tá dando na televisão, no rádio, todo mundo tem que usar máscara, álcool em gel, fazer distanciamento social, mas mesmo assim tem gente... (furar a quarentena)

16.2 Condições e trials

16.2.1 C1: Sujeito

1. Lá naquele hospital chega muita gente querendo ser atendida logo. Tinha uma paciente que estava tão ansiosa! / Ah! Sabia? *Aquela paciente ansiosa* foi atendida logo, e alguém disse que o doutor... (medicar na sala da emergência) (*medicou a/ela/ __/a paciente*)
2. Lá no meu setor, a gente está sempre precisando de estagiários. Ontem tinha um estagiário novato com um currículo muito bom. / Ah, você não vai acreditar: *aquele estagiário novato* já foi incorporado; e todo mundo disse que o gerente do meu setor... (contratar na reunião da diretoria) (*contratou o/ele/ __/o estagiário*)
3. Nossa, às vezes eu prefiro nem ver TV, pra não ficar chateada. Ontem deu na televisão que um menininho se perdeu no parque. / Ah, você não ficou sabendo? *Aquele menino perdido* foi devolvido à mãe e disseram que a polícia... (encontrar nas proximidades do parque) (*encontrou o/ele/ __/o menino*)
4. Naquela estrada sempre tem engarrafamento por causa das blitz. Ontem estava tudo parado porque tinha um motorista bêbado, lá! / Cara, você viu? *Aquele motorista bêbado* foi abordado e todo mundo viu que o policial... (multar no posto de gasolina) (*multou o/ele/ __/o motorista bêbado*)
5. Está difícil ter silêncio aqui no prédio durante a quarentena: é TV, briga, obra, criança gritando... Ontem tinha um bebê que chorava tanto!... / Ah, você também ouviu? *Aquele bebê barulhento* foi acordado e minha irmã disse que alguém... (pegar no quarto ao lado do meu) (*pegou o/ele/ __/o bebê*)
6. Eu estou dando um tempo de namoro, hoje em dia, porque ando com medo dos caras. Lá no prédio mesmo tem um cara agressivo que vive batendo na namorada. / Ah, você não soube? *Aquele cara agressivo* foi denunciado e

- disseram que a polícia... (levar para a delegacia) (*levou o/ele/__/o cara*)
7. Lá no sítio do seu pai vive acontecendo esses acidentes estranhos com bichos, né? Fico preocupada com os funcionários, lá, como aquele jardineiro inexperiente. / Ah, ficou sabendo? *Aquele jardineiro inexperiente* foi medicado no posto e meu pai disse que uma cobra... (picar lá no sítio) (*picou o/ele/__/o jardineiro*)
 8. Cada dia tem mais gente sem-teto aí na frente do prédio. Ontem tinha uma menina de rua tão novinha! / Ah, você não ficou sabendo? *Aquela menina de rua* foi encontrada na praça e disseram que a assistente social já... (acolher no abrigo) (*acolheu a/ela/__/a menina*)
 9. A situação do Rio de Janeiro está cada vez mais complicada, com tantos casos de sequestro. Teve essa criança que foi levada de uma loja e tem pelo menos um sequestrador sendo procurado. / Você soube? *Esse sequestrador procurado* já foi preso e disseram que a polícia... (localizar na fábrica abandonada) (*localizou o/ele/__/o sequestrador*)

16.2.2 C2: Objeto direto

1. Lá naquele hospital chega muita gente querendo ser atendida logo. Tinha uma paciente que estava tão ansiosa! / Sabia? O doutor atendeu *aquela paciente ansiosa* logo e alguém disse que o doutor... (medicar na sala da emergência) (*medicou a/ela/__/a paciente*)
2. Lá no meu setor, a gente está sempre precisando de estagiários. Ontem tinha um estagiário novato com um currículo muito bom. / Ah, você não vai acreditar: o gerente do meu setor já incorporou *aquele estagiário novato* e todo mundo disse que o gerente... (contratar na reunião da diretoria) (*contratou o/ele/__/o estagiário*)
3. Nossa, às vezes eu prefiro nem ver TV, pra não ficar chateada. Ontem deu na televisão que um menininho se perdeu no parque. / Ah, você não ficou sabendo? A polícia devolveu *aquele menino perdido* à mãe e disseram que a polícia... (encontrar nas proximidades do parque) (*encontrou o/ele/__/o menino*)
4. Naquela estrada sempre tem engarrafamento por causa das blitz. Ontem estava tudo parado porque tinha um motorista bêbado, lá! / Cara, você viu? O policial abordou *aquele motorista bêbado* e todo mundo viu que o policial... (multar no posto de gasolina) (*multou o/ele/__/o motorista bêbado*)
5. Está difícil ter silêncio aqui no prédio durante a quarentena: é TV, briga, obra, criança gritando... Ontem tinha um bebê que chorava tanto!... / Ah, você também ouviu? Acordaram *aquele bebê barulhento* e e minha irmã disse que alguém (pegar no quarto ao lado do meu) (*pegou o/ele/__/o bebê*)
6. Eu estou dando um tempo de namoro, hoje em dia, porque ando com medo dos caras. Lá no prédio mesmo tem um cara agressivo que vive batendo na namorada. / Ah, você não soube? A namorada denunciou *aquele cara agressivo* e disseram que a polícia... (levar para a delegacia) (*levou o/ele/__/o cara*)
7. Lá no sítio do seu pai vive acontecendo esses acidentes estranhos com bichos, né? Fico preocupada com os funcionários, lá, como aquele

jardineiro inexperiente. / Ah, ficou sabendo? Medicaram *aquele jardineiro inexperiente* no posto e meu pai disse que uma cobra... (picar lá no sítio) (*picou o/ele/__/o jardineiro*)

8. Cada dia tem mais gente sem-teto aí na frente do prédio. Ontem tinha uma menina de rua tão novinha! / Ah, você não ficou sabendo? Alguém encontrou *aquela menina de rua* na praça e disseram que a assistente social já... (acolher no abrigo) (*acolheu a/ela/__/a menina*)
9. A situação do Rio de Janeiro está cada vez mais complicada, com tantos casos de sequestro. Teve essa criança que foi levada de uma loja e tem pelo menos um sequestrador sendo procurado. / Você soube? Já prenderam *esse sequestrador procurado* e disseram que a polícia... (localizar na fábrica abandonada) (*localizou o/ele/__/o sequestrador*)

16.2.3 C3: Tópico

1. Lá naquele hospital chega muita gente querendo ser atendida logo. Tinha uma paciente que estava tão ansiosa! / Sabia? *Aquela paciente ansiosa*, alguém disse que o doutor... (medicar na sala da emergência) (*medicou a/ela/__/a paciente*)
2. Lá no meu setor, a gente está sempre precisando de estagiários. Ontem tinha um estagiário novato com um currículo muito bom. / Ah, você não vai acreditar: *o estagiário novato*, todo mundo disse que o gerente do meu setor... (contratar na reunião da diretoria) (*contratou o/ele/__/o estagiário*)
3. Nossa, às vezes eu prefiro nem ver TV, pra não ficar chateada. Ontem deu na televisão que um menininho se perdeu no parque. / Ah, você não ficou sabendo? *Aquele menino perdido*, disseram que a polícia... (encontrar nas proximidades do parque) (*encontrou o/ele/__/o menino*)
4. Naquela estrada sempre tem engarrafamento por causa das blitz. Ontem estava tudo parado porque tinha um motorista bêbado, lá! / Cara, você viu? *Aquele motorista bêbado*, todo mundo viu que o policial... (multar no posto de gasolina) (*multou o/ele/__/o motorista bêbado*)
5. Está difícil ter silêncio aqui no prédio durante a quarentena: é TV, briga, obra, criança gritando... Ontem tinha um bebê que chorava tanto!... / Ah, você também ouviu? *Aquele bebê barulhento*, minha irmã disse alguém... (pegar no colo no quarto ao lado do meu) (*pegou o/ele/__/o bebê*)
6. Eu estou dando um tempo de namoro, hoje em dia, porque ando com medo dos caras. Lá no prédio mesmo tem um cara agressivo que vive batendo na namorada. / Ah, você não soube? *Aquele cara agressivo*, disseram que a polícia... (levar para a delegacia) (*levou o/ele/__/o cara*)
7. Lá no sítio do seu pai vive acontecendo esses acidentes estranhos com bichos, né? Fico preocupada com os funcionários, lá, como aquele jardineiro inexperiente. / Ah, ficou sabendo? *Aquele jardineiro inexperiente*, meu pai disse que uma cobra... (picar lá no sítio) (*picou o/ele/__/o jardineiro*)

8. Cada dia tem mais gente sem-teto aí na frente do prédio. Ontem tinha uma menina de rua tão novinha! / Ah, você não ficou sabendo? *Aquela menina de rua*, disseram que a assistente social já... (acolher no abrigo) (*acolheu a/ela/___/a menina*)
9. A situação do Rio de Janeiro está cada vez mais complicada, com tantos casos de sequestro. Teve essa criança que foi levada de uma loja e tem pelo menos um sequestrador sendo procurado. // Você soube? *Esse sequestrador procurado*, disseram que a polícia já... (localizar na fábrica abandonada) (*localizou o/ele/___/o sequestrador*)

16.3 Distratoras

1. Nossa! Acabei de esbarrar com aquela modelo que trabalhou na campanha do outubro rosa. / Ah, aquela modelo foi dispensada. Eu não sabia que modelos... (raspar a cabeça)
2. Acabei de vir da enfermaria e tinha esse menino que levaram para lá, que estava bem machucado, coitado. / Parece que um rapaz mais velho agrediu esse garoto bem quando um amigo dele... (ligar para a família).
3. Ontem, eu vi na TV aquele concurso famoso de talentos e tinha essa moça que vaiaram durante o show. / Ah, eu vi. Achei que aquilo não se faz. E também, agora o programa foi cancelado porque... (sair no noticiário)
4. Levei meu gato na clínica hoje e a veterinária nova contou que foi mordida por um cachorro numa consulta. / Menina! Que coisa inacreditável! E depois disso ela continua... (atender na clínica)
5. Menina, soube que você teve que ir ao hospital com aquela sua amiga que caiu na escada do prédio dela! Conta: como foi isso? / Ah, foi um susto, mesmo. Eu achei que já tinha dito pra quase todo mundo que liberaram a gente logo que... (chegar na enfermaria)
6. Cara, esse negócio de fazer *home office* é muito bom, mas só quando a gente consegue, né? / Nem me fale! Ontem, o vizinho estava ouvindo música tão alta que... (concluir o trabalho).
7. Na mesa doze tinha um cliente tão mal-humorado que me xingou na hora de passar o cartão. / Ah, sabe o que é? É que deixaram esse cliente de lado quando o restaurante começou a encher e ele saiu... (reclamar do serviço)
8. Infelizmente, a gente acha que conhece as pessoas, mas não... Eu soube que aqui no prédio morava um cara procurado pela polícia há tempos. / Ah, verdade. Para a polícia chegar até ele, estiveram aqui, infiltrados,... (investigar todo mundo)
9. Ontem foi difícil conseguir um taxi, porque bem na hora em que eu cheguei, tinha alguma pessoa famosa que desembarcou no aeroporto. / Ah, verdade, fiquei sabendo da confusão. E parece que era uma cantora que... (defender o isolamento social)
10. Ontem teve entrevista com uma atriz brasileira que morou no exterior vários anos. / Ah, aquela atriz é muito gente boa. Começou várias instituições de apoio às mulheres que... (sofrer abuso)
11. Hoje de manhã, encontrei aquele rapaz que discursou no evento. / Ah, E sabe de uma coisa? Um passarinho me contou que esse rapaz... (deixar o

- número de telefone)
12. Mamãe, acabei de ver, saindo do prédio, aquela sua amiga que trabalhava no supermercado. / Ah, aquela minha amiga saiu do supermercado e começou um negócio dela mesma que... (dar certo)
 13. Ontem eu vi aquele rapaz seu conhecido que vivia lá na clínica, com crise de sinusite. / Ah, eu lembro! O meu medico está tratando dele desde dezembro do ano passado, quando eu... (recomendar um tratamento)
 14. Ontem identificaram uma aluna da escola que roubava pertences dos colegas durante o intervalo. / Ah, cara, nem te conto! A mãe dela esteve aqui; ficou tão nervosa quando soube dos roubos que... (ir para a enfermaria)
 15. Ontem eu percebi que precisava de ajuda lá no roçado, precisava de alguém que capinasse no sítio. / Ah, sabia? Um amigo meu, ele está mesmo procurando trabalho. Vou falar com ele e acredito que ele deva... (procurar hoje)
 16. O que será que aconteceu com aquela secretária bilíngue que trabalhava aqui na empresa? / Ah, aquela secretária casou com um estrangeiro e eu soube que eles... (morar nos EUA)
 17. Ando com tanta saudade de ir à missa, ouvir as canções, os sermões... E aquela mulher talentosíssima que cantava na missa de domingo... O que será que anda fazendo? / Ah, parece que logo que acabar a quarentena, aquela mulher... (gravar um CD)
 18. Ontem deu entrada no hospital aquele garotinho que foi picado por uma aranha durante o retiro da escola. / É, coitado! Aquele garotinho, ninguém da própria família sabia que... (chegar na emergência)
 19. Nossa, amiga, essa madrugada teve tanto tiroteio! Fiquei até com medo de sair de casa!... Disseram que a polícia subiu o morro procurando uns bandidos que estavam traficando nas escolas. / Ah, o traficantes, a polícia prendeu os caras logo depois que... (chegar na comunidade)
 20. Nesse último fim de semana, eu estava tão à toa que acabei assistindo um daqueles concursos de miss, sabe? Aquele em que as moças desfilam de maiô? / Ah, sabe que eu também vi?! A energia lá em casa acabou bem na hora em que... (escolher a vencedora).

17 Anexo – Frases Experimentais e Distratoras do Experimento 6

17.1 Pré-teste

1. Tem uns humoristas que não sei; parecem que não tem medo de serem processados. Teve essa entrevista hoje com a atriz que já estava ameaçando processar aquele canal do Youtube, o de humor, sabe? E o humorista do canal foi lá e... (fazer piada)
2. Tem paciente que não dá valor ao esforço dos pessoal da saúde, não é possível!... Tá dando na televisão, no rádio, todo mundo tem que usar máscara, álcool em gel, fazer distanciamento social, mas mesmo assim tem gente... (furar a quarentena)

17.2 Condições e trials

17.2.1 C1: Sujeito agente

1. Tem família que é muito unida mesmo, e pra qualquer coisa, estão todos ali, demonstrando seu apoio. *Meu primo* fez a prova do ENEM e meus tios, corujas... durante todo o fim de semana. (elogiar)
2. Às vezes os jovens são despreocupados e não atentam para a ansiedade que podem provocar nos responsáveis, né? *A garota* avisou somente ao namorado sua demora e os pais... em toda parte. (buscar)
3. Às vezes o pessoal lá em casa é meio desligado e faz umas bobagens, sem querer. São todos assim. *Meu irmão* empurrou nossa mãe e nosso pai... quando ficou sabendo. (criticar)
4. Muitas vezes é preciso fazer mais do que se espera, se você quer se destacar dos demais, né? *A atriz* provocou até o diretor com a interpretação que fez e nós... por quase cinco minutos. (aplaudir)
5. Tem gente que supera as nossas expectativas, mesmo quando a gente já espera bastante... *A enfermeira estagiária* atendeu todos os pacientes e nós... na última reunião. (efetivar)
6. Tem gente que tem o coração maior do que o corpo. Esses são os seres humanos mais sublimes que existem. Veja você: *a mendiga* pediu ajuda a todos na igreja e o padre... logo que chegou. (acolher)
7. Tem coisas que a mesma a gente sabendo de perto, revive tudo de novo, quando contam pros outros. Ontem, *a menina* agradeceu a todos por ouvirem sua história e a mãe... logo que acabou a entrevista. (abraçar)
8. Tem umas coisas chatas que a gente não imagina que podem acontecer na família da gente, né? *O rapaz* agrediu o próprio irmão com um soco e os pais... na hora. (segurar).
9. Tem umas coisas que por mais que a gente seja experiente, a gente não acredita que acontecem! *Aquele rapaz* xingou nossos colegas de trabalho e o gerente... sem pensar duas vezes. (suspender)

17.2.2 C2: Sujeito tema

1. Tem família que é muito unida mesmo, e pra qualquer coisa, estão todos ali, demonstrando seu apoio. *Meu primo* foi traído pela namorada e meus tios, corujas... durante todo o fim de semana. (elogiar)
2. Às vezes os jovens são despreocupados e não atentam para a ansiedade que podem provocar nos responsáveis, né? *A garota* foi detida por causa de uma blitz e os pais... em toda parte. (buscar)
3. Às vezes o pessoal lá na vizinhança faz umas bobagens achando que é engraçado. No dia das bruxas, *meu irmão* foi empurrado com força pela minha irmã e nosso pai brigou com ela e... quando ficou sabendo. (consolar)
4. Muitas vezes é preciso fazer mais do que se espera, se você quer se destacar dos demais, né? *A atriz* foi elogiada até pelo diretor pela interpretação que fez e nós... por quase cinco minutos. (aplaudir)
5. Tem gente que supera as nossas expectativas, mesmo quando a gente já espera bastante. *A enfermeira estagiária* foi apreciada por todos os pacientes e nós... na última reunião. (efetivar)
6. Tem gente que tem o coração maior do que o corpo. Esses são os seres humanos mais sublimes que existem. Veja você: *a mendiga* foi ajudada por todos na igreja e o padre... logo que chegou. (acolher)
7. Tem coisas que a mesma a gente sabendo de perto, revive tudo de novo, quando contam pros outros. Ontem, *a menina* foi aplaudida por todos por sua história e a mãe... logo que acabou a entrevista. (abraçar)
8. Tem umas coisas chatas que a gente não imagina que podem acontecer na família da gente, né? *O rapaz* foi atacado pelo próprio irmão e os pais... na hora.. (proteger).
9. Tem umas coisas que por mais que a gente seja experiente, a gente não acredita que acontecem! *Aquele rapaz* foi insultado pelos nossos colegas de trabalho e o gerente... sem pensar duas vezes. (defender)

17.2.3 C3: Sujeito causativo

1. Tem família que é muito unida mesmo, e pra qualquer coisa, estão todos ali, demonstrando seu apoio. *Meu primo* impressionou a todos na prova do ENEM e meus tios, corujas... durante todo o fim de semana. (elogiar meu primo)
2. Às vezes os jovens são despreocupados e não atentam para a ansiedade que podem provocar nos responsáveis, né? *A garota* preocupou a todos com sua demora e os pais... em toda parte. (buscar)
3. Às vezes o pessoal lá em casa é muito difícil de lidar e eu entendo que nem todo mundo tem paciência. *Meu irmão* surpreendeu nossos pais resolvendo sair de casa e eu... quando fiquei sabendo. (apoiar)
4. Muitas vezes a gente faz mais do que se espera, sem a gente sequer notar, porque é da gente mesmo, né? *A atriz* impressionou o diretor com a interpretação que fez e nós... por quase cinco minutos. (aplaudir)
5. Tem gente que supera as nossas expectativas, mesmo quando a gente já espera bastante... *A enfermeira estagiária* encantou todos os pacientes e nós... na última reunião. (efetivar)
6. Tem gente que tem o coração maior do que o corpo. Esses são os seres

- humanos mais sublimes que existem. Veja você: *a mendiga* comoveu a todos na igreja e o padre... logo que chegou. (acolher)
7. Tem coisas que a mesmo a gente sabendo de perto, revive tudo de novo, quando contam pros outros. Ontem, *a menina* enterneceu a todos por sua história e a mãe... logo que acabou a entrevista. (abraçar)
 8. Tem umas coisas chatas que a gente não imagina que podem acontecer na família da gente, né? *O rapaz* chocou o próprio irmão com suas palavras e os pais... na hora. (censurar).
 9. Tem umas coisas que por mais que a gente seja experiente, a gente não acredita que acontecem! *Aquele rapaz* horrorizou nossos colegas de trabalho com as atitudes dele e o gerente... sem pensar duas vezes. (suspender)

17.3 Follow up

17.3.1 Condições e *trials*

17.3.1.1 C1: Sujeito agente

1. Tem família que é muito unida mesmo, e pra qualquer situação ruim, estão todos ali, apoiando. *Meu primo* terminou o namoro e meus tios... todo o fim de semana. (animar)
2. Cara, os jovens são muito desligados. Saem e não estão nem aí, né? *Aquela garota* avisou somente ao namorado que ia demorar e os pais... em toda parte. (procurar)
3. Às vezes o pessoal lá em casa é meio desligado e faz umas bobagens, sem querer. São todos assim. Noutro dia *meu irmão* jogou fora documentos da mamãe e papai... quando ficou sabendo. (castigar)
4. Muitas vezes você precisa fazer cada coisa, né? Só pra se destacar. *Aquela atriz* jogou o corpo na cena do carro e o ator... bem na hora em que ia caindo. (segurar)
5. Tem gente que supera as nossas expectativas, mesmo quando a gente já espera bastante. *A enfermeira* estagiária atendeu todos os pacientes e o chefe... na última reunião. (contratar)
6. Tem gente que tem o coração maior do que o corpo. Esses são os seres humanos mais iluminados. Veja você: *a mendiga* pediu ajuda na porta da igreja e o padre... de braços abertos. (receber)
7. Tem coisas que a mesmo a gente sabendo de perto, revive tudo de novo, quando contamos pros outros. Ontem, *aquela menina* contou sua história emocionante no programa de tv e a mãe... no fim da entrevista. (abraçar)
8. Tem umas coisas chatas que a gente não imagina que podem acontecer na família da gente, né? *O meu primo* roubou dinheiro da carteira do próprio irmão e o meu tio... na polícia. (denunciar).
9. Tem umas coisas que por mais que a gente seja experiente, a gente não acredita que acontecem! *Aquele rapaz novo* roubou nossos lanches e o nosso gerente... sem pensar duas vezes. (demitir)

17.3.1.2 C2: Sujeito tema

1. Tem família que é muito unida mesmo, e pra qualquer situação ruim, estão todos ali, apoiando. *Meu primo* foi traído no namoro e meus tios... durante todo o fim de semana. (animar)
2. Cara, os jovens são muito desligados. Saem e não estão nem aí, né? *Aquela garota* foi detida por causa de uma blitz e os pais... em toda parte. (procurar)
3. Às vezes o pessoal lá em casa é meio desligado e faz umas bobagens, sem querer. São todos assim. Noutro dia, *meu irmão* foi pego jogando fora os documentos da mamãe e papai... quando ficou sabendo. (castigar)
4. Muitas vezes você precisa fazer mais do que esperam de você, pra se destacar dos demais, né? *Aquela atriz* foi jogada com força na cena do carro e o ator... bem na hora em que ia caindo. (segurar)
5. Tem gente que supera as nossas expectativas, mesmo quando a gente já espera bastante... *A enfermeira estagiária* foi elogiada por todos os pacientes e o chefe... na última reunião. (contratar)
6. Tem gente que tem o coração maior do que o corpo. Esses são os seres humanos mais iluminados. Veja você: *a mendiga* foi vista na porta da igreja e o padre... de braços abertos. (receber)
7. Tem coisas que a mesma a gente sabendo de perto, revive tudo de novo, quando contamos pros outros. Ontem, *aquela menina* foi aplaudida ao contar sua história no programa de tv e a mãe... no fim da entrevista. (abraçar)
8. Tem umas coisas chatas que a gente não imagina que podem acontecer na família da gente, né? *O meu primo* foi flagrado roubando dinheiro do próprio irmão e o meu tio... na polícia. (denunciar).
9. Tem umas coisas que por mais que a gente seja experiente, a gente não acredita que acontecem! *Aquele rapaz novo* foi pego roubando uma colega/roubando nossos lanches e o nosso gerente... sem pensar duas vezes. (demitir)

17.3.1.3 C3: Sujeito causativo

1. Tem família que é muito unida mesmo, e pra situação ruim, estão todos ali, apoiando. *Meu primo* comoveu a família no fim do namoro e meus tios... Durante todo o fim de semana. (animar)
2. Cara, os jovens são muito desligados. Saem e não estão nem aí, né? *Aquela garota* preocupou a família toda com a demora pra chegar e os pais... em toda parte. (procurar)
3. Às vezes o pessoal lá em casa é meio desligado.. Fazem umas bobagens sem querer. São todos assim. *Meu irmão* surpreendeu a gente sumindo com os documentos da mamãe, e papai... quando ficou sabendo. (castigar)
4. Muitas vezes você precisa fazer cada coisa... Só pra se destacar, né? *Aquela atriz* impressionou os colegas com um pulo na cena do carro e o ator... bem na hora em que ia caindo. (segurar)
5. Tem gente que supera as nossas expectativas, mesmo quando a gente já espera bastante... *A enfermeira estagiária* encantou todos os pacientes e o chefe... na última reunião. (contratar)

6. Tem gente que tem o coração maior do que o corpo. Esses são os seres humanos mais iluminados. Veja você: *a mendiga* comoveu todo mundo na porta da igreja e o padre... de braços abertos. (acolher)
7. Tem coisas que a mesma a gente sabendo de perto, revive tudo de novo, quando contamos pros outros. Ontem, *aquela menina* emocionou todo mundo com sua história no programa de tv e a mãe... no fim da entrevista. (abraçar)
8. Tem umas coisas chatas que a gente não imagina que podem acontecer na família da gente, né? *O meu primo* chocou todo mundo, roubando dinheiro do próprio irmão e o meu tio... na polícia. (denunciar).
9. Tem umas coisas que por mais que a gente seja experiente, a gente não acredita que acontecem! *Aquele rapaz novo* decepcionou todo mundo roubando nossos lanches e o gerente... Sem pensar duas vezes. (demitir)

17.4 Distratoras

1. Tem praia que é muito cheia, e isso é perigoso, especialmente pra quem tem criança pequena, né? O salva-vidas da praia localizou esse menino que se perdeu da mãe, e a mãe, coitada, estava desesperada... (procurar)
2. Tem rua em que a gente precisa tomar cuidado em dobro, porque os motoqueiros avançam o sinal, mesmo!... Aquela mulher foi atropelada pela moto e todo mundo viu quando o guarda sinalizou para... (ligar)
3. Tem uma fase da vida em que as pessoas podem ficar muito difíceis de se lidar, por causa de todas as transformações físicas, e até coisa da idade, sabe? Ontem, meu pai viu que minha mãe pediu ajuda à minha irmã, que agora está adolescente, né? E a minha irmã simplesmente... (zombar)
4. Às vezes acontecem umas coisas que eu só fico imaginando o desespero que a pessoa deve sentir, sabe? Tipo ontem, que meu deu uma pena... Na praça, tinha um menino brincando e a mãe estava assim, sentada perto dele. Daí veio um cachorro que fez... (correr)
5. Ah, tem umas coisas que são muito constrangedoras, né? Fiquei morrendo de pena, ontem: eu, sozinha, no ponto de ônibus, e dois adolescentes, ali, conversando. De repente, o garoto pediu um beijo pra garota, que... (rir)
6. Tem gente que não deixa a natureza quieta, né? Ainda ontem, eu estava passando de bicicleta e vi o meu vizinho mexendo num ninho de coruja. E, claro, a coruja viu, coitadinha... (atacar)
7. Esse meu primo menorzinho é muito engraçado. Eu estava mostrando pra ele umas fotos do Zé Gotinha, pra ver se ele ia pra vacinação sem chorar, né? Pois bem, meu primo foi vacinado no posto de saúde e, na saída, meu primo queria que... (aplicar injeção na tia)
8. Na minha família, as pessoas às vezes são retrógradas e me chamam de frouxa. Eu já cheguei ontem avisando que não ia dar pra ver o jogo lá em casa, porque meu meu filho quebrou a TV com a bola e que, mesmo assim, eu... (bater no filho)
9. Eu simplesmente adoro como alguns membros da minha família são super ativos, sabe? Minha avó, por exemplo, começou a estudar inglês aos 92 anos e claro que eu... (contar)
10. Tem funcionário que não quer nem saber o que aconteceu com o outro, e se puder, já põe na berlinda, cruz credo!... O gerente lá da loja percebeu

- que o garoto novo atrasou a semana inteira e já... (falar mal)
11. Tem pais que levam tanto jeito com os bebês, mesmo sendo pais de primeira viagem!... Veja só o meu irmão. O primeiro filho ficava muito na creche durante a semana, mas quando chegava o fim de semana, todo mundo via que... (cuidar)
 12. Tem lugar que a gente tem que ter cuidado, tipo estúdio de tatuagem. Mas a gente precisa ter noção, ser educado, também, sobre como vai falar as coisas. Eu tenho essa amiga que perguntou ao tatuador se ele tinha “tintas de qualidade”, quando... (pedir desconto)
 13. Tem muito profissional que está disposto a ajudar quem tem pouco. Eu conheci esse moço que era bastante desfavorecido, mas tinha dois cachorros. Quando foi com os cachorros na veterinária e quis pagar com pequenos serviços, a veterinária... (tratar)
 14. Tem essas pessoas que a gente precisa ter cuidado, porque são muito falsas. Essa minha conhecida, a Maria, é assim. A Maria mal conheceu a minha vizinha e logo que a garota saiu de perto, já... (falar)
 15. Tem umas coisas que acontecem que parece que são pra testar a nossa paciência. Olha isso, agora: a Márcia simplesmente demitiu o Marcelo sem aviso e todo mundo sabe que... (precisar)
 16. Tem umas pessoas que só sabem falar mal de outras. É impressionante. Minha sogra se empolga, sempre que conhece um a pessoa. Não dá uma semana... (achar)
 17. Eu não sei mais o que fazer com meu filho. Até está empregado, mas não leva nada a sério. Parece que ele não liga para as pessoas que... (contar)
 18. Tem essa menina nova na minha turma, que parece que não se dá com ninguém. As meninas até que tentaram enturmar a garota, mas depois de uns dias, é incrível, simplesmente ninguém... (gostar)

18 Anexo – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



LAPAL

Laboratório de Psicolinguística e Aquisição da Linguagem
Pesquisa em Processamento Lingüístico, Aquisição e Déficit da linguagem

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar de pesquisa do LAPAL relativa ao processo de compreensão e produção narrativa. Sua participação servirá de base para a elaboração de narrativas para um estudo a ser desenvolvido com crianças em idade escolar.

A pesquisa é conduzida no contexto de minha tese de doutorado, orientada pela Profa. Letícia Maria Sicuro Corrêa, responsável pelo projeto CNPq-PQ 2017 ao qual a presente pesquisa se integra.

O objetivo deste estudo é identificar de que modo adultos falantes de português brasileiro monitoram a compreensão do discurso de modo a continuar sua produção de forma coerente, fazendo uso dos recursos gramaticais que a língua oferece.

A tarefa a ser realizada consiste de ouvir pequenas narrativas e dar continuidade a elas, usando verbos indicados pelo experimentador.

Os riscos são semelhantes aos de qualquer atividade conduzida em computador durante reunião à distância por meio da plataforma Zoom. Diante de qualquer desconforto, ao longo do processo, o participante tem a liberdade de interromper ou encerrar sua atividade.

A tarefa não trará benefícios diretos ao participante além do conhecimento de uma técnica de pesquisa psicolinguística, o que pode contribuir para a formação acadêmica ou atividade profissional de participantes com interesse nos processos mentais subjacentes à compreensão da linguagem. Os resultados obtidos são, não obstante, de extrema relevância para o entendimento dos fatores que podem afetar o processamento do discurso, o que tem implicações para o contraste entre línguas e entre variedades do português (como português europeu), assim como para a criação de materiais a serem adaptados a falantes que apresentem problemas de linguagem.

Sua participação deve ser espontânea e voluntária. Você não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação.

Todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. A sessão experimental é gravada com os recursos disponíveis na

plataforma Zoom ou Meet para possibilidade a análise dos dados. Vc pode conduzir a atividade com a câmera desligada, se preferir. Somente os pesquisadores responsáveis terão conhecimento de seus dados pessoais. Dados relativos ao desempenho individual não são divulgados por qualquer meio. Os nomes dos participantes não serão divulgados. Os resultados dizem respeito ao comportamento de todos os participantes em conjunto. Os resultados da pesquisa serão apenas divulgados em eventos e publicações científicas.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



LAPAL

Laboratório de Psicolinguística e Aquisição da Linguagem
Pesquisa em Processamento Linguístico, Aquisição e Déficit da linguagem

Pesquisadoras: Rosane Fernandes Lira de Oliveira;

Letícia Maria Sicuro Corrêa.

Quaisquer dúvidas ou informações adicionais sobre os projetos do LAPAL podem ser encaminhadas ao e-mail: lapal@puc-rio.br.

19 Anexo – Declaração de Consentimento Livre e Esclarecido

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



LAPAL

Laboratório de Psicolinguística e Aquisição da Linguagem
Pesquisa em Processamento Lingüístico, Aquisição e Déficit da linguagem

DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, portador(a) do documento de Identidade _____, fui informado(a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar da pesquisa, se assim o desejar.

Declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Data: ___ / ___ / ___

Assinatura do participante

Assinatura do pesquisador